

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**DESENVOLVIMENTO DO ESQUEMA DECORATIVO
DAS SALAS DO TRONO DO PERÍODO NEO-ASSÍRIO
(934-609 a.C.):**

**IMAGEM TEXTO E ESPAÇO COMO VEÍCULOS DA
RETÓRICA REAL**

VOLUME I

PHILIPPE RACY TAKLA

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. ELAINE FARIAS VELOSO HIRATA

Linha de Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS EM ARQUEOLOGIA

**São Paulo
2008**

RESUMO

Este trabalho busca a elaboração de um quadro interpretativo que possibilite analisar o desenvolvimento do esquema decorativo presente nas salas do trono dos palácios construídos pelos reis assírios durante o período que veio a ser conhecido como neo-assírio (934 – 609 a.C.). Entendemos como esquema decorativo a presença de imagens e textos inseridos em um contexto arquitetural. Temos por objetivo demonstrar que a evolução do esquema decorativo, dada sua importância como veículo da retórica real, reflete a transformação da política e da ideologia imperial, bem como das fronteiras do império, ao longo do período neo-assírio.

Palavras-chave: Assíria, Palácio, Iconografia, Arqueologia, Ideologia.

ABSTRACT

The aim of this work is the elaboration of a interpretative framework that allow us to analyze the development of the decorative scheme of the throne rooms located at the palaces built by the Assyrians kings during the period that become known as Neo-Assyrian (934 – 609 BC). We consider decorative scheme as being the presence of texts and images in an architectural setting. Our objective is to show that the evolution of the decorative scheme, considering its importance as a royal rhetorical vehicle, reflects the transformation of the imperial ideology and politic, as well as the frontiers of the empire, during the Neo-Assyrian period.

Key Words: Assyria, Palace, Iconography, Archaeology, Ideology.

SUMÁRIO

VOLUME I

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DO ESQUEMA DECORATIVO | 14 |
| 2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS | 41 |
| 2.1. Oriente Médio: Aspectos Geográficos | 41 |
| 2.2. Mesopotâmia: Aspectos Geográficos | 45 |
| 3. QUADRO HISTÓRICO DA MESOPOTÂMIA | 47 |
| 4. DADOS ARQUEOLÓGICOS | 100 |
| 4.1. Os Achados na Região da Assíria | 100 |
| 4.2. Os Principais Sítios Arqueológicos da Assíria | 101 |
| 4.3. O Destino dos Relevos Neo-Assírios | 109 |
| 5. A CIDADE, O TEMPLO E O PALÁCIO NA ANTIGA MESOPOTÂMIA | 111 |
| 5.1. A Cidade na Mesopotâmia: uma introdução | 111 |
| 5.2. O Templo na Mesopotâmia: uma introdução | 113 |
| 5.3. O Palácio na Mesopotâmia: uma introdução | 116 |
| 6. FONTES DOCUMENTAIS PARA O ESTUDO DO ESQUEMA DECORATIVO DAS SALAS DO TRONO | 131 |
| 6.1. Fontes Escritas | 131 |
| 6.1.1. Diretas | 131 |
| 6.1.2. Indiretas | 137 |
| 6.2. Fontes Não Escritas | 139 |
| 6.2.1. Fontes Materiais | 139 |
| 6.2.1.1. Arquitetura | 139 |
| 6.2.1.2. Representações Imagéticas | 139 |
| 6.2.1.2.1. Narrativos | 144 |
| 6.2.1.2.2. Formais: | 148 |
| 6.2.1.2.3. Apotropaicos | 149 |
| 6.2.1.2.4. Ornamentais | 151 |
| 6.2.1.3. Representações Imagéticas Neo-Assírias: Convenções e Inovações. | 155 |
| 6.2.1.4. A Origem da Utilização de Relevos como Forma de Decoração dos Palácios Neo-Assírios | 159 |
| 6.2.1.5. Outras Influências Externas na Cultura Material Assíria | 162 |
| 6.3. Conclusões sobre as Fontes Escritas e Não Escritas. | 164 |
| 6.4. A Audiência do Esquema Decorativo | 165 |
| 7. OS PALÁCIOS NEO-ASSÍRIOS | 168 |
| 7.1. A Arquitetura dos Palácios Neo-Assírios | 168 |
| 7.1.1. Palácio Noroeste de Kalhu – Ashurnasirpal II (884 - 859 a.C.) | 170 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 7.1.1.1 Sala do Trono do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II..... | 172 |
| 7.1.1.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II..... | 172 |
| 7.1.2. Forte Shalmaneser – Shalmaneser III (858 - 824 a.C.)..... | 175 |
| 7.2.1.2. Sala do Trono do Forte Shalmaneser..... | 175 |
| 7.1.2.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Forte Shalmaneser..... | 176 |
| 7.1.3. Palácio de Dur Sharrukin – Sargon II (722 - 705 a.C.)..... | 182 |
| 7.1.3.1. Sala do Trono do Palácio de Sargon II..... | 182 |
| 7.1.3.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio de Sargon II... | 183 |
| 7.1.4. Palácio Sudoeste de Nínive – Sennacherib (705 - 681 a.C.)..... | 185 |
| 7.1.4.1. Sala do Trono do Palácio Sudoeste de Sennacherib..... | 186 |
| 7.1.4.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Sudoeste de Sennacherib..... | 186 |
| 7.1.5. Palácio Norte de Nínive – Ashurbanipal (669 - 631 a.C.)..... | 191 |
| 7.1.5.1. Sala do Trono do Palácio Norte de Ashurbanipal..... | 192 |
| 7.1.5.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Norte de Ashurbanipal..... | 192 |
| 8. ANÁLISE DOS DADOS PRESENTES NO CATÁLOGO DE IMAGENS ... | 196 |
| CONCLUSÃO..... | 204 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 208 |
| ANEXO..... | 248 |
| Lista de Locais e Regiões e Mapa..... | 248 |

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 1 – Média pluviométrica anual no Oriente Médio. | 43 |
| Ilustração 2 - Mapa do Oriente Médio e dos principais sítios. As partes do mapa em cor escura mostram regiões montanhosas. | 56 |
| Ilustração 3 - O Império Médio Assírio. Destacado na cor rosa está a extensão do território controlado em c. 1500 a.C. Em roxo, a extensão do controle direto durante o reinado de Tiglath-pileser I. A área dentro da faixa continua representa a extensão do controle das províncias nos séculos XIII e XII a.C. | 60 |
| Ilustração 4 - Reinos arameus e neo-hititas em c. 1000 a.C. | 62 |
| Ilustração 5 - Extensão do império assírio em 860 a.C. A linha tracejada mostra a linha costeira do Golfo Pérsico no período. | 73 |
| Ilustração 6 - Extensão do império assírio em 730 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período. | 82 |
| Ilustração 7 - Extensão do império assírio em 705 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período. | 85 |
| Ilustração 8 - Extensão do império assírio em 640 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período. | 93 |
| Ilustração 9 - Mapa da cidade de Ashur com as principais edificações. | 102 |
| Ilustração 10 - Vista das ruínas do Palácio Antigo a partir do zigurate. | 102 |
| Ilustração 11 - Vista aérea do sítio de Kalhu. Vista norte. | 104 |
| Ilustração 12 - Planta de Kalhu contendo as principais edificações escavadas. | 105 |
| Ilustração 13 - Vista do palácio de Dur-Sharrukin a partir do zigurate. | 106 |
| Ilustração 14 - Planta da cidade de Niníve. Notar na lateral esquerda da muralha os montes Kuyunjuk e Nebi Yunus. | 108 |
| Ilustração 15 - O templo de Eridu. | 114 |
| Ilustração 16 - Parte do Complexo de Templos de Eanna em Uruk, Nível IVB, datado de c 3200 a.C. | 115 |
| Ilustração 17 - Paredes Pintadas do Templo de Uruk em Uqair. | 116 |
| Ilustração 18 – O sítio de Kish. | 118 |
| Ilustração 19 - Os dois palácios de Kish datados do Período Dinástico Inicial. | 119 |
| Ilustração 20 - Planta do contorno do sítio de Ebla com as principais áreas escavadas. | 120 |
| Ilustração 21 - Planta do “Palácio Norte” localizado em Tell Asmar. | 121 |
| Ilustração 22 - Perspectiva axonométrica do palácio de Mari. | 122 |
| Ilustração 23 - Fragmento da cena conhecida como “ <i>investiture of Zimrim-lim</i> ” | 124 |
| Ilustração 24 - Desenho do fragmento da cena conhecida como “ <i>investiture of Zimrim-lim</i> ” | 125 |
| Ilustração 25 - Tijolo vitrificado encontrado pelo escavador Layard na cidade de Kalhu. | 140 |
| Ilustração 26 - Escultura de gênio alado, com cabeça humana, corpo e patas de leão (<i>Lamassu</i>). | 141 |
| Ilustração 27 - Detalhe de uma das faixas do portão de bronze de Balawat. | 142 |
| Ilustração 28 - Reconstrução atual no Museu Britânico do Portão de Balawat. | 142 |
| Ilustração 29 - Pintura mural do palácio provincial de Til Barsip. | 143 |
| Ilustração 30 - Relevo Narrativo Histórico oriundo da sala do trono de Ashurnasirpal II. | 145 |
| Ilustração 31 - Relevo Narrativo Histórico, proveniente do Palácio Norte de Ashurbanipal em Niníve. | 146 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 32 - Relevo Narrativo Atemporal, proveniente da sala do trono de Ashurnasirpal II, Kalhu..... | 146 |
| Ilustração 33 - Relevo Narrativo Atemporal, proveniente do Palácio Norte de Ashurbanipal em Niníve. | 147 |
| Ilustração 34 - Relevo formal oriundo da sala do trono de Ashurnasirpal II, em Kalhu. | 149 |
| Ilustração 35 – Relevo representando figura alada com corpo e rosto humano. | 150 |
| Ilustração 36 - Relevo representando figura alada com corpo humano e rosto de águia. | 150 |
| Ilustração 37 - Desenho de painel oriundo do Forte Shalmaneser..... | 153 |
| Ilustração 38 - Fragmento de faixa de pintura mural proveniente do palácio provincial de Til Barsip..... | 154 |
| Ilustração 39 - Pintura mural proveniente da residência K, sala 12, em Dur Sharrukin. | 154 |
| Ilustração 40 - Detalhe da faixa de pintura mural mostrada na ilustração anterior. .. | 155 |
| Ilustração 41 - Peça conhecida como “ <i>Standard of Ur</i> ”..... | 157 |
| Ilustração 42 - Estela de Naram Sin,..... | 158 |
| Ilustração 43 - Relevo representando carro de guerra com dois ocupantes. | 161 |
| Ilustração 44 - Relevo representando o herói mítico Gilgamesh. | 161 |
| Ilustração 45 - Portão dos Leões. Boghazkoy. Datado de c. 1400 – 1200 a.C..... | 163 |
| Ilustração 46 - Tabela mostrando a composição dos itens encontrados nos cinco palácios analisados..... | 196 |
| Ilustração 47 - Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurnasirpal II em números absolutos. | 198 |
| Ilustração 48 - Gráfico mostrando os temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurnasirpal II. | 198 |
| Ilustração 49 – Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da Sala do trono de Sennacherib..... | 200 |
| Ilustração 50 – Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurbanipal..... | 201 |
| Ilustração 51 - Tabela mostrando os números absolutos dos temas presentes nos relevos analisados. | 202 |
| Ilustração 52 – Gráfico mostrando os números absolutos dos temas presentes nos relevos analisados. | 202 |
| Ilustração 53 – Tabela mostrando o percentual dos temas presentes nos relevos analisados..... | 203 |
| Ilustração 54 - Gráfico mostrando o percentual dos temas presentes nos relevos analisados..... | 203 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca a elaboração de um quadro interpretativo que possibilite analisar o desenvolvimento do esquema decorativo presente nas salas do trono dos palácios construídos pelos reis assírios durante o período que veio a ser conhecido como neo-assírio (934 – 609 a.C.). Entendemos como esquema decorativo a presença de imagens e textos inseridos em um contexto arquitetural.

Temos por objetivo demonstrar que a evolução do esquema decorativo, dada sua importância como veículo da retórica real, reflete a transformação da política e da ideologia imperial, bem como das fronteiras do império, ao longo do período neo-assírio.

A região da Assíria, berço do império, está localizada no norte da Mesopotâmia, atual norte do Iraque. Durante pouco mais de trezentos anos os monarcas assírios construíram um extenso império, abrangendo em seu apogeu grande parte do Oriente Médio. Os cinco palácios analisados foram construídos em três capitais que o império teve ao longo do tempo: Kalhu, Dur-Sharrukin e Niníve.

A escolha do tema da pesquisa surgiu a partir da constatação inicial de que existiu importante variação do esquema decorativo presente nos palácios assírios ao longo do período analisado e da hipótese de que o esquema decorativo poderia estar de certa forma ligado a projetos políticos e, desta maneira, seria uma expressão da ideologia e retórica reais.

As escavações nos sítios arqueológicos revelaram a existência de diversos cômodos nos palácios que apresentam relevos esculpidos em placas de pedra contendo textos e imagens. Estes cômodos estão na ala chamada pelos escavadores de Apartamentos de Estado, e é nesta ala que a sala do trono está inserida.

Optamos, então, por focar em nosso estudo especificamente a sala do trono, pois acreditamos que este é o recinto mais importante do palácio e que, provavelmente, oferece a melhor amostra da ideologia real vigente no período.

Logo no início deste projeto percebemos que a documentação disponível no Brasil sobre a Assíria apresentava uma série de restrições e que a realização deste trabalho constituiria um grande desafio. Além da escassez de material publicado no país,

poucas obras estrangeiras faziam parte das bibliotecas nacionais. Somado a estes fatores sofremos com a pouca tradição de pesquisas sobre a arqueologia e história da Mesopotâmia por parte de estudiosos brasileiros.

Assim, a documentação material e bibliográfica que viabilizou esta pesquisa foi recolhida em viagem de estudo, troca de correspondências com diversos especialistas da área, e através da compra em livrarias estrangeiras e posterior importação de obras selecionadas pela sua importância a este tema.

No início de 2006 houve o primeiro de diversos contatos com o Dr. Paul Collins, curador-assistente do Departamento de Oriente Médio do Museu Britânico de Londres. Este especialista em estudos assírios, principalmente iconografia, teve papel importantíssimo no desenvolvimento deste trabalho. Logo no início de nossos contatos, este estudioso, ciente das dificuldades enfrentadas por estudantes do período neo-assírio no Brasil, gentilmente enviou pelo correio importantes artigos sobre o assunto, bem como sugestões de livros e artigos que aos poucos foram sendo adquiridos e se tornaram parte da bibliografia. Também teve papel fundamental na escolha do tema desta pesquisa.

Em abril de 2007 foi realizada uma viagem de estudos à Nova Iorque na qual, durante cinco dias, o aluno esteve convidado pela curadora-assistente do Departamento de Oriente Próximo do Museu Metropolitano, Dra. Kim Benzel, a frequentar o departamento e ter acesso irrestrito à sua excelente biblioteca. Tal concessão permitiu o acesso a todo o seu acervo, contendo obras não disponíveis no Brasil e de utilidade ímpar na elaboração da dissertação. Estes cinco dias junto ao departamento permitiram ao aluno aprofundar seus conhecimentos, ampliar os horizontes acerca do seu objeto de estudo assim como da problemática proposta pela dissertação. A estada em Nova Iorque permitiu também ao aluno o contato com a importante coleção de arte assíria do museu.

Após o retorno ao Brasil e de posse de fotocópias de inúmeras obras relevantes ao tema, bem como de fotografias, o aluno voltou-se para a elaboração da dissertação e do Catálogo de Imagens, parte integrante do trabalho.

Dessa forma, foi possível sanar boa parte dos problemas com as quais nos defrontamos inicialmente. A ampliação das informações e fontes disponíveis foi de importância fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Em outubro de 2008 o aluno esteve durante uma semana em Londres onde teve reuniões com o Dr. Paul Collins sobre a dissertação que já se encontrava em fase final de elaboração e para discutir perspectivas de estudos futuros na área assíria. As visitas ao Museu Britânico permitiram que o aluno tivesse contato com parte substancial dos relevos que fazem parte do Catálogo de Imagens. Diversas fotografias foram tiradas e passaram a compor o Catálogo, permitindo que detalhes que antes não poderiam ser observados nas fotografias e desenhos disponíveis pudessem ser analisados. Durante esta semana o aluno frequentou a *University College of London* (UCL), que possui um prédio e uma biblioteca exclusivamente destinados aos estudantes de arqueologia. Foi realizada aprofundada pesquisa visando atualizar ao máximo a bibliografia sobre os estudos recentes acerca da Assíria e do Oriente Médio como um todo visando estudos futuros.

Em novembro de 2008 o aluno participou do simpósio internacional intitulado *Interconnections in the Eastern Mediterranean – The Lebanon in the Bronze and Iron Ages*. Este simpósio com duração de cinco dias foi realizado na cidade de Beirute, Líbano, sob a coordenação da Dra. Claude Doumet-Serhal que realiza, juntamente com Museu Britânico, escavações na cidade de Sidon desde o ano de 1998. Dentre os palestrantes estava o Dr. John Curtis, do Museu Britânico que apresentou um importante trabalho sobre a representação de fenícios na iconografia assíria.

As abordagens metodológicas das questões que envolvem este trabalho têm como eixo central principalmente a Arqueologia e a História da Arte.

Numa primeira fase, foi realizada a coleta de dados referente às escavações realizadas até o presente na região da Assíria, a fim de determinar qual a extensão das áreas estudadas, a quantidade e variedade dos vestígios encontrados e a metodologia utilizada pelas missões arqueológicas que trabalharam na região. Também, verificar o tipo de registro efetuado, quais os resultados e qual a interpretação obtida a partir deste material, para, em última análise e após minucioso estudo, poder definir o escopo do presente estudo.

Desta maneira, a documentação primária sobre a qual o projeto se fundamentou foi a encontrada nas salas do trono dos cinco palácios nas quais as escavações arqueológicas forneceram informações. Esta documentação é composta por placas de

pedra que serviram como suporte material para os relevos, contendo imagens e inscrições e as bases do trono, também contendo inscrições e imagens esculpidas.

Após cuidadosa análise, a documentação foi organizada para dar origem ao Catálogo de Imagens do projeto. O Catálogo compreende aspectos formais e descritivos das obras para a quantificação de suas características, fornecendo o embasamento documental necessário à proposição de respostas e vias de interpretação às questões levantadas.

O desenvolvimento do Catálogo de Imagens possibilitou da mesma forma a organização e o tratamento das peças provenientes dos cinco palácios assírios estudados, assim como a sistematização dos resultados.

O Catálogo apresenta as imagens dos objetos relevantes ao estudo do esquema decorativo dos palácios estudados. Optou-se por dividir o Catálogo em cinco partes, compreendendo cada qual um palácio, conforme descrito a seguir:

Parte 1 – Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II

Parte 2 – Palácio de Shalmaneser III (Forte Shalmaneser)

Parte 3 – Palácio de Sargon II

Parte 4 – Palácio Sudoeste de Sennacherib

Parte 5 – Palácio Norte de Ashurbanipal

Cada parte contém as plantas gerais e detalhadas do palácio e da sala do trono em questão. Quando disponível tentou-se oferecer ao leitor plantas contendo a visão geral dos relevos inseridos em seu contexto original. A seguir foi realizada uma descrição individualizada dos objetos portando imagética encontrados na sala, isto é, as placas contendo relevos e as bases do trono. Cada objeto foi descrito em pranchas individuais que contêm um desenho ou fotografia do objeto, dados sobre a localização original, período, tamanho, localização atual, estado de conservação, descrição, comentários, inscrições e bibliografia.

Paralelamente ao desenvolvimento do Catálogo de Imagens, foi desenvolvido o volume contendo a pesquisa propriamente dita, Este volume é composto por 8 capítulos além da Conclusão.

No capítulo 1 discutimos as linhas teóricas que nortearam esta pesquisa. Dois eixos teóricos principais serviram como base para este estudo: a História da Arte e a Arqueologia. Da história da arte contamos com a contribuição teórica elaborada por Erwin Panofsky sobre o significado nas artes visuais. Da arqueologia foram importantes as contribuições de DeMarrais, Castillo e Earle, dentre outros autores.

No capítulo 2 discutimos o contexto geográfico do Oriente Médio e da Mesopotâmia. Buscamos nesta parte enfatizar os aspectos climáticos e geológicos que propiciaram o desenvolvimento das primeiras civilizações.

No capítulo 3 abordamos o quadro histórico da Mesopotâmia. Discorreremos, brevemente, sobre as origens da presença humana na região, as primeiras culturas identificáveis e o início da agricultura e da criação de animais. Na seqüência são abordados os primeiros reinos e impérios que lutaram pela hegemonia da região. Finalmente discorreremos, em maior profundidade, sobre a história do império neo-assírio. Acreditamos que para haver uma acurada interpretação de nosso objeto de estudo um profundo conhecimento histórico do período se faz necessário.

No capítulo 4 realizamos uma breve descrição do histórico dos achados nos sítios arqueológicos assírios. Também descrevemos individualmente os principais sítios: Qal'at Sherqat, Kalhu, Dur-Sharrukin e Niníve. Na seqüência discorreremos brevemente sobre o destino dos relevos assírios após as escavações.

No capítulo 5 buscamos, de forma não extensiva, fornecer um quadro geral sobre o papel da cidade na Mesopotâmia. A seguir buscamos oferecer a mesma visão sobre o papel do templo. Finalmente analisamos, em maior profundidade, as origens e a formação do palácio na Mesopotâmia. Buscamos fornecer indícios que comprovem a caracterização de construções como palácios. São analisadas plantas e o esquema decorativo dos primeiros edifícios identificados como tal.

No capítulo 6 são abordadas as fontes que serviram de base para o estudo do período neo-assírio. Optou-se, apenas para fins didáticos, por dividir as fontes em escritas e não-escritas. No estudo da história assíria as fontes escritas tiveram papel primordial dado o hábito dos monarcas e habitantes letrados da região de fazer extenso uso da escrita como forma de documentar as mais variadas esferas da vida social, econômica, militar e administrativa. As fontes não escritas englobam toda gama de artefatos, construções, materiais contendo imagética, dentre outros objetos representativos da

cultura neo-assíria e que nos auxilia no seu estudo. Aqui são discutidas as principais formas de manifestação da imagética assíria bem como os quatro temas adotados na temática imagética do período: narrativos, formais, apotropaicos e ornamentais. Na seqüência são abordadas as convenções e inovações na representação imagética neo-assíria e as origens da utilização de relevos como forma de decoração dos palácios neo-assírios. Finalmente, abordamos a audiência do esquema decorativo dos palácios, onde buscamos definir, com base na documentação escrita e arqueológica, quais seriam os grupos que estariam propensos a visualizar o esquema decorativo.

No capítulo 7 iniciamos com a descrição da arquitetura dos palácios neo-assírios e sua divisão em dois tipos: o palácio civil e o *ekal māšarti* ou forte. Na seqüência abordamos individualmente os cinco palácios. Analisamos a localização e a construção do edifício, sua sala do trono e a imagética presente. São parte fundamental desta análise as imagens presentes no Catálogo de Imagens.

No capítulo 8, e finalmente na Conclusão, apresentamos o resultado obtido em nosso estudo a partir da análise do Catálogo de Imagens. É realizado o tratamento classificatório e quantitativo dos dados presentes no Catálogo de Imagens visando fundamentar nossas conclusões e são analisados os princípios gerais que nortearam o desenvolvimento do repertório decorativo das cinco salas do trono.

Optamos neste trabalho por não traduzir para o português os textos em língua estrangeira referentes a textos de época antiga. Tomamos esta decisão para evitar que estes textos sofram ainda mais com o prejuízo oriundo de traduções.

Muitos nomes próprios, de povos e de localidades foram mantidos na forma mais usual utilizada na língua inglesa devido ao fato de não encontrarmos tradução satisfatória para o português. Quando havia traduções, estas muitas vezes não eram consensuais entre os estudiosos. Como mencionado, a maior parte da bibliografia sobre o tema é em língua estrangeira, principalmente o inglês. Acreditamos, portanto, que os leitores deste trabalho terão mais facilidade de compreensão ao mantermos estas palavras na língua inglesa.

Esperamos que este trabalho, embasado em uma metodologia que utilizou abordagens da arqueologia e da história da arte, além da análise das fontes textuais primárias, possa levantar questões pertinentes acerca da ideologia do império neo-assírio e dos mecanismos usados para materializar esta ideologia.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DO ESQUEMA DECORATIVO

O objeto de investigação desta pesquisa centra-se na análise do desenvolvimento do esquema decorativo, entendido como imagem e texto inserido em um contexto arquitetônico, presente nas salas dos tronos dos palácios construídos durante o período neo-assírio.

As abordagens teóricas e metodológicas utilizadas neste estudo têm seu eixo fundamentado na História da Arte e na Arqueologia.

Este capítulo trata, portanto, da estrutura teórico-metodológica que embasou a análise e interpretação do esquema decorativo investigado durante a pesquisa. Dividi-se em dois eixos teóricos principais.

O primeiro eixo centra-se no campo da História da Arte. Apoiamo-nos nas teorias elaboradas por Erwin Panofsky sobre a análise do significado das imagens.

No segundo eixo, buscamos fornecer fundamentos teóricos que permitam entender o papel do esquema decorativo como manifestação material da ideologia da classe dominante. Assim, este segundo eixo apóia-se nas idéias propostas pela Arqueologia Social e por autores de influência Marxista. Da Arqueologia Social, nos embasamos nas contribuições de DeMarrais, Castillo e Earle que discutem os meios pela qual é dada à ideologia expressão física e material. Estes autores sugerem que as elites políticas usam diferentes mídias (eventos cerimoniais, objetos simbólicos, arquitetura monumental e registros escritos) para direcionar mensagens ideológicas para diferentes segmentos da sociedade. Dos autores de influência Marxista, o estudo elaborado por Louis Althusser sobre a ideologia e os Aparelhos Ideológicos de Estado é de grande valia para compreendermos a importância da utilização destes Aparelhos como agentes garantidores do desempenho do Estado e da ideologia.

Discorreremos mais profundamente sobre cada eixo teórico da pesquisa na Parte 1 e Parte 2 respectivamente.

Parte 1 – Instrumentos Metodológicos para a Análise da Imagem

De grande importância para este estudo são as contribuições metodológicas propostas por Erwin Panofsky no capítulo introdutório de sua obra “O Significado nas Artes

Visuais”.¹ Panofsky define uma obra de arte como “um objeto feito pelo homem que pede para ser experimentado esteticamente”² Para o autor, o estudioso, trabalhando com as ações e criações humanas, deve se empenhar em um processo mental de caráter sintético e subjetivo: precisa refazer as ações e recriar as criações mentalmente. O significado só será apreensível pela reprodução, e, portanto, no sentido quase literal, pela realização dos pensamentos expressos e das concepções artísticas que se manifestam no objeto.

Desta forma o estudioso, neste caso o historiador de arte, submete seu material a uma análise arqueológica racional, classificada por Panofsky como muitas vezes meticulosamente exata, extensa e intrincada. Ressalta que quem quer que se defronte com uma obra de arte, seja recriando-a esteticamente, seja investigando-a racionalmente, é afetado por seus três componentes: forma materializada, idéia (tema nas artes plásticas) e conteúdo.

Segundo o autor a experiência recriativa de uma obra de arte depende, portanto, não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, mas também de sua bagagem cultural. Para ele não há espectadores totalmente ingênuos. Cita como exemplo o observador ingênuo da Idade Média que tinha muito que aprender e algo a esquecer, até que pudesse apreciar a estatuária e arquiteturas clássicas, e o observador ingênuo do período pós-renascentista que tinha muito a esquecer e algo a aprender até que pudesse apreciar a arte medieval. Desta forma, o observador dito ingênuo, não goza apenas, mas também inconscientemente, avalia e interpreta a obra de arte; e ninguém pode culpá-lo se o faz sem se importar em saber se sua apreciação ou interpretação estão certas ou erradas, e sem compreender que sua própria bagagem cultural contribui, na verdade, para o objeto de sua experiência.³

Descreve a maneira pela qual o historiador de arte desenvolve suas experiências recriativas:

“O observador “ingênuo” difere do historiador de arte, pois o último está cômico da situação. Sabe que sua bagagem cultural, tal como é, não harmonizaria com a de outras pessoas de outros países e de outros períodos. Tenta, portanto, ajustar-se, instruindo-se o máximo possível

¹ Outros estudiosos do campo da história da arte foram analisados para servir de base teórica a este estudo antes de optarmos pela metodologia de Panofsky. Dentre eles estão Gombrich, E., 1995.

² Panofsky, 1979, p. 34.

³ Panofsky, 1979, p. 36.

sobre as circunstâncias em que os objetos de seus estudos foram criados. Ele não apenas coligirá e verificará toda a informação fatural existente quanto a meio, condição, idade, autoria, destino etc... mas comparará também a obra com outras de mesma classe, e examinará escritos que reflitam os padrões estéticos de seu país e época, a fim de conseguir uma apreciação mais “objetiva” de sua qualidade. Lerá livros velhos de teologia e mitologia para poder identificar o assunto tratado, e tentará ulteriormente determinar o seu lugar histórico e separar a contribuição individual de seu autor da contribuição de seus antepassados e contemporâneos. Estudará os princípios formais que controlam a representação do mundo visível ou, em arquitetura, o manejo do que se pode chamar de características estruturais, e assim construir a história dos “motivos”. Observará a interligação entre as influências das fontes literárias e os efeitos de dependência mútua das tradições representacionais a fim de estabelecer a história das fórmulas iconográficas ou “tipos”. E fará o máximo possível para se familiarizar com as atitudes religiosas, sociais e filosóficas de outras épocas e países, de modo a corrigir a sua própria apreciação subjetiva do conteúdo. Mas ao fazer tudo isso, sua percepção estética como tal, mudará nessa conformidade e, cada vez mais, se adaptará a “intenção” original das obras. Assim, o que o historiador de arte faz, em oposição ao apreciador de arte “ingênuo”, não é erigir uma superestrutura racional em bases irracionais, mas desenvolver suas experiências recreativas, de forma a afeiçoá-las ao resultado de sua pesquisa arqueológica, ao mesmo tempo que afere continuamente os resultados de sua pesquisa arqueológica com a evidência de suas experiências recreativas.”⁴

Boris Kossoy também reconhece as diferentes leituras propiciadas pelas imagens visuais aos diferentes receptores que as utilizam enquanto objeto de estudo. Reconhece que por tal razão elas se prestam a adaptações “convenientes” por parte destes mesmos receptores, sejam os que desconhecem o momento histórico retratado na imagem, sejam aqueles engajados a determinar modelos ideológicos, que buscam desvendar significados e “adequá-los” conforme seus valores individuais, seus comprometimentos, suas posturas aprioristicamente estabelecidas em relação a certos temas ou realidades, em função de suas “realidades mentais”.⁵

Panofsky considerou que uma análise de uma obra de arte constitui-se em três fases:⁶

⁴ Panofsky, 1979. p. 36-37.

⁵ Kossoy, B. 1999, p. 45.

⁶ Panofsky, 1979, p. 50-54.

I – Tema Primário ou Natural: subdividido em fatural e expressional. É aprendido pela identificação das formas puras; pela identificação de suas relações mútuas com os acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressivas. O mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos. Uma enumeração destes motivos constituiria uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte.

II – Tema Secundário ou Convencional: ocorre pela ligação dos motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens, sendo que combinações de imagens são chamadas de estórias e alegorias. A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que normalmente é conhecido por “iconografia”.

III – Significado Intrínseco ou Conteúdo: é aprendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica, que são qualificados por uma personalidade e condensados em uma obra. A descoberta e interpretação desses valores “simbólicos” é o objeto do que se poderia designar por “iconologia” em oposição à “iconografia”.

Panofsky ressalta que o sufixo “grafia” tem origem no verbo grego *graphein*, “escrever”; portanto este implica em um método puramente descritivo ou até mesmo estatístico. A iconografia é, portanto a descrição e classificação das imagens. O autor menciona que o estudo iconográfico é um estudo limitado, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos, mas, ao mesmo tempo, o classifica como de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade, fornecendo as bases para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto a iconografia não tenta elaborar a interpretação sozinha. Sobre seu papel, o autor, considera que ela classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação desta evidência, assim a interação entre os diversos “tipos”; a influência das idéias filosóficas, teológicas e políticas; os propósitos e inclinações individuais dos artistas e patronos; a correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que assume cada caso específico. Desta maneira resume que a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que

precisam tornar-se explícitos se houver o desejo de que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável.⁷

Panofsky sugere a adoção do termo “iconologia” sempre que a iconografia “for tirada de seu isolamento e integrada em qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico que tentemos usar para resolver o enigma da esfinge”. O sufixo “grafia”, como já visto, denota algo descritivo; já o sufixo “logia”, derivado do grego *logos*, que quer dizer “pensamento”, “razão”, denota algo interpretativo.

“Iconologia, portanto é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica.”⁸

Ainda segundo o autor, o ato da interpretação ocorre em três níveis:

I – Descrição pré-iconográfica: esta se mantém dentro dos limites do mundo dos motivos, representado por linhas, cores e volumes, que podem ser identificados tendo por base nossa experiência prática. O autor lembra que às vezes acontece do alcance de nossa experiência não seja suficiente para tal tarefa; neste caso é necessário aumentar o alcance de nossa experiência prática, consultando um livro ou um perito. Recorda também que nossa experiência prática “é indispensável e suficiente, como material para a descrição pré-iconográfica, mas não garante sua exatidão”.⁹

II – Análise iconográfica: trata das imagens, estórias e alegorias ao invés dos motivos. Pressupõe muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral.¹⁰

III – Interpretação iconológica: esta requer mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias:

“Quando desejamos nos assenhorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e a apresentação dos motivos, bem como a produção e a interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos

⁷ Panofsky, 1979, p. 53-54.

⁸ Panofsky, 1979, p. 54.

⁹ Panofsky, 1979, p. 55.

¹⁰ Panofsky, 1979, p. 57-58.

arranjos formais e aos processos técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos. (...) Para captar esses princípios, necessitamos de uma faculdade mental comparável à de um clínico nos seus diagnósticos – faculdade essa que só me é dado descrever pelo termo bastante desacreditado de “intuição sintética” (...).¹¹

Entretanto, quanto mais subjetiva e irracional for esta fonte de interpretação (...) tanto mais necessária a aplicação desses corretivos e controles que provaram ser indispensáveis lá onde estavam envolvidas apenas a análise iconográfica e a descrição pré-iconográfica. Se nossa experiência prática e nosso conhecimento das fontes literárias podem nos transviar quando aplicados, indiscriminadamente, às obras de arte, quão mais perigoso não seria confiar em nossa intuição pura e simples! Assim, do mesmo modo que foi preciso corrigir apenas nossa experiência prática por uma compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e fatos foram expressos pelas formas (história dos estilos); e que foi preciso corrigir nosso conhecimento das fontes literárias por uma compreensão da maneira pela qual, sob condições históricas diferentes, temas específicos e conceitos foram expressos por objetos e fatos (história dos tipos), também, ou ainda mais, nossa intuição sintética deve ser corrigida por uma compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, as tendências gerais e essenciais da mente humana foram expressas por temas específicos e conceitos. (...) O historiador da arte terá de aferir o que julga ser o significado intrínseco da obra ou grupo de obras, a que devota sua atenção, com base no que pensa ser o significado intrínseco de tantos outros documentos da civilização historicamente relacionados a esta obra ou grupo de obras quantos conseguir: de documentos que testemunhem as tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, período ou país sob investigação. Nem é preciso dizer que, de modo inverso, o historiador da vida política, poesia, religião, filosofia e situações sociais deveria fazer uso análogo das obras de arte. É na pesquisa de significados intrínsecos ou conteúdo que as diversas disciplinas humanísticas se encontram num plano comum, em vez de servirem apenas de criadas umas das outras.”¹²

Panofsky conclui o capítulo sobre iconografia e iconologia de sua obra dizendo que nos é necessário distinguir entre três camadas de tema ou mensagem, sendo que a mais baixa é comumente confundida com a forma e a segunda é o domínio especial da

¹¹ Panofsky, 1979, p. 62.

¹² Panofsky, 1979, p. 63.

iconografia em oposição à iconologia. Ressalta que em qualquer camada que nos movamos, nossas identificações e interpretações dependerão de nosso equipamento subjetivo e por essa razão terão de ser suplementados e corrigidos por uma compreensão dos processos históricos cuja soma total denomina tradição.

O quadro abaixo, extraído de Panofsky, esquematiza suas afirmações. O autor ressalta que ao analisá-lo deve se ter em mente que essas categorias diferenciadas, que no quadro parecem indicar três esferas independentes do significado, na realidade se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, a obra de arte como um todo. Assim sendo, na metodologia proposta pelo autor, os métodos de abordagem que aparecem como três operações de pesquisa irrelacionadas entre si, fundem-se num processo “orgânico e indivisível”.

| Objeto da Interpretação | Ato da Interpretação | Equipamento para a Interpretação | Princípios Corretivos de Interpretação (História da Tradição) |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I. <i>Tema primário ou natural</i> – (A) fatural, (B) expressional – constituindo o mundo dos motivos artísticos. | <i>Descrição pré-iconográfica</i> (e análise pseudoformal). | <i>Experiência prática</i> (familiaridade com <i>objetos e eventos</i>) | História do <i>estilo</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>objetos e eventos</i> foram expressos pelas <i>formas</i>). |
| II. <i>Tema secundário ou convencional</i> , constituindo o mundo das <i>imagens, estórias e alegorias</i> . | <i>Análise iconográfica</i> . | <i>Conhecimento de fontes literárias</i> (familiaridade <i>com temas e conceitos</i> específicos). | História dos <i>tipos</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>temas</i> ou <i>conceitos</i> foram expressos por <i>objetos e eventos</i>). |
| III. <i>Significado intrínseco ou conteúdo</i> , constituindo o mundo dos <i>valores “simbólicos”</i> . | <i>Interpretação iconológica</i> . | <i>Intuição sintética</i> (familiaridade com as tendências essenciais da <i>mente humana</i>), condicionadas pela psicologia social. | História dos <i>sintomas culturais</i> ou “símbolos” (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>tendências essenciais da mente humana</i> foram expressas por <i>temas e conceitos</i> específicos). |

Quadro sinóptico resumindo os principais pontos abordados por Panofsky sobre iconografia e iconologia. Fonte: Panofsky, 1979, p. 64-65.

Parte 2 – Instrumentos para a Análise do Esquema Decorativo como Veículo Ideológico

Para os propósitos desta discussão, ideologia pode ser definida como um sistema de valores e idéias que promove o comportamento social beneficiando algumas classes de grupo ou interesses mais do que outros.¹³ A ideologia tem sido vista como um fator crucial na persistência da desigualdade. De acordo com Shanks e Tilley, as relações de desigualdade são frequentemente sustentadas por ideologias que negam, explicam ou justificam formas de interação social que produz vantagens para alguns e frustração para outros.¹⁴ Na concepção de Bloch, ideologia é “um sistema de conhecimento... [que] legitima a ordem social ao construir esquemas sobre a natureza do mundo que colocam a autoridade na fonte de todas as coisas boas.”¹⁵ Segundo Knapp sobre o alcance da ideologia:

“A ideologia não deve ser confinada aos sistemas de crenças políticos ou religiosos, ou mesmo aos aspectos simbólicos da vida social. A materialidade, referente simbólico da cultura, deve ser continuamente mantida e reproduzida para assim preservar seu impacto social”¹⁶

Estes aspectos da cultura são vistos por Knapp como ideológicos quando quer que eles contribuam para a mistificação, santificação, ou legitimação de interesses específicos de grupos especiais.

Para Knapp, a ideologia tem um papel crucial quando as desigualdades ou conflitos entre interesses distintos estão surgindo na sociedade, e quando a mudança simbólica desta situação contribui para sua estabilidade. A ideologia pode afirmar e negar ao mesmo tempo, o que explica como ela pode mistificar ou inverter as condições atuais de existência, especialmente quando sancionadas pela força ou ameaça. Para Knapp, a ideologia tem um papel fundamental no estabelecimento de posições sociais ou na autoridade política, e na validação das bases econômicas desta estrutura institucional.¹⁷

Louis Althusser em sua obra “Ideologia e Aparelho Ideológicos de Estado” analisa a maneira como ocorre a reprodução das condições de produção pela classe dominante.

¹³ Gilman 1989; Thompson 1990

¹⁴ Shanks e Tilley, 1992.

¹⁵ Bloch, 1985, p. 33, *apud* Knapp, 1996, p. 10

¹⁶ Knapp, 1996, p. 11.

¹⁷ Knapp, 1996, p. 12.

O Estado é concebido pelo marxismo como um aparelho repressivo que permite às classes dominantes assegurar sua dominação sobre a classe operária. Desse modo, Althusser define Estado como “uma máquina de repressão que permite às classes dominantes assegurar a sua dominação sobre a classe operária para submeter ao processo de extorsão da mais-valia.”¹⁸

Para Althusser, a existência do Estado só tem sentido em função do poder de Estado, o que significa que toda luta de classes gira em torno da detenção deste poder por uma das classes em luta, por uma aliança de classes ou por frações de classe. O aparelho de Estado pode sobreviver às lutas pela tomada de poder de Estado e se manter intacto.

“O Estado é então e antes de mais aquilo a que os clássicos do marxismo chamaram de o aparelho de Estado. Este termo compreende: não só o aparelho especializado (no sentido estrito) cuja existência e necessidade reconhecemos a partir das exigências da prática jurídica, isto é a polícia – os tribunais – as prisões; mas também o exército, que (o proletariado pagou esta experiência com seu sangue) intervém diretamente como força repressiva de apoio em última instância quando a polícia, e os seus corpos auxiliares especializados, são <ultrapassados pelos acontecimentos>; e acima deste conjunto o chefe do Estado, o governo e a administração.

Apresentada sob esta forma, a teoria marxista-lenista do Estado capta o essencial, sem dúvida. O aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva, <ao serviço das classes dominantes>, na luta de classes travadas pela burguesia e pelos seus aliados contra o proletariado é de fato o Estado, e define de fato a função fundamental deste.”¹⁹

Em sua obra Althusser resume a teoria marxista de Estado afirmando:

- 1- O Estado é o aparelho repressivo de Estado;
- 2- é preciso distinguir o poder de Estado do aparelho de Estado;
- 3- o objetivo das lutas de classes visa o poder de Estado e, conseqüentemente, a utilização feita pelas classes, detentoras do poder de Estado, do aparelho de Estado em função de seus objetivos de classe;
- 4- o proletariado deve tomar o poder de Estado para destruir o aparelho de Estado burguês existente, e, numa primeira fase, substituí-lo por um aparelho de Estado

¹⁸ Althusser, 1980, p. 31.

¹⁹ Althusser, 1980, p. 31-32.

completamente diferente, proletário, depois em fases ulteriores, iniciar um processo radical, o da destruição do Estado.

O autor acrescenta à teoria marxista de Estado o conceito de Aparelho Ideológico de Estado, ou AIE. Este é designado por “certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.”²⁰

Considera como sete os AIE existentes:

- O AIE Religioso: as diferentes Igrejas;
- O AIE Escolar: o sistema das diferentes escolas públicas e privadas;
- O AIE Familiar;
- O AIE Jurídico;
- O AIE Sindical;
- O AIE da Informação: imprensa, rádio, televisão;
- O AIE Cultural: letras, Belas Artes, desportos etc.

Para Althusser os Aparelhos repressivos e Ideológicos do Estado não se confundem. A diferença fundamental é que o Aparelho repressivo de Estado funciona pela violência, enquanto que os AIE funcionam pela ideologia. O Aparelho repressivo de Estado funciona de uma maneira na qual prevalece a repressão, inclusive repressão física, funciona secundariamente pela ideologia. Por outro lado os AIE funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que seja bastante atenuada ou até simbólica (não existe, assim, aparelho puramente ideológico).²¹

Assim observa-se o duplo funcionamento, de maneira prevalente e de maneira secundária, pela repressão e pela ideologia em ambos os Aparelhos.

Apesar de sua aparência dispersa, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam todos predominantemente através da ideologia, que é unificada sob a ideologia da classe dominante. Então, além de deter o poder do Estado e, conseqüentemente, dispor do Aparelho (repressivo) de Estado, a classe dominante também é ativa nos Aparelhos Ideológicos de Estado.

²⁰ Althusser, 1980, p. 43.

²¹ O autor cita como exemplo as escolas e as Igrejas que educam por métodos apropriados de sanções, exclusões, de seleção dentre outros. A censura é um exemplo repressão do AIE Cultural.

Althusser declara também que “nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado.”²²

O aparelho de Estado compreende, assim, dois corpos: o corpo das instituições que representam o Aparelho repressivo de Estado, por um lado, e o corpo das instituições que representam o corpo dos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado.²³

Ao demonstrar a que corresponde a função destes AIE, que não funcionam pela repressão, mas pela ideologia o autor busca compreender como é assegurada a reprodução das relações de produção. Reconhece que é em grande parte assegurada pelo exercício do poder de Estado nos Aparelhos de Estado, no Aparelho (repressivo) de Estado, por um lado e nos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado.

Resume nas três seguintes afirmações:

- 1- Todos os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, com a diferença de que o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de maneira massivamente prevalente pela repressão, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de maneira massivamente prevalente pela ideologia.
- 2- Enquanto o Aparelho (repressivo) de Estado constitui um todo organizado, cujos diferentes membros estão subordinados a uma unidade de comando, a da política da luta de classes aplicadas pelos representantes políticos das classes dominantes que detém o poder de Estado, os AIE são múltiplos, distintos, relativamente autônomos e suscetíveis de oferecer campo objetivo a contradições que exprimem sob formas limitadas, ora extremas, os efeitos dos choques entre a luta de classe capitalista e a luta de classes proletária, assim como das suas formas subordinadas.
- 3- Enquanto a unidade do Aparelho (repressivo) de Estado é assegurada pela sua organização centralizada unificada sob a direção dos representantes das classes no poder, executando a política de luta de classes das classes no poder – a unidade entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado é assegurada, na maioria das vezes em formas contraditórias, pela ideologia dominante, a da classe dominante.

²² Althusser, 1980, p. 49. O autor cita como exemplo a preocupação evidente de Lênin de revolucionar o Aparelho Ideológico de Estado Escolar, dentre outros, para permitir ao proletariado soviético, que tinha tomado o poder de Estado, assegurar o futuro da ditadura do proletariado e a passagem ao socialismo.

²³ Althusser, 1980, p. 51.

Desta forma, o papel do Aparelho repressivo de Estado consiste essencialmente, enquanto aparelho repressivo, em assegurar, pela força física ou não, as condições políticas da reprodução das relações de produção que são em última análise relações de exploração. O Aparelho de Estado contribui para sua própria reprodução e também assegura pela repressão as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos do Estado. É por intermédio da ideologia dominante, que é assegurada a harmonia, que muitas vezes é precária, entre o aparelho repressivo de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado, e entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado.²⁴

Portanto, todos os AIE, sejam eles quais forem, concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para este resultado único da maneira que lhe é própria.²⁵ Segundo Althusser “o concerto é dominado por uma partitura única, perturbada de quando em quando por contradições”²⁶, contradições estas oferecidas pelos “restos” das antigas classes dominantes, as dos proletários e das suas organizações.

De acordo com as idéias de Althusser, a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.²⁷ Desta forma o autor deixa claro que a ideologia religiosa, política, moral, jurídica, etc. são “concepções de mundo”, ou seja, ideologia equivale a uma ilusão. Na concepção do autor, a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos: só há ideologias pelos sujeitos e para os sujeitos, ela existe para sujeitos concretos.

A Materialização da Ideologia

A materialização da ideologia e das estratégias de poder foi abordada em um artigo por DeMarrais, Castillo e Earle (1996). Para estes autores a ideologia, como parte da cultura, é um componente integrante das interações humanas e das estratégias de poder que configuram sistemas sócio-políticos. Argumentam que a ideologia é materializada com o intuito de fazer parte da cultura humana que é compartilhada pelos membros de uma sociedade. Este processo de materialização permite controlar,

²⁴ Althusser, 1980, p. 56.

²⁵ O autor cita alguns exemplos. O aparelho político sujeitando os indivíduos à ideologia política de Estado, a ideologia “democrática”, “indireta” (parlamentar) ou “direta” (plebiscitária ou fascista). O aparelho de informação embutido, através da imprensa, da rádio e da televisão, em todos os “cidadãos”, doses quotidianas de nacionalismo, chauvinismo, moralismo etc. O mesmo também acontece com o aparelho cultural onde o papel do desporto no chauvinismo é de importância primordial.

²⁶ Althusser, 1980, p. 65.

²⁷ Althusser, 1980, p. 77.

manipular e estender a ideologia para além do grupo local. Segundo os autores, a ideologia se torna uma importante fonte de poder quando é dada a ela forma material e é controlada pelo grupo dominante.²⁸

Os autores abordam a ideologia reconhecendo seu papel central no sistema cultural e como fonte de poder social.²⁹ Durante a história observam que os chefes e governantes combinaram estas fontes de poder de maneiras distintas para atingir objetivos específicos. Ressaltam que em algumas instâncias, o poder depende fortemente da coerção. Alguns estudiosos, tais como Carneiro (1967, 1981) e Webster (1985) identificaram circunstâncias nas quais o poderio militar é o meio imediato de estender a dominação política. Embora efetivo no curto prazo, especialmente quando o controle sobre os meios de destruição é possível, a guerra é, entretanto custosa e uma maneira instável de organizar relações de poder. Outros autores tais como Brumfiel e Earle (1987), Earle (1991) e Gilman (1981) argumentaram pela maior importância do controle econômico, onde os mecanismos de controle da terra e direitos de propriedade permitiram controle direto sobre a produção e trocas. Entretanto Mann (1986) ressalta que o controle econômico é problemático, exceto nos casos tais como o desenvolvimento de sistemas de irrigação, na qual a população agrária pode se tornar refém.

Em ainda outros casos, o controle estratégico da ideologia contribui para a centralização e consolidação do poder político. No artigo, os três autores avaliam o custo relativo e a efetividade das estratégias que enfatizam a ideologia e examinam como a ideologia está ligada a outras fontes de poder. Advogam contra as abordagens que vêem a ideologia somente como idéias e crenças que raramente estão preservadas no registro arqueológico. Acreditam que a ideologia é tanto o meio material para comunicar e manipular idéias assim como são as próprias idéias. A ideologia tem assim, em sua visão, componentes tanto materiais quanto simbólicos. Pelo fato de símbolos serem objetos materiais, suas distribuições e associações, preservadas no registro arqueológico, refletem padrões mais amplos de atividades sociais, políticas e econômicas. Estes padrões fornecem aos arqueólogos acesso sem igual aos símbolos de status ou autoridade, aos esforços de um segmento social em promover sua

²⁸ Os autores ilustram este processo em três estudos de casos arqueológicos: os cacicados do Neolítico e da Idade do Bronze na Dinamarca, os Estados Moches do norte do Peru e o Império Inca dos Andes.

²⁹ Descrevem como poder social a capacidade de controlar e comandar o trabalho e as atividades de um grupo para ter acesso aos benefícios das ações sociais. Mann (1986) identificou quatro fontes de poder social: econômico, político, militar e ideológico.

ideologia sobre outras, e os efeitos destas atividades estratégicas nas dinâmicas do poder social.

Os autores ressaltam que os símbolos, incluindo os ícones, rituais, monumentos e textos escritos, carregam e transmitem informações e significados aos seus espectadores. Estas mensagens simbólicas podem oferecer dificuldades para ser reconstruídas pelos arqueólogos. Desta forma os autores visualizam a ideologia como uma fonte de poder social perguntando-se o que faz com que uma ideologia atinja primazia sobre outra ideologia e o como uma ideologia que sustenta a dominação pode ser sustentada na presença de uma ideologia de resistência. A resposta defendida pode ser buscada no processo na qual são dadas formas concretas e físicas a estas ideologias. Chamam este processo de “materialização da ideologia”.³⁰

Argumentam que a ideologia é materializada na forma de cerimônias, objetos simbólicos, monumentos e sistemas de escrita para se tornarem fontes efetivas de poder social. A ideologia materializada pode assim atingir status de crenças e valores compartilhados. A materialização faz possível estender a ideologia para além do grupo local e comunicar o poder de uma autoridade central para uma população mais ampla.

Materialização é definida a “transformação de idéias, valores, mitos em uma realidade física – um evento cerimonial, um objeto simbólico, ou um sistema de escrita”. Os autores mencionam que se pensarmos em cultura como normas e valores carregados na cabeça das pessoas, se torna difícil entender como a cultura pode ser compartilhada. As sociedades humanas são inerentemente fragmentadas, representadas por muitas vozes que refletem diferenças de idade, sexo, ocupação, localidade, classe e individualidade. Cada ser humano, influenciado pela experiência, tem uma realidade individualizada. Para existir fora da mente de um indivíduo, a cultura é criada diariamente.³¹ Criar representações materiais se torna assim parte central deste processo.³²

³⁰ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 16.

³¹ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 16.

³² Os autores ressaltam que pequenos grupos, vivendo proximamente como em uma família estendida, devem ter a intimidade e comunicabilidade de dividir, em certo grau, um entendimento particular do mundo. Para além do grupo familiar, entretanto, valores e normas são materializados para serem partilhados mais largamente. As formas desta materialização variam de estórias contadas e outras performances através da elaboração de símbolos e da construção de montes e pirâmides até a escrita em todas as suas formas.

Materializar cultura é participar no processo ativo e contínuo de criação e negociação de sentido. Porque a ideologia é parte da cultura, a materialização da ideologia é um processo similar, usualmente levada a cabo pelos segmentos sociais dominantes. Seu objetivo é o de propiciar a compatilhação de experiências culturais políticas. Desta maneira, a ideologia materializada molda as crenças individuais para ações sociais coletivas. Ela organiza e dá sentido ao mundo externo através do tangível, de formas de cerimônias compartilhadas, símbolos, monumentos, arquitetura e escrita. A materialização da ideologia é ao mesmo tempo um processo estratégico na qual os líderes alocam recursos para fortalecer e legitimar as instituições do controle elitizado. Desta maneira, a característica do poder político e da ideologia e seus laços com a economia serão refletidos nos meios específicos e nas formas de materialização empregadas.

Os autores reconhecem que os arqueólogos têm a capacidade de examinar como a materialização da ideologia cria uma cultura política compartilhada ao longo do tempo. Para tanto, pode-se estudar o próprio investimento, isto é, o que foi feito com os recursos sociais disponíveis, e o seu resultado, isto é, as formas nas quais o investimento afetou a estabilidade e a história subsequente de uma sociedade. Como as idéias e preceitos de uma ideologia são tornadas físicas para que possam ser promulgadas sobre uma ampla região através do tempo, o arqueólogo toma contato com os mesmos materiais criados para moldar a mente dos camponeses e das populações subjugadas. Grupos diferentes podem promover ideologias que competem entre si através da materialização, e ao longo do tempo, as conseqüências econômicas desta atividade, bem como os sucessos variáveis na institucionalização da ideologia, podem fazer com que um segmento social consolide sua posição. Desta maneira, ver a materialização como um processo econômico torna possível enxergar como o poder social deriva destas escolhas estratégicas e como estas podem contribuir para a mudança organizacional.

A materialização da ideologia confere poder social em dois aspectos básicos. Primeiro, uma elite com os recursos para estender sua ideologia através da materialização promove seus objetivos e os legitima em detrimento de outros grupos que não tem estes recursos. Pelo fato dos elementos da ideologia materializada ter a característica de outros bens manufaturados enquanto retém seu caráter simbólico, nós podemos entender como o controle da economia e da força de trabalho estende seu

controle sobre a ideologia. Os custos de proporcionar um banquete, construir um monumento, ou a manufatura de parafernália e vestimentas para eventos, coloca a ideologia no campo da economia. Uma ideologia com raízes no meio material pode ser controlada do mesmo modo que outros bens utilitários e de riqueza podem ser possuídos, restringidos e transferidos através da instituição da política econômica.³³

Em segundo lugar, a materialização torna a ideologia um elemento significativo da estratégia política. Pelo fato de idéias e sentidos serem difíceis de controlar, é impossível evitar que indivíduos que se opõem ao grupo dominante venham a gerar suas próprias idéias sobre o mundo e a partir daí tentem convencer os outros da sua validade. A manipulação do sentido pode ser tanto uma maneira de resistir quanto de legitimar autoridade. Entretanto, uma ideologia composta somente de elementos livremente acessíveis à população tem pouca eficácia como instrumento de poder; pode ser facilmente copiado, e sua capacidade para reestruturar relações de poder ou para causar mudança organizacional será então limitada. A materialização faz com que seja possível, através da produção e transmissão de idéias, tradições e sentidos, estabelecer e reforçar a legitimidade e os direitos do grupo que controla suas formas materiais.

Os autores ressaltam que a materialização da ideologia (eventos cerimoniais, objetos simbólicos, monumentos públicos e sistemas de escrita) toma inúmeras formas.³⁴ Geralmente, estes meios e formas diferem em termos da audiência pela qual foram direcionadas e nos termos nas quais eles podem ser produzidos e manipulados. A escolha de um meio particular pode então afetar profundamente a eficácia da ideologia como forma de poder social. As cerimônias, por exemplo, integram e circunscrevem grandes grupos. Muitos objetos simbólicos são portáteis e podem ser dados como recompensa a indivíduos ou vistos como emblemas de status social. A arquitetura monumental é um meio de comunicar em grande escala; locais centrais se sobressaem, não apenas por servir de lar para a atividade política, mas também por servirem como o foco simbólico de uma unidade politicamente organizada. Ao examinar os sentidos e as formas da materialização podemos começar a reconstruir as estratégias através da qual as ideologias foram geradas. Pelo fato do impacto de cada um destes meios ser distinto e pelo fato de cada um deles requerer matérias primas,

³³ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 17.

³⁴ Segundo os autores um discurso, por exemplo, é uma forma de evento cerimonial.

forças de trabalho, organizações, e habilidades particulares, a adoção de um meio particular depende da capacidade e dos recursos do líder. Similarmente, a estrutura econômica influenciará os recursos que poderão ser alocados para a materialização. Nas sociedades mais complexas, uma gama mais ampla de recursos e força de trabalho pode ser direcionada a este processo, com o resultado de que as ideologias são materializadas usando diversos meios e formas com o intuito de obter a integração de uma grande e espalhada população.

Eventos cerimoniais

Segundo os autores, eventos criam experiências que são compartilhadas por membros de uma audiência através da sua participação em rituais, banquetes ou do comparecimento em discursos e performances. Dada a proximidade proporcionada, eventos e rituais são meios especialmente poderosos para a negociação de relações de poder em todos os níveis, da competição de status por chefes locais até a aculturação de novos povos conquistados dentro de um império. Em muitas sociedades, cerimônias são repetidas precisamente em certa data para marcar ciclos da agricultura ou rituais. Elas podem ser organizadas ao redor de uma narrativa que é reproduzida e tornada novamente real durante cada encenação. Porque os eventos são por natureza transitórios, as experiências compartilhadas e a solidariedade grupal começam a diminuir quando os eventos terminam, e portanto, a efetividade a longo prazo depende da repetição.³⁵

Muitas cerimônias envolvem o consumo de matérias-primas principais e o uso de ícones ou outras parafernalias simbólicas. Consequentemente, os recursos investidos nos eventos não são investimentos capitais. Em contraste com a construção monumental, e em alguns casos, a manufatura de bens simbólicos, eventos requerem o contínuo investimento de recursos. Em sociedades estratificadas, competições por prestígio e poder normalmente tomam a forma de festins. Os chefes normalmente oferecem banquetes para demonstrar sua capacidade de reunir quantidades de comida que vão além do alcance de outros. Esta hospitalidade contínua pode levar à dependência e encorajar a lealdade entre aqueles que vêm a contar com esta ajuda para alcançar suas necessidades diárias de subsistência. No nível do Estado, os custos

³⁵ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 17.

de oferecer banquetes de grande escala ou cerimônias excede os recursos de um indivíduo único.

Os eventos de Estado podem claramente demonstrar a assimetria das relações de poder. A elite governante pode designar espaços sagrados ou construir espaços a finalidade específica para eventos com o intuito de limitar o acesso a espaços cerimoniais e eventos que acontecem entre eles. Eventos rituais podem ser organizacionalmente complexos, suportados pelas instituições do Estado e pessoal especializado que coordenam os eventos, algumas vezes incluindo performances habilidosas que são espetaculares ou mesmo na qual há risco de vida envolvido. Alguns dos elementos da ideologia do Estado podem incluir imagens vívidas de coerção, tais como sacrifícios humanos. A parafernália ritual é cuidadosamente manufaturada para igualar os padrões a serem usados na exibição. Estes custos, complexidades, e escala, demonstram através de imagens dramaticamente efêmeras a organização hierárquica do Estado e seu aparente monopólio destas exibições.

Objetos Simbólicos e Ícones

Objetos e ícones, como ideologia materializada, incluem a parafernália utilizada nas exibições, vestimentas rituais, pinturas murais, e ícones e emblemas em qualquer forma. Objetos portáteis facilitam a comunicação simbólica entre indivíduos, dentro de segmentos sociais e entre unidades politicamente organizadas.³⁶ Como itens de decoração pessoal, eles comunicam informação sobre o gênero, idade, grupo, “*membership*”, ou posição social.³⁷ Ícones de exibição pública podem comunicar uma mensagem narrativa padronizada para diversos indivíduos simultaneamente.

Objetos simbólicos são especialmente eficientes para comunicações a longa distância entre elites ou mais largamente, entre aliados políticos ou grupos sociais. Neste contexto elas significam relações de dependência, afiliação, ou correspondência. Símbolos intercambiados ou distribuídos entre segmentos sociais ou linhagens criam ou reforçam relações tanto verticais quanto horizontais e ajudam a gerar a lealdade e o consenso entre indivíduos. Parafernália cerimonial ou símbolos de status são normalmente exibidos ou desfilados em contextos ritualísticos e pelo fato destes objetos conterem informações codificadas eles podem servir como mecanismos de representações narrativas. Sistemas iconográficos complexos combinam a

³⁶ Hodder, 1982 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 18.

³⁷ Wobst, 1977 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 18.

proximidade da performance com o impacto visual de objetos e ícones, muitas vezes familiares, para comunicar diretamente com uma grande audiência. O uso destes meios de materialização interdependentes fortalece a mensagem geral e cria uma vívida experiência da ideologia.

Porque os objetos simbólicos podem ser possuídos, herdados, e transferidos, eles são símbolos ideais da posição social individual e do poder político. Em enterramentos, os bens da tumba realizam esta função para além da morte. Como ideologia materializada, objetos simbólicos, como bens valiosos, podem ser de circulação restrita e altamente valorizados. Entretanto, estes objetos simbólicos tomam diversas formas. Alguns, como os objetos caros, são feitos de materiais exóticos ou raros, valorizados pelo seu valor comercial bem como pelo seu significado.

Muitos carregam mensagens diretas sobre a posição social e identidade. Para manter o valor e as associações exclusivas destes objetos, as elites podem limitar o acesso às matérias primas usadas na sua produção, à tecnologia de sua elaboração, ou à mão-de-obra especializada necessária a sua criação.³⁸

Outra fonte de valor e significado para objetos simbólicos pode ser sua história única de intercâmbio ou de propriedade ou sua associação direta com uma linhagem da elite ou divindade. Estes tipos de símbolos podem ter um alto valor intrínseco baseado primeiramente em seu contexto ideológico, independentemente de seus custos de produção. Nestes casos os objetos podem ser feitos de materiais não caros, ou ter um contexto de produção e uso únicos. Similarmente, objetos cuidadosamente elaborados podem ter um valor mais alto em um contexto cultural particular, mas em termos absolutos custar pouco mais do que a comida necessária para os artesãos que os produziram. Em contraste com banquetes e construção de monumentos, alguns objetos simbólicos podem efetivamente materializar posição social a um baixo custo de produção caso sua propriedade ou história forem cuidadosamente protegidas.

Monumentos Públicos e Paisagens

Monumentos públicos e paisagens (montes ou pirâmides, grandes edifícios, centros de atividade política ou estruturas defensivas) associam um grupo com um local e representam o poder e a autoridade de seus líderes. Monumentos podem ser impressionantes; construções opressivas são experimentadas por uma larga audiência.

³⁸ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 18.

Elas são meios efetivos e duradouros de comunicação, muitas vezes expressando mensagens não ambíguas de poder.³⁹ Grandes monumentos podem ser visíveis por vastas populações ao longo de largas áreas geográficas, tornando-as ideais para a doutrinação, controle da população e a disseminação de propaganda. Esta mensagem elementar normalmente se sobrepõe às diferenças de linguagem, idade, gênero, ou afiliação cultural.

Pirâmides, grandes montes, e rearranjos na paisagem requerem enorme consumo de materiais e força de trabalho e sua construção requer planejamento, gerenciamento e a organização de equipes de trabalho e matérias-primas. Construções monumentais podem acontecer rapidamente, demonstrando a capacidade do líder em reunir força de trabalho e recursos.

Monumentos e paisagens arranjadas domesticam territórios antes não usados e simbolizam a apropriação do espaço, organizando e materializando relações e fronteiras sociais.⁴⁰ Monumentos arquitetônicos também definem relações verticais dentro de uma sociedade. Dentro de uma hierarquia de assentamentos, espaços públicos e locais para cerimônias geralmente surgem primeiro em centros regionais⁴¹ onde servem como o foco do poder, representando o monopólio da elite em atividades de cerimônias cívicas.

Em contraste com os eventos, que são repetidos regularmente e podem ser adaptados às circunstâncias cambiantes, monumentos são expressões mais permanentes da ideologia que liga um grupo ao seu território. Embora o significado expresso na paisagem cultural possa mudar, os monumentos fortalecem a associação de um grupo e um lugar. Muito depois que um líder morre ou uma unidade política se desintegra, os monumentos persistem, invocando a história do lugar, definindo padrões de temporalidade, e dando às sociedades antigas a aura de permanência e transcendência.⁴²

Os monumentos podem também servir como locais de eventos ritualísticos, normalmente de rituais que envolvem objetos portáteis com significado. Ao exercer o

³⁹ Kolb, 1994 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 18; Trigger, 1990.

⁴⁰ Kus, 1982 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 19.

⁴¹ Flannery, 1976 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 19.

⁴² P. Wilson, 1988 *apud* DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 19. Os autores mencionam como exemplo de monumentos as pirâmides do Egito e Stonehenge. A cidade da Babilônia foi intensamente explorada neste sentido pelo governo do ditador iraquiano Saddam Hussein.

controle sobre estes locais, as elites podem restringir ainda mais o seu uso e monitorar de perto a encenação das cerimônias através de agentes e instituições sobre a sua supervisão. A elite legitima a propriedade sobre os espaços cerimoniais em vida, e significativamente, estende sua influência para além da morte. Desta forma a propriedade e o privilégio da elite são sancionados ao longo de gerações, designados a indivíduos que podem reclamar consangüinidade com aqueles enterrados.

Sistemas de Escrita

Documentos escritos, tais como *stelae* ou monumentos, documentos legais, contratos e estórias, são manifestações físicas de sistemas de crenças, e como outros meios de ideologia materializada, podem muito bem contar uma estória, legitimar uma demanda, ou transmitir uma mensagem.⁴³ Enquanto que os outros meios de materialização cumprem esta tarefa indiretamente através de símbolos, alguns textos são explícitos e diretos. Documentos podem formalizar regras e relações definidas por aqueles que estão no poder. Em religiões escritas, textos codificam escrituras, rezas, e tradições rituais, padronizando estas mensagens para permitir sua disseminação e adoção em uma grande região. Documentos escritos e inscrições podem também comunicar mensagens políticas e propaganda. Estas inscrições podem ser acuradas, exageradas, desencaminhadoras ou mesmo falsas. Se a literalidade geral for baixa, as inscrições podem representar conhecimento esotérico mantido e manipulado pela elite e por funcionários religiosos que são indispensáveis em posições de autoridade conferidas à eles por suas habilidades literárias.⁴⁴

A escrita e a literalidade oferecem oportunidades para controle estratégico; para além da ideologia, o desenvolvimento da escrita teve profundo efeito nas sociedades humanas e na sua organização. A escrita requer educação e treinamento, desta forma, o controle dos especialistas incluindo escribas e interpretes, pode limitar o acesso a esta forma de materialização.

⁴³ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 19.

⁴⁴ Nas primeiras sociedades letradas, as tecnologias de escrita, incluindo as técnicas de gravação e tinta e a fabricação de papel, podiam ser manipuladas pelas elites. Mais tarde, com a invenção da copiadora, houve a criação de oportunidades de distribuição em massa de informação, tanto em apoio quanto em oposição à ideologia política estabelecida. Nos dias de hoje, através da comunicação global instantânea, a imagem do líder e as decisões políticas estão em constante escrutínio público, fazendo com que seja extremamente difícil, mas também essencial, aos líderes controlar a imagem do governo que chega ao público.

Ao analisar três estudos de casos os autores chegam a conclusão de que em cada um dos casos, as fontes de poder eram variadas, e controle hierárquico emergiu como resultado de decisões interdependentes. Cada sociedade analisada era caracterizada pela competição, resistência e tendência de fragmentação em unidades políticas menores. Os autores argumentam que a materialização da ideologia foi um mecanismo para estabilizar as relações de poder para ajudar a contra-atacar esta fragmentação.⁴⁵

As ideologias dos segmentos governantes são por natureza ambivalentes e contraditórias, promovendo um senso de comunidade e de identidade comum enquanto justificam diferenças sociais e acesso não-igualitário às riquezas e à autoridade. A materialização da ideologia investe capital social, normalmente força de trabalho, para atingir objetivos específicos que estão usualmente contidas na mensagem da ideologia. Por exemplo, os autores citam que a materialização pode ajudar a criar solidariedade, coesão social, ou identidade do grupo, enquanto legitima o comando e demonstra a natureza coercitiva básica de sua autoridade. Os diferentes meios de materialização atingem diversos objetivos políticos, incluindo a unificação ou reunião de grupos (eventos), a recompensa de seguidores leais (objetos simbólicos), a perpetuação de imagens do poder corporativo ou controle do chefe (monumentos), ou a difusão de mensagens ou propaganda (textos). Os recursos alocados na materialização são retirados de outras atividades econômicas essenciais ao bem estar da unidade política, incluindo a produção de subsistência, fazendo com que a escolha da materialização das atividades é também influenciada pelas condições econômicas e pela natureza dos desafios enfrentados pelo segmento dominante.

Ainda segundo os autores, pelo fato de múltiplas idéias e crenças existirem em uma dada sociedade, o segmento dominante deve controlar a ideologia, isto é, as idéias compartilhadas, crenças e sua representação, assegurando assim sua posição e autoridade. Ao fornecer à ideologia uma forma concreta e física na forma de eventos, objetos simbólicos, monumentos e sistemas de escrita, estes servem como instrumentos para sua institucionalização e extensão. Os custos da materialização da ideologia restringem o acesso a esta fonte de poder, com o resultado de que através do controle de recursos chave um segmento dominante pode ser capaz de restringir os contextos de uso e transmissão de idéias e símbolos. Os meios e formas específicos de

⁴⁵ DeMarrais; Castillo; Earle, 1996, p. 31.

materialização escolhidos pelas elites depende dos seus objetivos e recursos. Estas escolhas afetam por sua vez o sucesso da ideologia em conquistar a integração, superar oposições, ou consolidar poder político. Materialização é um meio pela qual os símbolos, seus significados e crenças, podem ser manipulados para se tornarem uma importante fonte de poder social.

O Poder das Imagens

O poder das imagens foi abordado por Molyneaux. Este autor defende que o impacto visual das imagens pode ser descrito como um reforço metafórico. Segundo ele, as representações alargam e fortalecem mensagens existentes que aparecem em outras formas, sendo especialmente efetivas na afirmação do poder e da ideologia.⁴⁶

“A clara visibilidade das imagens como forma materiais emprestam força a qualquer mensagem que elas expressem. Esse reforço perceptivo descreve a alteração de algum aspecto do ambiente percebido de modo a ampliar a probabilidade que ele seja digno da atenção de uma diversidade de expectadores. A manipulação da informação para direcionar a atenção pode ser intencional (...)”⁴⁷

“O reforço perceptivo é um atributo crucial, pois sugere não apenas que as imagens têm existência fora da linguagem dos textos, mas também que imagens não podem ser inteiramente circunscritas por relativismos sociais ou culturais.”⁴⁸

O autor ressalta que para que se seja possível examinar os efeitos metafóricos e perceptivos do reforço, ou seja, da essência da imagem, é necessários estudá-los dentro de seu contexto de produção; eis a razão: “o artista, não importando o quanto ele é invisível nos contextos acadêmicos e científicos, trabalha dentro de uma situação mediada por forças sociais e materiais (...)”.⁴⁹ Diz que na cultura ocidental, a supressão da individualidade no método científico faz com que a ciência se torne

⁴⁶ Molyneaux cita como exemplo as pinturas flamengas do século XV que narram eventos da Bíblia. Estas normalmente incluíam imagens de ricos mecenas e doadores. Estas pessoas eram incluídas como atores secundários nas cenas, normalmente mostradas ajoelhadas em prece. Explica que isto fazia com que os retratados adquirissem o status de testemunha ocular dos fatos, reforçando, desta maneira, a veracidade dos eventos religiosos. Esta justaposição propicia ainda mais efeitos. Nas circunstâncias mostradas, poder e privilégio estão lado a lado com a religião. A reação das massas, que viam as telas nas igrejas, deve ter sido a de associar o fato de os ricos estarem mais próximos de Deus.

⁴⁷ Molyneaux, 1997, p. 4.

⁴⁸ Molyneaux, 1997, p. 4.

⁴⁹ Molyneaux, 1997, p. 5.

desinteressada, de forma geral, no artista e no processo artístico. Sem estas informações, representações podem só carregar generalidades no seu sentido. Desta forma, na arqueologia, elas podem ser tratadas como objetos sem vida, caindo nas classificações estilísticas e usadas para exemplificar diferenças e mudanças culturais. E na antropologia, as circunstâncias de sua criação podem ser consideradas menos significantes que sua função, pois são desta maneira, interpretadas como parte de um dado processo cultural, tal como a religião ou a exibição da identidade social.

Segundo o autor:

“Estes aspectos do estudo são todos necessários, mas há muito mais que pode ser potencialmente descoberto na representação sobre a sociedade por trás da imagem.”⁵⁰

Para o autor, numa análise mais detalhada, abaixo das generalizações de forma, estilo e tema, cada obra de arte é única e pode conter informações específicas com relação à sua data e local de produção. A geração de distinção, mesmo quando a neutralidade, continuidade, e busca do comum, são as características buscadas, acontece dado que os artistas, e os que os guiam, respondem tanto consciente quanto inconscientemente às informações ao seu redor. Segundo Molyneaux:

“O artista não é um autômato social, que simplesmente reproduz uma imagem que já estava em sua mente, mas é o primeiro espectador, trabalhando com mão e olho dentro do ambiente de informações que representam a imagem.”⁵¹

Desta forma, considera que os artistas e espectadores fazem parte de um discurso já em progresso, e pode-se aprender mais sobre as forças sociais que geram as imagens dentro deste discurso a partir da variação formal em imagens individuais, já que elementos de informação são manipulados como parte do reforço metafórico e perceptivo.

O autor toma como estudo de caso as tumbas de altos funcionários egípcios da décima-oitava dinastia, buscando, através da análise das imagens nelas contidas, revelar a natureza do poder real durante o período. Para ele a arte é a fonte lógica para o estudo do poder em uma sociedade, assim como a considera essencial para as exibições que reforçam ideologia para as massas.

⁵⁰ Molyneaux, 1997, p. 5.

⁵¹ Molyneaux, 1997, p. 6.

O método proposto pelo autor consiste em:

“(…) olhar cuidadosamente para estas imagens com os olhos de um arqueólogo de campo, enxergando-as como ambientes materiais contendo varias áreas de atividade ideológicas e materiais, locais onde os indivíduos imbuídos com as atitudes de seu tempo marcaram as superfícies das paredes.”⁵²

Para ele cada imagem registra traços da situação de produção artística, inclusive de aspectos do estado físico e intelectual do artista, traduzidos através do pincel, faca ou outra ferramenta, em aspectos materiais na superfície da imagem. Assim, alguns aspectos da obra são conscientemente formados, mas outros emergem através do processo de representação: o artista não desenha ou pinta primeiro e depois olha; representação é uma tarefa na qual o olho e a mão trabalham juntos, absorvidos na ação dentro da imagem e não na imagem “*within the image not on the image*”. As imagens irão assim conter evidências visíveis das atitudes explícitas e implícitas dos artistas, ou das posições que eles tomaram com relação aos seus temas.

Neste sentido, podem-se identificar, segundo Molineaux, estas posições em pelo menos um aspecto da arte: a forma e o arranjo das figuras humanas e o retrato das cenas sociais e dos eventos, pois, segundo o autor as representações de paisagens sociais são muito sensíveis a situações ideológicas contemporâneas, pois estão em parte preocupadas com o reconhecimento e exibição de status social.⁵³

Para ele esta tendência pode ser observada até mesmo nas pinturas das tumbas egípcias, apesar do seu aparente caráter canônico. Os artistas egípcios embora busquem um controle formal preciso na elaboração das composições e das proporções, com o uso de esquemas de grade (*grid layouts*), esta tinha um caráter de mero guia. Os desenhistas faziam o esboço do desenho, produzindo figuras que se aproximavam das proporções ideais do período, mas que muitas vezes incluíam variações.

Tais pequenas variações, diferenças que a análise estilística ignora, são a preocupação principal de Molyneaux:

“O tamanho relativo e a orientação de figuras individuais em uma cena pode ser o resultado de simples variações no esboço. Mas conforme visto,

⁵² Molyneaux, 1997, p. 110.

⁵³ Molyneaux, 1997, p. 111.

eles podem também expressar a atitude consciente ou inconsciente do artista com relação ao seu tema.”⁵⁴

“Ao tomarmos o tamanho relativo como uma forma de significância representativa, uma técnica comum em pinturas não-perspectivas, o artista vai provavelmente pintar as figuras ou cenas mais importantes em tamanho maior que as outras. Mesmo se formos mais ou menos ignorantes com relação ao tema, sentido, ou detalhes iconográficos de uma pintura, nós podemos olhar para tal pintura e ao menos entender a organização do significado dentro dela. E se notarmos que este padrão ocorre em um número maior de imagens feitas por diferentes artistas, nós podemos especular que esta reflete uma atitude social mais prevalente.”⁵⁵

Segundo Molyneaux, o estudioso da imagem deve evitar generalizações semióticas ou da história da arte oriundas de conceitos como código, convenção, ícone ou gênero que normalmente surgem para tirar a imagem do seu contexto situacional. O objetivo deve ser o de manter o foco ao nível do chão (*ground level*), nos próprios objetos e no seu ambiente, onde detalhes formais de pinturas individuais refletem o trabalho de artistas individuais em situações específicas de produção. Pois para o autor, é a partir desta posição que se pode ver o dinamismo escondido na imagem, que superficialmente aparecem tão controladas e consistentes – diferenças formais surgindo de variações situacionais, refletindo a atualidade do trabalho representacional do artista, sendo influenciado pelas mudanças psicológicas e circunstâncias práticas no local de trabalho.

Esta é uma abordagem não-estilística. O que é significativo é como o artista representa a relação entre figuras e outros elementos em uma imagem, ao invés de como a execução como um todo se compara com outras versões do mesmo tema. O conteúdo é importante, mas apenas ao nível do tema. Para o autor:

“Nós estamos preocupados com o estudo de uma forma particular que qualquer conteúdo específico (tais como as relações entre sujeitos humanos específicos) toma em um conjunto de imagens – a *forma* do seu sentido, como esta *forma* aparece e se modifica ao longo do tempo, e o que estas variações podem significar acerca do efeito da ideologia na situação de produção e no seu contexto social.”⁵⁶

⁵⁴ Molyneaux, 1997, p. 111.

⁵⁵ Molyneaux, 1997, p. 111.

⁵⁶ Molyneaux, 1997, p. 112.

Ainda segundo Molyneaux, a análise da forma do sentido é uma análise fatores informantes comuns que constituem a expressão visual das situações ideológicas bem como dos ajustes para as situações ideológicas.⁵⁷ A distribuição e a visibilidade relativa dos atributos materiais da informação representada pode, portanto, ter alguma relação demonstrável com relação à sua significância comunicativa.

O autor defende a idéia de que forças ideológicas em uma sociedade afetam a posição que o artista toma (fisicamente, intelectualmente, emocionalmente) em direção a temas específicos, e portanto, influenciam a organização da significância social nas representações.⁵⁸

⁵⁷ O autor cita como exemplo: o tamanho relativo ou escala. Se visualizarmos o processo de percepção de imagens como um processo de *scanning* envolvendo atenção seletiva para elementos informativos específicos, pode-se assumir que quanto mais visível um atributo em uma representação (em relação aos outros atributos), maior é a probabilidade que seja encontrado e percebido pelo expectador. Cita como caso prático a iconografia religiosa cristã, onde mesmo as pessoas que não são familiares com esta iconografia provavelmente perceberão primeiro as figuras mais importantes na Natividade, Anunciação e outras cenas, pois sua percepção é guiada pela manipulação da escala, o arranjo das figuras, as ações das pessoas na cena, luz e sombra, cores, e assim por diante.

⁵⁸ Molyneaux, 1997, p. 113.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

2.1. Oriente Médio: Aspectos Geográficos

Como resultado do processo geológico e dos efeitos mais recentes da ação da água, do vento e do gelo, a paisagem do Oriente Médio é muito variada.⁵⁹ Ao norte, na Turquia e no Irã, os planaltos cercados por cadeias montanhosas elevam-se cerca de 2000 metros acima do nível do mar. Na Turquia, as duas cordilheiras principais, Ponto, próxima ao Mar Negro, e Tauros, próxima ao Mediterrâneo, estende-se de leste para oeste. Entre estes dois sistemas, o planalto turco, mais de 500 metros acima do nível do mar, eleva-se na direção leste-oeste. Na Turquia Oriental as montanhas fundem-se e unem-se às duas cordilheiras principais do Irã: Elburz ao norte, que se estende ao longo da margem sul do Mar Cáspio, e Zagros, que vai de nordeste para sudeste e separa as terras baixas da Mesopotâmia do planalto iraniano. Estas montanhas alcançam alturas da ordem de 4000 metros e os picos mais altos, que na realidade são vulcões extintos, elevam-se ainda mais. Incluem o Monte Ararat (5125 metros), onde hoje se unem a Turquia, o Irã e o Azerbaijão; o Monte Savalan (4810 metros); o Kuh-i Taftan, na fronteira paquistanesa (4040 metros), e o mais alto de todos, o Monte Demavand, na cordilheira do Elburz no norte do Irã (5605 metros). No centro do planalto iraniano há dois desertos inóspitos, o Dasht-i Kavir e o Dashit-i Lut.

Ao sul das regiões montanhosas da Turquia e do Irã a paisagem é menos abrupta, pois as cordilheiras e escarpas dão lugar às planícies da Mesopotâmia. Do golfo para sudeste, a terra eleva-se suavemente para o norte e entra pelas montanhas de Tauros subindo somente 400 metros ao longo de 1200 quilômetros. A parte baixa da planície da Mesopotâmia é quase totalmente plana e formada por lodo arrastado das montanhas do norte e do leste pelos rios Eufrates e Tigre e por outros rios. Na parte alta da Mesopotâmia a paisagem é de savanas sucessivas.

Na costa mediterrânea da Síria, do Líbano e da Palestina há mais cordilheiras. Os picos mais altos ficam no Líbano, em pontos que alcançam mais de 3000 metros de altura acima do nível do mar. Aqui a topografia é muito variada. O planalto é dividido

⁵⁹ A maior parte dos locais e regiões mencionados neste trabalho pode ser localizada no mapa que se encontra no Anexo deste volume.

pela falha norte-sul, que atualmente forma o vale do Jordão e o vale Wadi Arabah, que conduz ao Mar Vermelho.

Na Península Arábica há mais cadeias de montanhas que se estendem paralelas ao Mar Vermelho. A cordilheira de Hejaz, na extremidade do Mar Vermelho, tem mais de 2000 metros de altitude, enquanto que os montes Assur, no Iêmen, na extremidade sul do Mar Vermelho, elevam-se a 3500 metros. Dali o terreno desce gradualmente até alcançar as savanas da Mesopotâmia e a costa do Golfo Pérsico. Não obstante, a entrada do golfo é marcada pelos elevados montes de Omã que ultrapassam os 3000 metros.

Modificações do Nível do Mar

O relevo formou-se durante centenas de milhares de anos, mas é no final da última Era Glacial que se produz uma modificação importante. Durante a Era Glacial as regiões polares eram cobertas por enormes campos de gelo que mobilizavam parte das águas dos oceanos e reduziam o nível do mar em mais de 100 metros. Depois, há cerca de 16000 anos, o nível do mar começou a subir. A maioria dos mares que banha o Oriente Médio desceu, e as alterações resultantes da linha da costa não foram muito importantes. Não obstante, o Golfo Pérsico, é menos profundo, e aí os rios alimentados pelas águas que desciam das montanhas de Tauros e de Zagros começaram a alcançar o mar muito antes que no passado. As planícies aluviais do sul da Mesopotâmia e o delta egípcio surgiram depois de o mar alcançar aproximadamente o seu nível atual. O nível do mar elevou-se rapidamente, por vezes mais de um metro por século, e chegou ao nível atual em torno do ano 4000 a.C. Desde então se manteve no mesmo nível, com diferenças de um ou dois metros. Um efeito da acentuada elevação é que os indícios dos primeiros povoados na região do Golfo Pérsico e no sul da Mesopotâmia estão enterrados sob espessos sedimentos. Assim, para os primeiros tempos é necessário procurar nas áreas onde modificações não foram tão importantes e onde é mais fácil o acesso aos povoados.⁶⁰

Clima e Meio Ambiente

Os dados relativos ao clima da Antiguidade são muitos e variados. Por exemplo, as proporções relativas aos isótopos de oxigênio O16 a O18 no mar indicam as quantidades de água retidas na camada de gelo polares e, portanto, as temperaturas

⁶⁰ Bertman, 2003 e Roaf, 2004. Ver também, sobre a paisagem do Oriente Médio, Wilkinson, 2003.

mundiais. De maneira semelhante, os grossos depósitos sedimentares revelam aumentos do caudal fluvial que podem ser resultados de maiores precipitações. Uma das técnicas mais úteis é a identificação de grãos de pólen das plantas conservadas nos sedimentos dos antigos lagos. Estes podem dar a idéia de mutações da vegetação.

À medida que as placas de gelo derretiam e o nível do mar se elevava, a temperatura se elevava quase 10 graus centígrados entre 12000 e 8000 a.C., antes de chegar a 1 ou 2 graus centígrados como máximo acima dos níveis atuais. Durante a Era Glacial, a região montanhosa do norte tinha em grande parte uma vegetação tipo estepe e um clima frio e árido. Depois, à medida que o clima se tornou temperado e a umidade aumentou, os bosques cresceram e há cerca de seis mil anos os carvalhos e outras árvores cobriam as encostas do Zagros e do Tauros, assim como atualmente. Mais para sul, também o frio seco da Era Glacial deu lugar a um clima mais úmido e temperado que permitiu o crescimento de mais árvores. Mas por volta de 11000 a.C. as precipitações diminuíram e grandes áreas voltaram a ser estepes ou desertos.

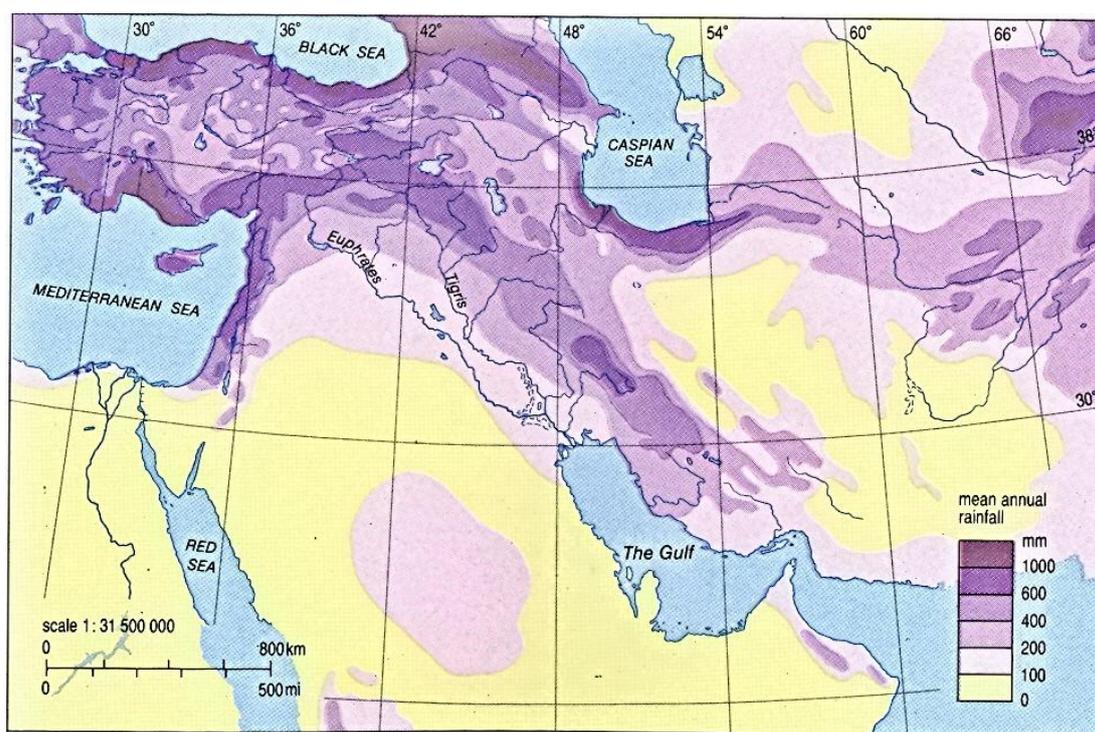


Ilustração 1 – Média pluviométrica anual no Oriente Médio.

Fonte: Roaf, 2004, p. 22.

Nos últimos dez mil anos o clima e a vegetação do Oriente Médio foram bem parecidos com os atuais. Formaram-se quatro zonas que atravessavam a região. A zona montanhosa, onde cresciam coníferas e árvores de folha caduca misturando-se

com carvalhos, pinheiros, cedros e zimbros, registrava invernos úmidos e frios e verões secos. Ao longo da costa mediterrânea e no sopé do Tauros e do Zagros, os invernos eram suaves e úmidos e os verões secos e quentes. A vegetação era de bosque mediterrâneo pouco espesso (carvalho, pinheiros e terebinto) e ervas, entre as quais se encontravam as variedades silvestres de plantas rapidamente cultiváveis, entre elas a cevada e o trigo. Uma zona de estepe que seguia a margem leste e a sul do sopé das montanhas e planaltos do Irã e da Turquia, registrava invernos suaves e secos e verões com altas temperaturas, que alimentavam prados pouco densos e quase nenhuma árvore. Por fim a zona desértica do interior da Arábia e do Irã registrava invernos suaves e secos e verões quentes igualmente secos, mas praticamente não havia vegetação. Os limites que separavam estas regiões mudaram, causando pequenas alterações no clima. Mas em termos gerais são poucas as alterações, apesar de algumas variações no curso das águas, a seca de lagos e nascentes de água e o movimento das dunas de areia provavelmente terem causado alterações locais. Nos últimos dez mil anos, também a intervenção humana, a abusiva exploração dos pastos, o desmatamento e a modificação dos cursos naturais de água modificaram crescentemente o meio.

A disponibilidade permanente de água criou ambientes especialmente favoráveis que, embora não ocupassem grandes superfícies, foram muito importantes para os seres humanos dos primeiros tempos (ver a ilustração 1). Estas zonas incluíam as margens do mar e dos lagos, com sua riqueza de vida marítima e aquática (fauna e flora), os vales regados por rios e os oásis com nascentes de água, onde cresciam tamareiras e outras árvores e arbustos; por fim as zonas pantanosas próximas às cabeceiras do Golfo Pérsico, onde é possível que tenham crescido os antepassados silvestres da tamareira.

O Oriente Médio era rico também em animais terrestres. Manadas de gazelas, gamos, asnos e gado selvagem vagavam pelas estepes, onde eram comuns diferentes espécies de veados, ovelhas e cabras selvagens. Nas zonas úmidas abundavam os javalis. Estes animais eram presas de chacais, lobos, ursos, hienas, onças, leopardos, tigres e leões. Entre os pequenos mamíferos encontravam-se a raposa, a lebre, o gato-montês, o porco-espinho e diferentes espécies de roedores. Os anfíbios e os répteis eram comuns, incluindo as tartarugas, as cobras, os lagartos e as rãs, enquanto nos rios, lagos e mares havia uma grande variedade de peixes e de mariscos. A riqueza do

mundo das aves era grande, incluindo várias espécies migratórias, visto que a costa mediterrânea e as cabeceiras do Golfo Pérsico se encontram nas principais rotas migratórias que vão da Rússia para a África. As aves de maior porte, tais como as avestruzes, abertadas, perdizes, patos e gansos, eram uma útil fonte de alimentos.

2.2. Mesopotâmia: Aspectos Geográficos

Foram os antigos historiadores e viajantes gregos, dentre eles Heródoto, que primeiro deram a esta região o nome que conhecemos hoje, Mesopotâmia. Significa “a terra entre os rios”, referindo-se ao Tigre e o Eufrates.

A chamada Mesopotâmia se localiza no território do Iraque atual, abrangendo ao norte parte da Turquia e a oeste parte da Síria, e a leste parte do Irã. Possui uma área de aproximadamente duzentos e quarenta mil quilômetros quadrados. Seus antigos habitantes não davam um nome para toda a sua terra, ao contrário, seus horizontes eram limitados pelas cidades e reinos em que viviam.

O vale dos rios é cercado por montanhas, deserto e mar. A oeste se localiza o deserto da Síria, ao norte as montanhas da Turquia e do Irã, ao sul o Golfo Pérsico. Nascendo nas montanhas da Armênia, os dois principais rios correm em direção sudeste através de uma planície de aluvião até serem dispersos pelos pântanos do Delta Mesopotâmico. O Eufrates é mais longo, com 2780 quilômetros de extensão. O Tigre possui 1950 quilômetros de comprimento.

Atualmente a região da Mesopotâmia divide-se em quatro áreas de características muito diferentes, constituídas por oásis mais ou menos extensos, separados por estepes secas e pedregosas ou por pântanos.

Ao norte, estende-se a Alta Mesopotâmia, suficientemente úmida para que a agricultura possa depender das chuvas de inverno. Compreende a Assíria, formada por diversos oásis que se desfiam ao longo do Tigre e dos seus afluentes, e a Djerizé, estepe desolada que serve de pastagem após o período das chuvas.

Vem, em seguida, o vale do Eufrates e a planície aluvial, sujeito às cheias inconstantes dos rios, as do Eufrates em abril e as do Tigre nos meses de maio. A paisagem é formada por aluviões. É uma terra fértil; a raridade das chuvas torna, no entanto, necessário um sistema de irrigação complexo e altamente aperfeiçoado.

Mais ao sul, a região dos grandes pântanos é um autêntico mar de caniços rico em caça e em peixes.

Por fim a sudeste, no prolongamento da planície, estende-se a Susiana, franja do Elão, banhada pelos cursos do Karum e do Kherka cujos altos vales, abrigam as rotas comerciais que conduzem ao planalto iraniano.

O principal fator de desenvolvimento humano na Mesopotâmia, sem dúvida era seus ricos recursos hídricos e seu solo fértil. Neste território o homem aprendeu a adaptar-se ao meio ambiente, sobretudo através do controle dos cursos de água por meio de canais e diques, e a tirar proveito do potencial econômico desta região. A partir de então surgem as primeiras comunidades e o excedente produtivo obtido por elas permite o surgimento da primeira civilização da humanidade. As margens dos rios forneciam em abundância a argila usada para a fabricação de tijolos e cerâmica.

Uma matéria-prima fundamental que os habitantes da Mesopotâmia não encontravam em seu ambiente era a pedra para fins de construção, com exceção na região norte, Assíria, onde havia depósitos de gipsita. Isto explica a razão pela qual a maior parte dos monumentos e construções da Mesopotâmia ser construída em tijolos de adobe. Igualmente, não era encontrada na região madeira de qualidade para construção e minerais como o cobre, o estanho, o ouro e a prata.

A Assíria

A região da Assíria está inserida dentro da Mesopotâmia Localiza-se na região norte desta área. Seu nome deriva de *mat Aššur*, que significa “o país do deus Ashur”. Sua primeira capital, que se situava entre os rios Tigre e Zab, também se chamava Ashur.

O centro da região consiste de planícies férteis. Ao norte e leste, se localizam cadeias montanhosas. Ao sul e ao oeste a paisagem é caracterizada por semi-desertos.

3. QUADRO HISTÓRICO DA MESOPOTÂMIA

Das Origens à Ascensão Assíria

Período Paleolítico (c. 70000 – 9000 a.C.)

Dentre as três subdivisões da idade da pedra: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico, o primeiro é de longe o período mais longo. O Paleolítico está inserido na fase geológica conhecida como Pleistoceno, que começa aproximadamente há dois milhões de anos e termina em torno de 10000 a.C., sendo substituído pelo Holoceno, período na qual ainda vivemos hoje em dia. Juntos o Pleistoceno e o Holoceno constituem a era Quartenária.

Os indícios mais antigos encontrados até hoje que atestam a presença humana na Mesopotâmia datam do período de 500000 – 110000 a.C. São pedras calcárias e quartzitos lascados para que pudessem ser utilizados como machados de mão, encontradas no norte do vale do Tigre.⁶¹ De data mais recente, porém ainda longínqua, foi identificada uma oficina lítica no sítio de Barda-Balka, datado de 80000 a.C, próximo à Chemchemal, entre Kirkuk e Seleimaniyah. Quanto mais se avança no tempo, maior é o número de evidências da presença humana na Mesopotâmia.

Os homens paleolíticos da Mesopotâmia não estavam isolados. A cultura lítica mesopotâmica apresenta similaridades com a observada na região da Síria e da Palestina. É possível observar que havia relações comerciais com a região do planalto da Anatólia e com as montanhas do Irã. No sítio de Shanidar, localizado no vale do rio Zab Superior, encontrou-se no nível datado entre 34000 a 25000 a.C. ferramentas feitas de obsidiana, cuja fonte mais próxima se encontrava próximo ao lago Van na Armênia.

Durante todo este período, os habitantes viveram da caça-coleta-pesca de animais, plantas selvagens comestíveis e peixes, já que ainda não possuíam qualquer habilidade para a produção de alimentos. Suas ferramentas mais duráveis eram feitas de pedra, toscamente trabalhadas. Adotavam o estilo de vida nômade, vivendo em abrigos sob a rocha ou em cavernas, baseado no sistema de bandos.

⁶¹ Roux, 1992, p. 36.

Período Mesolítico (c. 9000 – 7000 a.C.)

O Mesolítico é uma fase de transição ligando o Paleolítico às mudanças revolucionárias do Neolítico. Sob o ângulo econômico é a gradual mudança, da dependência do homem dos recursos obtidos pela caça-coleta e pesca, para a liberdade propiciada pelo domínio da agricultura e criação de animais. No Iraque este período se inicia no limite superior do nível BI da caverna Shanidar, e termina em 7000 a.C. com o início do período pré-cerâmico do sítio de Jarmo, que abre o período Neolítico.⁶²

Nesta fase começa-se observar a tendência ao sedentarismo total ou parcial, com todas as suas conseqüências sociais e econômicas, principalmente a necessidade de estocar alimentos e de controlar sua produção. Esta mudança do estilo de vida dos caçadores-coletores pode ter sido motivada pelo crescimento demográfico, devido a razões ainda controversas, que pode ter gerado uma queda do número de animais disponíveis para a caça. Conseqüentemente levando a necessidade de procura de novas fontes de alimento, por exemplo, através do aumento das espécies de plantas coletadas para alimentação, da procura de novas áreas e das experiências iniciais de criação de animais e de plantio.

Identificam-se moradias desta fase em diversas localidades. No sítio ao ar livre de Zawi Chemi Shanidar, no norte do Iraque, verificou-se a existência de um muro formado por pedras que deveria ter rodeado uma cabana ou tenda. No sítio de Mlefaat, próximo a Kirkud pode-se observar cabanas com paredes de barro prensado ou de pedra calcária que tinham o piso revestido por seixos.

As evidências arqueológicas encontradas no sítio de Zawi Chemi Shanidar, apontam o início da domesticação animal em torno de 11000 a.C.⁶³ São alguns os indícios que apontam a prática de criação de animais. Podem ser artefatos como arreios usados para guiar os animais ou, por exemplo, arte plástica ou gráfica mostrando animais em situações que sugerem domesticação. A análise dos ossos permite verificar em qual idade os animais foram abatidos. Sabemos através de escavações que os caçadores não faziam distinção de idade ou sexo das presas abatidas, mas evidências sugerem que os primeiros criadores do Oriente Médio selecionavam os animais mais jovens para o abate, desta forma mantendo os animais reprodutores.

⁶² Roux, 1992, p. 40.

⁶³ Stigler, 1974, p. 73.

A criação de animais nesta época era ainda incipiente, provavelmente os primeiros a serem domesticados foram cabras e ovelhas e num segundo momento gado e suínos.

A agricultura começou a ser praticada no Oriente Médio em torno de (7000 a.C.), cerca de dois mil anos após a difusão da prática de criação de animais.⁶⁴ Os primeiros alimentos cultivados foram dois tipos de trigo (*Triticum monococcum*) e (*Triticum dicoccum*) e a cevada (*Hordeum vulgare* ssp.).⁶⁵ Os primeiros grãos de cereais cultivados são facilmente distinguidos dos selvagens por apresentarem uma espiga menos frágil.

A indústria lítica nesta fase é caracterizada pela produção de pequenas e variadas ferramentas em pedra ou obsidiana, nitidamente mais evoluídas que as encontradas no período Paleolítico.

Período Neolítico (c. 7000 – 5800 a.C.)

Em torno de 7000 a.C., no norte da Mesopotâmia e em outras partes do Oriente Médio, o homem deixa de ser somente um caçador-coletor nômade, dependendo para sua sobrevivência da sorte e de suas habilidades e se transforma em agricultor, ligado a um pequeno pedaço de terra na qual obtém um suprimento de alimento regular. Constrói sua casa utilizando o barro abundante da região. Ele cria cabras, ovelhas, porcos e gado que fornecem leite, carne, couro e lã. Ao mesmo tempo desenvolve a sua sociabilidade. Cada família cuida de sua terra, e várias famílias moram próximas uma das outras, caracterizando assim aldeias. O sistema nômade baseado somente na caça-coleta-pesca termina. O homem utiliza novas ferramentas, ainda líticas, para uso em novas tarefas.

Os habitantes destas novas aldeias utilizavam tigelas de pedra, cestas impermeáveis, através da aplicação de betume, e provavelmente couro de animais adaptados para uso como recipientes. Possuem habilidades para trabalhar com o barro para construir as paredes de suas casas e para modelarem pequenas figuras de animais e de mulheres. Em torno de 6000 a.C., verifica-se a presença de cerâmica em alguns locais. O sítio mais representativo desta fase se chama Jarmo. Foi ocupado aproximadamente entre os anos de 6750 a 6500 a.C. Está localizado à oeste dos flancos das montanhas Zagros, no nordeste da Mesopotâmia, na mesma região dos sítios mais antigos da

⁶⁴ Stigler, 1974 p.83.

⁶⁵ Para um estudo detalhado acerca da origem e da difusão da agricultura, baseado em evidências arqueológicas, do Mesolítico à Idade do Bronze no Crescente Fértil, ver Zohary, 2000.

caverna de Shanidar, e Zawi Chemi Shanidar. Apresenta cerca de quatro acres, sem nunca conter mais de 20 casas ao mesmo tempo, onde viviam aproximadamente 150 pessoas. Foi ocupada por homens sedentários, que viviam da criação de animais e da agricultura. É uma das mais antigas comunidades agrícolas do Oriente Médio juntamente com os sítios de Ali Kosh e Tepe Guran no Irã, Hacilar na Anatólia e Jericho na Palestina.

A Proto História Mesopotâmica (c. 5800 – 2900 a.C.)

Como nas fases anteriores, a história deste período é ainda é demasiadamente pouco conhecida, para que se possa traçar um quadro exato. O conhecimento acerca desta época depende dos trabalhos arqueológicos realizados que ainda estão em seus inícios em se tratando desta época alta.⁶⁶ Georges Roux propõe uma divisão em seis fases distintas⁶⁷ a partir da comparação dos diferentes achados materiais, principalmente da cerâmica, e da datação por carbono 14. O nome de cada uma das culturas tomou de empréstimo o nome do local de onde foram identificadas pela primeira vez.

Período Hassuna (c. 5800 – 5500 a.C.)

Este período foi batizado com o nome de uma vila a cerca de trinta e cinco quilômetros ao sul de Niníve, escavado em 1943. Esta cultura teve sua presença limitada à área nordeste do Iraque.

Esta fase é caracterizada pelo amplo uso da cerâmica. Esta é feita a mão, sendo raramente polida; podendo ser pintada, incisa ou ambas as maneiras. A pintura é monocromática, de cor vermelha escura ou preta. Os temas decorativos são simples, de inspiração não figurativa. Os grãos eram armazenados em grandes caixas de argila não cozida.

As construções são feitas de taipa. Dentro das casas foram encontradas diversas jarras contendo ossos de crianças, acompanhadas de pequenos copos e potes. O mesmo tipo de cuidado não era reservado aos adultos que eram enterrados em covas simples.

Foram encontrados foices, machados, raspadores e buris, na maioria de pedra e osso. A natureza destes objetos indica a importância da agricultura e da criação de animais.

⁶⁶ Lévêque, 1987, p. 15.

⁶⁷ Roux, 1992, p. 48.

Período Samarra (c. 5600 – 5000 a.C.)

Gradualmente a cerâmica dita Hassuna passa a ser substituída pela cerâmica Samarra. A cidade de Samarra, onde foi encontrada pela primeira vez em 1914, se localiza ao norte de Bagdá. Esta tradição ceramista também é identificada na cidade de Nínive, em Baghuz, no médio Eufrates e na planície da Anatólia.

A cerâmica é monocromática, variando do vermelho, marrom-escuro e violeta. Os motivos encontrados são de inspiração figurativa, esquematizada e abstrata. Observam-se figuras estilizadas de homens, cabritos, e outros animais. A cruz gamada também é um motivo comum. Também foram desenterradas pequenas estatuetas de mulheres, e ocasionalmente de homens, em alabastro ou argila.

Período Halaf (c. 5500 – 4500 a.C.)

O período de Halaf possui características de uma sociedade muito mais complexa. Abrangeu os vales do Tigre e do Habur, estendem-se ao longo do Eufrates e exerce sua influência até Ras-Shamra no Mediterrâneo, a Cilícia no oeste e ao sul da Mesopotâmia.

Os assentamentos nesta fase continuam a ser considerados aldeias, mas houve melhorias nos métodos construtivos: entre as casas haviam ruas pavimentadas e o material utilizado na construção continua sendo o barro, mas pela primeira vez utilizado na forma de tijolos.

Verifica-se a presença inédita de edifícios circulares, muitas vezes precedidos de um vestíbulo retangular, alguns deles chegam a ter dez metros de diâmetro e estão assentados em pedras. Esta forma de construção recebeu o nome de *tholoi*, em alusão às tumbas micênicas de época bem mais recente. A utilidade deste tipo de construção não é conhecida embora se acredite que servia de moradia. É inventado nesta época um processo de fundição de certos metais, particularmente do cobre e do chumbo.

A cerâmica é de altíssima qualidade, ricamente decorada com motivos naturalistas ou abstratos. Surgem motivos novos como os machados duplos. A cruz gamada desaparece totalmente. As já existentes estátuas em argilas ditas “Deusa Mãe” assumem, neste período, características singulares. Feitas em argila representam uma mulher com a cabeça desproporcionalmente pequena em relação ao corpo gordo e com grandes seios. Acredita-se que seriam talismãs contra a infertilidade e problemas de parto

É no início desta fase que o sul da Mesopotâmia começa a ser habitado. Esta área apresenta um relevo distinto ao do norte. A área apta para agricultura se encontrava às margens dos rios. Para terem sucesso na colheita, os homens tiveram que aprender a lidar com as cheias inconstantes dos rios Tigre e Eufrates. Criaram um sistema de canais de irrigação que proporcionaram maior segurança e se assentaram em montículos artificiais de terra, chamados *tell*. Os principais sítios conhecidos nesta região são Kalaa Hadj Mohammed e Eridu.

Eridu é um local muito importante onde foram identificados dezoito níveis de ocupação. No nível XVI foi encontrada uma construção quadrangular dividida em duas por meio de pedras salientes. Um nicho contendo um pequeno pódio está implantado na parede do fundo. Um segundo pódio ergue-se no meio do compartimento. A presença deste nicho, a orientação dos ângulos para os pontos cardeais e o fato da edícula se encontrar sob o zigurate mais recente de Ur-nammu faz pensar que se está na presença de um templo.

Período Ubaid (c. 5000 – 3750 a.C.)

Esta civilização se originou no sul da Mesopotâmia, num sítio próximo à cidade de Ur. Aos poucos e de maneira violenta, atestada por vestígios, esta cultura se expande para toda a Mesopotâmia, planície da Antioquia, Turquia e Irã. A aldeia de Arpatchiya apresenta marcas de destruição que acompanharam sua passagem. Dois locais importantes desta cultura são Eridu, no sul, nos níveis VI e VII e Tepe Gawra, no norte, nos níveis XIX a XII.

No nível VI de Eridu veio à luz um templo de vinte e três metros por doze, apresentando paredes regularmente aparelhadas de tijolo, o que supõe o uso de molde para fabricação de tijolos. Construído sobre um terraço elevado, tem um plano complexo que prefigura o do templo sumério. O interior é composto por uma grande sala central rodeada por pequenos compartimentos anexos e provido de um altar em uma das extremidades.

A cerâmica utiliza a partir desta fase uma argila bem depurada e há a introdução da roda de oleiro. A decoração é monocromática e predominam os temas geométricos. Gradualmente começam a aparecer figuras animais e representações humanas esquematizadas. O principal avanço da época é o domínio da metalurgia através de um processo mais econômico de fundição do metal.

Período Uruk (c. 3750 – 3150 a.C.)

Durante esta fase o desenvolvimento cultural, que já vinha ocorrendo, se torna mais forte e se assiste a formação da civilização Suméria. Esta se limitou ao sul da Mesopotâmia, o norte teve uma evolução distinta e em muitos aspectos inferior. Os primeiros habitantes da Mesopotâmia não eram seguramente sumérios. Esta civilização foi fruto da miscigenação entre semitas locais e um povo estrangeiro. Tal constatação é baseada em análises lingüísticas.⁶⁸

As razões deste florescimento cultural ainda são controversas. Ao redor da metade do milênio o clima no Oriente Médio, que durante dois mil anos foi quente e úmido, foi mudando lentamente e se tornando cada vez mais seco e frio. A agricultura de irrigação que se mostrou extremamente bem sucedida no sul da Mesopotâmia, gera uma migração de habitantes das áreas agora prejudicadas do norte e das montanhas para a parte sul do vale do Eufrates.⁶⁹ Esta evidência é atestada pelo aumento do número de aldeias e do tamanho das já existentes.

A necessidade de produção de mais alimentos para nutrir esta população cada vez maior desafiou o homem levando a criar soluções que maximizassem a produtividade. Surge então o arado e os veículos sobre rodas ou carroças. O barco à vela também é criado, permitindo assim viagens mais rápidas pelos rios. Estes avanços técnicos geram um grande excedente de alimentos que podem ser estocados, redistribuídos ou trocados por matérias primas e bens de luxo. São desta época também a roda de oleiro e a criação do bronze, mais resistente que o cobre, que passa a substituir este último na fabricação de ferramentas e armas.

A mudança do clima, ao redor do ano 3500 a.C., também traz conseqüências ao sul da Mesopotâmia. O Eufrates tem seu volume de água diminuído, o que acarreta a seca de muitos de seus tributários. A paisagem da região é drasticamente transformada. Surgem então “ilhas” de terra fértil, contendo pomares e campos cultiváveis ao longo dos rios remanescentes, separados por trechos de estepe ou mesmo desertos. Uma paisagem muito similar à encontrada ainda hoje em dia.

Muitas aldeias então desaparecem e seus habitantes se mudam para as aldeias localizadas nas áreas que continuaram férteis, formando as primeiras cidades. A

⁶⁸ Lévêque, 1987, p. 25.

⁶⁹ Roux, 1992, p. 66.

necessidade maior de se obter alimentos leva ao surgimento de técnicas de irrigação. São escavados canais artificiais para aumentar a área cultivável. Todo este trabalho bem como o aumento da população precisava ser administrado o que acarreta o fortalecimento de uma figura tradicional, o sumo sacerdote.

Todos estes fatores levam ao surgimento das cidades-estado com território definido e cidade fortificada. Progressos tecnológicos continuam. A arte e a arquitetura são aprimoradas. A cidade-estado abriga a sociedade mais complexa até então vista, formada por mercadores, artesãos, arquitetos, agricultores, sacerdotes, guerreiros e escribas.

A cidade mais importante deste período é Uruk, moderna Warka, localizada a meio caminho entre a cidade de Bagdá e de Basra, numa área não desértica. Seu sítio cobre cerca de quatrocentos hectares. Os primeiros templos de Uruk, datados do nível IV, tinham as suas plantas muito parecidas com os templos do período de Ubaid construídos em Eridu. O maior deles tinha dimensões impressionantes, oitenta metros de comprimento por trinta de largura. Algumas das construções desta fase estão decoradas com pequenos mosaicos compostos de cones vermelhos, brancos e pretos, dispostos em diagonais, triângulos e losangos.

Para controlar as transações é inventada a escrita. Os primeiros exemplos aparecem em tabuletas de argila, encontradas nos templos de Uruk, contendo pictogramas e datadas de 3300 a.C. Ainda é um sistema imperfeito, que vai se modificando no decorrer dos séculos até evoluir para o sistema cuneiforme em torno de 2500 a.C. Os sinetes ricamente esculpido substituem os carimbos.

Período Jemdat Nars (c. 3150 – 2900 a.C.)

O que difere as épocas de Uruk e Jemdat Nars é a tradição cerâmica. A de Uruk só vai progressivamente substituindo a de Obeid, é vermelha ou cinzenta dependendo do grau de cozimento e não possui qualquer tipo de desenho. A cerâmica de Jemdat Nars é totalmente diferente. O uso da policromia é introduzido e a decoração geométrica e os temas naturalistas evoluem. Não se nota variações na arquitetura. A escrita evolui um pouco.

A maior contribuição do período, sem sombra de dúvida, foi o retorno a tradição escultórica que esta estava ausente desde o período Samarra. Esta é caracterizada por uma grande variedade de temas aplicados em diversos objetos com esmero. Relevos,

vasos e tigelas de pedra são esculpidos com temas como leões atacando bois, heróis dominando leões, carneiros e ovelhas. Diversas estatuetas de adoração ou *ex-votos* foram encontradas.

Período Dinástico Arcaico (c. 2900 – 2334 a.C.)

O período que se convencionou chamar de Dinástico Arcaico é caracterizado pelo desenvolvimento da urbanização e das cidades-estado no sul da Mesopotâmia. A cronologia do período deve-se muito à hipótese. As fontes escritas começam a se tornar muito numerosas, mas as verdades de seus valores históricos são muito desiguais. As inscrições reais, principais instrumento de estudo desta época, foram escritas tardiamente e contém uma visão parcial da situação.

O Dinástico Arcaico se inicia em torno de 2900 a.C. e termina com a conquista da Suméria pelo rei semita acadiano, Sargon, em 2334 a.C. Estudiosos convencionaram dividir em três este período.

Período Dinástico Arcaico I (c. 2900 – 2750 a.C.)

É um período obscuro no estudo da Mesopotâmia, onde a lenda e história se mesclam. É a época, segundo fontes tardias, do dilúvio. Duas importantes cidades são fundadas nesta fase, Kish e Ur.

A Lista Real Suméria é o documento de referência para o estudo do dinástico arcaico. Apresenta a história da Mesopotâmia como uma sucessão de dinastias que, instaladas em cidades diferentes, estendem alternadamente a sua hegemonia sobre toda a Suméria. Esta lista menciona que logo após o dilúvio, a realeza, vinda do céu, coube à cidade de Kish. Seus reis teriam dominado toda a Suméria e a Acádia.

Período Dinástico Arcaico II (2750 – 2600 a.C.)

Os documentos contemporâneos tornam-se mais numerosos, e com eles há mais e maiores certezas. O regime político característico do Dinástico Arcaico, o das cidades-estados está em seu apogeu baseado em monarquias hereditárias. O rei governa a cidade, que é de sua propriedade. É considerado o eleito dos deuses e o juiz supremo. A ele compete a construção e manutenção dos templos e canais bem como a defesa do território. Estas cidades são rodeadas por grandes muralhas, a de Uruk, por exemplo, possuía nove quilômetros. Disputam-se militarmente entre si a fim de manterem sua independência e de se conquistarem. Nesta época em Uruk teria vivido

o rei mítico Gilgamesh. As principais cidades deste período são Uruk, Kish, Ur, e Umma.

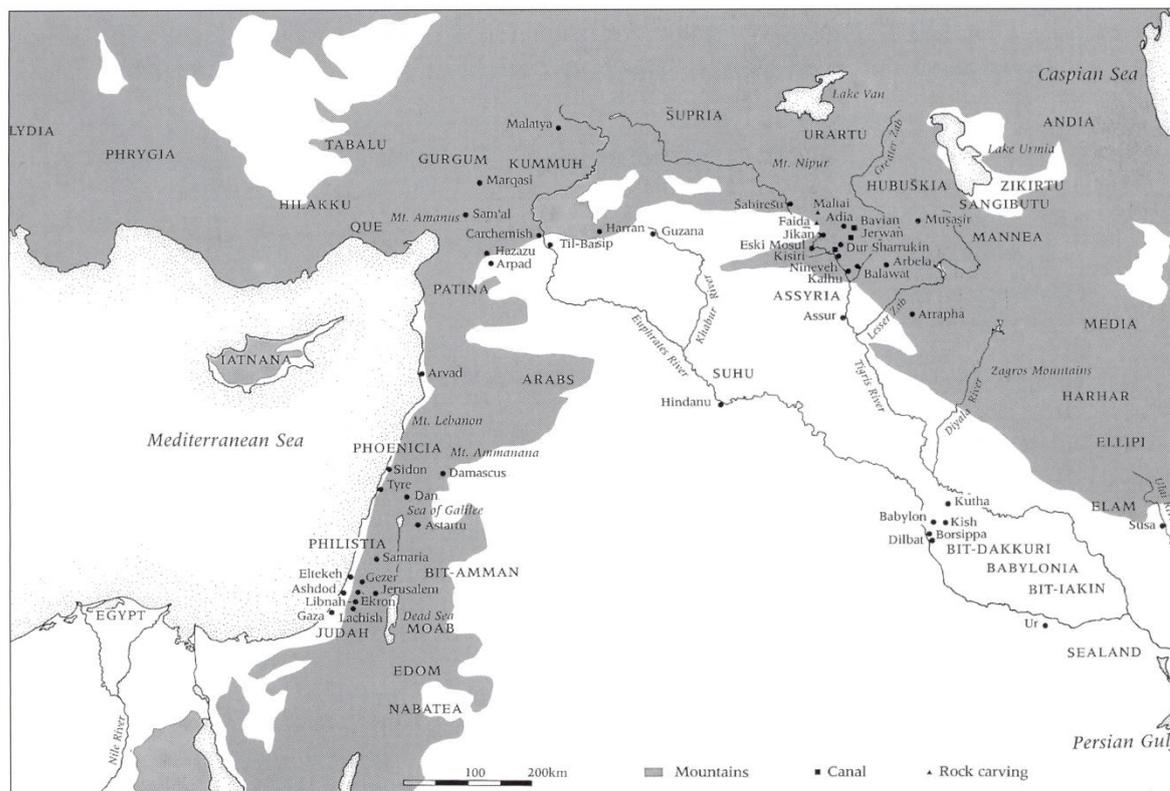


Ilustração 2 - Mapa do Oriente Médio e dos principais sítios. As partes do mapa em cor escura mostram regiões montanhosas.

Fonte: Russell, 1997, fig. 4.

Período Dinástico Arcaico III (2550 – 2300 a.C.)

As inscrições oficiais, feitas em pedra ou metal, e os arquivos em argila nos dão subsídios para um maior entendimento desta fase. Foram encontrados textos que demonstram que os reis da primeira dinastia de Ur já eram divinizados.

Um rico testemunho material desta época são as tumbas reais de Ur datadas no intervalo de 2600 a 2500 a.C.

São muitas as guerras registradas neste período. Cidades sumérias enfrentam invasões dos elamitas,⁷⁰ originários do Irã, diversas vezes. Ur guerreia contra Uruk e Lagash contra Umma. Em meados deste período, um rei de Ur chamado Em-Shakush-ana, apodera-se de Uruk e põe fim ao velho conflito entre as duas cidades, inaugurando a dupla realeza de Ur e Uruk, que duraria até a conquista acadiana.

⁷⁰ Sobre a história da civilização elamita, ver a obra de Amiet, P., 1966.

Em 2550 a.C. é fundada uma nova dinastia em Lagash, de origem semita. Ao longo do Dinástico Arcaico III, nenhuma cidade chega a impor-se de forma duradoura. Pelo contrário, estão sempre em guerra uma contra as outras.

O período termina com a destruição de Lagash pelo rei de Umma que se apodera da dupla realeza de Ur e Uruk, reunindo sob sua nova capital Uruk, toda a Suméria, pondo fim ao regime das Cidades-Estados.

Durante o Período Dinástico Arcaico a influência cultural da Suméria ultrapassou em muito seu limite territorial, especialmente ao longo do rio Eufrates entre cidades as cidades de Kish até Ebla, incluindo Mari. Entretanto o vale do Tigre, por razões incertas, não tenha sido influenciado. Mas esta difusão se deu de forma pacífica e involuntária. Os reis das Cidades-Estados estavam mais preocupados em se defender de invasões externas, principalmente dos elamitas vindos do Irã, e de estabelecer sua supremacia a outras cidades da Suméria, do que conquistar terras estrangeiras.

Período Acadiano (2334 – 2193 a.C.)

O local exato da cidade de Acádia, construída por Sargon (2334-2279 a.C.), ainda não foi localizado. Sabe-se que se situava no alto rio Eufrates, nos arredores de Kish ou de Babilônia. Sargon era de origem semita.

As campanhas dirigidas por Sargon e seus sucessores levaram à conquista não apenas da totalidade da Suméria, mas de toda a bacia do Tigre e Eufrates bem como partes de territórios estrangeiros chegando até o Mediterrâneo e ao Golfo Pérsico. Foi responsável pela criação do maior reino mesopotâmico visto até então e o primeiro império do mundo. Pela primeira vez desde a época Ubaid, as partes sul e norte da Mesopotâmia, até então ligadas por frouxos laços culturais, foram unificadas como parte de um grande reino, dirigido por um só rei. O império Acadiano durou cerca de cento e cinquenta anos, sendo derrubado por pressões do povo guti, vindos das montanhas Zagros e de rebeliões internas.

A manutenção de tamanha área não foi tarefa fácil. As conquistas geraram imensa concentração de riqueza para os acadianos, mas estes falharam em criar um sistema eficientemente organizado que perpetuasse a sua conquista. Cada novo soberano que subia ao teve de enfrentar violentas revoltas para manter o heterogêneo império unido. Após o período acadiano o principal objetivo de todos os monarcas mesopotâmicos passa a ser superar o tamanho deste império.

A arte, ao contrário da arquitetura é bem documentada no período acadiano. No reinado de Naram-sin (2254-2218 a.C.), neto de Sargon, a escultura se distancia dos padrões sumérios da dinastia arcaica.⁷¹ Na famosa estela de Naram Sin (ver ilustração 42), o escultor abandona a composição em registro e centra toda a representação na figura do rei, que aparece em tamanho muito maior que os outros personagens. Nela, o rei porta uma tiara de chifres, sinal de sua divindade, e sobe como vencedor uma montanha, pisando sobre os inimigos, sendo seguido por soldados. À frente de sua figura, surge uma montanha, fora de escala, e sobre ele, símbolos divinos.⁷² A glíptica apresenta um repertório iconográfico renovado e mais variado.

A ascensão e a queda do império acadiano é um prenúncio do que ocorrerá com os próximos impérios mesopotâmicos. Rápida ascensão e expansão do domínio seguido por revoltas e revoluções geradas pela insatisfação dos dominados, estado constante de guerra a fim de manter e aumentar o território. Outra constante, e que muitas vezes determina o fim, são as invasões estrangeiras: guti no império acadiano, elamitas, cassitas, medos e persas no futuro. Os primeiros destroem a cidade de Lagash, pondo fim ao império acadiano, já enfraquecido por todos os problemas mencionados.

Grande Reino de Ur (2112 – 2004 a.C.)

Após a queda da Acádia, a Mesopotâmia é governada pelo povo guti, durante um período de quase cem anos, da qual quase nada se sabe,⁷³ exceto que não contribuíram em nenhum aspecto para a civilização da planície da qual invadiram.⁷⁴ Estes acabam sendo expulsos pelos sumérios, capitaneados pelo rei da cidade de Uruk, Utu-hengal (2123-2113 a.C.) em torno de 2120 a.C.

A cidade de Lagash permanece independente durante a ocupação dos guti. O maior soberano de Lagash, Gudea (2141-2122 a.C.), leva sua cidade à prosperidade, realizando obras irrigação. Chegaram até nós cerca de trinta esculturas em diorito negro, material caro e importado, representando o rei. Esta pedra é extremamente dura e difícil de trabalhar, entretanto o resultado final obtido foi de qualidade artística excepcional. Após a expulsão dos guti, a cidade de Uruk obtém o controle da região durante o reinado de Utu-hengal (2123-2113 a.C.). Entretanto, o governador da

⁷¹ Lévêque, 1987, p. 48

⁷² Frankfort, 1969, p.43

⁷³ Roux, 1992, p.161

⁷⁴ Frankfort, 1969, p.47

província da cidade de Ur, Ur-nammu se rebela funda a chamada III Dinastia de Ur, na qual reina entre 2112 e 2095 a.C.

Ur-nammu dá continuidade à obra empreendida pelo seu predecessor de pacificar a região. Assume o controle de Lagash estabelecendo seu domínio na Mesopotâmia e na Acádia.

As inscrições deste período o mostram principalmente como um grande construtor. Edifica zigurate em Uruk, Eridu, Nippur e em outras cidades. Sem dúvida o mais impressionante e preservado é o de Ur. Localizado no mesmo local de outro templo mais antigo, possuía sessenta metros de largura e quarenta e três metros de altura, e foi construído com tijolos de adobe e revestido por tijolos de barro cozido. Acredita-se que no topo de seus três andares se encontrava um santuário dedicado aos deuses. Por serem o ponto mais alto da cidade, os zigurate, proporcionariam um contato mais próximo com os deuses. É no reino de seu filho, Shulgi (2094-2047 a.C.) que o império atinge seu apogeu territorial, estendendo os domínios até o Elam e as montanhas de Zagros. Em 2003 a.C., o império desmorona vítima da revolta dos elamitas e da invasão dos amorreus e semitas seminômadas do médio rio Eufrates, que atacam a cidade.

Durante os anos entre a queda de Ur em 2003 a.C. e o controle de toda a Mesopotâmia por Hamurabi (1792-1750 a.C.) da Babilônia a região viu surgir uma série de Estados independentes, sendo os mais poderosos ao sul Isin e Larsa, e ao norte Ashur e Eshunna. No alto Eufrates o reino de Mari florescia. O convívio entre os Estados não foi pacífico; enquanto os do sul disputavam as possessões da Suméria e da Acádia, os do norte brigavam pelo controle das rentáveis rotas de comércio que passavam pela região.

Período Antigo Babilônico (2000 – 1600 a.C.)

A Suméria é conquistada por semitas-amoritas vindos do deserto sírio. Em cerca de 1900 a.C., a primeira dinastia amorita é fundada na cidade da Babilônia. Apesar da competição com a cidade de Mari, Hammurabi (1792-1750 a.C.), sexto rei amorita da Babilônia, passa a ter controle da maior parte da Mesopotâmia. Entretanto, a dinastia

termina quando a Mesopotâmia é invadida pelos hititas, originários da Anatólia.⁷⁵ Os cassitas tomam o controle da Babilônia após a destruição dos amoritas pelos hititas.

A Ascensão da Assíria

Período Assírio Antigo e Médio (2.000 – 935 a.C.)

No início da sua história, a Assíria é conquistada por tribos amoritas e posteriormente pelos babilônios até a queda destes últimos pelos hititas.

Ao norte da Mesopotâmia, o povo chamado hurrita originário dos Cárucos, estabelece o império mitaniano⁷⁶ e comanda a Assíria. Mas, são derrotados pelos hititas no séc. XIV a.C. A Assíria recupera sua independência, inaugurando o chamado Período Assírio Médio (ver a ilustração 3 e 4).

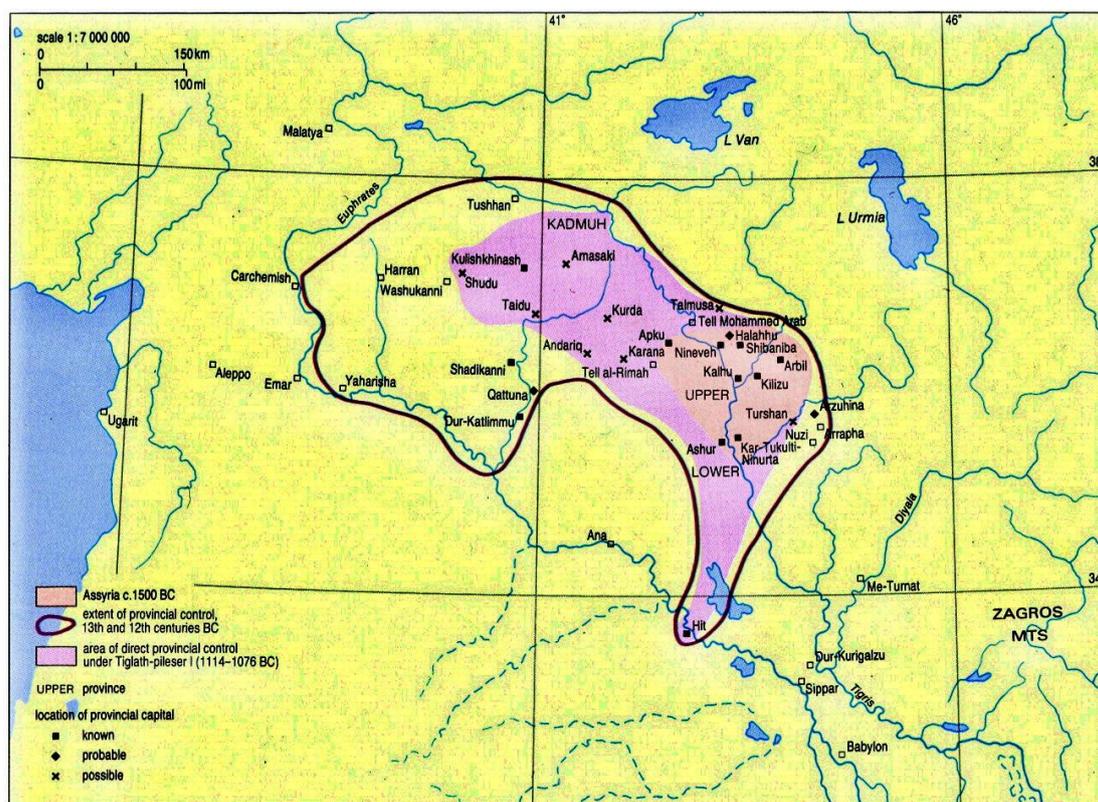


Ilustração 3 - O Império Médio Assírio. Destacado na cor rosa está a extensão do território controlado em c. 1500 a.C. Em roxo, a extensão do controle direto durante o reinado de Tiglath-pileser I. A área dentro da faixa contínua representa a extensão do controle das províncias nos séculos XIII e XII a.C.

Fonte: Roaf, 2004, p.140.

⁷⁵ Para um panorama da história da Anatólia e do império hitita, ver Macqueen, J.G., 1995, p.1085-1105. Ver também, Macqueen, J.G., 1975.

⁷⁶ Sobre a história do império de Mitani bem como para bibliografia sobre o tema ver, Wilhelm, G., 1995, p. 1243-1254.

O reinado de Adad-Nirari I (1307-1275 a.C.) significa um período de rápida expansão assíria. Sob seu hábil comando e de seus sucessores imediatos Shalmaneser I (1274-1245 a.C.) e Tulkuti-Ninurta I (1244-1208 a.C.), a Assíria, em um período de cerca de 80 anos, estende em muito seu território e emerge como uma das mais poderosas potências da região.⁷⁷ Este sucesso deve em grande parte ser atribuído à sua crescente força econômica e militar, sua estabilidade política e a vigorosa personalidade de seus reis, mas também foi favorecida pela situação internacional. O império hitita estava enfrentado problemas internos e externos e não se encontrava na posição de oferecer resistência à expansão assíria no norte da Mesopotâmia. As conquistas da Assíria foram meteóricas assim como sua perda. Entretanto, embora efêmero, o império do século XIII a.C. criou as bases para a futura ascensão assíria (no chamado período neo-assírio).

O rei assírio Tulkuti-Ninurta I captura a Babilônia, que logo após, é retomada pelos cassitas. Anos mais tarde, os elamitas invadem a Babilônia, colocando um fim na dominação cassita. Posteriormente, os elamitas são expulsos pelo rei babilônio Nebuchadnezzar (1124-1103 a.C.).

A Assíria atinge novo patamar de sucesso imperialista sob Tiglathpileser I (1115-1077 a.C.), que chega a conquistar a Fenícia. Após sua morte, o império sofre com invasões de tribos araméias e insurgentes das montanhas de Zagros.⁷⁸

Nesta fase, o ferro suplanta o bronze como principal matéria-prima no fabrico de armas e ferramentas.

⁷⁷ Cambridge, vol. II, parte II, p. 274.

⁷⁸ Sobre a história da Assíria e Babilônia entre os anos de *c.* 1200-1000 a.C., ver Cambridge, vol. II, parte 2, capítulo XXXI.

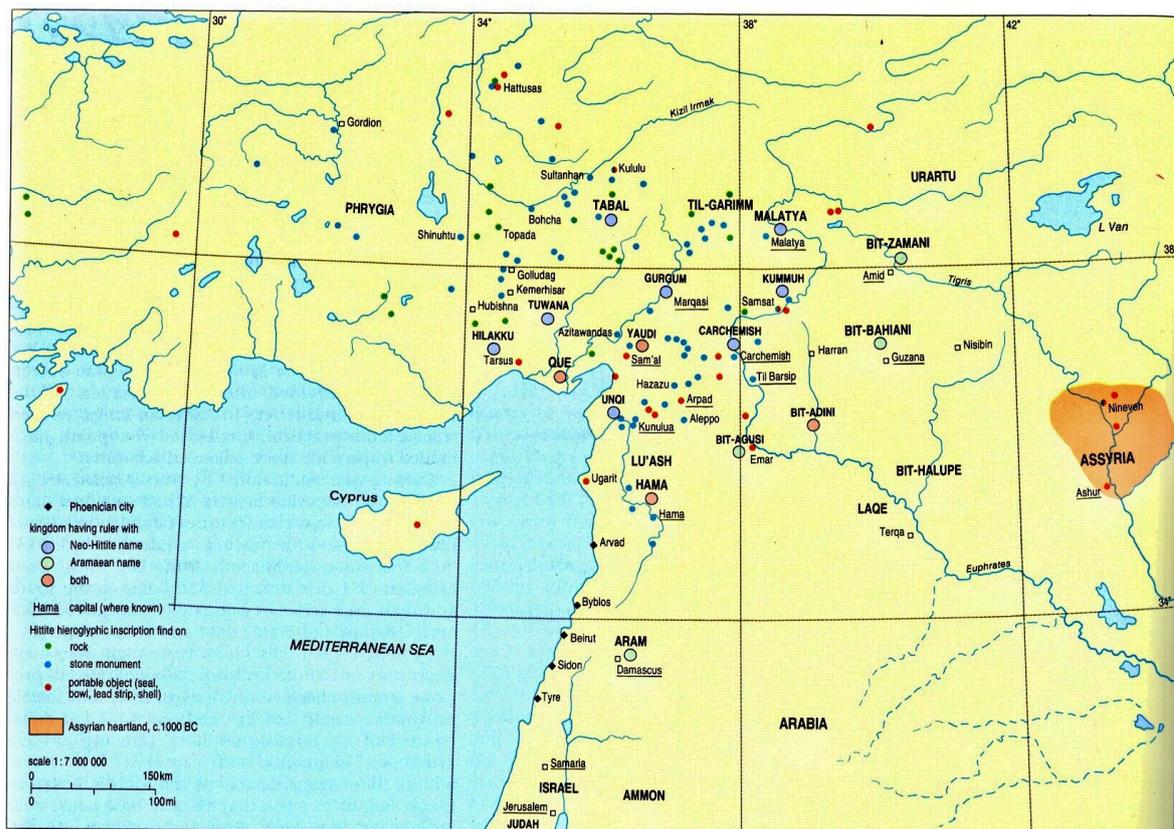


Ilustração 4 - Reinos arameus e neo-hititas em c. 1000 a.C.

Fonte: Roaf, 2004, p. 160.

Período Neo-Assírio (934 – 605 a.C.)

Na segunda metade do século X a.C. a falta de unidade entre os inimigos da Assíria a salvou da rápida destruição, mas a situação econômica da região era precária. A Assíria havia perdido todas as suas possessões a oeste do Tigre, e suas artérias vitais, as grandes rotas de comércio que corriam através do Jazirah e pelas passagens entre as montanhas, estavam em poder de estrangeiros. Povos da montanha ocupavam não apenas os montes Zagros, mas também os pés destas montanhas até a beira do vale do Tigre, enquanto tribos araméias ocupavam as terras quase até os portões de Ashur. Embora reduzida, encurralada e exposta como estava, a Assíria ainda era uma nação compacta e sólida. Suas principais cidades permaneciam livres, possuía carros de guerra, cavalos e armas, além dos melhores guerreiros do mundo, treinados ao longo de anos de constantes lutas. Acima de tudo sua linha dinástica permanecia inalterada; a coroa passava de pai para filho por mais de dois séculos. Nenhuma outra nação no fragmentado e caótico Oriente Médio de então tinha tais privilégios: a Babilônia

estava parcialmente ocupada e constantemente era saqueada por arameus; o Elam estava fora do cenário político, o Egito, estava sendo governado por príncipes estrangeiros no delta do Nilo e por sacerdotes de Amom em Tebas, permanecendo quase que sem poder; os phrygians da Anatólia e os medos e persas do Irã eram ainda povos remotos que não ofereciam competição, e na Armênia, o futuro grande rival da Assíria, Urartu,⁷⁹ ainda não havia totalmente se desenvolvido. Dentre todas estas nações à época, a assíria era sem dúvida a mais forte.

Ashur-Dan II (934 - 912 a.C.)

O reinado de Ashur-dan II, filho de Tiglath-pileser II, marca o nascimento do império neo-assírio.⁸⁰ Ele foi o primeiro rei em mais de um século a promover campanhas militares regulares. Estas foram dirigidas ao norte, nordeste e noroeste. Existe uma edição fragmentada dos anais preservada, mas datas destas campanhas são desconhecidas.⁸¹ A principal preocupação das campanhas conhecidas era os arameus; a primeira e a terceira campanha descritas nos anais foram realizadas contra eles. Na seção seguinte dos anais é descrita a invasão de Kadmukhu, no norte do vale do Tigre. Das três campanhas subseqüentes, duas se deram no norte do rio Grande Zab contra Musri e Kirriuru (Kirruru) respectivamente. As suas declarações deixam evidente que o rei sentia estar retomando o controle de territórios assírios que os arameus haviam tomado para si no passado recente. Durante seu reinado fez trabalhos de construção em dois edifícios em Ashur; o *Craftsmam Gate* e o Novo Palácio.

As atividades deste rei são um modesto início de um grande período. Ele retomou territórios perdidos durante o eclipse da Assíria e repatriou pessoas que haviam fugido durante os tempos difíceis.

Adad Nirari II (912 - 891 a.C.)

Em seu reinado foram realizadas mais campanhas que durante o reinado anterior, mesmo que este tenha durado dois anos a mais. Em direção ao oeste, o rei avançou até o rio Balikh; ao sul, até o médio rio Eufrates; ao norte, até a região do Lago Van; a leste, penetrou até as montanhas Zagros. Três versões de seus anais são conhecidas. Juntos, os anais cobrem o período desde a ascensão até o décimo-oitavo ano de

⁷⁹ Para um panorama geral sobre a civilização de Urartu, ver a obra de Pietrowiskii, 1967 e Cambridge, vol. III, parte 1, p. 314-370.

⁸⁰ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 249.

⁸¹ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 249.

reinado; sendo possível que o rei não tenha realizado nenhuma campanha nos três últimos anos de reinado. A maior parte das expedições foi contra as terras de Nairi e Khabkhu (Kirkhi ou Kilkhi), Babilônia e contra os Arameus.⁸²

Este continuou a ser um período de reafirmação de territorialidade; as terras eram recapturadas dos arameus e dos Shubraeans. Um fato significativo é a reconstrução do palácio em Apqu, na periferia da terra natal assíria. O palácio havia sido construído e mantido pelos reis do período médio assírio, e estava abandonado até então.

Tukulti-ninurta II (891 – 884 a.C.)

O reinado de Tukulti-ninurta II, filho de Adad-nirari II, marca uma breve pausa na expansão da Assíria.⁸³ Ao invés de adquirir mais terras ao império, este rei levou seus exércitos à regiões já conquistadas por seus dois predecessores, embora algumas vezes tenha ido além dos limites prévios. Em uma região, Jazirah, o rei atravessou sem que nenhuma batalha ocorresse, um sinal claro do temor que os assírios já ofereciam aos arameus e seus vizinhos.

Tukulti-ninurta II habitou em distintas épocas as cidades de Nínive e Ashur, realizando trabalhos de construção em ambas as cidades. Os trabalhos realizados em Ashur estão mais bem documentados, e incluíam uma muralha, o templo de Anu e Adad, e uma grande plataforma no Novo Palácio.

Ashurnasirpal II (884 – 859 a.C.)

Ashurnasirpal II, filho de Tukulti-ninurta II, é o primeiro grande rei do período neo-assírio. Seus três predecessores abriram caminho para que um hábil e ambicioso monarca pudesse forjar novamente um poderoso império assírio, papel este que coube a Ashurnasirpal II. A maior parte das fontes para o seu reinado vem da cidade de Kalhu (moderna Nimrud), que ele transformou de uma pequena vila em uma das maiores cidades do mundo antigo. As inscrições reais são particularmente abundantes e tem um significado especial, pois junto com um excepcional número de textos, fornecem a mais completa narrativa analística de um rei assírio até o momento. Pela primeira vez os anais descrevem campanhas individuais escritos logo após os eventos e contém muito mais detalhes do que as versões abreviadas.⁸⁴

⁸² Cambridge, vol. III, parte 1, p. 249.

⁸³ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 251; Roux, 1992, p. 283.

⁸⁴ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 253.

Este soberano manteve a prática regular de campanhas, sabendo-se que lançou ao menos catorze campanhas nos vinte e cinco anos em que esteve no poder. Aparentemente o rei não realizou campanha no ano de ascensão ao trono, mas realizou duas campanhas no seu primeiro ano de reinado (883 a.C.). Em 882 a.C. realizou campanha uma vez, duas em 881 a.C., e uma vez a cada ano entre 880 – 878 a.C. No período entre 877 até 867 a.C. ele lançou ao menos quatro campanhas. A última campanha, mencionada no estilo analítico, é a do ano de 866 a.C. Segue abaixo breve resumo das campanhas por região:

A leste, contra a região de Zamua, próxima à atual Suleimaniyah e à nascente de água do rio Diyala, nos Zagros, Ashurnasirpal lançou três campanhas, duas no ano de 881 a.C. e uma no ano seguinte. A cidade de Kalizi, cerca de sessenta quilômetros a sudoeste de Nínive, foi usada como guarnição e ponto de partida para estas expedições. As duas primeiras campanhas foram dirigidas contra Nur-Adad, sheikh da terra de Dagara, que havia se rebelado. Na primeira expedição passa através da passagem de Babbitu, saqueando e matando conforme avançava, e na segunda campanha, ele foi além do Monte Nisir, saqueando e destruindo as cidades e guarnições de Nur-Adad. No ano seguinte, 880 a.C., repete a rota, mas desta vez penetrando até o Monte Khashmar através do rio Turnat (Diyala). Seguiu além para atacar Zamru e outras cidades e daí dirigiu-se ao sul para cidade de Tukulti-Ashur-asbat. Neste ponto, o rei sente ter subjulgado Zamua, alegando ter recebido aqui sua submissão, tributos e promessa de pagamento de corvéia em forma de trabalho na cidade de Kalhu. Estabelece Dur-Ashur como um quartel-general local e entreposto.

Em direção ao norte, nordeste e noroeste, Ashurnasirpal conduziu campanhas nas regiões de Khabkhu (Kirkhi ou Kilkhi), Nairi e Urartu. A primeira expedição de seu reinado, no ano de 883 a.C. procedeu da região de Kurruru no norte do rio Grande Zab para Khabkhu, que foi saqueada e destruída. O rei erigiu uma estela no monte Eqi, em uma cidade nomeada por ele de Al-Ashur-nasir-apli. Duas outras campanhas para estas áreas seguiram até Tushkha. Na primeira, no ano de 882 a.C. Ashurnasirpal não foi além desta cidade, mas durante o retorno, menciona ter conquistado cidades de Khabkhu. Enquanto estava em Tushkha recebeu tributos de diversos reis, incluindo os reis de das terras de Nairi, e de Amme-baal de Bit-Zamani.⁸⁵

⁸⁵ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 255.

As campanhas contra o oeste somam um total de quatro, que atingiram até o rio Balikh; três durante os anos de 877 - 867 a.C. e uma em 866 a.C. Na primeira destas expedições, Kaprabu, uma cidade fortificada de Bit-Adini, foi capturada e destruída. Em uma ocasião posterior, partindo de Kalhu, o exército viajou em uma direção noroeste através de Bit-Bakhiani e Izalla (Azalla), o último local também mencionado na campanha de 882 a.C. e tributos e suprimentos foram providenciados por cada cidade. Continuando através de Bit-Adini, onde mais mantimentos e equipamentos foram adquiridos, os assírios cruzaram o Eufrates em barcas, e chegaram às terras de Carchemish. Sangara, o rei local, entregou um grande número de bens sem oferecer resistência. Em seguida entra nas terras de Patinu, onde o rei Lubarna, se submete sem oferecer resistência, entregando tributos, tropas e reféns. O exército assírio prossegue através de Patinu, cruza o rio Orontes e chega à Fenícia sem encontrar resistência. Ashurnasirpal realiza o antigo rito de lavar suas armas no Mediterrâneo e é presenteado pelas cidades costeiras fenícias de Tiro, Sidon, Biblos e pela ilha de Arwad:

*"I cleaned my weapons in the deep sea and performed sheep-offerings to the gods. The tribute of the sea coast – from the inhabitants of Tyre, Sidon, Byblos, Mahallata, Maiza, Kaiza, Amurru, and (of) Arwad which is (an island) in the sea: gold, silver tin, copper, copper containers, linen garments with multi-colored trimmings, large and small monkeys, ebony, boxwood, ivory from walrus tusk – (thus ivory) a product of the sea – (this) their tribute I received and they embraced my feet."*⁸⁶

A partir daí retorna, subindo a cordilheira de Amamus, ergue uma estela, extrai e leva madeira local para a construção de templos. Uma diferença extraordinária destes eventos é de que embora Ashurnasirpal II e seus predecessores imediatos nunca tenham penetrado nesta região antes, virtualmente nenhuma oposição foi oferecida.⁸⁷ A última campanha para o oeste descrita (866 a.C.) levou os soldados assírios através do Balikh até Khuzirina. Aqui eles receberam tributos de varias regiões incluindo Kummukhu (Commagene).

As campanhas para o sul se deram pela região dos rios Khabur e médio Eufrates. Estas regiões, que estavam submissas desde os tempos de Adad-nirari II e Tukulti-ninurta II, causaram problemas a Ashurnasirpal II devido a duas nações vizinhas, Bit

⁸⁶ Roux, 1992, p. 289 *apud* Luckenbill, 1926-27, p. 479.

⁸⁷ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 256.

Adini e Babilônia, que estavam iniciando conflitos.⁸⁸ O primeiro levante ocorreu em 883 a.C. quando Ashurnasirpal, que estava em Kadmukhu, soube de uma rebelião em Suru, uma cidade de Bit-Khalupe às margens do rio Khabur. Ele imediatamente partiu em sua direção, o que provavelmente significou uma mudança nos planos, e viajando rio Khabur abaixo, recebeu tributos de Shadikannu e Qatnu. Os nobres assustados de Suru, que haviam assassinado seu governador e o substituído por um homem de Bit-Adini, entregaram o usurpador quando da chegada de Ashurnasirpal II. Os assírios apontaram então um governador, cobraram um grande tributo, e cometeram grandes atrocidades contra os culpados.

*“To the city of Suru of Bit Halupe I drew near, and the terror of the splendour of Ashur, my lord, overwhelmed them. The chief and the elders of the city, to save their lives came forth into my presence and embraced my feet, saying: “If it is thy pleasure, slay! If it is thy pleasure, let live! That which thy heart desireth, do!” ...In the valour of my heart and with the fury of my weapons I stormed the city. All rebels they seized and delivered them up.”*⁸⁹

Enquanto estava em Suru, recebe tributos de Laqu e Khindanu, no médio Eufrates. O próximo evento registrado nos anais é o recebimento de tributos de Sukhu no ano seguinte, 882 a.C. Isto parece ter sido resultado direto da grande velocidade com a qual Ashurnasirpal II mudou o curso de sua campanha para acabar com a rebelião no vizinho de Sukhu. Mas em 878 a.C., seguindo os passos de seu pai e avô, o rei dirige uma expedição por dentre os rios Khabur e médio Eufrates, passando por locais como Shadikannu, Qatnu, Dur-aduklimmu (Dur-katlimmu), e Khindanu. Tributos eram entregues e nenhum tipo de resistência era oferecida. O quadro muda quando chegam a Sukhu. O governador desta região, suportado por auxiliares babilônicos, resistiu e foi assediado na cidade de Suru (Suru da região de Sukhu era localizada no médio Eufrates e não deve ser confundida com a cidade de Suru, da região de Bit-Khalupe no rio Khabur). De acordo com uma fonte assíria, a cidade foi tomada, saqueada e arrasada e uma estela erguida em meio às ruínas. Estes eventos apontam claramente para a Babilônia como principal elemento nos distúrbios contra Ashurnasirpal nesta região.⁹⁰

⁸⁸ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 256.

⁸⁹ Roux, 1992, p. 289 *apud* Luckenbill, 1926-27, p. 443.

⁹⁰ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 257.

Entretanto, o principal conflito no médio Eufrates ocorreu em algum momento entre os anos de 877 a 867 a.C. Chegaram a Kalhu as notícias de que Laqu, Khindanu e Sakhu haviam se rebelado. Fazendo uso de balsas feitas de pele de cabra construídas especialmente em Suru, as margens do rio Khabur, Ashurnasirpal II cruzou o Eufrates e se engajou na batalha contra a coalizão. Os assírios declararam uma vitória, e prosseguiram para destruir as cidades dos rebeldes. Um chefe de Laqu, Azi-ili, ofereceu resistência, mas foi localizado e perseguido até as cidades de Bit-Adini, na direção do Monte Bisuru (Jebel Bishri). Esta penetração em Bit-Adini era motivo de punição e foi a razão da campanha contra Bit-Adini acima descrita. Bit-Adini claramente estava por detrás a insurreição de Suru em 883 a.C. O motivo pela junção de Bit-Adini e da Babilônia nesta região foi provavelmente defensiva. Mas enquanto Ashurnasirpal II deixou a Babilônia só, Bit-Adini, como visto, se transformou no alvo principal. Não se soube de mais outro conflito ao longo do rio Khabur e médio Eufrates registrado em seu reinado.

As campanhas realizadas ao longo do reinado de Ashurnasirpal coincidem com o território dentro das fronteiras tradicionais do império, ou seja, durante período médio-assírio. As únicas notáveis exceções são a conquista de Zamua e a expedição para o Mediterrâneo. Estes dois casos são distintos, a conquista de Zamua foi o resultado de insistente intervenção militar e a campanha do Mediterrâneo significou principalmente um “desfile pacífico” das tropas assírias e o recebimento de bens se deu mais na forma de presentes do que tributos, ficando estas cidades completamente independentes, sem relação de vassalagem com a Assíria.⁹¹

Resistência foi encontrada pelo exército assírio na maioria das regiões, onde as vítimas buscavam meios de retardá-los ou brecá-los. Alguns tentaram incitar desafeições entre os vizinhos que já haviam sido subjugados. Este foi o caso de Bit-Adini que provocaram problemas ao longo do médio Eufrates e do Khabur. Outros se uniam em um ponto fortificado esperando deter o avanço assírio; este foi o método adotado pelo povo de Zamua sob o comando de Nur-Adad na passagem de Babbitu. O maior fator por detrás da crescente resistência foram os pesados tributos, tanto financeiros e de mão-de-obra exigidos por Ashurnasirpal dos povos conquistados.

⁹¹ Liverani, 2004, p. 220. Este autor nota que na inauguração da nova capital e do Palácio Nordeste em Kalhu, os Estados que não faziam parte do território controlado no período médio-assírio, dentro da chamada “*traditional border*”, Estados chamados por ele “*outer states*” (Suhu, Hindanu, Patinu, Hatti, Tiro, Sidon, Gurgum, Malidu, Gilzanu, Hubushkia, Kumme e Musasir) enviaram seus representantes e embaixadores devido a um convite oficial, de natureza pacífica e cerimonial.

Este fator pode ser apontado hoje como a principal fraqueza da política de Ashurnasirpal. No seu reinado desenvolvem-se duas fontes de futuros problemas para o império neo-assírio: Urartu e Babilônia.

Os detalhados registros preservados para o período fornecem informações sobre assuntos administrativos e militares. Os primeiros sinais reais consistentes de administração provincial aparecem no reinado de Ashurnasirpal II. Desde o reinado de Adad-Nirari as colheitas eram armazenadas em depósitos para uso em futuras campanhas; Ashurnasirpal II aumentou consideravelmente o número destes centros, fortificou e apontou governadores para eles. A idéia de que um tipo e montante fixo de tributo a ser regularmente pago são aparentes. A estrutura básica da administração provincial é aqui aparente.

Um dos mais significativos eventos de seu reino foi a completa reedificação de uma nova capital, Kalhu. Nínive gozava da presença real no início do reinado, mas a desde a campanha de 878 a.C. que partiu de Kalhu, esta última permanece a residência preferida de Ashurnasirpal II até sua morte. Tanto as fontes materiais como textuais indicam que Ashurnasirpal II reconstruiu completamente a cidade. Para tanto, empregou um grande número de trabalhadores; todos os povos sob jugo dos assírios eram obrigados a corvéia, e os povos revoltosos eram transportados à assíria para realizar trabalhos forçados. A cidade era circundada por uma muralha, um canal foi aberto, pomares foram plantados com enorme variedade de espécies e um zoológico foi criado. Um dos maiores projetos foi a construção do Palácio Nordeste (ver abaixo) onde as salas eram decoradas com placas de pedra carregando relevos e inscrições. Um templo e um zigurate foram construídos para o deus Ninurta, além de diversas edificações para outras divindades. Quando o palácio foi inaugurado, dignitários de diversas regiões foram convidados para as cerimônias conforme mostra o texto que descreve o banquete comemorativo oferecido por Ashurnasirpal escrito em primeira pessoa:

“[This is] the palace of Ashurnasirpal, the high priest of Ashur, ... the legitimate king, the king of the world, the king of Assyria, ... the heroic warrior who always acts upon trust- inspiring signs given by his lord Ashur and [therefore] has no rival among the rulers of the four quarters [of the world]; the shepherd of all mortals, not afraid of battle [but] an onrushing flood which brooks no resistance; the king who subdues the unsubmitive [and] rules over all mankind; the king who always acts upon

trust-inspiring signs given by his lords, the great gods, and therefore has personally conquered all countries; who has acquired dominion over the mountain regions and received their tribute; he takes hostages, triumphs over all the countries from beyond the Tigris to the Lebanon and the Great Sea, he has brought into submission the entire country of Laqe and the region of Suhu as far as the town of Rapiqu; personally he conquered [the region] from the source of the Subnat River to Urartu....

I took over again the city of Calah [Kalhu] in that wisdom of mine, the knowledge which Ea, the king of the subterranean waters, has bestowed upon me, I removed the old hill of rubble: I dug down to the water level; I heaped up a [new] terrace [measuring] from the water level to the upper edge 120 layers of bricks; upon that I erected as my royal seat and for my personal enjoyment 7 beautiful halls [roofed with] boxwood, Magan-ash, cedar, cypress, juniper, boxwood and Magan-ash with bands of bronze; I hung them in their doorways; I surrounded them [the doors] with decorative bronze bolts; to proclaim my heroic deeds I painted on [the palaces'] walls with vivid blue paint how I have marched across the mountain ranges, the foreign countries and the seas, my conquests in all countries; I had lapis lazuli colored glazed bricks made and set [them in the wall] above their gates. I brought in people from the countries over which I rule, those who were conquered by me personally, [that is] from the country Suhi [those of] the town Great [?], from the entire land of Zamua, the countries Bit-Zamani and [Kir]rure, the town of Sirqu with is across the Euphrates, and many inhabitants of Laqe, of Syria and [who are subjects] of Lubarna, the ruler of Hattina; I settled them therein [the city of Calah].

I dug a canal from the Upper Zab River; I cut [for this purpose] straight through the mountains[s]; I called it Patti- hegalli ["Channel-of-Abundance"]; I provided the lowlands along the Tigris with irrigation; I planted orchards at [the city's] outskirts, with all sorts of fruit trees.

I pressed the grapes and offered [them] as first fruits in a libation to my lord Ashur and to all the sanctuaries of my country. I [then] dedicated that city to my lord Ashur.

[I collected and planted in my garden] from the countries through which I marched and the mountains which I crossed, the trees [and plants raised from] seeds from wherever I discovered [them, such as]: cedars, cypress, simmesallu-perfume trees, burasu-junipers, myrrh-producing trees, dapranu-junipers, nut-bearing trees, date palms, ebony, Magan-ash, olive trees, tamarind, oaks, tarpi'u-terebinth trees, luddu-nut-bearing trees,

pistachio and cornel-trees, mehru-trees, semur-trees, tijatu- trees, Kanish oaks, willows, sadanu-trees, pomegranates, plum trees, fir trees, ingirasu-trees, kamesseru-pear trees, supurgillu-bearing trees, fig trees, grape vines, angasu-pear trees, aromatic sumlalu-trees, titip-trees.... In the gardens in [Calah] they vied with each other in fragrance; the paths [in the garden were well kept], the irrigation weirs [distributed the water evenly]; its pomegranates glow in the pleasure garden like the stars in the sky, they are interwoven like grapes on the vine; ...in the pleasure garden...in the garden of happiness flourished like [cedar trees]....

I erected in Calah, the center of my overlordship, temples such as those of Enlil and Ninurta which did not exist there before; I rebuilt in it the [following] temples of the great gods.... In them I established the [sacred] pedestals of these, my divine lords. I decorated them splendidly; I roofed them with cedar beams, made large cedar doors, sheathed them with bands of bronze, placed them in their doorways. I placed representations made of shining bronze in their doorways. I made [the images of] their great godheads sumptuous with red gold and shining stones. I presented them with golden jewelry and many other precious objects which I had won as booty....

I organized the abandoned towns with during the rule of my fathers had become hills of rubble, and had many people settle therein; I rebuilt the old palaces across my entire country in due splendor; I stored in them barley and straw....

When Ashurnasirpal, king of Assyria, inaugurated the palace of Calah, a palace of joy and [erected with] great ingenuity, he invited into it Ashur, the great lord and the gods of his entire country, [he prepared a banquet of] 1000 fattened head of cattle, 1000 calves, 10000 stable sheep, 15000 lambs -- for my lady Ishtar [alone] 200 head of cattle [and] 1000 sihu-sheep -- 1000 spring lambs, 500 stags, 500 gazelles, 1000 ducks, 500 geese, 500 kurku-geese, 1000 mesuku-birds, 1000 qaribu-birds, 10000 doves, 10000 sukanunu-doves, 10000 other [assorted] small birds, 10000 [assorted] fish, 10000 jerboa, 10000 [assorted] eggs,...10000 [jars of] beer, 10000 skins with wine, ...1000 wood crates with vegetables, 300 [containers with] oil, ...100 [containers with] fine mixed beer, ...100 pistachio cones,

When I inaugurated the palace at Calah I treated for ten days with food and drink 47074 persons, men and women, who were bid to come from across my entire country, [also] 5000 important persons, delegates from the country Suhu, from Hindana, Hattina, Hatti, Tyre, Sidon, Gurguma,

*Malida, Hubushka, Gilzana, Kuma [and] Musasir, [also] 16000 inhabitants of Calah from all ways of life, 1500 officials of all my palaces, altogether 69574 invited guests from all the [mentioned] countries including the people of Calah; I [furthermore] provided them with the means to clean and anoint themselves. I did them due honors and sent them back, healthy and happy, to their own countries.”*⁹²

Entretanto, os outros centros urbanos não foram negligenciados. Trabalhos ocorreram no templo de Ishtar, Adad e Bit-natkhi em Niníve, Em Ashur, os templos de Sin e Shamash foram reparados. Parte remanescente dos portões de Imgur-Emliel (Balawat) e inscrições em relevos de pedra do mesmo local mencionam trabalhos nos templos do deus Mamu. Ashurnasirpal também realizou trabalhos no palácio de Apqu.

Resumindo, o grande plano de Ashurnasirpal foi o de restabelecer a completa soberania assíria sobre todas as terras que já haviam pertencido a ela no passado nos reinados de Tukulti-ninurta I e Tiglath-Pileser I. O plano de Ashurnasirpal II foi concebido e já havia sido parcialmente realizado pelos seus predecessores Ashur-dan II, Adad-nirari II e Tukulti-ninurta II.⁹³

No final de seu reinado, o soberano dominava de seu novo palácio em sua nova capital um império em um território claramente definido (ver a ilustração 5).

⁹² Oppenheim, 1969, p. 558-561.

⁹³ Liverani, 2004, p. 220.

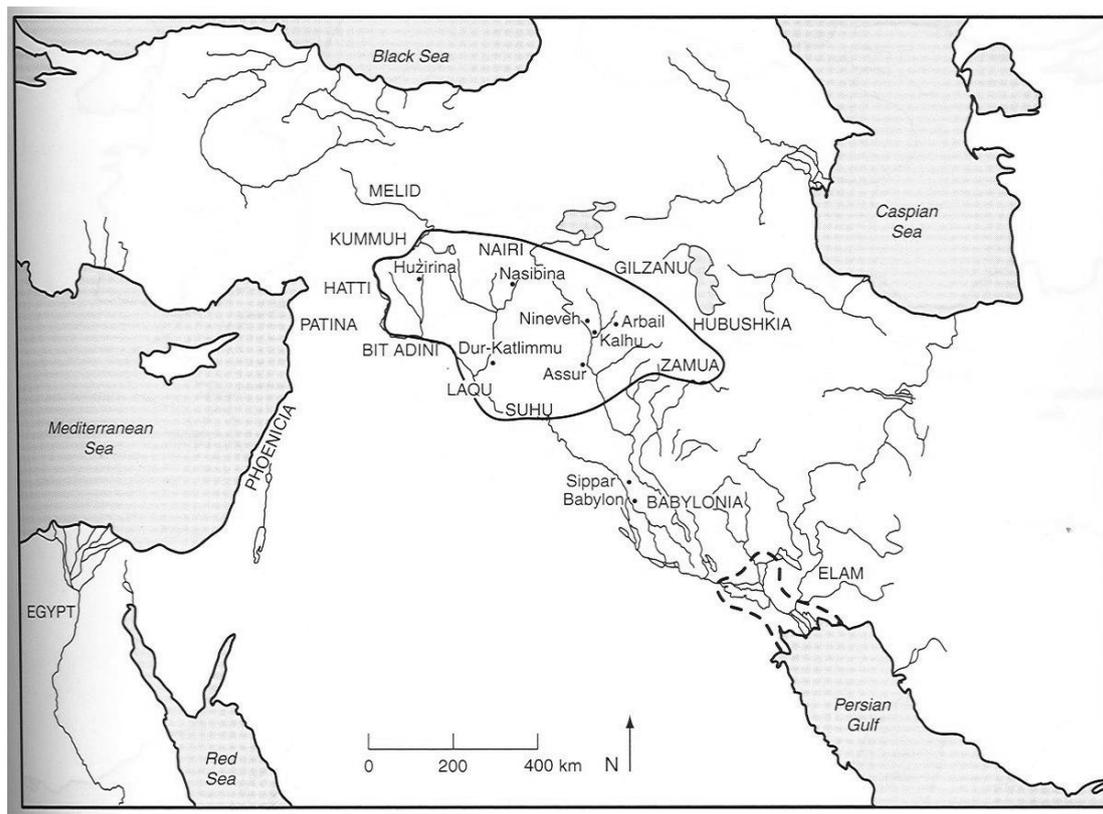


Ilustração 5 - Extensão do império assírio em 860 a.C. A linha tracejada mostra a linha costeira do Golfo Pérsico no período.

Fonte: Alcock, S., 2005, p. 375.

Shalmaneser III (859-824 a.C.)

A extensão e a razão das campanhas militares de Shalmaneser são distintas das de seu antecessor e pai.⁹⁴ Enquanto Ashurnasirpal II realizou campanhas em áreas onde reis assírios anteriores já haviam estado, com exceção de Zamua, Shalmaneser realizou campanhas em áreas nunca antes conhecidas. As fontes escritas para o período são abundantes, e trinta e quatro campanhas são conhecidas e datáveis.⁹⁵ As mais importantes áreas de expansão militar foram para o norte e oeste e os principais inimigos foram o reino de Urartu e a coalizão de Damasco. A seguir breve descritivo das campanhas para oeste:

A primeira expedição para oeste, em 858 a.C. foi ambiciosa. Shalmaneser cruzou os rios Eufrates e Orontes chegando ao Mediterrâneo. A rota foi similar a realizada por Ashurnasirpal, entretanto Shalmaneser encontrou significativa oposição. Em dois

⁹⁴ Liverani, 2004, p. 214.

⁹⁵ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 259.

pontos enfrentou coalizões do oeste: em Sam'al os aliados eram Sam'al, Patinu, Bit-Adini e Carchemish e em Alisir (Alimush), além destes já mencionados, haviam Que, Khilakku e Yasbuqu. Somente Kummukhu e Gurgumu ofereceram tributos livremente e após a derrota dos aliados, por Bit-Agusi (Arpad). Mesmo durante seu caminho em direção ao Eufrates, Shalmaneser foi obrigado a usar as forças contra as primeiras cidades de Bit-Adini. No ano seguinte, 857 a.C., uma campanha na mesma direção continuou tendo que fazer uso de força; Til-Barsip, uma cidade de Bit-Adini, as margens do Eufrates, Dagibu e Sazabe, uma fortaleza de Carchemish, foram sitiadas e invadidas e a oposição destruída. Tributo foi oferecido e taxas anuais impostas a área que incluía Patinu, Sam'al, Bit-Agusi, Carchemish, e Kummukhu; os outros aliados do ano anterior não estão incluídos, nem Gurgumu, que pagou tributo em 857 a.C. Shalmaneser pareceu então satisfeito com a situação ao longo do Eufrates, e na campanha de 856 a.C., criou diversos centros administrativos na região, que ficou conhecida como a província de Bit-Adini. Os centros incluíam Til-Barsip, renomeada Kar-Shalmaneser, e uma cidade no Eufrates chamada Pitura (Pitru) e renomeada Ashur-uter-asbat. Shalmaneser então fez campanhas no alto rio Tigre ao invés do rio Eufrates implicando que o tributo anual imposto no ano anterior foi novamente pago.

A ambição de Shalmaneser era de expandir além, em direção a Síria, e suas conquistas e centros administrativos na curva do Eufrates ofereciam um posto avançado. Na direção sul, ele enfrentou forte resistência na forma de coalizões de Estados centrais e do sul da Síria e estas persistentes resistências iriam envolvê-lo em dez campanhas distribuídas durante a maior parte de seu reinado. A primeira destas, em 853 a.C. começou de modo promissor. O exército seguia a rota usual e tributo foi recebido em Ashur-uter-asbat de Carchemish, Kummukhu, Bit-Agusi, Melid(ia), Sam'al, Patinu e Gurgumu. Shalmaneser seguiu para Khalman (Aleppo) que se submeteu sem lutas e depois para as cidades pertencentes a Hamath que foram saqueadas e roubadas. Mas a oposição para o avanço assírio estava sendo preparado, e em Qarqar no rio Orontes Shalmaneser foi confrontado por uma grande força aliada. A coalizão de doze reis, na qual o líder era Adad-idri de Damasco e Irkhuleni de Hamath, incluía tropas de Ahab de Israel, de Gindibu o árabe, de Biblos, do Egito, e de Arwad.⁹⁶ Fontes assírias descrevem que o inimigo possuía 4000 carros de guerra, 2000 cavalos, mais de 40000 soldados e 1000 camelos. Shalmaneser alega ter

⁹⁶ Esta aliança passou a ser conhecida como Coalizão de Damasco.

derrotado-os e matado a todos enquanto batiam em fuga. Deve-se ser cético com relação às afirmações dos assírios e o resultado final real da batalha de Qarqar é discutível.⁹⁷ Por outro lado, outras três batalhas foram lutadas contra a coalizão de Damasco, em 849, 848 e 845 a.C., o que indica que provavelmente não haviam sofrido derrota total. De fato, parece que continuaram tendo força suficiente para encorajar outros a resistir contra os assírios; em 849 e 848 a.C. Shalmaneser precisou tomar bens a força das cidades de Carchemish e Bit-Agusi embora estes mesmos Estados tenham pago tributos livremente em 853 a.C., pouco antes da batalha de Qarqar.

Shalmaneser, insatisfeito com o resultado, concentrou em sua ação contra a coalizão de Damasco tanto quanto possível até 845 a.C.⁹⁸ Neste ano, os Estados imediatamente a oeste do rio Eufrates parecem ter sido totalmente subjulgados. Não há mais referências sobre atos hostis nesta região até a rebelião de Patinu em 831; de fato, em 842, 840 e 838 a.C. os assírios gabaram-se ter recebido tributos do rei de Khatti, cortado cedros no monte Amanus e tirado tempo para caçar. Então Shalmaneser teve tempo para tentar novamente a penetração do sul da Síria. Formou um grande exército de 120000 homens, cruzou o Eufrates e declarou vitória sobre a coalizão de Damasco. A coalizão nunca mais foi mencionada, e quatro anos mais tarde, em 841 a.C., desaparece dos registros. Entretanto, houve uma mudança de comando em Damasco entre 845 e 841 a.C.: Adad-idri foi substituído por Hazael e parece que o pacto, tendo um caráter pessoal, foi automaticamente dissolvido. Certamente os assírios não foram além da Síria imediatamente após a batalha de 845 a.C. Não há então, provas a favor ou contra as afirmações de vitória assíria em 845 a.C. e a dissolução da coalizão de Damasco pode ter sido um evento independente. Qualquer que seja a razão, em 841 a.C. a coalizão de Damasco não era o principal obstáculo à expansão assíria para o sul da Síria.

Em 841, Hazael de Damasco, frente ao avanço assírio, tomou posições em um pico da região montanhosa na base de cadeia de montanhas do Líbano.⁹⁹ Os assírios ganharam a posição fortificada, mas Hazael escapou e foi perseguido e sitiado em Damasco. Shalmaneser cortou os pomares, e queimou os campos da redondeza, mas

⁹⁷ O único fator que indica que a afirmação assíria é verdadeira é a descrição, na mesma fonte, de que após a batalha o exército assírio se dirigiu para o Mediterrâneo. Ver maiores detalhes em Cambridge, vol. III, parte 1, 1982, p. 261.

⁹⁸ Cambridge, vol. III, parte 1, 1982, p. 262.

⁹⁹ Cambridge, vol. III, parte 1, 1982, p. 262.

não está registrado se Hazael capitulou. Desta forma, embora Damasco não tenha caído, Shalmanaser pôde ter continuado e destruído as cidades do monte Hauran e depois erigido uma estela em Monte Ba'li-ra'si (Carmel). Ele recebeu tributo de Tiro, Sidon e de Jehu (Yaua), rei de Israel. Em 838 a.C. ele tornou sua atenção em direção ao sul da Síria pela última vez: ele saqueou cidades de Damasco e recebeu tributos de Tiro, Sidon e Biblos.

Quando Shalmaneser levou suas campanhas do sul da Síria a uma conclusão favorável sua atenção voltou-se além, para o oeste e norte, na Anatólia. Em 839 a.C., um ano após sua primeira incursão lucrativa ao sul da Síria, ele cruzou o Eufrates, “passou em revista” todos os reis de Khatti, atravessou os Amanus e invadiu Que (Cilícia). Cidades foram destruídas e *stelae* erigidas. Em 837 a.C., após receber tributos dos reis de Khatti através do Eufrates, ele se aventurou para mais ao norte, aceitando tributos de Melid e penetrou em Tabal, onde ele arrasou cidades e recebeu tributos de seus reis. Ele cruzou o Monte Tunni, a “montanha de prata”, e o Monte Muli, a “montanha de alabastro” indo até as terras de Kubushna. No ano seguinte, 836 a.C., ele novamente atacou as cidade de Melid e Tabal. Dois anos depois, em 834 a.C. ele retomou o ataque a Que. Recebendo, como de costume, tributos de Khatti, ele cruzou os Amanus, invadiu Que, e atacou a cidade real de Timur. Esta, juntamente com outras cidades foi tomada e saqueada. Em seu retorno, estabelece uma guarnição em Muru, uma cidade real de Bit-Agusi. A destruição de Que por esta série de campanhas teve o efeito desejado. Na quarta e última invasão de Shalmaneser, em 833 a.C., ele encontrou pouca resistência e saque foi obtido de diversas cidades, incluindo Tarzu (Tarsus). Kate, chefe de Que, foi levado à Assíria e substituído por seu irmão, Kirri. Esta parece ser a última campanha registrada de Shalmaneser e quase o fim de seu reinado. A última expedição subsequente a cruzar o Eufrates se deu em 831 a.C. com o intuito de sufocar uma rebelião em Patinu. Lubarna II havia sido assassinado e um usurpador chamado Surri colocado no trono. Quando o exército assírio surgiu no portão da capital, Kinalua, os temerosos habitantes entregaram os rebeldes. Valiosos bens foram entregues, uma estela foi erigida em um templo e um novo rei apontado.¹⁰⁰

O foco das campanhas ao norte era o reino de Urartu. A primeira agressão a este reino se deu por parte da Assíria. Em seu ano de ascensão, no último ano de reinado de seu

¹⁰⁰ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 263.

pai, 859 a.C., Shalmaneser, viajando no noroeste, atacou Khubushkia e derrotou o rei de Nairi em uma batalha. Em seguida ele sitiou Sagunia, uma cidade real de Arame, saqueando-a juntamente com outras cidades da região. Seguiu para o “Mar de Nairi” onde lavou suas armas nas águas, fez sacrifícios e erigiu uma estela. No retorno, recebeu tributo de Gilzanu.

Em 856 a.C., procedeu em direção ao coração das terras de Urartu. A campanha varreu Urartu de oeste a leste. Partindo de Kar-Shalmaneser (Til-Barsip), ele passou através de Bit-Zamani e destruiu as terras de Enzite. Atravessando o rio Arsanias, o rei assírio deixou um rastro de destruição através de Sukhume (Sukhne) e Dayaenu e ganhou a parte norte do Lago Van. Aqui ele sitiou Arzashkun, uma cidade real de Arame; Arame foi derrotada, suas cidades, incluindo Arzashkun, destruídas e uma estela erigida no Monte Eritia. O exército continuou sua caminhada e ao atingir o “Mar de Nairi” as cerimônias de costume foram realizadas. Gilzani ofereceu novamente, de forma livre, tributos, mas Khubushkia foi de novo saqueada. Shalmaneser completou o circuito usando a passagem de Kirruru e emergindo em Arba’il (Arbela). A grande varredura realizada foi um sucesso, mas que não haveria de se repetir.

Durante a década seguinte, o rei estava preocupado com a expansão para o oeste, e neste período fez apenas uma ocasional incursão em direção à Urartu.¹⁰¹ Em 844 a.C., após a batalha contra a coalizão de Damasco, ele novamente se aventurou em uma nova expedição contra o território de Urartu. Saindo em direção nordeste, ele erigiu uma estela comemorativa na nascente do rio Tigre. Seguiu até a nascente do rio Eufrates, deixando em seu caminho cidades saqueadas em Arame. O rei de Dayaenu trouxe a ele tributos e uma estela foi erguida em sua cidade. Seguindo pelo Eufrates em direção ao sul, ele conquistou cidades de Sukhne (Sukh(u)me) e Alzi, recebeu tributos de Melid e erigiu uma outra estela. A estratégia por detrás desta expedição parece ter sido fortalecer a posição assíria no oeste; certamente foi seguida por uma série de outras campanhas para o oeste, e os assírios não retornaram à fronteira norte até 832 a.C.¹⁰²

¹⁰¹ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 264.

¹⁰² Cambridge, vol. III, parte 1, p. 265.

O ano de 832 a.C. marca o início de uma seqüência de cinco campanhas (832, 830, 829, 828, 827 a.C.) em direção à Urartu, interrompida somente pela supressão de uma rebelião no oeste 831 a.C.¹⁰³

Duas outras campanhas faltam ser discutidas, realizadas contra a Babilônia. Um fato significativo com relação ao reinado de Ashurnasirpal foi o fato de que ele não realizou campanhas contra esta região e seria de imaginar que seu filho seguiria a mesma posição se as circunstâncias permitissem. Havia tratados entre Shalmaneser e os sucessivos reis babilônicos, Nabu-apla iddina e Marduk-zakir-shumi I. Os termos do tratado entre ambos são desconhecidos, mas à luz dos eventos seguintes, eles parecem ter incluído a garantia da coroa babilônica.¹⁰⁴ A posição de Marduk-zakir-shumi foi desafiada pelo seu irmão Marduk-bel-usati, que forçou uma partilha das terras. Shalmaneser, embora ocupado com seus planos de expansão para norte e oeste, não deixaria que estes eventos ocorressem na Babilônia sem sua intervenção. Em 851 a.C. ele atende ao pedido de ajuda de Marduk-zakir-shumi. A região sob controle de Marduk-bel-usati incluía a região do Dyala e Shalmaneser, ao cruzar o rio Pequeno Zab, invadiu o seu território e o sitiou em Gannanati. A cidade não caiu e os assírios só puderam destruir os pomares e campos. No início do ano seguinte, 850 a.C., os assírios seguiram a mesma rota até Gannanati e descobriram que o rebelde havia fugido. Gannanati foi tomada e o rebelde perseguido até Arman. A cidade caiu e Marduk-bel-usati foi morto na luta. A rebelião foi suprimida e Shalmaneser procedeu para comemorar e colher os frutos de sua intervenção. Ele viajou para a Babilônia, Borsippa e Cutha para oferecer oferendas às suas divindades e regalou os babilônicos com presentes em um banquete. Antes de retornar à Assíria, ele atacou e saqueou tribos caldeias ao longo do Golfo Pérsico e do rio Eufrates.¹⁰⁵

* * *

O programa político de Shalmaneser comparado com o de Asurnasirpal II foi diferente e mais ambicioso. Graças ao trabalho tenaz e efetivo de seus antecessores ele tinha a sua disposição uma forte e unida Assíria. Desta forma ele decide se aventurar para fora das fronteiras tradicionais e conquistar o mundo. Suas tentativas tiveram sucesso em várias direções: no norte e centro da Síria, na Babilônia e no platô

¹⁰³ Para maiores detalhes sobre estas campanhas ver Cambridge, vol. III, parte 1, p. 265-266.

¹⁰⁴ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 266-267.

¹⁰⁵ Cambridge, vol. III, parte 1, p. 267.

Iraniano. Seu projeto foi continuado por Adad-nirari III e por Tiglath-pileser III, embora a crise interna (827-744 a.C.) tenha retardado a realização completa. A crise se originou no crescimento, e foi em parte gerada pelo próprio arranjo que Shalmaneser deu a estrutura interna do Estado assírio. Levaria mais de um século, até o reinado de Tiglath-pileser III, para que fossem reduzidas as ambições dos governadores de buscarem políticas independentes e vantagens pessoais.¹⁰⁶

O fim do longo reinado de Shalmaneser foi escurecido por sérias desordens internas. Um de seus filhos Ashurdaninaplu se revoltou, e com ele, vinte e sete cidades, incluindo Ashur, Nínive, Arba'il (Erbil) e Arrapha (Kirkuk) O rei, que então raramente saía de seu palácio em Kalhu, confiou a outro filho, Shamshi-Adad, a tarefa de reprimir a revolta, e por quatro anos a Assíria esteve em espasmos de guerra civil. A guerra ainda estava ocorrendo quando Shalmaneser morreu e Shamshi-Adad V ascendeu ao trono em 824 a.C. Com o novo rei começa um período de estagnação assíria que duraria por quase um século.¹⁰⁷

Shamshi-Adad V (824-811 a.C.)

Shamshi-Adad levou cinco anos para terminar com a revolta e o restante de seu reinado para reafirmar sua autoridade sobre os babilônios e os governantes dos Estados vassallos das regiões montanhosas do norte e oeste que tiraram vantagem da guerra civil para deixar de pagar tributos. No final paz e ordem foram restabelecidas, mas como nenhuma mudança drástica ocorreu no governo central e nas provinciais, permaneceu assim o mal estar que ocasionou surtos de violência e revolta nos anos seguintes. Esta permanente instabilidade, combinada com outros fatores tais como a falta de força de alguns dos sucessores de Shamashi-Adad e o crescente poder adquirido pelo reino rival de Urartu, foram os fatores que levaram ao temporário período de fraqueza da Assíria durante a primeira metade do século VIII a.C.

Adad-nirari III (811-783 a.C.)

Nos seus primeiros anos de governo, invadiu a Síria (806 a.C.) e impôs taxas e tributos sobre os neo-hititas, fenícios, filisteus, israelitas e edomitas. Tendo sucesso onde seu avô falhou, entra em Damasco e recebe de Bem-Hadad III bens em enorme quantidade. Da mesma maneira, de acordo com suas inscrições, os medos e persas do

¹⁰⁶ Liverani, 2004, p. 220.

¹⁰⁷ Roux, 1992, p. 299.

Irã foram trazidos à submissão enquanto que os reis de Kaldu se tornaram vassalos. Mas estes foram apenas incursões e não conquistas. Sua morte prematura marca o início de um longo período de declínio assírio. Adad-nirari III teve quatro filhos que reinaram em sucessão.

Shalmaneser IV (783-773 a.C.)

Muito pouco do governo do primeiro filho de Adad-Nirari II a se tornar rei é conhecido.¹⁰⁸ Entretanto sua autoridade parece ter sido singularmente limitada uma vez que seu comandante em chefe Shamshi-ilu, em uma inscrição encontrada em Til Barsip comemora suas vitórias sobre os Urarteus sem mesmo mencionar o nome do rei, um fato sem precedentes nos registros assírios.

Ashur-dan III (773-755 a.C.)

O reinado de seu segundo filho, Ashur-dan III, foi marcado por uma série de campanhas sem sucesso na Síria central e na Babilônia, uma epidemia de praga e revoltas em Ashur, Arrapha (Kirkuk) e Guzana (Tell Halaf).

Ashur-nirari V (755-745 a.C.)

O terceiro filho de Adad-nirari II a reinar, Ashur-nirari raramente ousava sair do palácio e foi provavelmente morto durante uma revolução ocorrida em Kalhu, que colocou no trono Tiglath-Pileser III, um homem cujos laços sanguíneos com a família de Adad-nirari são controversos e que deve ter sido um usurpador.¹⁰⁹

Tiglath-pileser III (745 – 727 a.C.)

A Assíria encontrou neste soberano o vigor e a inteligência necessária para remediar a situação em que a nação vivia. Ele aniquilou os aliados sírios de Urartu e os medos e tornou suas terras subjugadas em possessões assírias. O exército foi reorganizado e foi realizada a tão esperada reforma administrativa que trouxe à Assíria a paz necessária. De todos os pontos de vista Tiglath-pileser deve ser considerado o grande reformador da estrutura administrativa e burocrática imperial assíria.¹¹⁰ A reforma administrativa iniciada 738 a.C. teve como objetivo fortalecer a autoridade real e reduzir o poder excessivo obtido pelos grandes governadores. As nações conquistadas pelo rei foram quando possível ou necessário desprovidas de seus governantes locais e transformadas

¹⁰⁸ Roux, 1992, p. 302.

¹⁰⁹ Roux, 1992, p. 303.

¹¹⁰ Roux, 1992, p. 305.

em províncias. Um sistema muito eficiente de comunicação entre a metrópole e as províncias foi estabelecido.

Outra iniciativa adotada pelo rei foi a prática de deportação em massa, que tinha como objetivo punir rebeldes ou prevenir rebeliões. Esta prática foi ocasionalmente mostrada em cenas nos relevos assírios.

A primeira campanha do rei se dirigiu ao sul, até o rio Uknu (Kerkha), aliviando a pressão dos arameus sobre a Babilônia, lembrando assim que o rei da Assíria continuava a ser o protetor do rei babilônico. Depois Tiglath-pileser atacou a Síria, contra uma coalizão de príncipes neo-hititas e arameus liderados pelo príncipe de Arpad (atual sítio de Tell Rif'at), que obedecia às ordens de Sardur III, o poderoso rei de Urartu. Sardur correu para ajudar seus aliados, mas foi derrotado perto de Samsat, no Eufrates e fugiu para nunca mais ser visto. Arpad foi sitiada após três anos tomada, tornando-se a principal cidade de uma província assíria (741 a.C.). Neste meio tempo, uma vitoriosa campanha contra Azriyau, rei de Sam'al, e seus aliados da costa síria, resultou na anexação do noroeste da Síria e provavelmente da Fenícia (742 a.C.) O ponto de partida destas expedições foi Hadatu, moderna Arslan Tash, entre Carchemish e Harran, onde foi escavado um dos palácios provinciais de Tiglath-pileser.

As campanhas a leste foram duas, em 737 a.C. e 736 a.C. A maior parte do Zagros central foi trazida ao controle assírio, e uma expedição foi lançada contra o platô iraniano, nas terras ocupadas pelos Medos, até o Monte Bikni (Demavend) e o “deserto de sal”, à sudoeste de Teerã. Nunca antes um exército assírio foi tão longe nesta direção. Remanescentes de um palácio provincial do rei em Tepe Giyan, próximo Nihavend e uma estela encontrada no Irã, atestam o interesse do rei pela região do Irã. Mais tarde, em 735 a.C. um ataque foi realizado diretamente contra Urartu e a capital Tushpa (Van) foi sitiada sem sucesso.¹¹¹

Em 734 a.C. Tiglath-pileser retornou à costa do Mediterrâneo onde a situação não estava calma. Tiro e Sidon estavam impacientes devido às restrições impostas pelos assírios nas exportações de madeira para a Filistina e Egito; as tropas tiveram de intervir. Uma coalizão anti-assíria foi formada compreendendo todos os reinos da Palestina e Trans-Jordânia tendo como líder os governantes Filisteus de Ascalon e

¹¹¹ Roux, 1992, p. 309.

Gaza. Os rebeldes foram derrotados e os reinos de Amom, Edom, Moab e Judah pagaram tributos. Dois anos mais tarde, Ahaz, rei de Judah, pressionado por Damasco e Israel, pediu ajuda aos assírios. Tiglath-pileser tomou Damasco, anexou metade de Israel e estabeleceu Hoshea como rei em Samaria (ver ilustração 6).

Enquanto isto, uma série de golpes de estado ocorriam na Babilônia após a morte de Nabû-nâsir em 734 a.C. Após a intromissão do exército assírio na região, Tiglath-pileser decide ele próprio governar a Babilônia em 728 a.C. No ano seguinte ele vem a falecer.

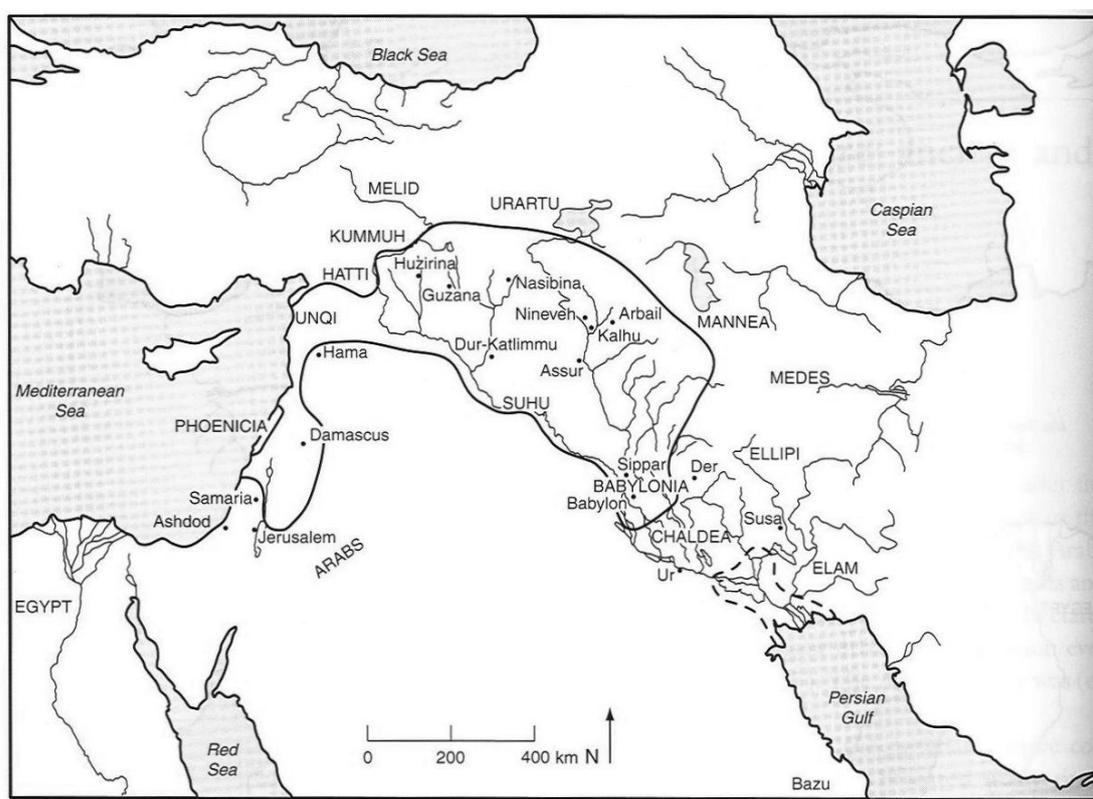


Ilustração 6 - Extensão do império assírio em 730 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período.

Fonte: Alcock, S., 2005, p. 376.

Shalmaneser V (726-722 a.C.)

O curto reinado do filho de Tiglath-pileser é obscuro. Tudo o que se sabe com certeza é que Hoshea, rei fantoche de Israel, revoltou-se e que Shalmaneser V assediou Samaria por três anos, sem saber se foi ele ou o seguinte rei assírio que a capturou.¹¹²

¹¹² Roux, 1999, p. 310.

Igualmente são obscuras as circunstâncias nas quais seu sucessor, Sargon II, subiu ao trono, e não se sabe se ele foi um usurpador ou outro filho de Tiglath-pileser.

Sargon II (722-705 a.C.)

Logo após a subida do trono de Sargon, dois eventos que iriam marcar profundamente a estratégia assíria nos próximos cem anos ocorreram: a interferência do Egito na Palestina, e do Elam na Babilônia. As duas eram conseqüências da vitória de Tiglath-pileser no platô iraniano, pois esta cortou o único acesso a rota de comércio ainda aberta para o Elam, enquanto suas conquistas na Fenícia arrancaram do Egito um de seus maiores clientes. Elamitas e egípcios se juntaram então aos urarteus como os maiores inimigos da Assíria, mas enquanto nenhum deles tinha tamanho para enfrentar a nação no auge de sua força, tiveram de recorrer a métodos lentos, mas mais seguros: fomentando revoltas entre os vassalos da Assíria. A história política do reinado de Sargon II nada mais é do que o início de uma longa luta contra tais rebeliões.¹¹³

Somente após resolver alguns problemas políticos internos o rei pode voltar sua atenção à situação crítica que ocorria no norte da Síria e na Babilônia desde a mudança de rei. Na Babilônia, um soberano caldeu governava suportado pelos elamitas e que havia subido ao trono no mesmo ano que Sargon. Em 720 a.C. Sargon marchou contra ele e encontrou seus inimigos em Der (Badrah), entre o rio Tigre e os Zagros, sendo o resultado da batalha discutível.¹¹⁴ O rei babilônico continuou governando a cidade até 710 a.C.

Na Síria houve revoltas suportadas pelo exército egípcio. Mas aqui Sargon teve mais sorte, derrotando a coalizão de revoltosos em Qarqar no ano de 720 a.C. Oito anos mais tarde os egípcios fomentaram outra revolta na Palestina; novamente Sargon saiu vitorioso e não houve mais conflitos na Palestina até o fim do reinado de Sargon.

Não se sabe se os elamitas incentivaram as dissensões que ocorreram nas famílias governantes dos Zagros centrais e assim, propiciaram a Sargon, em 713 a.C., a oportunidade de conquistar diversos principados e cidades nas regiões de Kermanshah e Hamadan e de receber tributos dos medos. Por outro lado, não há dúvidas de que os problemas fomentados entre os anos de 719 e 715 a.C., em relação aos mannaeans, os

¹¹³ Roux, 1999, p. 311.

¹¹⁴ Para maiores detalhes sobre as diferentes versões, ver Roux, 1992, p. 311-312.

zikirtu e outras tribos do Azerbaijão tiveram origem em Urartu. Logo, no ano de 714 a.C. os assírios lançaram uma grande contra-ofensiva, a oitava campanha. Sargon cruzou rios e montanhas, abriu caminho em meio às lutas ao redor do Lago Urmiah e talvez Lago Van e finalmente conquistou a cidade mais sagrada de Urartu, Mušašir (ao sul do lago Van), levando a sagrada imagem do rei nacional Haldia.¹¹⁵ Entretanto Urartu não foi destruída.

Entretanto, os urarteus já haviam tido tempo de fomentar sentimentos anti-assírios em outros países. Em 717 a.C., o ainda independente governante de Carchemish, tramou contra Sargon e viu suas terras serem invadidas e se transformarem em província assíria. Durante os cinco anos seguintes tal destino recaiu sobre Que (Cilícia), Gurgum, Milid, Kummuhu, e parte de Tabal, em outras palavras, todos os reinos neo-hititas do Taurus.¹¹⁶ Atrás destas tramas não estava somente Urartu, mas também o rei Mitâ de Mushki (Midas da Phrygia)¹¹⁷, na qual Rusas, rei de Urartu, conseguiu atrair para sua esfera de influência.¹¹⁸

¹¹⁵ Sobre as relações entre Urartu e Sargon, ver Salvini, 1995.

¹¹⁶ Grayson, 1988, p. 130, ressalta que o cenário político e geográfico da Anatólia é extremamente confuso, pois não havia fronteiras físicas definindo os limites de um local particular nomeado e porque o controle territorial estava em constante estado de fluxo

¹¹⁷ Grayson, 1988, p 133.

¹¹⁸ Muscarella, 1988, discorre detalhadamente acerca das relações entre a Phrygia e a Assíria no séc. VIII a.C.

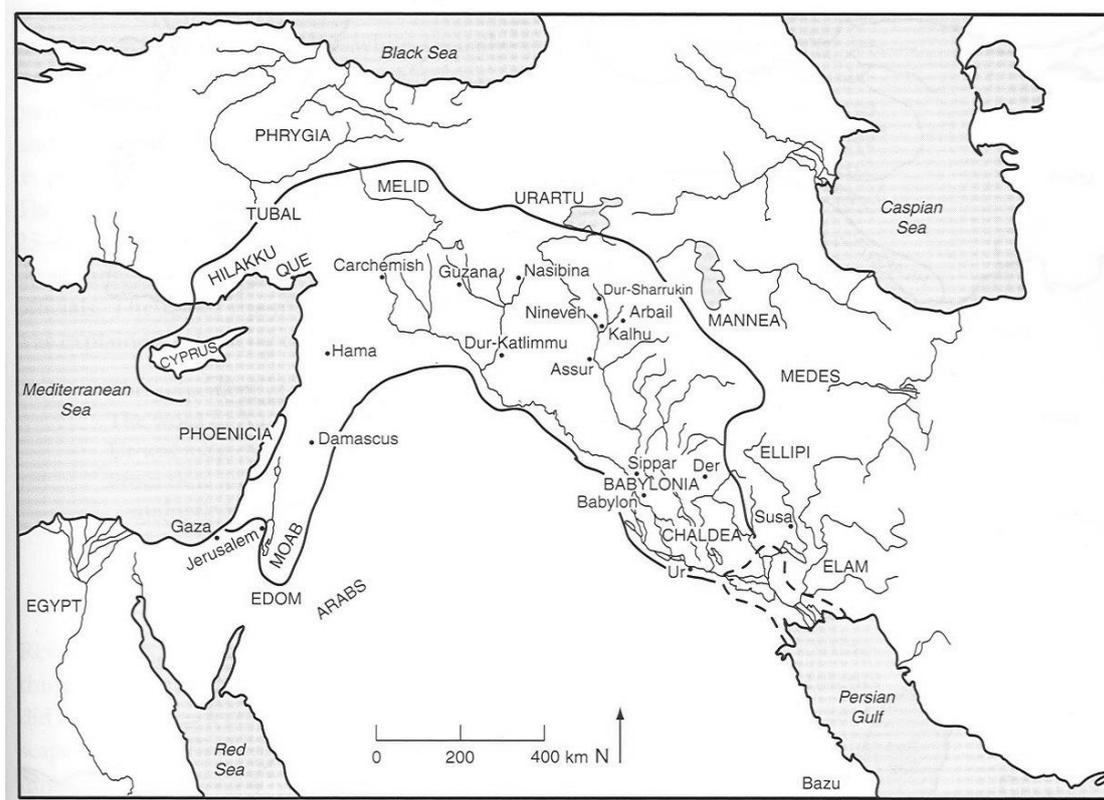


Ilustração 7 - Extensão do império assírio em 705 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período.

Fonte: Alcock, S., 2005, p. 377.

No início de 710 a.C. Sargon tinha se saído estava vitorioso em todas as campanhas. Toda a região sírio-palestina (com a exceção de Judah) e a maior parte dos Zagros estavam firmemente em mãos assírias; os medos eram considerados vassalos, Urartu estava recuperando-se da ofensiva assíria, os egípcios se tornaram amigáveis, os elamitas e phrygians hostis, mas em paz. Entretanto, a Babilônia, sob o comando de Merodach-Baladan, permanecia um problema, e neste mesmo ano (710 a.C.) o atacou pela segunda vez em seu reinado. Dois anos depois os assírios conseguem entrar na Babilônia, mas o rei foge para o Elam. As conseqüências políticas desta vitória foram enormes: Midas da Phrygia ofereceu sua amizade, Uperi, rei de Dilmun (Bahrain) mandou presentes e sete reis de Chipre enviaram presentes além de juraram aliança ao monarca cuja estela foi encontrada em escavações em Larnaka.¹¹⁹ No final de seu reinado, a Assíria estava mais forte do que nunca (ver ilustração 7).

¹¹⁹ Sobre a estela de Sargon em Chipre, ver Yon e Malbran-Labat, 1995.

Sargon viveu durante o início de seu governo em Kalhu, no palácio de Ashurnasirpal, na qual restaurou e modificou. Mas em 717 a.C., lança as fundações de sua nova capital, a Fortaleza de Sargon, Dur Sharrukin, em área até então virgem a vinte e quatro quilômetros a nordeste de Niníve, perto da moderna cidade de Khorsabad.

* * *

Os descendentes de Sargon governaram a Assíria sucessivamente por quase um século (703-609 a.C.), levando o império assírio à sua extensão máxima e a civilização assíria ao apogeu. Entretanto, as guerras de Sennacherib, Esarhaddon e Ashurnasirpal, embora a retórica real busque mostrá-las como gloriosas guerras de conquistas, foram apenas contra ataques de sucesso.¹²⁰ Ao fim do reinado de Sargon, os assírios comandavam, direta ou indiretamente, a totalidade do Crescente Fértil, partes do Irã, e da Ásia Menor, Tinham acesso ao Mediterrâneo, e ao Golfo, controlavam a totalidade do curso do Tigre e do Eufrates bem como as grandes rotas que cruzavam o deserto da Síria, o Taurus e o Zagros. Abastecidos por todos os tipos de bens e commodities pelos seus dominados, vassallos e aliados, gozavam de grande prosperidade e poderiam ter vivido em paz não fosse as crescentes e freqüentes revoltas provocadas pela sua política opressiva e encorajada, ao menos na Palestina e na Babilônia pelo Egito e Elam. A conquista do Egito por Esarhadonn e a destruição do Elam por Ashurbanipal não significaram nem incursão militares rápidas no estilo tradicional e nem uma estratégia planejada: estas foram medidas defensivas tomadas por estes monarcas para colocar fim a uma insustentável situação; elas representam o resultado final de longos e amargos conflitos mais impostos por inimigos da Assíria do que desejado por ela.¹²¹ Nesta luta sem fim os assírios arruinaram suas possessões, gastaram toda sua força e falharam em prestar a atenção suficiente a um evento capital que estava ocorrendo nos Zagros: a formação do poderoso Reino Medo, que viria a ser a razão da sua queda. Em torno de 640 a.C. quando a vitória total parecia por fim atingida, quando Ashurbanipal levantou em triunfo contra todos os inimigos da Assíria, de repente se tornou aparente a insustentabilidade de todo o sistema.

Sennacherib (705-681 a.C.)

Durante seu reinado as fronteiras norte e leste, palco de inúmeras batalhas de Sargon, estavam comparativamente calmas. As vitórias de Sargon no Kurdistão, Armênia, e

¹²⁰ Roux, 1992, p. 318.

¹²¹ Roux, 1992, p. 319.

nos Taurus, causaram tamanho dano a Urartu e a Phrygia que eles não mais foram considerados agressores em potencial. Além disso, estas duas nações estavam sob ataque de um novo inimigo, os cimmericians (para os assírios gimirrai)¹²², um povo guerreiro do sul da Rússia, que ao fim do século VIII a.C. tinham cruzado os Cárpatos e entrado no oeste da Ásia. Já durante o reinado de Sargon, os cimmericians, estabelecidos na atual República da Geórgia, se revoltaram contra seu suserano, Urartu, derrotando. Agora estavam indo em direção sul para o Mar Negro, assediando tanto a Phrygia e suas vizinhas a oeste, o rico reino da Lídia. Ao mesmo tempo, outros cimmericians estavam penetrando o canto noroeste do Irã, fazendo alianças com os mannai e os medos. Sennacherib sem dúvida estava ciente destes eventos, mas não tinha como interferir nestas regiões distantes. As quatro campanhas por ele lançadas para o norte e oeste foram de médio alcance e média escala; elas não foram dirigidas contra os cimmericians ou os medos, mas contra vassallos inquietos: príncipes dos Zagros centrais, chefes de cidades do Curdistão, governadores da Cilícia e um dos reis de Tabal.

Na realidade, a atenção de Sennacherib estava quase que totalmente voltada para as extremamente sérias rebeliões que ocorreram nos distritos do Mediterrâneo e da Babilônia assim que a notícia que Sargon havia morrido se tornou conhecida. Na Fenícia e na Palestina, os egípcios persuadiram Lulê, rei de Sidon, Sidka, rei de Ascalon, Ezekiah, rei de Judah e os habitantes de Ekron a cortar seus laços com Niníve. No quarto ano de reinado, 701 a.C., Sennacherib partiu para castigar estes rebeldes. Lulê fugiu para Chipre, Sidka foi levado para a Assíria, um exército egípcio enviado para ajudar Ekron foi derrotado e em todas estas cidades governantes amistosos foram postos no trono. Depois Sennacherib atacou Judah, sitiando e capturando a fortemente fortificada cidade de Lachish e enviou tropas contra Jerusalém.

Na Babilônia, a situação estava pior do que na Palestina, e a guerra contra os Arameus e seus aliados elamitas durou a maior parte do governo de Sennacherib. Em 703 a.C., o antigo rival de Sargon, Merodach-Baladan, deixou o Elam, para onde havia fugido, e com a ajuda de oficiais e tropas elamitas levantou toda a população arameia do sul do atual Iraque contra os assírios, e entrou na cidade da Babilônia proclamando-se seu rei. Algumas semanas depois, o Sennacherib levou suas tropas para atacá-lo.

¹²² Grayson, 1988, p. 133.

Derrotado em Kish, Merodach-Baladan escapa. Sennacherib saqueia seu palácio, captura inúmeros prisioneiros, deporta 208 mil pessoas para a Assíria e nomeia para o trono da Babilônia um rei de sua escolha, Bêl-ibni. Entretanto, três anos mais tarde, Merodach-Baladan reaparece em Bit-Iakin, sua terra natal e provoca problemas a ponto de causar uma segunda intervenção assíria. Bel-ibni, suspeito de conluio com os rebeldes foi levado e substituído pelo próprio filho de Sennacherib, Ashur-nadin-shumi. Merodach-Baladan se recusa a oferecer batalha e foge.¹²³

Seis anos de calma se passam, até 694 a.C. Neste ano, sob o pretexto de capturar cidades elamitas do outro lado do rio Bitter, Sennacherib realiza uma formidável operação combinada de terra e mar com o intuito de garantir aos assírios o acesso ao Golfo, através da hostil região de “*Sea-Land*”. Uma frota de navios construída em Niníve por artesãos sírios e tripulada por marinheiros fenícios e cipriotas foi mandada pelo rio Tigre até Upâ (Opis). Lá foi necessário realizar a troca de rios e as barcas foram por terra até o canal de Arahtu e continuou sua rota pelo Eufrates enquanto o exército seguia por terra. O ponto de encontro foi em Bab-Salimeti, perto da foz do rio. As tropas assírias embarcaram, cruzaram a ponta do Golfo, chegaram ao território elamita, conquistaram algumas cidades, retornando carregados de espólio. Com relação à Merodach-Baladan, soube-se que havia morrido no exílio. Mas os elamitas retaliaram imediatamente. Hallushu (Halutush-Inshushinak), seu rei, invadiu a Mesopotâmia tomando Sippar. Os babilônios derrubaram Ashur-nadin-shumi, entregando-o aos elamitas, que o levaram ao Irã onde foi provavelmente morto. Hallushu colocou no trono da Babilônia um de seus favoritos, que logo foi expulso pelos assírios, e substituído por Mushezib-Marduk, um príncipe caldeu escolhido pela população local. Novamente ocorre um levante dos babilônios contra os assírios. Em 689 a.C. eles usam o tesouro do templo de Marduk para comprar a ajuda do novo rei do Elam, Ummam-menanu; uma grande batalha ocorreu no Tigre, tendo como resultado uma quase derrota assíria. Sennacherib, coberto de raiva, manda destruir a ilustre e sagrada cidade, Babilônia, segunda metrópole do império.

Oito anos mais tarde o rei vem a falecer. Apesar da destruição causada na Babilônia, Sennacherib não apenas construiu e restaurou templos e palácios em várias cidades, mas também realizou grandes obras de engenharia hidráulica que impulsionaram a agricultura. Transformou e aumentou a velha cidade de Niníve, que passou de uma

¹²³ Roux, 1992, p. 321.

simples cidade real, a capital do Império.¹²⁴ Em poucos anos sua circunferência amuralhada passou de três para doze quilômetros, juntando duas vilas, hoje representadas pelos montes Kuyunjuk e Nebi Yunus. Constrói na cidade seu “palácio sem rival”.

Esarhadonn (681-669 a.C.)

O primeiro ato do novo rei foi de reconstruir a cidade da Babilônia. Esta não apenas foi reconstruída, como aumentada e os trabalhos duraram até a ascensão de Ashurbanipal em 669 a.C. As estátuas dos deuses que haviam sido levadas para a Assíria foram devolvidas aos templos. Este ato de justiça fez com que Esarhadonn ganhasse a amizade dos babilônios, não havendo sérios problemas na região sul do atual Iraque durante todo o seu reinado.¹²⁵ Na Fenícia, o rei teve problemas com o rei de Sidon, Abdi-Milkuti, que se revoltou em 677 a.C, sendo preso e morto, a cidade foi destruída, seus habitantes levados para a Assíria e seu território entregue a cidade de Tiro. Estas medidas trouxeram paz por um período para a costa do Mediterrâneo e deixaram o rei livre para lidar com sérios problemas ocorridos nas fronteiras norte e leste do império.

No alvorecer de seu reinado, outra tribo nômade do sul da Rússia, os scythians (para os assírios Ishkuzai), cruzou os Cárpatos e juntou-se ao cimmericians já estabelecidos na Ásia Menor, Armênia e Irã. A chegada destas tribos guerreiras, com as quais os cimmericians estavam proximamente relacionados, deu novo ímpeto às suas atividades predatórias. Em 679 a.C. eles repentinamente passam através das montanhas Taurus, ameaçando a guarnição assíria em Tabal e causando intranquilidade para os governantes vassalos da Cilícia. Esarhadonn rapidamente contra atacou, forçando-os a se retirarem para trás do rio Kizil-Irmak. Os cimmericians e scythians caíram então frente ao reino da Phrygia, na qual eles derrubaram três anos depois com a ajuda de Urartu. No lado leste do massivo montanhoso da Armênia, entretanto, os seguidos esforços feitos pelos assírios para obter tributos de Mannai, agora sobre forte influência dos cimmericians e scythians, falham, apesar das inscrições reais informarem o contrário.¹²⁶ Ao sudeste do Lago Urmiah, o vasto platô Iraniano estava ocupado

¹²⁴ Sobre a produção do espaço em Niníve, ver Lumsden, 2004; Sobre o planejamento e construção das cidades assírias, de Ashur à Niníve, ver Novak, 2004; e sobre os jardins suspensos de Niníve, ver Fortes; 2004.

¹²⁵ Roux, 1992, p. 326.

¹²⁶ Roux, 1992, p. 327.

pelos medos, em teoria sob controle assírio, mas de fato independentes, e esta foi a época (c.680 a.C.) quando Khshathrita (Phaortes), filho de Daiakku (Deioces) estava unindo numerosas tribos sobre sua autoridade. Eсарhadonn fez todo o possível para evitar o desenvolvimento de uma situação cujo efeito imediato seria o de interromper o fornecimento de cavalos da Media para o exército Assírio. Diversos assaltos de cavalaria foram realizados contra o platô até o deserto a leste de Teerã, e três importantes príncipes medos, que pediram ajuda aos assírios contra seus próprios vassallos, foram colocados sobre a proteção assíria e impostos tributos anuais. Mais ao sul, houve uma série de vitoriosas operações nos Zagros centrais e uma aliança selada com Gambulû, uma tribo aramea assentada à margem esquerda do baixo rio Tigre, com o intuito de formar uma barreira de Estados tampão entre o Elam e a Mesopotâmia. Entretanto, Eсарhadonn teve mais uma grande vitória quando, após a morte de Humba-haldash, ele conseguiu colocar no trono elamita um príncipe amigável à Assíria: Urtaki (675 a.C.).

Enquanto obteve por combinação de força e diplomacia uma paz precária na Babilônia, na Fenícia e ao longo de dois mil quilômetros ao longo de sua fronteira norte e leste, Eсарhadonn estava se preparando para seu grande projeto: a conquista do Egito. Já em 679 a.C. ele capturou a cidade de Arzani, no Negeb. Depois tentou conquistar a amizade dos povos árabes, agora assentados em grande número às margens do deserto sírio, já que sem o apoio deles, nenhuma campanha militar em larga escala nas regiões a sudoeste do império poderia ser levada a cabo. Finalmente em 671 a.C., quando ele sente que todas as fronteiras estão seguras e os árabes neutros ou amigáveis, Eсарhadonn lidera seu exército em direção à Síria, primeiro passo em direção ao Egito. Uma tentativa de tomar Tiro, cujo rei havia se rebelado, foi feita, mas não teve êxito, pois não havia tempo para capturá-la. Marchando na direção sul, os assírios atingem Rapihu (Tell Rifah, sul de Gaza) e cruzaram o deserto do Sinai. Após quinze dias, chegam aos campos verdes do Egito.

Apesar da grande resistência oferecida pelo faraó Taharqa e seu exército, a conquista de tão vasto país tomou um curto tempo.¹²⁷ Mas, dois anos mais tarde, o faraó que havia fugido para o sul, retorna e recupera Memphis e fomenta uma rebelião contra os assírios no delta do Nilo. Eсарhaddon estava novamente a caminho do Egito, quando morre em Harran de causas naturais (669 a.C.). Três anos antes, em 672 a.C., na

¹²⁷ Roux, 1992, p. 328.

presença de embaixadores e representantes de nações subjugadas o rei proclamou solenemente Ashurbanipal o legítimo herdeiro do trono e apontou outro filho seu, Shamash-shum-ûkin, vice-rei da Babilônia.

Ashurbanipal (669-631/627 a.C.)¹²⁸

A transição do governo ocorreu sem problemas e os dois reis sentaram em seus respectivos tronos. Entretanto, o império não estava dividido e o propósito do arranjo feito por Esarhadonn foi o de satisfazer os súditos babilônios dando a eles a soberania, embora tenha deixado claro a todos que Ashurbanipal teria preferência sobre seu irmão. Foi uma solução que funcionou perfeitamente durante dezesseis anos como explicado adiante. O reinado de Ashurbanipal começa com o que parece ser o ápice do imperialismo assírio e termina numa idade negra de confusão, seguida pelo próprio fim do império.¹²⁹

Com a coroa da Assíria, Ashurbanipal herdou a tarefa, interrompida pela morte de seu pai, de reprimir a revolta egípcia. O comandante-em-chefe (*tartanû*) foi despachado para o Egito com um pequeno exército, encontrando Taharqa e suas tropas na planície ao sul de Memphis. Os assírios venceram a batalha e recuperaram a cidade, mas Taharqa escapa. Ashurbanipal ordenou então a formação de uma força armada maior composta de assírios, fenícios, sírios, cipriotas, bem como de soldados egípcios recrutados no delta do Nilo. A força partiu de Memphis e marchou na direção de Tebas, mas parou no caminho quando se soube que os príncipes do Baixo Egito estavam para iniciar uma revolta contra os assírios.¹³⁰ Traídos por um deles, alguns dos conspiradores foram mortos e outros enviados à Niníve, dentre eles Necho, rei de Sais. Os assírios sabiam que não poderiam continuar em sua longa marcha deixando para trás o Delta em ebulição. Além disso, estava agora a dois mil quilômetros da sua terra natal, no coração de uma terra desconhecida, que, em todo o caso, não poderiam governar diretamente pela falta de administradores e tropas em número suficiente. A única solução foi perdoar os reis do Delta e trazê-los para seu lado, esperando assim o ódio pelo faraó estrangeiro Taharqa, o Kushita (sudanês), se encarregasse do resto.

¹²⁸ A data certa do último ano de reinado de Ashurbanipal não é consenso entre os estudiosos, podendo variar entre o ano de 631 a.C e 627 a.C. Para a fundamentação de cada uma das datas, ver Cambridge, vol. III, parte 2, p. 162.

¹²⁹ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 142.

¹³⁰ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 144.

Ashurbanipal então libertou os prisioneiros e confiou à Necho a administração de todo o Egito.¹³¹

Dois anos se passaram durante os quais Taharqa morre no exílio. Em 664 a.C. seu filho, Tanutamûn, é recebido pela população de Tebas com festa e viaja pelo Nilo até Memphis, onde mata Necho durante uma batalha. Neste momento um grande contingente assírio, estacionado em algum lugar ao sul de Memphis, se desloca sobre Tebas, saqueando-a e destruindo-a em 663 a.C.,¹³² fazendo com que nunca mais viesse a se recuperar da devastação.

Embora as inscrições de Ashurbanipal estejam escritas na primeira pessoa, dificilmente ele esteve no Egito. Por outro lado, em duas ocasiões ele entrevistou pessoalmente na Fenícia: em 667 a.C. para colocar sob seu jugo Iakinlu, rei de Arwad, que havia forçado os navios a descarregarem a carga no seu porto ao invés do porto assírio e depois em 662 a.C. contra Ba'alu de Tiro que se negava a continuar pagando tributo. Esta foi sitiada, levada a fome, e obrigada a render-se. Provavelmente, táticas similares levaram Arwad a fazer o mesmo. Entretanto, os reis destas cidades foram tratados com extrema leniência, sem dúvida dado o fato de Ashurbanipal, cujas tropas estavam totalmente engajadas na empreitada egípcia, não podia se dar ao luxo de perder os vassalos fenícios e nem distribuir tropas de outras frentes. Pela mesma razão, ele permaneceu surdo com relação aos apelos de Gyges, rei da Lydia que estava sob ataque dos cimmericianos.¹³³

¹³¹ Roux, 1992, p. 331.

¹³² Cambridge, vol. III, parte 2, p. 144.

¹³³ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 146.

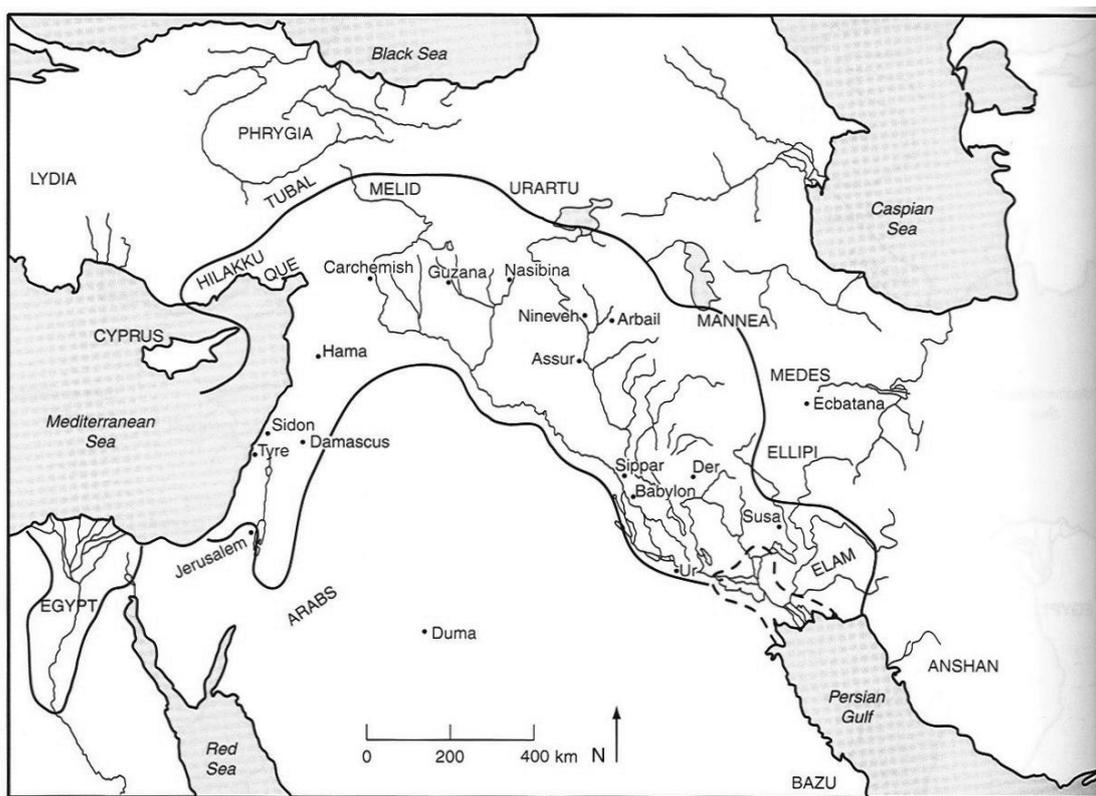


Ilustração 8 - Extensão do império assírio em 640 a.C. A linha tracejada mostra a faixa costeira do Golfo Pérsico no período.

Fonte: Alcock, S., 2005, p. 378.

As vitórias sobre Tanuatamûn e sobre os fenícios deu à Ashurbanipal alguns anos de fôlego para que pudesse dedicar sua atenção para as fronteiras norte e leste. A cronologia do reinado é extremamente incerta¹³⁴, mas foi provavelmente entre 665 e 655 a.C. que ocorreu a campanha contra Mannai e a Media, descrita nos registros reais, talvez a aliança com Madyes, chefe dos scythians, que viria a ser de utilidade alguns anos depois e a guerra contra Urtaki, rei do Elam. Parece que a aliança entre os cimmericians e o rei de Taba, a vitória destes sobre a Lydia e a morte de Gyges, morto na batalha, bem como suas investidas contra a Mesopotâmia, detidas pelos assírios tiveram lugar entre 650 a.C. e 640 a.C.

Em torno de 655 a.C. Psamtik (Psammetichus I), possivelmente filho de Necho, declarou a independência do Delta do Nilo, e com a ajuda de mercenários de Ionian e Carian, expulsou os assírios do Egito, perseguindo-os até Ashdod, na Palestina. Isto não teria acontecido caso a maior parte das tropas assírias estivessem engajadas na luta contra os elamitas. O rei do Elam era então Tept-Humban (Teumman nas

¹³⁴ Roux, 1992, p. 332.

inscrições assírias), um usurpador, que seis ou sete anos antes havia tomado o trono, obrigando os filhos de Urtaki a se refugiarem em Niníve.¹³⁵ A guerra iniciou quando Teumman exigiu a extradição deles, o que Ashurbanipal se recusou a fazer. Os elamitas atacaram ajudados pelo infiel Gambulû. Levados de volta ao seu país foram derrotados em Tulliz, no rio Kerkha. Teumman foi morto na batalha, sua cabeça cortada e levada para Nínive, onde foi pendurada em uma árvore no jardim do palácio real. Gambulû foi punida e o Elam dividido entre dois membros da família Urtaki: Humbanigash e Tammaritu. Lá, assim como no Egito, os assírios não poderiam ou não conseguiriam colocar o país vencido sobre controle direto assírio.

O episódio da guerra contra os elamitas mal havia acabado quando a Babilônia se revoltou. Durante dezesseis anos, Shamash-shum-ukîn, foi leal ao seu irmão, mas gradualmente o nacionalismo babilônico foi mais forte. Em 652 a.C. o rei fechou os portões de Sippar, Babilônia e Barsippa aos assírios e tramaram uma enorme coalizão compreendendo a Fenícia, os filisteus, Judah, os árabes do deserto sírio, os caldeus do sul do Iraque, os elamitas, a Lydia e o Egito. Caso estes povos tivessem atacado ao mesmo tempo a Assíria teria capitulado. No entanto o plano foi descoberto a tempo. Ashurbanipal tentou convencer os cidadãos babilônicos a cederem, mas estes se recusaram. O rei da assíria marchou então contra seu irmão. As batalhas duraram três anos e no final Shamash-shum-ukîn morre ao queimar seu próprio palácio em 648 a.C. A Suméria e a Acádia foram pacificadas e Ashurbanipal coloca no trono da Babilônia uma figura desconhecida: Kandalanu.¹³⁶ Logo após, ele parte para punir os outros rebeldes e acaba por se envolver em uma árdua batalha contra os árabes, mas se sai vitorioso.

Com os árabes derrotados, Ashurbanipal manda suas tropas contra seu antigo protegido, o rei do Elam, que aceitara subornos do rei da Babilônia, em troca de assistência. A longa guerra contra os elamitas termina em 639 a.C com a vitória assíria. As terras do Elam são devastadas e sua capital totalmente saqueada, o zigurate de Susa foi destruído e as estátuas de seus deuses foram levadas para a Assíria.¹³⁷

Logo após o saque de Susa, Ashurbanipal celebrou seu triunfo. De seu suntuoso palácio de Niníve, o monarca podia, conforme suas palavras, contemplar o mundo

¹³⁵ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 148.

¹³⁶ Roux, 1992, p. 334. Sobre Kandalanu, ver também Cambridge, vol. III, parte 2, 166-171.

¹³⁷ Maiores detalhes sobre a destruição do Elam por Ashurbanipal, ver Cambridge, vol. III, parte 2, p. 152-153.

inteiro prostrado aos seus pés (ver ilustração 8). Três príncipes elamitas e um rei da Arábia foram literalmente arreados a sua carruagem. Seu irmão traidor, morto e ele próprio passara a governar a Babilônia. Os mercadores de Tiro e Sidon e os arameus foram subjugados. Mannai foi “esmagado” e os cimmericians mantidos a distância. Os governantes de Tabal e da Cilícia, de início hostis, haviam dado suas filhas ao harém real. Por ter ajudado Psammetichus, Gyges da Lydia viu seu país em chamas pelos guerreiros do norte e perdeu sua vida, mas agora Ardys, seu filho, pedia como favor fazer parte do jugo assírio.¹³⁸ Niníve estava lotada dos saques obtidos. Nunca o império parecia estar tão forte. Entretanto, o quadro ao ser analisado mais de perto era sombrio. As ricas terras do Egito haviam sido perdidas, o Elam foi conquistado, entretanto totalmente destruído, a Babilônia foi devastada e nutria ódio pelos assírios, os fenícios estavam escravizados, mas vinham perdendo seu império colonial e marítimo para os gregos; os estados vassalos não eram confiáveis; os soldados assírios estavam exaustos por mais de um século de duras guerras; as fronteiras haviam regressado do Egito para o Mar Negro, do Monte Ararat para as primeiras colinas do Taurus, do Mar Cáspio para a cordilheira do Zagros; e do outro lado do Zagros, aliados não confiáveis, os scythians, e alarmantes adversários, os medos. O império Assírio apesar das aparências estava mais fraco do que nunca.¹³⁹

Os anais de Ashurbanipal, escritos por volta de 645 a.C. organizam suas campanhas conforme a seqüência a seguir¹⁴⁰:

- 1ª Campanha: Egito;
- 2ª Campanha: Egito;
- 3ª Campanha: Costa do Mediterrâneo;
- 4ª Campanha: Mannaesus;
- 5ª Campanha: Elam;
- 6ª Campanha: Babilônia;
- 7ª Campanha: Elam;
- 8ª Campanha: Elam;
- 9ª Campanha: Árabes.

Ashurbanipal terminou um grande número de construções iniciadas por seu pai e foi responsável pela realização de muitas outras. Niníve continuou a ser a principal

¹³⁸ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 146.

¹³⁹ Roux, 1992, p. 336.

¹⁴⁰ Reade, 1979b, p. 102.

residência real, e dentre os muitos trabalhos realizados aqui pelo rei o mais espetacular foi o Palácio Norte, no monte hoje chamado de Kuyunjuk. Este foi erguido no local da “Casa de Sucessão” (*bīt-redûti*) de Niníve, local onde Ashurbanipal cresceu. As porções em ruínas foram demolidas, o terraço refeito, a entrada alargada, um pórtico com pilares em estilo sírio (*bīt-hilāni*) foi adicionado, bem como um jardim com árvores exóticas.¹⁴¹ Dentro, as paredes de numerosas salas receberam centenas de placas de pedra com relevos esculpidos. Ashurbanipal também realizou trabalhos no Palácio Sudoeste de Sennacherib, adicionando alguns relevos que descreviam seus próprios feitos.

Poucos trabalhos conhecidos foram realizados por Ashurbanipal nas outras cidades da Assíria. Entretanto, coube a ele terminar a grande restauração da cidade da Babilônia, grande preocupação de seu pai, Esarhadonn. Aparentemente houve duas fases de restauração, uma no início de seu reinado (668 a.C.) e a outra em (655 a.C.), pouco antes da revolta de Shamash-shuma-ukin. Este período de treze anos sem trabalhos pode ter sido uma das principais razões que fizeram eclodir a revolta.¹⁴² Outros trabalhos foram realizados em templos em Sippar, Cutha, Borsippa, Nippur, Uruk e Harran.¹⁴³

A Queda da Assíria (635-609 a.C.)

Este período inclui os últimos anos do reinado de Ashurbanipal e dos seus três sucessores; seus filhos Ashur-etel-ilani e Sin-sharra-ishkun e Ashur-uballit II. O período descrito é muito pouco conhecido, não se sabe ao certo quando se deu o término do reino de Ashurbanipal. Seus filhos são figuras da qual pouco se conhece bem como a cronologia de seus reinados.

Após 639 a.C. os anais de Ashurbanipal chegam ao final abrupto, deixando-nos com um completo vazio sobre seus últimos anos de reinado. A razão deste silêncio é desconhecida, mas parece ser uma combinação de distúrbios civis, e derrotas militares.¹⁴⁴ Heródoto, que é a única fonte de informação para este período relata que Phraortes, rei dos medos, atacou os assírios, mas perdeu sua vida no campo de batalha, sendo substituído pelo seu filho Cyaraxes. Entretanto, logo os medos foram derrotados pelos scythians, para quem foram obrigados a pagar tributos por vinte e

¹⁴¹ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 156.

¹⁴² Cambridge, vol. III, parte 2, p. 157.

¹⁴³ Cambridge, vol. III, parte 2, p. 157.

¹⁴⁴ Roux, 1992, p. 372.

oito anos. Os scythians também atravessaram os Zagros, realizaram incursões na Assíria, Síria e Palestina, e teriam entrado no Egito se Psammethichus não os tivesse rechaçado. Eventualmente Cyaxares recuperou sua liberdade. Heródoto, referindo-se à outra guerra, diz que um assalto à Niníve foi rechaçado por um exército schyta, o que parece ser plausível já que é sabido que Ashurbanipal fez um acordo com chefe schyta Maydes.¹⁴⁵ Estes eventos parecem ter ocorrido entre os anos de 653 a.C. (morte de Phraortes) e 630 a.C. Não se sabe como eles afetaram a Assíria, mas se a descrição feita por Heródoto da invasão schyta for correta o fato de suas hordas poderem atravessar todo o império e retornarem à sua terra natal é uma prova eloqüente do extraordinário estado de debilidade na qual o exército assírio se encontrava. Sem dúvida, o ponto chave para o desastre final de 614-609 a.C. se encontra nestes anos obscuros.

Acredita-se que Ashurbanipal tenha morrido na mesma data que Kandalanu, o rei fantoche instalado por ele na Babilônia. Uma das versões sobre a reconstrução do período defende que o rei da Assíria abdicou em 630 a.C., deixando o trono para um de seus filhos, Ashur-etil-ilani.¹⁴⁶ Durante três anos tudo corre bem, mas imediatamente após a morte de Kandalanu em 627 a.C. tumultos se iniciam na Babilônia. Sin-shum-lishir, um general assírio estacionado nesta região se revolta e é prontamente derrotado por tropas reais. Sin-shar-ishkun, outro filho de Ashurbanipal, toma para si a cidade da Babilônia e se proclama seu rei. No início de 626 a.C. houve batalhas de rua em sua cidade, provavelmente estimuladas por Nabu-apla-usur (Nabopolassar), conhecido como membro das tribos caldéias, que havia se intitulado rei da “*Sea-Land*”. Sin-shar-ishkun fugiu então para Niníve, deixando a Babilônia para o caldeu. O ano de 626 a.C. foi considerado por Nabopolassar e seus sucessores como o início da dinastia Neo-Babilônica. Em seguida eclode a guerra entre Ashur-etil-ilani e seu irmão, que duraria três anos, com muitas cidades do sul da Mesopotâmia passando de mãos em mãos. Em 623 a.C. Ashur-etil-ilani foi morto em uma batalha perto de Nippur e Sin-shar-ishkun se tornou rei da Assíria e logo declara guerra contra Nabopolassar, e por mais sete anos seu país foi palco de guerras cruéis ao redor das cidades fortificadas ainda controladas pelos assírios. Mas os caldeus

¹⁴⁵ Roux, 1992, p. 373.

¹⁴⁶ Roux, 1992, p. 373.

resistiram, ocuparam a cidade de Nippur em 616 a.C. e passaram a ter controle sobre toda a Suméria e Acádia.

Enquanto isto a situação ao redor da Mesopotâmia se deteriorava rapidamente. Urartu foi neutralizado por vizinhos poderosos, e os cimmericians, agora sob dominação schyta, não mostravam sinais de agressividade. Mas no Irã, Cyaxares estava reorganizando seu exército e transformando-o em um poderoso instrumento de guerra. De Ectabana (Hamadan), sua capital, ele governava as “Três Medias”, do Lago Urmiah até a região de Teerã, e indiretamente exercia controle sobre os persas estabelecidos mais ao sul. No leste, os elamitas haviam recobrado certo grau de independência e a cidade fronteiriça de Dêr havia se revoltado. No oeste, as cidades fenícias e da Palestina parecem ter afrouxado os laços com Niníve. Em meados de 616 a.C. Nabopolassar deixou a Babilônia e marchou ao longo do rio Eufrates até o distrito de Harran e ao longo do rio Tigre até Arrapha (Kirkuk) e Ashur, que ele sitiou sem sucesso. Para que pudesse obter a amizade dos elamitas, ele retornou as estátuas dos deuses ainda mantidas na Babilônia; mas falha em obter seu suporte armado e não pode assim lançar um ofensiva em grande escala contra seu inimigo. Sin-shar-ishkun, por outro lado, foi colocado na defensiva, e viu sua autoridade em risco na própria assíria; assim, procurou e obteve a aliança com os egípcios. Estes não haviam esquecido a ofensiva feita pelos schytas e observavam com alarme o progresso feito pelos medos no Irã e na Ásia Menor. Os egípcios, entretanto não ofereceram suporte efetivo aos assírios até 612 a.C. quando já era tarde demais.

No final de 615 a.C os medos, agindo independentemente, invadem a Assíria e tomam Arrapha. No início de 614 a.C. marcham contra Niníve, mas ao invés de atacá-la se dirigem em direção a Ashur e a capturam.

Os babilônios chegam muito tarde para tomar parte na ação. Nabopolassar encontra Cyaraxes sob os portões de Ashur e estabelecem um pacto de paz e cooperação. A partir de então, babilônios e medos se unem contra os assírios. No final de 612 a.C. as três cidades principais da Assíria: Ashur, Niníve e Kalhu bem como todas as outras cidades importantes haviam caído.¹⁴⁷ Entretanto o fantasma assírio permaneceu por mais três anos. Sin-shar-ishkun ao ser morto foi substituído por um de seus oficiais que se sentou ao trono sob o nome de Ashur-uballit. Carregando consigo o que

¹⁴⁷ Roux, 1992, p. 376.

restava do exército assírio, ele se fechou na cidade de Harran acompanhado de algumas tropas egípcias enviadas para socorrê-lo. Em 610 a.C. os babilônios e os medos marcharam contra Harran, os assírios e egípcios a abandonaram e procuraram refúgio para além do Eufrates, e a cidade de Harran caiu nas mãos dos medos. No ano seguinte, após uma tentativa fracassada de recuperar sua fortaleza, Ashur-uballit desaparece dos registros.

David Oates considera que o termo queda, sugere colapso, seguido por caos, o que não teria ocorrido na Assíria.¹⁴⁸ Houve sim mais uma transferência de poder entre Niníve e Babilônia. A geografia do país continuou basicamente a mesma e não houve período prolongado sem autoridade central. A cidade de Niníve caiu em 612, Harran em 609 e finalmente a última cidade sob controle assírio, Carchemish, cai em 605 a.C. Este autor cita como principais fatores que levaram ao fim do império o sistema de política externa defasado e a vulnerabilidade oferecida pela monarquia absolutista, onde a personalidade e características do monarca eram fatores cruciais. Quando um homem capaz estava no trono, o império gozava de estabilidade e prosperidade, o que ocorreu do meio do século VIII a.C até o final do reinado de Ashurbanipal.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Oates cita que a transferência do legado se deu de maneira diferente do que a ocorrida na Terceira Dinastia de Ur ou no Império Romano. Cambridge, vol. III, parte 2, p. 161.

¹⁴⁹ Um recente estudo sobre a queda da cidade de Nínive e a reocupação do sítio foi elaborado por Dalley, S., 2005.

4. DADOS ARQUEOLÓGICOS

4.1. Os Achados na Região da Assíria

Durante o século XIX, a maior parte do Oriente Médio encontrava-se sob o domínio dos Turcos Otomanos, que tinham sua capital em Istambul. Viajar para fora das principais cidades constituía um risco. Diversas áreas do território eram controladas por chefes locais insurgentes, pouco amistosos com turistas estrangeiros. Os raros visitantes europeus nestas terras isoladas eram mercadores e diplomatas, sendo que para alguns a Mesopotâmia antiga tinha um valor histórico importante. Obras como a Bíblia e alguns textos antigos fazem menção à região.¹⁵⁰

O primeiro homem com o conhecimento e determinação necessários para efetuar uma escavação arqueológica séria foi Claudius Rich, britânico residente em Bagdá entre 1808 e 1821. Durante sua estada na Mesopotâmia coletou diversas antiguidades na região da Babilônia, que formariam o início da coleção do Museu Britânico. Em 1820 ao visitar a cidade de Mosul soube de certos enormes relevos em pedra que haviam sido achados por locais, anos antes, no monte Kuyunjuk. Rich levou consigo fragmentos deste relevo, já que os originais haviam sido cortados em pedaços pelos locais. Somente em 1836 são publicados os resultados de sua visita.

Em 1842, Paul-Émile Botta, cônsul francês em Mosul, dedicou parte de seu tempo para realizar escavações em parte do monte Kuyunjuk, mas não encontrou nenhum vestígio de grande importância. Resolve então escavar na cidade próxima de Dur Sharrukin (moderna Khorsabad), e, logo se depara com uma série de quartos e corredores, adornados com relevos. Havia encontrado o palácio de Sargon II.

Em 1845 o arqueólogo amador inglês Henry August Layard descobre o palácio de Ashurnasirpal II repleto de relevos, sob um monte na cidade de Kalhu (moderna Nimrud). As escavações prosseguem sem interrupções, e em 1846 é encontrado o palácio de Tiglath-pileser III. Sem dúvida a mais importante descoberta de Layard ocorreu no monte Kuyunjuk, em 1847. Na parte do monte que não havia sido explorada por Botta ele encontra o maior palácio assírio, do rei Sennacherib. Layard também localiza a cidade de Qal'at Sherqat (moderna Assur), primeira capital assíria,

¹⁵⁰ Sobre as mais recentes abordagens e teorias aplicadas na arqueologia da Mesopotâmia, ver as obras de Pollock, S.; Bernbeck, R., 2004 e Matthews; Roger, 2003.

mas não encontra palácios que contenham esculturas. Estas estavam restritas aos sítios de Dur Sharrukin, Kalhu e Kuyunjuk. Em 1851, retorna a Londres para se dedicar à carreira política. Em 1853, seu sucessor britânico nas pesquisas, Hormuzd Rassam, encontra no Kuyunjuk ruínas do palácio de Ashurbanipal, datado de 645 a.C. aproximadamente, contendo os mais finos e elaborados relevos assírios.

A era dos grandes achados de relevos na Mesopotâmia termina com a partida de Rassam em 1855.¹⁵¹ Desde então, diversas missões foram realizadas na região e também em algumas capitais das províncias, por exemplo, Hadātu (moderna Arslan Tash) e Til Barsip (moderna Tell Asmar), com alguns períodos de pausa, principalmente devidos a problemas políticos. É importante mencionar que devido ao fato das escavações terem dado ênfase aos palácios, estas, nos deixaram com um pequeno conhecimento do sítio urbano como um todo.

4.2. Os Principais Sítios Arqueológicos da Assíria

Qal'at Sherqat

A primeira capital da Assíria e o seu centro religioso era Qal'at Sherqat, também conhecida pelo nome do deus assírio, Ashur. Nesta cidade não foram encontrados relevos importantes.¹⁵² É a cidade de importância mais ao sul da região da Assíria.

A cidade foi construída sobre um penhasco de rocha calcária, que fez com que o rio Tigre formasse uma curva abrupta (ver ilustrações 9 e 10). À principal corrente juntou-se também na antiguidade um afluente de modo que fosse criada uma ilha de formato oval com 1800 metros de linha costeira. O afloramento rochoso eleva-se vinte e cinco metros acima do nível do vale, com escarpadas vertentes. Esta posição naturalmente protegida tinha importância estratégica, pois tornava a defesa do lugar mais fácil, além de formar um ponto de referência com uma ampla vista sobre o vale. Para oeste estendia-se a estepe do Jezirah, enquanto para leste e norte o vale era fértil e propício à lavoura. A cidade estava entre os dois rios Zab, mais perto do Zab Inferior do que do Superior. As ruínas mais antigas encontradas na cidade datam de c. 2600 a 2350 a.C.

¹⁵¹ Larsen, M.T., 1996, narra em sua obra a história das grandes descobertas feitas nos sítios arqueológicos da Assíria durante o século XIX.

¹⁵² O sítio foi escavado por uma missão alemã, liderada por Walter Andrae, entre os anos de 1903 e 1913. Ver Leick, G., 2003, p. 216-219. Sobre a cidade e suas construções governamentais datadas do período médio assírio (séculos XIV e XIII a.C.), ver Micale, 2006.

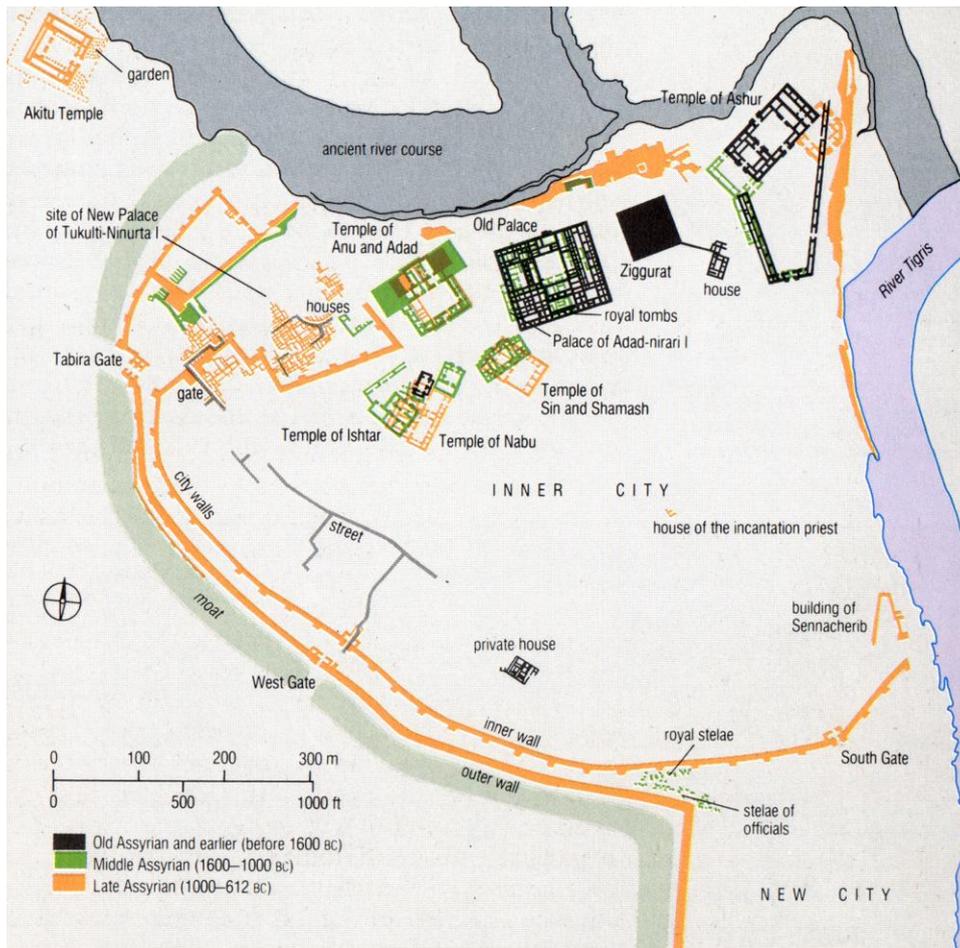


Ilustração 9 - Mapa da cidade de Ashur com as principais edificações.

Fonte: Roaf, 1990, p. 148.



Ilustração 10 - Vista das ruínas do Palácio Antigo a partir do zigurate.

Fonte: Página da internet da Universidade de Chicago

<http://oi.uchicago.edu/gallery/asp_meso_assur/index.php/assur07.png?action=big&size=original>
Acesso em 6 de março de 2008.

No século XIX, o monte de Ashur, era a semelhança de outros sítios assírios, um dos mais remotos e menos conhecidos recantos do Império Otomano. Embora sua espetacular localização no topo de um penhasco despertasse a curiosidade do cônsul geral Britânico em Bagdá, Claudius James Rich, que o descobriu em 1821 e publicou um relato de seus achados, Assur não foi considerado um sítio importante. Austen Layard e Hormuzd Rassam estiveram lá em 1840 e voltaram por pouco tempo em 1847.¹⁵³ A visita os premiou com a descoberta da primeira estátua assíria jamais encontrada, uma efígie em tamanho natural de Shalmaneser III, sentado num trono completamente coberto de escrita cuneiforme. Mais tarde a tradução revelou que a inscrição contém uma detalhada descrição das muralhas de Ashur. Dois anos mais tarde foi encontrado o prisma de argila de Tiglath-pileser I, desenterrados por operários empregados por Rassam. Esse texto foi usado para verificar a decifração da escrita assíria, baseada nos esforços pioneiros de Henry Rawlinson em escrita cuneiforme.

Os investigadores com apoio britânico, não empreenderam nenhuma escavação sistemática em Qal'at Sherqat; voltavam uma vez por outra e coletavam algumas placas contendo textos. No ano de 1873, George Smith descobriu o documento de fundação na qual Adadnirari I descreve suas atividades de construção do templo. De modo geral, os escavadores britânicos concentraram sua atenção nos sítios localizados nas cercanias por parecerem mais promissores. A Sociedade Oriental Alemã, que começou a escavar a Babilônia em 1899, decidiu fixar como alvo outro sítio que produziria material mais antigo do que o babilônio para suas explorações científica e sistemáticas. O abandono de Qal'at Sherqat por franceses e britânicos, somado às provas indicativas de sua riqueza potencial, fez com que o sítio se tornasse atraente para exploração pelos alemães. Além do mais, o sultão otomano Abdul Hamid II estava interessado em servir o imperador alemão e o presenteou com sítio.¹⁵⁴ As escavações duraram entre os anos de 1903 e 1913.

Kalhu

Kalhu está situada no lado nordeste do rio Tigre, cerca de trinta e cinco quilômetros rio abaixo da moderna cidade de Mosul e aproximadamente setenta e cinco quilômetros ao norte de Qal'at Sherqat.

¹⁵³ Leick, 2001, p. 216.

¹⁵⁴ Leick, 2001, p. 217.

Kalhu tinha importância secundária até 876 a.C. Neste ano foi transformada na nova capital do Império pelo rei Ashurnasirpal II, que reformulou toda sua área construída: foi construída uma muralha de sete quilômetros, englobando trezentos e sessenta hectares. Os palácios estavam na cidadela de vinte hectares, situada na parte alta da cidade (ver ilustrações 11 e 12).

O sítio foi ocupado desde a Pré-História, mas este período de ocupação é mal conhecido, pois como pertence às camadas mais inferiores do sítio, os vestígios somente foram expostos no século XIX durante escavações ocasionais de túneis no monte. Mallowan identificou cerâmica datada de c. 3000 a.C. Foi durante o período médio-assírio que a cidade emerge como um centro administrativo provincial.



Ilustração 11 - Vista aérea do sítio de Kalhu. Vista norte.

Fonte: Página da internet da Universidade de Chicago
<http://oi.uchicago.edu/gallery/asp_meso_assur/index.php/assur07.png?action=big&size=original>
Acesso em 6 de março de 2008.

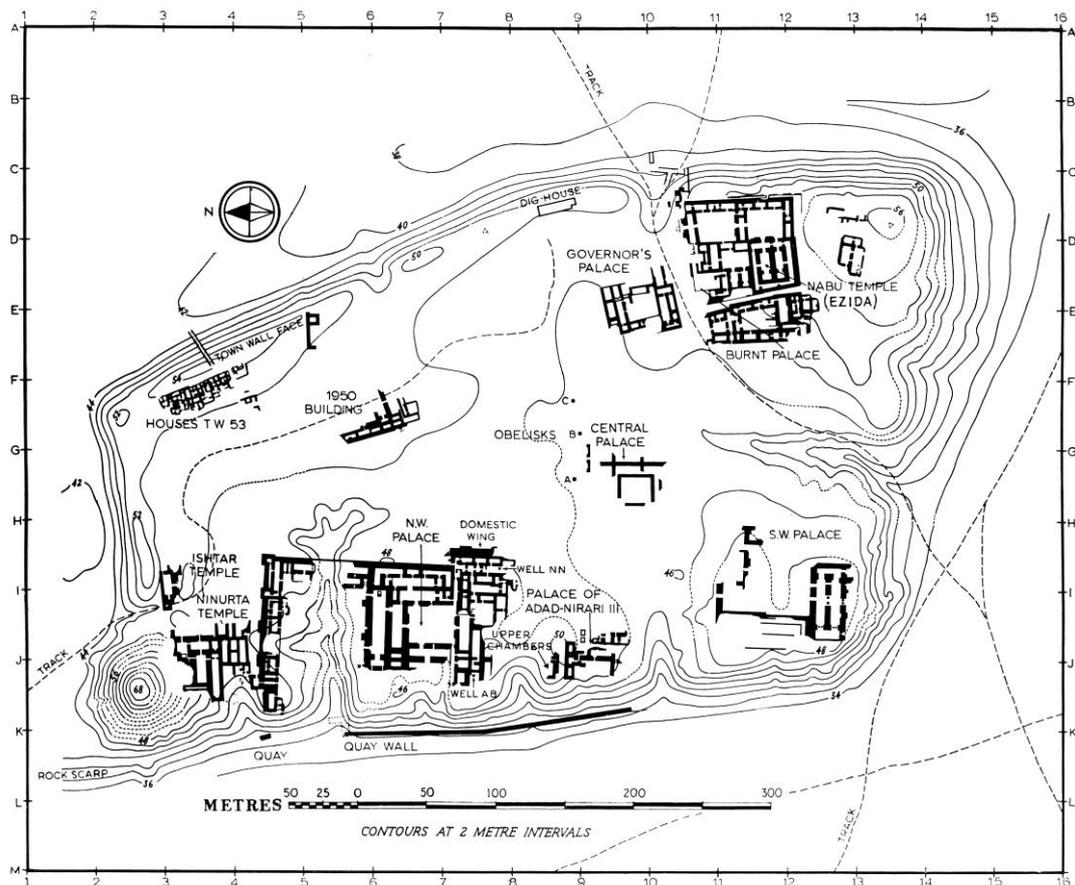


Ilustração 12 - Planta de Kalhu contendo as principais edificações escavadas.

Fonte: Oates, 2001, fig. 10

Dur Sharrukin

A cidade de Dur Sharrukin foi construída em 710 a.C. pelo rei Sargon II para ser a nova capital do Império. Localiza-se a 10 quilômetros a nordeste de Niníve. Possuía uma área de três quilômetros quadrados, onde o rei mandou erigir além de seu palácio, o maior até então existente, diversos templos além de um zigurate de quatro andares (ver ilustração 13). Com o fim de seu reinado a cidade foi abandonada e a capital transferida para a Niníve.



Ilustração 13 - Vista do palácio de Dur-Sharrukin a partir do zigurate.

Fonte: Página da Internet da Universidade de Chicago
<http://oi.uchicago.edu/gallery/asp_meso_khorsabad/index.php/khorsabad12.png?action=big&size=resize>. Acesso em 6 de março de 2008.

Niníve

Niníve foi transformada na capital do Império Assírio por Sennacherib, filho de Sargon II, onde mandou erigir o chamado Palácio Sudoeste.

Em meados do século XIX, as dimensões de Niníve ainda podiam ser claramente vistas: um sítio não todo retangular, fechado por uma muralha maciça de doze quilômetros de comprimento. Dentro de suas muralhas são observados dois montes (*tell*) (ver ilustração 14). O maior monte está situado ao longo da face oeste das muralhas da cidade e é conhecido pelo nome turco de Tell Kuyunjuk. Um monte menor é ocupado por uma mesquita construída dentro das ruínas de um antigo mosteiro cristão, o qual era conhecido por Tell Nebi Yunus, o monte do profeta Jonas, que muitos acreditam ter aí sido enterrado.¹⁵⁵ As atenções dos escavadores concentraram-se então em Kuyunjuk, que possui mais de um quilômetro e meio de comprimento e quatrocentos metros de largura. A quantidade de destroços

¹⁵⁵ A presença no monte Nebi Yunus desta e de outras estruturas sagradas limitou em muito as pesquisas arqueológicas.

acumulados por milênios de ocupação foram suficientes para elevar a superfície do monte oitenta metros acima da planície circundante.¹⁵⁶

A proximidade das ruínas da capital distrital de Mosul fez com que elas chamassem a atenção dos primeiros exploradores. Vários objetos como plaquetas contendo inscrições tinham encontra seu caminho para as mãos de dignitários visitantes desde o final do século XVIII. A primeira pessoa a manifestar sério interesse pelo sitio foi o cônsul francês em Mosul, Émile Botta. Ele começou escavando Kuyunjuk em 1842, mas encontrou pouca coisa além de tijolos de adobe acumulados. Desviou sua atenção para outro monte localizado por perto, conhecido como Khorsabad, onde descobriu os primeiros relevos esculpidos assírios. Mas, embora estivesse ativamente empenhado em encontrar monumentos ainda mais esplendidos, não renunciou às suas esperanças em relação à Kuyunjuk. Um perito mais jovem, o inglês Austen Layard, tinha chegado nesse meio tempo, ávido por aventura e determinado a garantir os direitos sobre outros sítios promissores. Foi-lhe dada permissão para explorar o lado sul de Kuyunjuk, onde começou a trabalhar em 1845. Embora o novo supervisor francês, Rouet, que substituiu Botta no sitio, achasse que os franceses tinham direito de prioridade, Layard persistiu com seus poços de sondagem e em 1847 encontrou um palácio.

¹⁵⁶ Leick, G., 2003, p. 240.

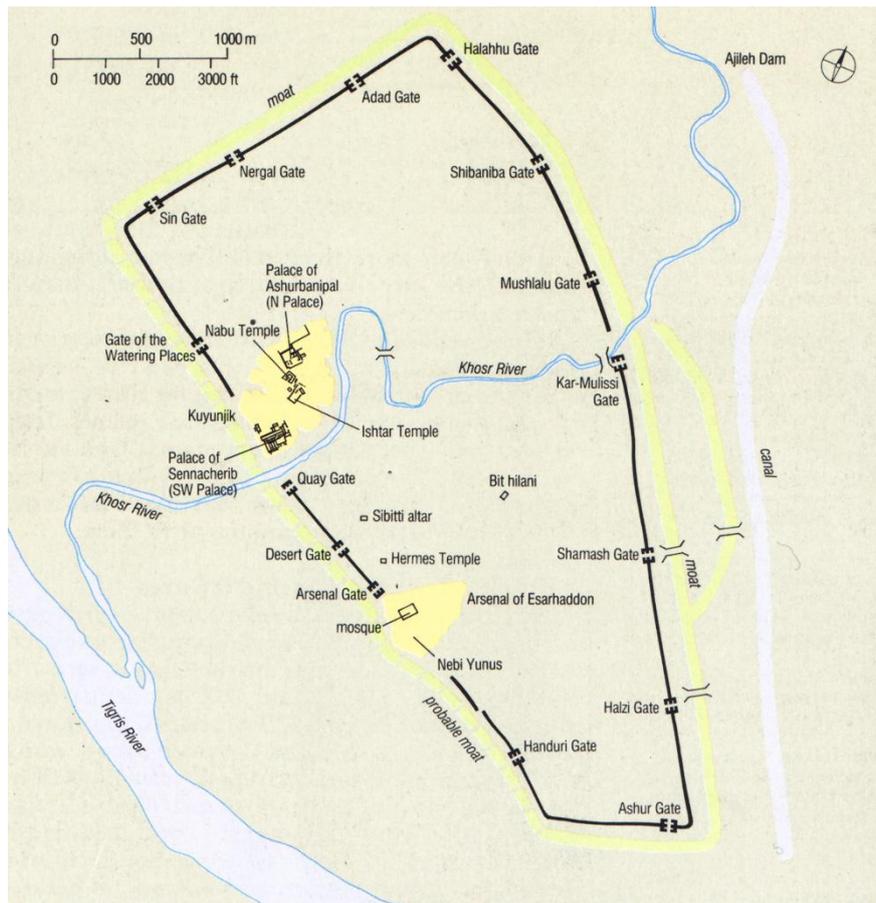


Ilustração 14 - Planta da cidade de Niníve. Notar na lateral esquerda da muralha os montes Kuyunjuk e Nebi Yunus.

Fonte: Roaf, 1990, p. 186.

No seio de uma fértil e bem irrigada região no coração da Assíria, Niníve está situada no melhor e mais freqüentado ponto para travessia do rio Tigre e é o foco de convergência de uma das mais importantes rotas que servem todo o Oriente Médio.¹⁵⁷

Foi desde a segunda metade do quarto milênio um lugar importante, embora os escavadores não tenham conseguido localizar nenhuma estrutura arquitetônica, apenas cerâmica. Os níveis mais recentes da cidade pré-histórica datam de 3000-2800 a.C., período conhecido como Niníve V na seqüência de Campbell Thompson, caracterizada por um tipo particular de cerâmica muito comum no norte, mas não encontrado nas regiões meridionais da Mesopotâmia.

Sennacherib não apresentou o menor sinal favorável para dar continuidade a construção e ocupação de Dur-Sharrukin, a capital inacabada de seu pai, e tampouco decidiu reativar a capital de Ashurnasirpal, Kalhu. Preferiu mudar a corte para o velho

¹⁵⁷ Leick, G., 2003, p. 243.

centro religioso de Niníve, a essa altura, uma cidade relativamente pequena e um tanto decadente. Entretanto, a cidade tinha uma importante ligação simbólica com as forças armadas. Ashurnasirpal tinha iniciado suas campanhas militares a partir de Niníve e era a cidade para onde os tributos eram encaminhados. Leick menciona alguns dos fatores que levaram a tomar esta decisão:

“Quando Sennacherib mudou para Niníve todo o seu aparato administrativo, estava planejando também exercer um controle muito mais direto na cidade. O novo palácio, chamado “palácio sem rival”, foi concebido não só como residência real, mas também como quartel-general de seu governo. As dimensões desse edifício, o dobro das do palácio de Sargão , refletem esse propósito.”¹⁵⁸

4.3. O Destino dos Relevos Neo-Assírios

Durante o século XIX, poucas restrições foram impostas pelo Império Otomano sobre a evasão de peças arqueológicas de seu território. Tal fato explica porque grande parte dos relevos foi levada da Mesopotâmia para coleções ao redor do mundo.

Os primeiros relevos a deixarem o Iraque foram os do palácio de Sargon II, em Khorsabad. Eles foram enviados por Botta para o Museu do Louvre, que hoje possui a melhor e maior coleção de relevos deste palácio.

Layard, que obteve primeiramente financiamento para as escavações do embaixador inglês em Constantinopla e depois do Museu Britânico de Londres, foi o responsável por reunir o maior número de peças para este museu. Os achados de Rassam também foram transportados para a Inglaterra. Esta instituição possui hoje a maior coleção de relevos assírios do mundo.

França e Inglaterra não são os únicos países a terem relevos assírios em suas coleções. Dentre tudo o que foi encontrado por eles apenas uma parte foi enviada ao exterior devido a problemas logísticos e financeiros. Diversas peças foram deixadas no sítio. Com o tempo, comerciantes retiraram parte dos relevos e os venderam. Isto explica a presença de peças em diversas coleções espalhadas pelo mundo.

¹⁵⁸ Leick, G., 2003, p. 247.

O Metropolitan Museum, em Nova Iorque e o Oriental Institute, em Chicago, nos Estados Unidos, além do Museu de Berlim possuem uma considerável coleção, adquirida de comerciantes ou oriundas de escavações realizadas no século XX.

O Iraque, berço da Assíria, ainda possui sem dúvida considerável parte dos relevos, expostos tanto em museus quanto nos próprios sítios. Durante a primeira metade do século XIX leis mais rígidas foram promulgadas visando maior controle do governo iraquiano sobre as escavações. Contudo, com a crise gerada pela Guerra do Golfo em 1991 e a invasão norte-americana em 2003, além do embargo da ONU que causou grande empobrecimento da população, muitas peças de valor histórico foram contrabandeadas. Os sítios de Niníve, Dur-Sharrukin e Kalhu foram ilegalmente escavados e pilhados pela população local em busca de bens que pudessem vendidos ao exterior. O Museu Nacional de Bagdá foi alvo, logo na primeira semana da queda de Saddam Hussein, de pilhagem maciça. Até hoje se calcula os prejuízos ocorridos na ação. Entretanto, algumas peças foram recuperadas.

Eventualmente relevos provenientes dos palácios neo-assírios surgem no mercado de arte legalizado e os preços de venda se tornam conhecidos. Um grande relevo, de mais de 2 metros de altura, oriundo do palácio de Ashurnasirpal II foi oferecido à venda pela casa de leilões londrina Christie's em 6 de julho de 1992. A peça estava desde meados do século XIX de posse da escola inglesa de Canford. O relevo foi ofertado pelo preço inicial de 750.000 libras esterlinas, e, após três minutos de lances a oferta vencedora atingiu 7.770.150 libras esterlinas, ou seja, 11.891.116 de dólares americanos ao câmbio da ocasião. O comprador do relevo foi um colecionador privado japonês. Este foi o mais alto valor pago até então por uma antiguidade, superando recorde anterior de 2.200.000 libras esterlinas pago por um vaso grego do período clássico. O resultado excepcional desta venda foi reportado ao redor do mundo por jornais e revistas.¹⁵⁹

Este foi o mais importante relevo assírio a ser colocado à venda desde a figura chamada de "*Sandon Hall*" em 1979 em Londres e vendido por 240.000 libras e o relevo de uma cabeça de divindade, vendida em 1968 em Nova Iorque por 451.000 dólares americanos.¹⁶⁰

¹⁵⁹ A história e imagem do relevo estão presentes na obra de Russell, 1997.

¹⁶⁰ Para a imagem, ver Russell, 1997, fig. 10.

5. A CIDADE, O TEMPLO E O PALÁCIO NA ANTIGA MESOPOTÂMIA

5.1. A Cidade na Mesopotâmia: uma introdução

Para os antigos habitantes da Mesopotâmia, a vida na cidade significava uma vida civilizada. A cidade era a sede da cultura, e vida não urbana era sinônimo de falta de cultura.¹⁶¹ Visualizavam sua cidade como estando localizada no centro de um mundo que não poderia existir sem ela, tanto em termos cósmicos quanto mundanos. A centralidade da cidade no próprio conceito de sua cultura era um tema constante na literatura da região. Na concepção local, quando uma cidade e seu deus estavam em harmonia, os seus habitantes prosperavam e estavam felizes. Um trecho de um texto do período babilônico mostra a maneira pela qual a cidade da Babilônia era glorificada:

*“Babylon is such that one is filled with joy looking at it.
He who lives in Babylon, his life will be prolonged.
Babylon is like a Dilmun date whose fruit is uniquely sweet.”*¹⁶²

A importância da cidade para os mesopotâmicos está em seu papel como centro político e religioso, duas funções consideradas de importância primordial nesta sociedade e intimamente inter-relacionadas.

Como centro religioso, cada cidade da região era lar de um deus ou deusa, e cada um era padroeiro da cidade. Este conceito provavelmente surgiu na Pré-História, quando todos os assentamentos importantes tinham seu próprio panteão liderado por uma deidade. No terceiro milênio, todas as cidades do sul da Mesopotâmia estavam intimamente associadas com uma deidade sumeriana: Nippur com o deus Engil, Ur com Nanna e Girsu com Ningirsu. Os mesopotâmicos acreditavam que os deuses construíram as cidades como suas próprias moradas. Este conceito entre o deus e a cidade não desaparece quando as cidades-estado são substituídas por Estados territorialistas e Impérios. Quando a Babilônia se torna a capital política do sul e capital cultural de toda a Mesopotâmia, sua divindade padroeira, Marduk, cresce em proeminência no panteão.

¹⁶¹ Mieroop, 1999, p. 42.

¹⁶² Extraído de Mieroop, 1999, p. 43.

A segunda função crucial da cidade, intimamente ligada ao seu papel religioso, era o de centro político. Os habitantes da região sempre enxergaram o poder político como sendo mantido de dentro de uma cidade, e não de dentro de uma nação ou região. Mesmo se, na realidade, uma dinastia tivesse controle sobre um território com muitos centros urbanos, a ênfase era colocada na sua relação com apenas uma delas.

A origem deste conceito pode ser buscada no tempo das cidades-estados, quando cada uma constituía verdadeiramente um poder político separado. A Lista Real Suméria começa com uma declaração de que “*when kingship was lowered from heaven, kingship was (first) in (the city) Eridu.*”, e a partir daí o texto menciona uma lista de cidades com o nome de seus governantes. Esta passagem expressa a ideologia de que a monarquia só poderia estar presente em uma cidade por vez, uma distorção da então situação histórica, onde a existência de diversas dinastias contemporâneas era mais a norma do que a exceção.

Os assírios aplicavam a mesma ideologia na cidade-estado de Ashur, como é mostrado na Lista Real Assíria. O propósito original desta lista deve ter sido o de legitimar o reinado de Shamshi-Adad sobre a cidade de Ashur (1812-1781 a.C.). Este rei estrangeiro era de descendência nômade, e seu reinado só poderia ser justificado integrando seus ancestrais a uma lista de governantes locais da cidade. Estes eram colocados no início da lista com a notação especial de que eram “reis que viviam nas tendas”, Assim, era afirmado que o comando não-urbano era possível, embora extremamente não usual e levava a um governo urbano. Através de expansões posteriores da lista, a dinastia local de Ashur foi mostrada como sendo continua desde o III milênio até o reinado de Shalmaneser V no final do século VIII a.C. Na realidade diversos reis não consideravam a cidade de Ashur como sendo sua capital política. O próprio Shamsi-Adad governou de Shubat-Enlil no norte da Síria, e a cidade de Ashur não teve papel político significativo em seu governo. A partir do século IX a.C. Kalhu foi a sede do governo, enquanto que Ashur continuou sendo um centro religioso. Segundo Mieroop, a cidade de Ashur era então uma ficção, e a idéia de tal importância foi abandonada quando Sargon muda-se para Dur-Sharrukin, após suceder Shalmaneser V.¹⁶³ A atenção dos reis assírios estava sempre focada em uma cidade, a sede de seu poder político, apesar do fato de controlarem um vasto império.

¹⁶³ Mieroop, 1999, p. 50.

Materiais iconográficos também atestam a importância da cidade como centro político. A partir do século XIX a.C., uma coroa aparece representada na imagética assíria, possivelmente usada somente por rainhas, que tinha o formato de uma muralha de cidade.¹⁶⁴ Este tipo de coroa se torna muito popular a partir de então. Era a coroa real padrão dos Persas. Igualmente no oeste, os gregos, após o período de Alexandre, a consideravam um atributo de deusas como Cibele, claramente sob inspiração oriental.¹⁶⁵ Talvez a idéia mais indicativa do ato de abrir mão de uma cidade, como símbolo de abdicação do poder político, são as imagens de pessoas oferecendo um modelo de sua cidade a um rei assírio vitorioso presente no repertório imagético assírio.¹⁶⁶

Deste modo, no conceito mesopotâmico de cidade, duas idéias predominavam: era um centro tanto político quanto religioso. Templo e palácio eram instituições urbanas básicas, e eram estas instituições que definiam a cidade. Na mente mesopotâmica a cidade era contrastada com a estepe e o deserto onde assentamentos permanentes eram impossíveis.

A região possuía inúmeras cidades, das quais muitas cresceram a partir de vilarejos através dos séculos. Ao longo dos milênios, novas cidades foram também fundadas. Algumas através de fundações reais, e pode-se esperar que os reis tenham estado orgulhosos de seu trabalho, conforme mostrado por inúmeros exemplos textuais.

5.2. O Templo na Mesopotâmia: uma introdução

Os templos ocupavam geralmente na Mesopotâmia uma posição de destaque no assentamento, normalmente em um local mais alto que o entorno. Embora evidências arqueológicas para a prática de religião podem ser encontradas já no período neolítico do Oriente Médio, um local para a prática de veneração comunal ou templo é primeiro atestada em Eridu. É uma simples cabana que pode ser identificada para tal função por possuir uma série de atributos que eventualmente emergem com atributos inconfundíveis: decoração com nichos, um altar, e em um dos níveis da construção uma massa de ossos de peixes oriundos das oferendas. Em Eridu, logo após o Nível IX (Período Ubaid tardio, datado de *c.* 4800 a.C.), e no Período Uruk (*c.* 3200 a.C.), uma plataforma alta foi construída e repetidamente aumentada pela adição de tijolos,

¹⁶⁴ Para a imagem, ver Mieroop, 1999, fig. 3.1.

¹⁶⁵ Mieroop, 1999, p. 51-52.

¹⁶⁶ Para a imagem, ver Place, 1867, pl. 48.

que fez com que esta construção se tornasse cada vez mais alta (ver ilustração 15). Ao longo do terceiro milênio, os arquitetos converteram esta forma orgânica de crescimento no conhecido zigurate.

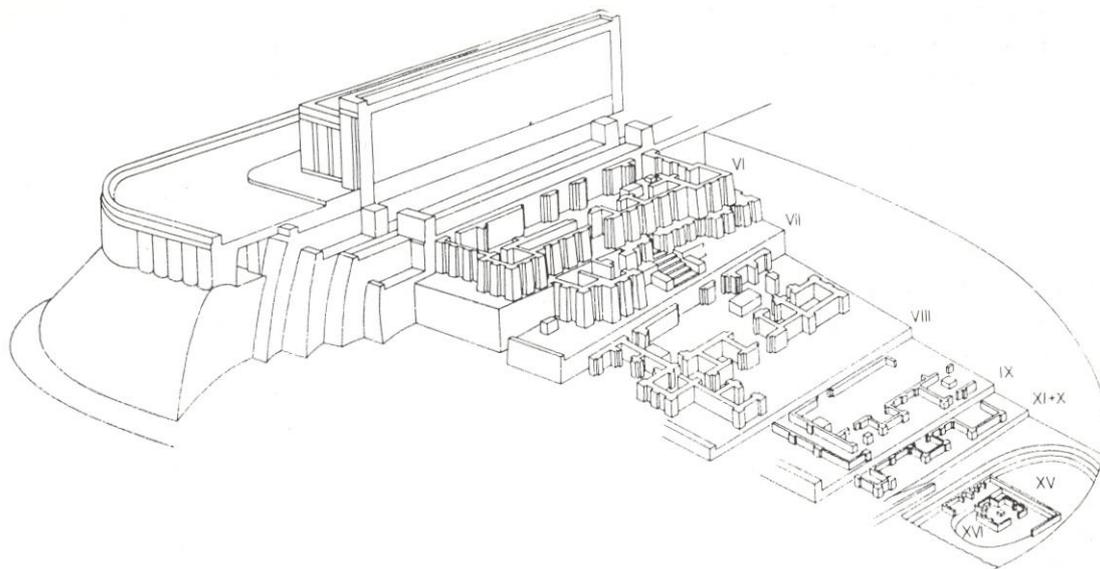


Ilustração 15 - O templo de Eridu.

Reconstrução mostrando o desenvolvimento do mais antigo nível, datado do Período Ubaid (c. 5000 a.C.) até o mais recente, Período Uruk (c. 3000 a.C.). Os níveis VI-XVI foram construídos um imediatamente acima do outro, mas são aqui mostrados equiparados.

Fonte: Postgate, 1992, fig. 2.2.

Exemplos de construção de estruturas no topo do zigurate podem ser vistas em Uruk e em Uqair. Em Uruk uma seqüência similar a encontrada em Eridu foi identificada, com templos menores datados do Período Ubaid sendo cobertos pelas fundações de plataformas mais tardias, datadas do Período Uruk tardio. Este templo possui as mesmas características dos construídos no Período Ubaid: uma planta tripartite, paredes com nichos e um altar. As paredes do edifício e os cantos do terraço foram decorados de diversas maneiras, incluindo cones de argila, construídas na fachada, o próprio templo é conhecido como “Templo Branco”, pois era coberto por cal.

Em Uqair, também um importante sítio durante o Período Ubaid, havia um plataforma irregular, não ainda definida como zigurate, e novamente um pequeno templo com planta tripartite no topo, tendo as paredes decoradas com pinturas policromadas, que incluíam um par de leopardos sentados (ver ilustração 17).¹⁶⁷

¹⁶⁷ Postgate, 1992.

No Período Uruk (c. 3200 a.C.), a própria cidade de Uruk era provavelmente o maior assentamento da terra, e a oeste do “Templo Branco”, o santuário tradicional de sua plataforma, estava o enorme complexo de edifícios cerimoniais, conhecidos como “Complexo de Eanna”, mostrado na planta da ilustração 16. Dentro das muralhas, com 200 metros de largura por 400 metros de comprimento, estavam diversos santuários separados e outros edifícios, que pelo seu tamanho e riqueza de ornamentação devem ter servido a alguma função pública.¹⁶⁸

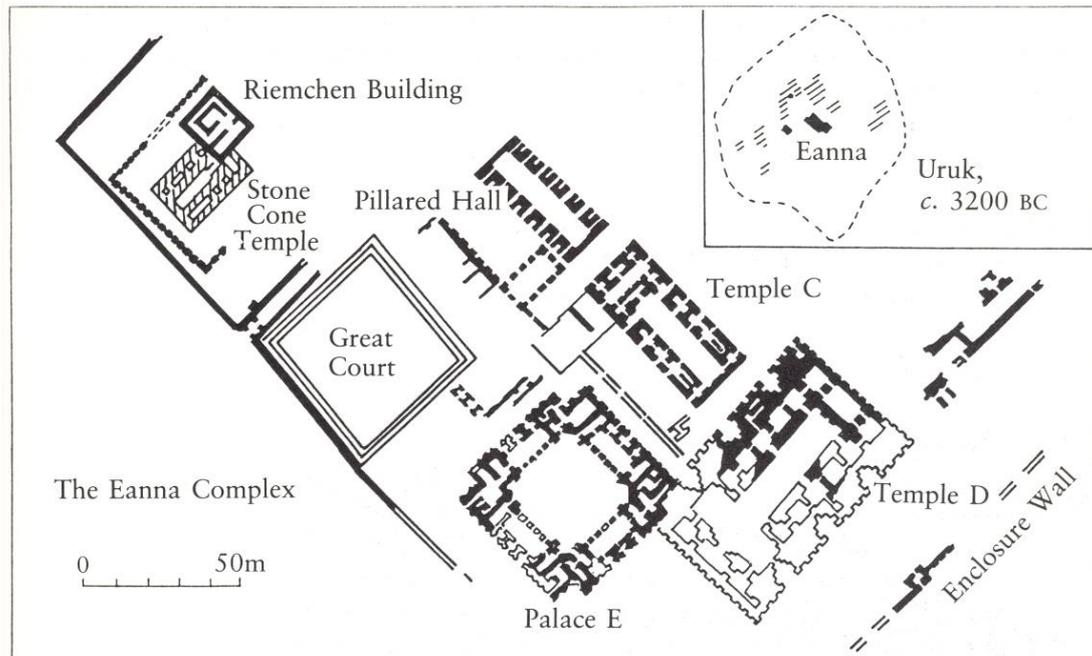


Ilustração 16 - Parte do Complexo de Templos de Eanna em Uruk, Nível IVB, datado de c 3200 a.C.

Fonte: Postgate, 1992, fig. 6.4.

Embora único em escala, Uruk não foi um fenômeno isolado. Os templos de Eridu e Uqair tinham a mesma decoração elaborada, e estavam localizados em terraços maciços. Tal decoração e arquitetura monumental representam significativo investimento de recursos comunais.

¹⁶⁸ Postgate, 1992, p. 112.

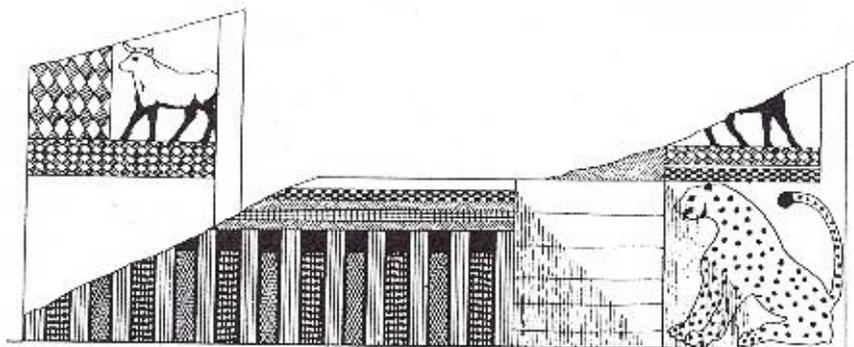


Ilustração 17 - Paredes Pintadas do Templo de Uruk em Uqair.

A maior parte da decoração imita os mosaicos coloridos conhecidos de santuários contemporâneos de Uruk.

Fonte: Postgate, 1992, fig. 6.3.

O templo na Mesopotâmia estava engajado em uma série de atividades produtivas e comerciais. Textos encontrados na cidade de Girsu no território de Lagash mostram as atividades econômicas na qual o templo estava envolvido: cultivo de cereais, de vegetais e de árvores frutíferas; controle da irrigação; controle dos animais de criação, pesca nas águas doces e salgadas; manufatura de têxteis, de itens em couro e madeira; trabalhos em metal e pedra e a promoção de contatos comerciais com terras distantes.¹⁶⁹

Evidentemente estas atividades requeriam a existência de despensas, armazéns, celeiros e oficinas. Em alguns casos, como na cidade de Lagash, deve ter havido espaço para estes estabelecimentos dentro do recinto do templo. Entretanto, normalmente eles eram dispersos, alguns dentro da cidade e outros no campo.

Uma oficina do templo da cidade de Guabba em Lagash, durante o Período Ur III, empregava 6000 pessoas, na maioria mulheres e crianças. Segundo Postgate, embora esta seja um empreendimento típico de um palácio atrás da fachada de um templo, é construído numa tradição existente.¹⁷⁰

5.3. O Palácio na Mesopotâmia: uma introdução

O palácio na Mesopotâmia era o foco de diversas atividades: administrativas, burocráticas, industriais, cerimoniais e residenciais. Em suma, como define Winter,

¹⁶⁹ Postgate, 1992, p. 113.

¹⁷⁰ Postgate, 1992, p. 117.

era uma instituição, não apenas uma residência; parte do aparato de Estado, não apenas um simples receptáculo de apartamentos de Estado (*State apartments*).¹⁷¹

Durante o Período Uruk (c. 4000-3000 a.C.), já é possível identificar os estágios iniciais de hierarquia social complexa e urbanização em larga escala. Embora os arqueólogos tenham encontrado na cidade de Warka um grande complexo de edifícios, identificados como templos, com características de planta tripartite, acesso à *cella* via eixo arqueado (*bent axis*), altar e pódio, nada claramente reconhecível como palácio foi descoberto. Uma estrutura anômala foi encontrada na área sagrada de Eanna, conhecido como edifício 11 ou Palácio E (ver ilustração 17). Este possui forma quadrada, com um pátio central rodeado por salas. A planta é claramente distinta de um templo, portanto foi sugerido que tal construção fosse um palácio. O surgimento posterior do palácio em relação ao templo é defendido por muitos estudiosos dentre eles Postgate:

“É consenso entre os historiadores do antigo Oriente Próximo que o palácio mesopotâmico é um desenvolvimento posterior ao templo: significa que a construção de um posto de administração secular é a expressão visível da formação da autoridade secular permanente separada do templo.”¹⁷²

É aceito, por um maior número de estudiosos, como sendo os mais antigos palácios identificados na Mesopotâmia os dois edifícios localizados em Kish (mostrados nas ilustrações 18 e 19), datados do final do Período Dinástico Inicial (c. 2600-2430 a.C.).¹⁷³ Os edifícios de Kish contêm grande número de salas em diversos tamanhos e formatos, sugerindo muitas funções, e contam com uma característica que define os palácios mais tardios da Mesopotâmia: um grande pátio central. Como seus sucessores, ambos são significativamente demarcados do resto da cidade por uma sólida parede defensiva, mas sua localização dentro da cidade também é sugestiva. O

¹⁷¹ Winter, 1993, p. 27. A autora ressalta que as múltiplas funções do palácio da Mesopotâmia não eram necessariamente características das residências reais nas cidades-estado vizinhas do norte da Síria e do sudeste da Anatólia. Estes palácios eram consideravelmente menores em escala comparados com os palácios assírios e babilônicos, tinham suas próprias formas características e parecem ter sido simples residências.

Para uma discussão aprofundada sobre a definição de palácio mesopotâmico ver a introdução da obra de Margueron, 1982. Esta obra, em dois volumes, é um estudo exaustivo dos palácios mesopotâmicos da Idade do Bronze, analisando ao todo 20 palácios.

Sobre o palácio no antigo Oriente Próximo em geral, ver as obras de Conteneau, 1931, Frankfort, 1979, Lloyd; Muller, 1980, Moortgat, 1969 e Winter, 1993.

¹⁷² Postgate, 1992, p. 137.

¹⁷³ Winter, 1993, p. 28; Postgate, 1992, p. 143. Para a descrição detalhada deste edifício, ver Margueron, 1982, capítulo 2.

primeiro, conhecido na literatura como Palácio A fica perto dos templos, enquanto que o segundo, conhecido por “*Plano-Convex Building*”, que provavelmente era muito maior, fica a cerca de dois quilômetros de distância. Este palácio apresentava um grande pátio interno central, quadrado e com 17 metros de largura.

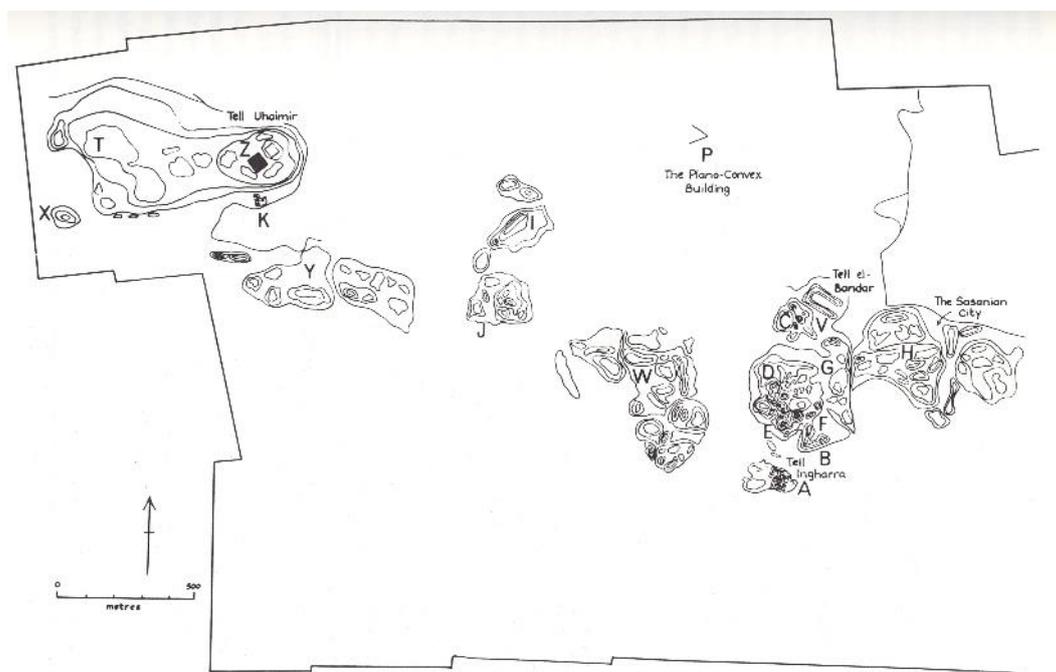


Ilustração 18 – O sítio de Kish.

Identificado por **A** está o Palácio A; **P** o “*Plano-Convex Building*”
 Fonte: Postgate, 1992, fig. 7.2.

As razões para a distância do “*Plano Convex Building*” da cidade não são difíceis de identificar segundo Postgate: o templo mesopotâmico, quase que por definição, está estabelecido no centro do assentamento a que serve, sendo sua localização imutável e sacrossanta.¹⁷⁴ Por outro lado, novos governantes gostam de construir para si novas premissas, e em uma cidade antiga, o espaço necessário para uma grande instituição secular somente estaria disponível à custa de edificações existentes, o que explica porque um local longe do centro era normalmente escolhido.

¹⁷⁴ Postgate, 1992, p. 137.

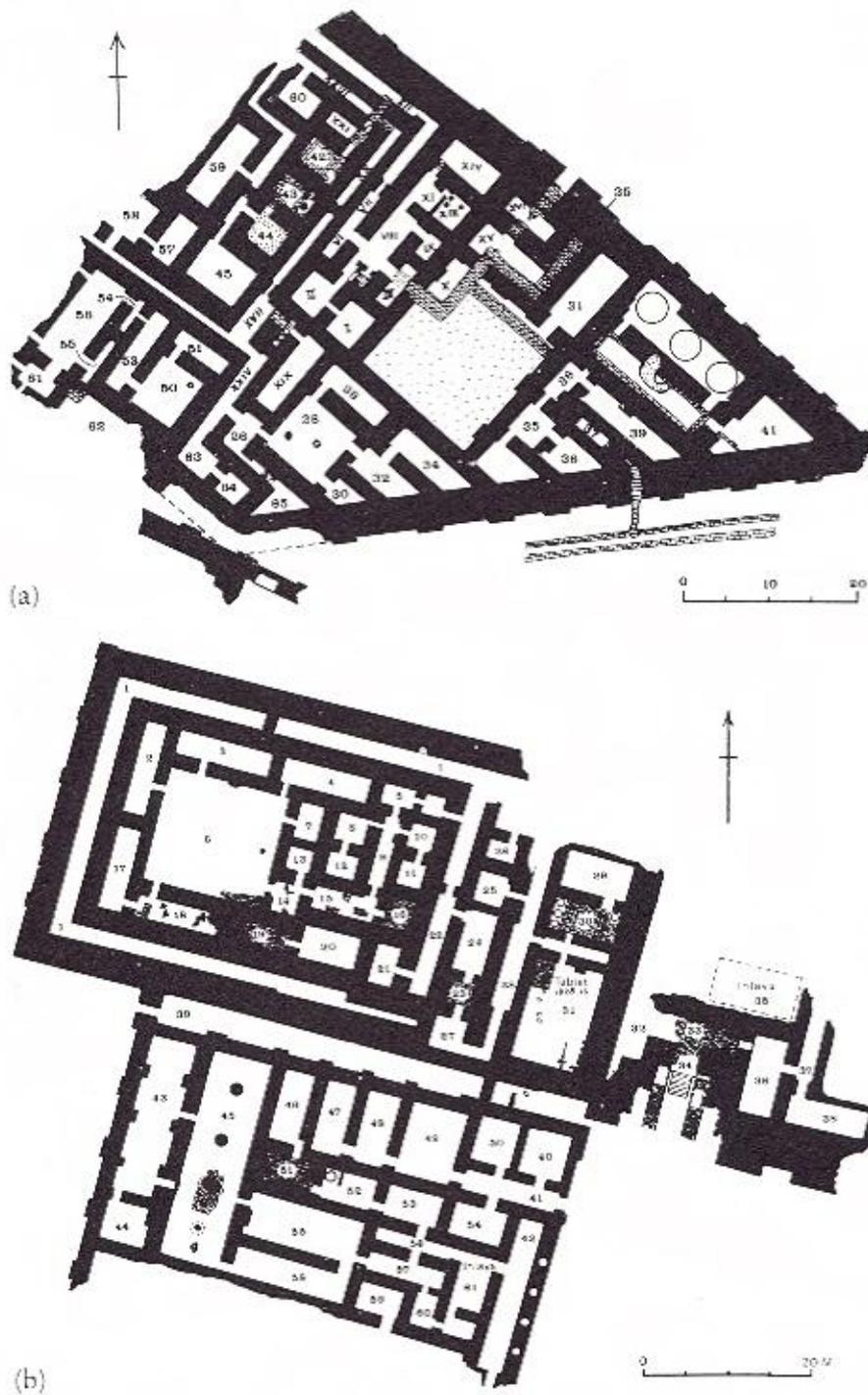


Ilustração 19 - Os dois palácios de Kish datados do Período Dinástico Inicial.

Identificado pelo item (a) está o “*Plano Convex Building*” com grossas paredes externas e estreitas passagens internas. O item (b) identifica o Palácio A, com sua entrada monumental e salas de recepção decoradas e com colunas.

Fonte: Postgate, 1992, fig. 7.1.

O sítio de Tell Mardikh, antiga Ebla (ver ilustração 20), no noroeste da Síria, datado do final do Período Dinástico Inicial e início do Período Acadiano fornece evidências

das atividades levadas a cabo no local: a construção não era apenas a residência real, mas também centro de atividades políticas e administrativas. Foram encontradas centenas de tabletas cuneiformes registrando assuntos que iam desde tratados com governantes estrangeiros até elementos da vida econômica diária, todos guardados em prateleiras em arquivos especialmente elaborados para este fim. O sítio foi ocupado desde o IV milênio a.C. até o século VII d.C., mas as mais importantes construções datam do meio do terceiro milênio até o meio do segundo milênio. O Palácio G, datado do início da Idade do Bronze, teve sua destruição atribuída a um dos reis da Acádia.

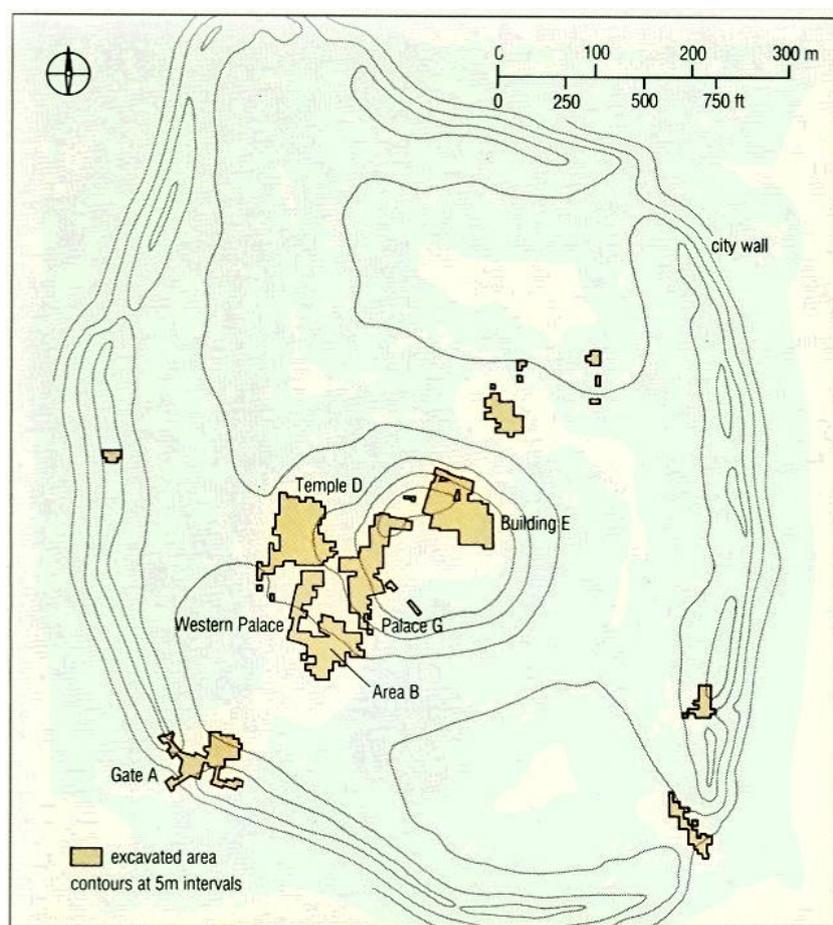


Ilustração 20 - Planta do contorno do sítio de Ebla com as principais áreas escavadas.

O sítio cobre uma área total de 55 hectares. Fonte Roaf, 2004, p. 84.

Datam do Período Acadiano (2334-2154 a.C.) outros palácios identificados em Tell Asmar (ver ilustração 21), Tell Brak, Tell al Wilayah, Khafage e Ashur. Estes têm como características em comum, que os definem como palácio, a presença de pelo menos um pátio central, muros com uma entrada principal, evidências de uso residencial bem como de outras atividades.



Ilustração 21 - Planta do “Palácio Norte” localizado em Tell Asmar.

Datado do Período Acadiano. Fonte: Postgate, 1992, fig. 6.7.

Mais recente, o palácio de Mari, habitado em diversos reinados entre os anos de c. 2000-1758 a.C., possui mais de 300 salas além de grande número de pátios conforme a planta da ilustração 22 permite visualizar.¹⁷⁵

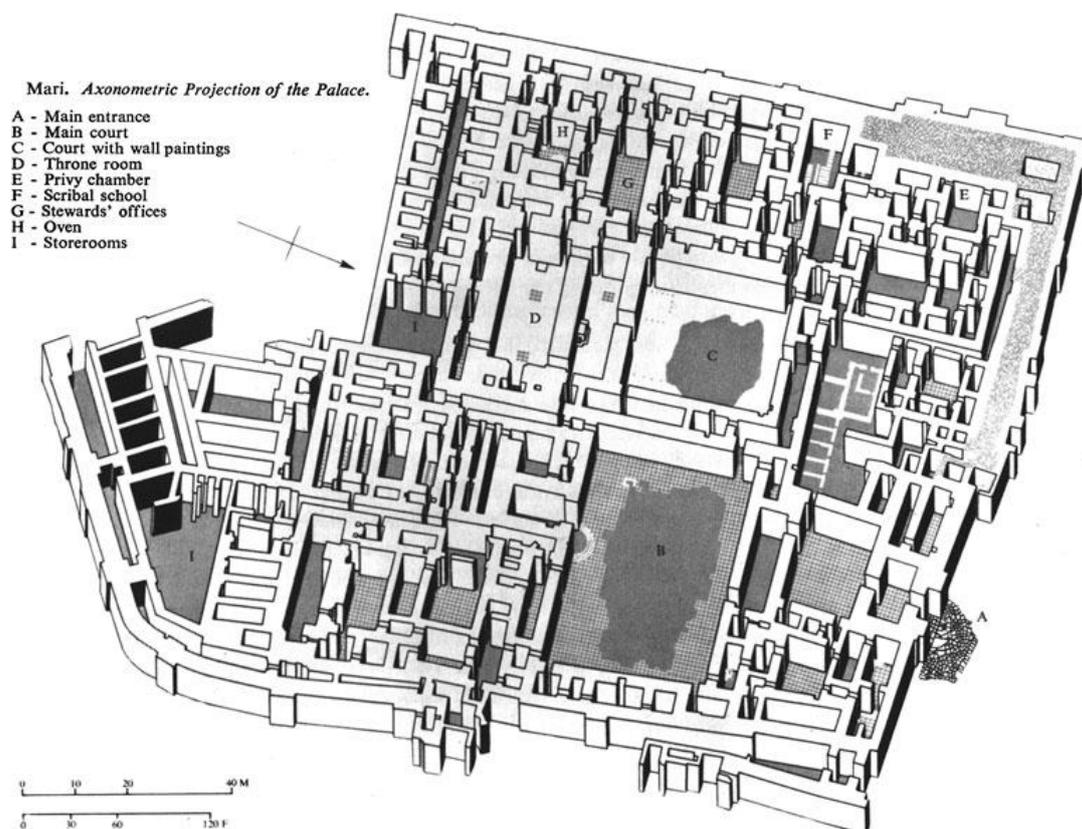


Ilustração 22 - Perspectiva axonométrica do palácio de Mari.

Fonte: <www.utexas.edu/courses/classicalarch/images.html> acesso em 4 de março de 2008.

Neste palácio podem ser encontradas todas as configurações espaciais bem como os esquemas decorativos e funções administrativas que caracterizarão os futuros palácios neo-assírios. Pode ser claramente reconhecida a entrada principal que leva a um grande pátio cercado por salas bem como um pátio interno de tamanho menor.¹⁷⁶ Embora nem todos os estudiosos concordem com as funções de cada sala em particular, não há dúvida que fornos e estruturas de armazenamento de alimentos indicam a função residencial do edifício. Da mesma forma, um grupo de tabletas

¹⁷⁵ O palácio de Mari foi escavado por André Parrot. Ver o resultado da escavação publicado em Parrot, 1958. Importantes informações acerca deste palácio podem ser obtidas também em Margueron, 1982, capítulo 11.

¹⁷⁶ Winter, 1993, p. 30.

encontrados na parte noroeste do palácio atesta cuidados prestados na visita de dignitários estrangeiros.¹⁷⁷

Quando estas evidências são analisadas em conjunto com os textos administrativos assírios de mais recentes, conhecidos como Listas de Vinho de Nimrud, fica claro que em certo momento o palácio abrigava um grande número de indivíduos: membros da família real, oficiais de alta patente, eunucos, guardas, trabalhadores e visitantes, sendo que todos deveriam ser alimentados e ter suas necessidades atendidas pelas despensas do palácio. Outros tabletas encontrados atestam que o palácio estava envolvido na administração dos assuntos pessoais do rei, na produção de bens industriais, bem como em assuntos de Estado.

O palácio de Mari também apresenta o mais antigo exemplo de salas de recepção formais, identificável nos palácios posteriores. Em Mari, a ala das salas de recepção (*reception suites*) fica paralela ao final norte do pátio interno. Uma porta central conecta a primeira sala ao pátio. Existe evidência de um pódio na parede oposta a esta porta central. O pódio poderia ser usado como plataforma para o trono do monarca, nas ocasiões em que desejasse ter ampla visão e poder ser visto do pátio interno do palácio. A sala incluía também um segundo pódio na parede oeste. Salas idênticas, com a base do trono preservada em uma das extremidades da sala também são encontradas nos palácios neo-assírios. Também foram encontradas pinturas murais nas fachadas do pátio interno e em salas (ver ilustrações 23 e 24). Algumas destas fazem lembrar as encontradas nos palácios assírios posteriores.¹⁷⁸ Winter ressalta a importância do significado de tais pinturas em Mari como declaração da ideologia e da retórica real. Para a autora, a presença de pinturas na fachada da sala do trono serve como importante veículo para a declaração da retórica real e da ideologia do Estado e correspondem à um padrão que será observado nos palácios assírios e babilônicos posteriores.¹⁷⁹

Apesar de terem sido encontradas em estado fragmentado e em condições medianas de conservação, o que limita inferências mais profundas, as pinturas murais de Mari e o seu repertório ainda assim nos ajuda a entender as origens do repertório decorativo neo-assírio. Podem-se observar nestas pinturas os motivos, dentre outros, do combate

¹⁷⁷ Winter, 1993, p. 30.

¹⁷⁸ Diversas cenas são apresentadas em Parrot, 1961.

¹⁷⁹ Winter, 1993, p. 30.

entre o governante e o leão, o rei vitorioso sobre o inimigo caído e o rei recebendo uma delegação de indivíduos que se aproximam. Todos estes temas encontram paralelos nos temas adotados nos palácios neo-assírios e mostram uma iconografia utilizada pelos soberanos na decoração de seus palácios com pelo menos mil anos de tradição.



Ilustração 23 - Fragmento da cena conhecida como "*investiture of Zimrim-lim*".

A pintura originalmente adornava a parede externa da sala do trono do palácio de Mari, datado do XVIII século a.C. O rei é mostrado sendo recebido pela deusa Ishtar, enquanto deidades protetoras, animais e seres híbridos emolduram a cena. Dimensões: 1,7 m de altura por 2,5 m de comprimento.

Escavada por Parrot em 1935-36. Hoje no Museu do Louvre.

Fonte: Parrot, 1961, fig. 346.

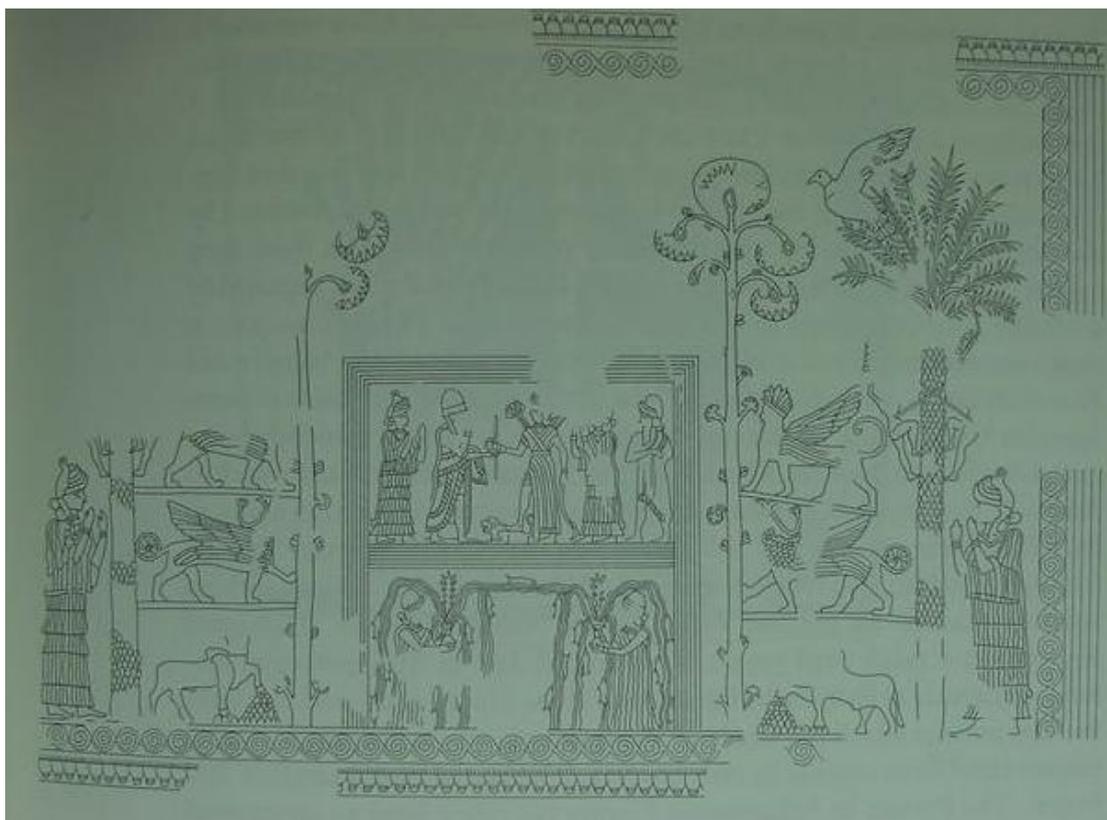


Ilustração 24 - Desenho do fragmento da cena conhecida como “*investiture of Zimrim-lim*”.

Fonte: Black; Green, 1992, fig. 16.

Winter reconhece que a utilização de extensos programas de decoração como veículos da ideologia real foi iniciada muitos séculos antes que o período Neo-Assírio.

“O uso de programas decorativos estendidos como veículos para a articulação da ideologia não é incomum na história dos palácios reais (...). Nos palácios do antigo Oriente Próximo, as declarações públicas “oficiais” sobre o soberano e o Estado assim como aparecem no programa decorativo servem ressaltar a natureza institucional do palácio como parte de um aparato de Estado maior. No âmbito que o “palácio” pode servir como metonímia para o governante (assim como a “Casa Branca” o faz para o presidente norte-americano), e desse modo para o Estado, o palácio é a fonte de ideologia; e no âmbito de que o palácio é a manifestação física de um programa de retórica real, é também o veículo para esta ideologia.”¹⁸⁰

Tal opinião é compartilhada por Postgate, que identifica elementos de propaganda presentes nas salas do trono desde o Período Dinástico Inicial:

“Naturalmente um cômodo como este funcionava como uma vitrine do Estado, sendo um local de grande ostentação. Desde os tempos do Período

¹⁸⁰ Winter, 1993, p. 36.

Dinástico Inicial palácios eram decorados com cenas de propaganda. Mais tarde, em Mari, a principal câmara de recepção, no pátio externo, foi pintada com cenas ritualísticas, provavelmente do Período Ur III ou pouco mais recente.”¹⁸¹

Mas é somente nos palácios do período neo-assírio que o repertório iconográfico é encontrado em tal quantidade e qualidade que permite a realização de análises mais aprofundadas sobre seu papel como veículo da retórica real. Novamente conforme explica Winter:

“É somente no período neo-assírio que nós temos um suficiente número de exemplos e um grau de preservação para tentar leituras mais completas das atitudes em relação ao sistema de governo e avaliar experiências de autoridade – o que eu chamei em outros lugares de “retórica real” – como articuladas na construção do palácio e na sua decoração.”¹⁸²

Não se deve esquecer que o palácio verifica ao rei, de maneira sutil, a amplificação de seus poderes sobre os súditos. Conforme observou Winter, o palácio é um espelho do rei. É a manifestação física do seu poder e da sua habilidade de construir, e ao possuir capacidade tão impressionante de construir, o governante também demonstra seu poder e habilidade de comandar recursos, de causar surpresa, e de criar uma apropriada sede do poder.¹⁸³

Claramente os palácios eram símbolos do que Trigger chamou de “*conspicuous consumption*”, isto é, o grande número de homens e recursos exigidos na sua construção como expressão do poder real.¹⁸⁴ Aos olhos dos súditos, somente um homem com grande poder poderia realizar tal empreitada.

A arquitetura monumental, segundo Trigger, está associada a todas as sociedades complexas do mundo. Está expressa nas grandes residências, edifícios públicos, e estruturas com propósito especial. Sua principal característica é o fato de sua escala e grau de elaboração exceder os requisitos básicos para funções práticas que a construção deve oferecer. O autor cita como exemplo o palácio; este requer grande número de despensas e salas administrativas para que possa servir às necessidades do rei ou do alto oficial que lá habita. Entretanto, o fato dos arqueólogos poderem facilmente reconhecer tais edifícios, que em termos de tamanho e qualidade de suas

¹⁸¹ Postgate, 1992, p. 143.

¹⁸² Winter, 1993, p. 31.

¹⁸³ Winter, 1993, p. 38.

¹⁸⁴ Trigger, 1990.

construções excedem em muito os requisitos de suas necessidades práticas, é um testemunho da importância da arquitetura monumental nas sociedades complexas.

Sobre a arquitetura monumental nas primeiras civilizações Trigger revela:

“(…) arquitetura monumental se torna ainda mais onipresente, elaborada, e diferenciada. Construções monumentais, de tamanho e grau de elaboração variados, são correlacionadas com o aumento da estratificação dentro das classes superiores.”¹⁸⁵

Em todas as civilizações emergentes a construção de tais edifícios requeria a habilidade de planejamento em grande escala, um alto grau de habilidades de engenharia, o recrutamento e direcionamento de forças de trabalho substanciais, bem como desenvolvido grau de padrão artístico. Características estas que somente um homem com grande poder poderia dispor. Segundo Trigger estas estruturas testemunham a habilidade poderosos indivíduos ou Estados de mobilizar artesãos capacitados, recursos materiais e enorme quantidade de trabalho. Estes edifícios eram criações das classes altas que controlavam a maior parte do excedente de produção de suas sociedades e tinham o poder político para utilizar este excedente para realizar grandes projetos de construção não utilitários.¹⁸⁶

Ainda Segundo Trigger conforme as sociedades se tornam mais hierarquizadas e seus mecanismos de controle mais despóticos, o poder é expresso pelo controle da força de trabalho dos outros na forma da exigência dos excedentes de alimentos, corvéias e outros serviços especializados. Parte desta energia é então convertida em símbolos de prestígio, que muitas vezes são feitos de materiais raros e valiosos e cuja manufatura requer o gasto de grande quantidade de trabalho para propósitos não utilitários.¹⁸⁷

Chegaram até nossos dias diversos registros sobre a construção dos palácios assírios.¹⁸⁸ Em uma de suas inscrições, Sargon II declara que construiu a cidade de Dur-Sharrukin “*with the labor force of foreign people whom I have captured.*”¹⁸⁹ As cartas assírias nos dão mais indícios sobre a composição da força de trabalho escrava. Uma carta fragmentada endereçada ao rei indica que esta força de trabalho incluía

¹⁸⁵ Trigger, 1990, p. 120.

¹⁸⁶ Trigger, 1990, p. 122.

¹⁸⁷ Trigger, 1990, p. 125.

¹⁸⁸ Ver a obra de Lackenbacher, 1990, sobre os registros escritos relativos às construções reais na Assíria.

¹⁸⁹ Parpola, 1995, p. 54.

deportados da Samaria, a capital de Israel, que Sargon conquistou em seu quinto ano de reinado:

*“Concerning what the king my lord wrote to me: “Provide all the Samaritans in your hands with work in Dur-Šarrukin”, I subsequently sent word to sheiks, saying: “Collect your carpenters and potters; let them come and direct the deportees who are in Dur- Šarrukin (...)”*¹⁹⁰

Trigger nota que o consumo aparente (*conspicuous consumption*) expresso na capacidade de gastar energia, especialmente na forma de força de trabalho de outros indivíduos, de maneira não-utilitária, é o modo mais básico e universalmente mais compreensível de demonstração de poder:

*“Arquitetura monumental e objetos pessoais de luxo se tornam símbolos de poder porque são vistos como incorporadores de grande quantidade de energia humana, e simbolizam, portanto, a habilidade daqueles para os quais foram feitos de controlar tal energia em um grau não usual. Além disso, ao participarem da construção de monumentos que glorificam o poder das classes superiores, trabalhadores camponeses são forçados a reconhecer seu status subordinado e o senso de sua própria inferioridade é reforçado.”*¹⁹¹

Ainda segundo Trigger, no nível mais elementar e geral, o poder político é universalmente percebido como a habilidade de controlar energia. Desta forma, nenhum governante pode manter o poder político se não investir parte considerável de sua energia em atividades que ajudam a manter, e se possível, a expandir a sociedade que ele controla. Todavia, a mais constrangedora demonstração de poder é a habilidade de um soberano em consumir parte da energia sob o seu controle para propósitos não utilitários. Por causa disto, a arquitetura monumental constitui uma expressão universalmente entendida de poder e também porque o significado básico da arquitetura monumental e dos objetos de luxo é tão aparente aos arqueólogos.¹⁹²

Cerimônias elaboradas realizadas pelos governantes também serviam como demonstrações de poder. Estas muitas vezes requeriam o uso de equipamentos especiais e muitas pessoas faziam parte, como atores ou participantes. Ao longo destes rituais grandes quantidades de alimentos e bens podiam ser destruídas como oferendas ou distribuídas entre os participantes

¹⁹⁰ Parpola, 1995, p. 54.

¹⁹¹ Trigger, 1990, p. 125.

¹⁹² Trigger, 1990, p. 125.

Nas primeiras civilizações grande quantidade de energia era canalizada na elaboração e manutenção de complexos sistemas de escrita, calendários, astrologia, adivinhação e outros saberes religiosos, que constituíam uma grande parte da “grande tradição”¹⁹³. Estes serviam para enfatizar a diferença cultural entre as classes superiores e inferiores, com relação a desvantagem política e social dos subordinados.¹⁹⁴

Trigger menciona que embora as cerimônias públicas envolvessem grande gasto de energia que era designada em parte para impressionar as pessoas comuns através do poder das classes superiores, a maior parte da rotina diária dos palácios e dos templos era testemunhada somente por um pequeno número de oficiais, sacerdotes e seus serviçais. Entretanto, ressalta que o gasto de energia nestas atividades provavelmente não era menor que o gasto nas cerimônias públicas.

Já a arquitetura monumental era a mais pública expressão de poder das classes superiores e tinha um caráter permanente.

“Em contraste com as cerimônias públicas, era também a mais duradoura declaração de poder que um soberano poderia esperar realizar. No curso normal dos eventos, um edifício poderia durar por séculos ou mesmo por milênios.”¹⁹⁵

A preocupação em perpetuar em bom estado de conservação os palácios assírios foi uma constante por parte de seus reis-construtores. O chamado “Monólito de Nimrud”, erguido por Ashurnasirpal II na entrada do templo de Ninurta em Kalhu, conclui sua descrição da construção do Palácio Noroeste de Kalhu com uma extensa passagem que se inicia: “*May a latter prince restore its weakened (portions and) restore my inscribed name to its place.*”¹⁹⁶

Outro texto assírio contendo uma breve descrição da construção do palácio Noroeste mostra o papel de futuros reis como espectadores: “*I built that palace for the gaze(?) of rulers and princes forever (and) decorated it in a splendid fashion.*”¹⁹⁷

¹⁹³ O conceito de “grande tradição” “*great tradition*” foi definido por Robert Redfield (1941) onde distingue a cultura das classes altas, no caso a arquitetura monumental, da presente nas classes mais baixas

¹⁹⁴ Trigger, 1990, p. 126.

¹⁹⁵ Trigger, 1990, p. 126.

¹⁹⁶ Russell, 1991, p. 225.

¹⁹⁷ Russell, 1991, p. 225.

Os reis assírios também expressaram a vontade de superar as construções de seus predecessores. Tal intenção é clara na inscrição de Sennacherib sobre seu palácio em Niníve:

*“Je conférai ainsi à tout ce palais la perfection qui convenait; de son ensemble j'élevai le faite afin de provoquer l'admiration de tous les peuples et je lui donnai pour nom celui de Palais sans rival.”*¹⁹⁸

Trigger explica que a arquitetura monumental expressa de maneira pública e duradoura a habilidade de uma autoridade em controlar os materiais, as habilidades específicas e a força de trabalho necessária para criar e manter tais estruturas. Menciona que em geral quanto maiores e mais ornamentados são estes edifícios mais poder eles expressam. Cita também que em todas as civilizações emergentes o poder era simbolizado e reforçado pela utilização da grande escala em vias processionais, palácios, salas do trono, templos, plataformas e tumbas reais. Ao fazer com que oficiais e dignitários em visita e servos gastem energia extra obrigando-os a se movimentar de um lugar para outro, edifícios monumentais impressionam ainda mais as pessoas com o poder do governante e da quantidade de recursos que ele tem a sua disposição.¹⁹⁹

O longo trajeto necessário para que se pudesse chegar à sala do trono exemplifica bem este caso. Durante todo o trajeto o visitante estaria exposto ao poder do rei expresso no consumo aparente: a enorme construção em si e os grandes números de relevos.

Na chamada “estela do banquete”, Ashurnasirpal ressalta com orgulho os dignitários presentes para as festividades de inauguração de seu palácio:

*“When I inaugurated the palace at Calah (Kalhu) I treated for ten days with food and drink 47074 persons, men and women, who were bid to come from across my entire country, [also] 5000 important persons, delegates from the country Suhu, from Hindana, Hattina, Hatti, Tyre, Sidon, Gurguma, Malida, Hubushka, Gilzana, Kuma [and] Musasir, [also] 16000 inhabitants of Calah from all ways of life, 1500 officials of all my palaces, altogether 69574 invited guests from all the [mentioned] countries including the people of Calah; I [furthermore] provided them with the means to clean and anoint themselves. I did them due honors and sent them back, healthy and happy, to their own countries.”*²⁰⁰

¹⁹⁸ Lackenbacher, 1990, p. 53.

¹⁹⁹ Trigger, 1990, p.127.

²⁰⁰ Oppenheim, 1969, p. 558-561.

6. FONTES DOCUMENTAIS PARA O ESTUDO DO ESQUEMA DECORATIVO DAS SALAS DO TRONO

O estudo do esquema decorativo das salas do trono é fundamentado pela análise de fontes escritas e fontes materiais.

Optou-se aqui, para fins didáticos, em dividir as fontes escritas em duas categorias distintas.²⁰¹ Na primeira são classificadas como *fontes escritas diretas* todas as manifestações textuais presentes na sala do trono, tendo como suporte as placas de pedra na qual estavam esculpidos os relevos. A segunda categoria é mais ampla e inclui todos os textos que chegaram até nós e que nos ajudam a melhor compreender a história, tradição e costumes do povo neo-assírio. Estes textos são aqui chamados de *fontes escritas indiretas*.

As fontes materiais incluem toda a gama de artefatos, construções, materiais contendo imagética, dentre outros materiais representativos da cultura neo-assíria e que nos auxilia no seu estudo.

6.1. Fontes Escritas

6.1.1. Diretas

As inscrições presentes nas salas do trono dos palácios aparecem em quatro formas de apresentação distintas, sendo elas:

a-) Inscrições dos *Lamassu* – o espaço disponível entre as patas da estátua era preenchido por inscrições, que eram as primeiras a serem visualizadas por quem adentrasse a sala do trono.²⁰² Estas aparecem pela primeira vez no palácio de Ashurnasirpal II. O mesmo texto básico foi aparentemente usado em todos os seus *Lamassu*, embora quantidades diferentes de texto tenham sido encontradas em diferentes estátuas. As inscrições dos colossos apresentam os epítetos reais e

²⁰¹ Zimansky, P., 2004, lembra que dentro da esfera de utilização do cuneiforme existe uma enorme variação no espaço e no tempo da quantidade de escrita e nas razões que esta era utilizada.

²⁰² *Lamassu* é o nome de demônios benevolentes na Mesopotâmia. Nos palácios neo-assírios, algumas das mais importantes portas tinham batentes monolíticos na forma de esculturas representando leões ou touros alados com rostos humanos. Enquanto a imagem do touro alado com rosto humano já era comum na iconografia assíria, seu uso arquitetônico na região foi introduzido pela primeira vez no palácio de Ashurnasirpal II, tendo como origem provavelmente a Anatólia, onde batentes esculpidos já eram usados pelos hititas.

relatórios das campanhas para o Mediterrâneo, a criação e caça de animais, e a campanha contra Carchemish, bem como trechos da “*Standard Inscription*”.²⁰³

Os *Lamassu* continuaram a ser utilizados nos reinados de Sargon II e Sennacherib, mas desta vez como decoração das fachadas das salas do trono.

b-) Inscrições das Soleiras – ao ingressar na sala do trono o visitante poderia observar inscrições contidas na soleira de pedra da porta, algumas decoradas com motivos florais.

c-) Inscrições dos Relevos – eram inscrições presentes no meio dos relevos, muitas vezes dividindo-os em dois registros distintos, gerando o efeito visual de um registro contínuo de inscrições ao redor da sala. São chamadas na literatura moderna de “*Standard Inscription*” ou Inscrição Padrão. Esta é uma formulação condensada dos títulos e epítetos reais, um resumo geográfico da expansão do império e uma descrição da construção do palácio. Abaixo está a transcrição da Inscrição Padrão presente nos relevos do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II:

“(Property of) the palace of Ashurnasirpal, vice-regent of Assur, chosen of the gods Enlil and Ninurta, beloved of the gods Anu and Dagan, destructive weapon of the great gods, strong king, king of the universe, king of Assyria, son of Tukulti-Ninurata (II), great king, strong king, king of the universe, king of Assyria, son of Adad-nirari (II) (who was) also great king, strong king, king of the universe, (and) king of Assyria; valiant man who acts with the support of Assur, his lord, and has no rival among the provinces of the four quarters, marvelous shepherd, fearless in battle, mighty flood-tide which has no opponent, the king who subdues those insubordinate to him, he who rules all peoples, strong male who treads upon the necks of his foes, trampler of all enemies, he who breaks up the forces of the rebellious, the king who acts with the support of the great gods, his lords, and has conquered all lands, and gained dominion over all the highlands and received their tribute, capturer of hostages, he who is victorious over all countries.

When Assur, the lord who called me by name (and) made my sovereignty supreme, placed his merciless weapon in my lordly arms, I felled with the sword the extensive troops of the Lullumu in battle. With the help of the gods Shamash and Adad, the gods my supporters, I thundered like the god Adad, the devastator, against the troops of the lands Nairi, Habhu, the

²⁰³ Russell, 1991, p. 10-11. Sobre a “*Standard Inscription*”, ver o item c-)

Shubaru, and the land Nirbu. The king who subdued (the territory stretching) from the opposite bank of the Tigris to Mount Lebanon and the Great Sea, the entire land Laqu (and) the land Suhu including the city Rapiqu; he conquered from the source of the river Subnat to the land Urartu. I brought within the boundaries of my land (the territory stretching) from the passes of Mount Kurruru to the land Gilzanu, from the opposite bank of the Lower Zab to the city Til-Bari which is upstream from the land Zaban, from the city Til-sha-Abtani to the city Til-sha-Zabdani, the cities Hirimu, Harutu, (which are) fortresses of Karduniash. I accounted (the people) from the passes of Mount Babitu to Mount Hashmar as people of my land. In the lands over which I gained dominion I always appointed my governors. They entered servitude.

Ashurnasirpal, attentive prince, worshipper of the great gods, ferocious dragon, conqueror of cities and the entire highlands, king of lords, encircler of the obstinate, crowned with splendor, fearless in battle, merciless hero, he who stirs up strife, praiseworthy king, shepherd, protection of the (four) quarters, the king whose command disintegrates mountains and seas, the one who by his lordly conflict as brought under one authority ferocious (and) merciless kings from east to west:

The ancient city Kalhu which Shalmaneser, king of Assyria, a prince who preceded me, had built—this city had become dilapidated; it lay dormant. I rebuilt this city. I took people which I had conquered from the lands over which I had gained dominion, from the land Suhu, (from) the entire land of Laqu, (from) the city Sirqu which is at the crossing of the Euphrates, (from) the entire land of Zamua, from Bit-Adini and the land Hatti and from Lubarna, the Patinu. I settled (them) therein. I cleared away the old ruin hill (and) dug down to water level. I sank (the foundation pit) down to a depth of 120 layers of brick. I founded therein a palace of cedar, cypress dapranu-juniper, boxwood, meskanu-wood, terebinth, and tamarisk as my royal residence (and) for my lordly leisure for eternity. I made (replicas of) beasts of mountains and seas in white limestone and parutu-alabaster (and) stationed (them) at its doors. I decorated it in a splendid fashion; I surrounded it with knobbed nails of bronze. I hung doors of cedar, cypress dapranu-juniper, (and) meskanu-wood in its doorways. I took in great quantities and put therein silver, gold, tin, bronze, iron, booty from the lands over which I gained dominion.”²⁰⁴

²⁰⁴ Grayson, 1991, p. 275-276.

Esta forma de inscrição, que variava em seu conteúdo dependendo do soberano por quem foi encomendada, foi utilizada até o reinado de Sargon II, não aparecendo nos relevos dos palácios de Sennacherib e Ashurbanipal.

d-) Epígrafes – são textos curtos, de caráter explanatório, utilizados nos relevos como legendas de pessoas, lugares e eventos ilustrados. Servem, na terminologia de Barthes, para “ancorar” uma imagem, assegurando deste modo que o espectador letrado selecione a leitura correta da imagem dentre uma gama de alternativas concebíveis.²⁰⁵ É da natureza das imagens que elas sejam percebidas mais rapidamente do que são entendidas. Qualquer um que tenha familiaridade com o código visual utilizado pode ler uma imagem, mas um menor número terá a bagagem cultural necessária para sua correta interpretação. Quem olha as imagens tende a lê-las nos termos de sua própria experiência, fazendo com que uma imagem com alta especificidade histórica seja lida em um nível não histórico. A função de ancoragem da epígrafe proporciona uma leitura específica da imagem ao invés de uma leitura genérica.

Segundo Barthes, toda a imagem é polissêmica, e ela implica subjacentemente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, dos quais o leitor pode escolher alguns e ignorar outros.²⁰⁶ O autor diz que a polissemia produz uma interrogação sobre o sentido; e esta interrogação aparece sempre como uma disfunção. Isto leva com que todas as sociedades desenvolvam técnicas diversas destinadas a fixar a cadeia flutuante de significados, de maneira a combater o “terror dos sinais incertos”. A mensagem lingüística é uma delas, pois ao nível da mensagem literal, a palavra responde de modo mais ou menos direto, mais ou menos parcial, à pergunta: o que é isto. Ela ajuda pura e simplesmente a identificar os elementos da cena e a própria cena. Trata-se de uma descrição denotada da imagem, a que Barthes considera como frequentemente parcial, ou de uma “operação”, oposta à conotação. A função denominativa corresponde bem a uma ancoragem de todos os sentidos possíveis, isto é denotados, do objeto, como recurso de uma nomenclatura. Ela permite não somente acomodar o olhar do espectador, mas a sua inteligência. Ao nível da mensagem simbólica, a mensagem lingüística guia não mais a identificação, mas a interpretação, ela constitui uma espécie de tenazes que impedem os sentidos conotados de proliferar,

²⁰⁵ Barthes, 1964.

²⁰⁶ Sobre a polissêmia da imagem, ver também as obras de Kossoy, B., 1999 e 2001.

seja em direções muito individuais, seja em direção a valores disfóricos. Segundo Barthes:

“(...) a ancoragem pode ser ideológica, é mesmo sem dúvida, a sua função principal; o texto dirige o leitor entre os significados da imagem, fazendo evitar alguns a receber outros; através de um “*dispatching*” (emissão rápida) frequentemente sutil, ele o teleguia em direção a um sentido escolhido de antemão. Em todos estes casos de ancoragem, a linguagem tem evidentemente uma função de elucidação, mas esta elucidação é seletiva; se trata de uma metalinguagem aplicada, não à totalidade da mensagem icônica, mas somente à alguns de seus sinais; o texto é verdadeiramente o direito de olhar do criador (e então da sociedade) sobre a imagem: a ancoragem é um controle, ela detém uma responsabilidade, face a força projetiva das figuras, sobre o uso da mensagem; em relação à liberdade dos significados da imagem, o texto tem um valor repressivo, e compreendemos que seja a seu nível que a moral e a ideologia de uma sociedade se investem.”²⁰⁷

Entretanto, Boris Kossoy reconhece que no esforço de interpretação de imagens, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações, a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, de sua situação socio-econômica e de seus preceitos.²⁰⁸ A ambigüidade das imagens foi abordada por Pierre Francastel:

“Ambigüidade porque jamais o signo coincide com a coisa vista pelo artista, porque o signo jamais coincide com aquilo com que o expectador vê e compreende, porque o signo é por definição fixo e único, e também por definição, a interpretação é múltipla e móvel.”²⁰⁹

As epígrafes não são encontradas nos relevos do palácio de Ashurnasirpal II, entretanto eles aparecem nos seus obeliscos e nas faixas de bronze das portas. Segundo Russell a razão para sua omissão não é clara. Para o autor talvez os idealizadores dos relevos pensassem que nestas imagens em grande escala, detalhes individualizadores como vestimentas, paisagens e arquitetura poderiam ser suficientes para uma correta interpretação das imagens sem que houvesse a necessidade de incorporar epígrafes.²¹⁰ Entretanto, é durante o reinado de Tiglath-pileser III, que reinou 150 anos após Ashurnasirpal que as epígrafes aparecem pela primeira vez nos

²⁰⁷ Barthes, 1964, p. 8.

²⁰⁸ Kossoy, B., 2001, p.115. Ver o Capítulo 1 deste trabalho.

²⁰⁹ Francastel, P., 1972, p. 70.

²¹⁰ Russell, 1991, p. 23.

relevos dos palácios. Talvez este tenha percebido na época em que habitou o palácio de Ashurnasirpal a dificuldade de interpretação imposta pelas imagens sem epígrafes dos relevos, causada por mudanças de convenções artísticas, a mudanças na aparência das cidades representadas e a morte a muito tempo de todos aqueles que poderiam explicar as imagens. Tiglath-pileser estaria, portanto, numa posição de perceber o que Ashurnasirpal II não estava: as dificuldades de interpretação que as imagens narrativas sem epígrafes apresentavam para a posteridade. As epígrafes foram então utilizadas por todos os reis-construtores assírios nos relevos de seus palácios até que durante o reinado de Ashurbanipal esta suplanta todas as outras formas de inscrições.²¹¹

De modo geral as inscrições a-), b-), c-) mencionavam os títulos e epítetos dos reis, anais, resumo de suas campanhas militares, conquistas territoriais, descrição das construções dentre outros. Nem todas as formas de apresentação descritas acima estão presentes juntas no mesmo palácio, e o conteúdo de cada uma delas pode variar.²¹²

Com relação aos textos presentes na sala do trono, segundo Russell, nós como membros de uma sociedade letrada, temos dificuldade de ver os textos através dos olhos de um assírio não-letrado. Para nós o valor de informação principal de um texto deriva de seu conteúdo, mas este pode não ter sido o caso em todas as épocas, principalmente nas fases onde a maior parte da população fosse iletrada.²¹³

A literalidade não era um pré-requisito para o funcionamento satisfatório das inscrições reais assírias. Além do nível de “conteúdo”, estas inscrições funcionam em dois outros níveis não verbais. No primeiro nível estava o simples fato da existência da inscrição. Para os súditos do rei assírio, deveria haver somente uma pessoa com os recursos, autoridade e poder necessários para ordenar a composição deste grande número de textos e ainda mandar gravá-los em pedra. O segundo nível está ligado ao poder inerente do controle da habilidade da escrita. O controle de escribas era por si só uma forte afirmação da legitimidade do rei. Além disto, estão as qualidades místicas da escrita, sua habilidade em codificar quantidade ilimitada de informação para uso futuro. Para a maior parte iletrada dos visitantes, as inscrições do palácio

²¹¹ Sobre a utilização de epígrafes durante o período neo-assírio, ver o texto de Gerardi, 1988.

²¹² Russell, 1991.

²¹³ Russell, 1991.

deveriam ter servido como lembrete que o rei controlava vasta quantidade de informação e que era símbolo, assim como fonte, de imenso poder.²¹⁴

6.1.2. Indiretas

a-) Textos Cronológicos: listas reais, narrativas cronológicas, listas de epônimos.

b-) Inscrições Reais: anais, inscrições de exposição, inscrições votivas, “cartas aos deuses” (relatórios das campanhas militares). Como estes textos são de caráter comemorativo dos feitos reais, representam uma valiosa fonte de informação para o estudo da ideologia real. Também são uma importante fonte referente à geografia política do império, tipos e quantidade de tributos e despojos obtidos, cronologia dos reinados, história política e justificativas para o imperialismo assírio. As fontes escritas a-) e b-) estão presentes durante todo o período neo-assírio, mas não em uma profundidade uniforme. Por exemplo, textos do tipo b-) foram mais escritos em períodos de ascendência assíria.

c-) Inscrições dos Oficiais: incluso nesta categoria estão as inscrições (i) escritas por governadores neo-assírios em suas províncias e (ii) escritas por governantes indígenas que foram mantidos no poder pelos assírios, como evidenciado em textos neo-hititas, e nos escritos arameus, e fenícios da Síria-Palestina. Como mostra a inscrição de Tell Fekherye, localizada no centro do norte da Mesopotâmia, os tipos (i) e (ii) não eram categorias mutuamente exclusivas já que governantes locais podiam se auto representar como governadores assírios e monarcas indígenas. Nesta estela bilíngüe, o governante local se intitula “governador” no texto em acádio e “rei” no texto em aramaico. (iii) inscrições reais escritas por reis independentes da Babilônia.

d-) Juramentos de Lealdade e Tratados: representam os juramentos de lealdade feitos tanto pelos vassalos como pelos oficiais assírios. Deve-se também mencionar os tratados aramaicos de Sifre que se acredita tratar-se de um tratado entre um governador de província assírio e um rei vassalo.

e) Documentos Legais, Econômicos e Administrativos: os textos administrativos tratam da administração do palácio, templos, províncias e exército. Referem-se normalmente a assuntos de ordem econômica. Textos legais tratam de decisões perante o júri sobre temas como, por exemplo, assassinato, roubo e dívidas; contratos como notas promissórias e empréstimos; e recibos de reconhecimento de dívidas.

²¹⁴ Russell, 1991, p. 9-10.

Existem também textos legais e econômicos da Babilônia. Devem ser incluídas nesta categoria as concessões reais e os decretos concedendo terras e reduções de taxas para os altos administradores.

f-) Cartas: As cartas são escritas da corte real e para corte real, lidando com assuntos administrativos, e cerca da metade delas tratando de assuntos como medicina, extispício, astrologia e interpretação de presságios.

g-) Extispícios e Material Oracular: estes são na maior parte gerados para a corte real por especialistas em cultos em resposta às indagações às deidades, particularmente Shamash, o deus da justiça. Enquanto nas cartas para o rei, categoria f-) acima, são comumente interpretação de presságios não solicitados, os relatos de extispício são todos solicitados pelo rei com o objetivo de obter conselho divino. Uma categoria de textos relacionada são as profecias, enviadas ao rei pela deusa Ishtar, deusa da guerra e do amor; normalmente a mensagem se trata de um encorajamento para a batalha. A data de todos estes textos é tardia, do último século do período neo-assírio, mas elas oferecem uma percepção dos tipos de decisões que precisavam ser tomadas pelos reis, os meios pela qual elas eram obtidas e outras preocupações do rei, tais como doenças, lealdade dos oficiais e dos vassalos. Juntamente com os anais, categoria b-) acima, elas também auxiliam à traçar as campanhas militares, visto que os reis sempre procuravam apoio divino para a escolha das datas e na tomada de decisões militares.

h-) Outras: na maior parte textos literários, alguns dos quais nos fornecem uma percepção da ideologia real.

A maior parte das fontes escritas data do último século de domínio neo-assírio. Raramente se obtém material escrito dos povos subjugados, com exceção dos textos oficiais de tipo 1b, portanto nossa visão sobre eles deriva do ponto de vista do poder dominante assírio. Os textos bíblicos de Israel e Judah datados deste período são as únicas fontes do ponto de vista dos povos subjugados. Grande parte das fontes assírias, tanto escritas quanto arqueológicas, é convergente para a corte real e o rei em particular.

Tanto a assiriologia quanto o estudo histórico da Mesopotâmia é baseado na análise de fontes cuneiformes, estudo este relativamente novo, com cerca de 150 anos. A

maior parte deste tempo tem sido empregada na tradução dos textos, estabelecimento de uma cronologia confiável e na reconstrução da história política do período.²¹⁵

6.2. Fontes Não Escritas

6.2.1. Fontes Materiais

6.2.1.1. Arquitetura

Os dados arquitetônicos dos palácios neo-assírios foram obtidos com base nas escavações que ocorrem desde meados do século XIX, principalmente nas capitais de Kalhu, Dur-Sharrukin, Niníve e Assur, bem como nas capitais das províncias, por exemplo, Til Barsip e Kar Shalmaneser. As escavações deram ênfase aos palácios, que levaram a descoberta de muitos textos e relevos que eram prezados pelos escavadores antigos, deixando-nos assim com um pequeno conhecimento do sítio urbano como um todo bem como de maiores detalhes acerca do contexto de muitas peças.

6.2.1.2. Representações Imagéticas

Estão expressas nos relevos esculpidos nas placas que adornavam as paredes dos palácios (ver ilustrações 31 a 36), nas esculturas, estátuas reais,²¹⁶ tijolos vitrificados (ver ilustrações 25 e 37), faixas de bronze trabalhadas que adornavam as portas (ver ilustrações 27 e 28), obeliscos, estelas, placas de pedra elaboradas como se fossem carpetes esculpidos e pintura mural (ver ilustrações 38 a 40). Estão também presentes em selos e sinetes.²¹⁷

²¹⁵ Ver Grayson, 1997, p.105-127.

²¹⁶ Sobre as esculturas e estátuas neo-assírias, ver Frankfort, 1979, p. 152-155.

²¹⁷ Diversos autores realizaram trabalhos sobre a imagética presente nos sinetes neo-assírios. Ver em especial as obras de Dalley; Postgate, 1984; Homès-Frederique, 1986; Herbordt, 1996; Marcus, 1996 e Winter, 2004.



Ilustração 25 - Tijolo vitrificado encontrado pelo escavador Layard na cidade de Kalhu. Mostra um rei assírio, provavelmente Ashurnasirpal acompanhado de atendentes. Tamanho: 30 cm. Atualmente no Museu Britânico. Fonte: Reade, 1986, fig. 44.



Ilustração 26 - Escultura de gênio alado, com cabeça humana, corpo e patas de leão (*Lamassu*)
Adornava a Sala S do palácio de Ashurnasirpal II em Kalhu. Notar faixa de inscrições entre as pernas da figura. Museu Britânico. Altura 3,09 metros, comprimento 3,15 metros. Fonte: Reade, 1998, fig. 21.



Ilustração 27 - Detalhe de uma das faixas do portão de bronze de Balawat

Datado do reinado de Shalmaneser III e encontrado na capital provincial de Balawat. Fonte: Philippe Racy Takla.

Ilustração 28 - Reconstrução atual no Museu Britânico do Portão de Balawat.

Cada uma das 16 faixas possui cerca de 27 cm de largura por 180 cm de comprimento. Fonte: Philippe Racy Takla.



Apesar do grande custo envolvido na elaboração da arte tendo como material a pedra, esta possui vantagens, por exemplo, sobre a pintura mural; apesar desta ser mais barata era menos resistente:

“A produção deste tipo de arte nesta escala e neste tipo de contexto apresenta vantagens definitivas. Uma vez que o gasto inicial de tempo, de dinheiro e de concepção foi feito, a mensagem contida continua a ser propagada com grande longevidade e com pouco ou nenhum custo de manutenção.”²¹⁸

É interessante notar que relevos narrativos em pedra não foram encontrados nas capitais provinciais neo-assírias. Por outro lado as mais belas e conservadas pinturas

²¹⁸ Winter, 1981, p. 22. Ver também Trigger, 1990.

murais foram escavadas na cidade de Til Barsip, importante capital provincial assíria no atual território do norte da Síria (ver ilustração 29).²¹⁹



Ilustração 29 - Pintura mural do palácio provincial de Til Barsip

Representação da execução de um inimigo. Datado do século VIII a.C. Fonte: Parrot, 1963, fig. 116.

O material utilizado na confecção dos relevos, estátuas e bases de trono é chamado mármore de Mosul, cuja cor varia da branca para a cinza. Nos relevos, presentes tanto em áreas internas quanto externas, certos detalhes eram pintados. As principais cores encontradas são o preto, branco, vermelho e azul. Estas mesmas quatro cores predominam nas pinturas murais neo-assírias. Nenhum traço de pintura foi até agora encontrado como cor de fundo nos relevos.²²⁰ Reade sugere que a pintura deveria ter sido usada somente quando se buscava efeitos especiais. Enfeites coloridos cravejados também foram usados nos olhos das estátuas de colossos, e provavelmente estes seriam de metais nobres.²²¹

Pintura aplicada diretamente sobre gesso nas paredes era mais barato e um meio mais comum de decoração, mas raramente é encontrado em boas condições nas escavações. Fragmentos de pintura mural foram encontrados em quase todos os palácios neo-assírios. Esta, quando havia placas em pedra na parede, estava quase sempre presente

²¹⁹ Ver as imagens em Parrot, 1961. Poli, 2008, apresenta pinturas murais de um palácio provincial neo-assírio descobertas recentemente no sítio de Tell Masaikh, Síria.

²²⁰ Reade, 1979a, p. 18.

²²¹ Reade, 1979a, p. 18.

acima. Os tetos também eram pintados. Também foram encontrados tijolos vitrificados.²²²

Além dos relevos e da pintura mural provavelmente tapeçarias podem ter feito parte da decoração do palácio, embora não haja provas arqueológicas, apenas textuais. Postgate ressalta que as paredes da principal sala de audiência do palácio de Mari estavam pintadas, mas na altura acima da estatura de um homem. O autor sugere que a parte da parede localizada abaixo das pinturas estaria decorada com tapeçarias ou tapetes. Também infere que em muitas salas dos palácios, cujas paredes estão hoje planas e sem decoração, deveriam estar adornadas com tapeçarias que proclamavam os padrões de luxo do Estado e ao mesmo tempo carregavam uma mensagem iconográfica.²²³ Uma carta encontrada, do rei de Mari, Zimri-lim (c.1759 - 1757 a.C.) para um administrador do palácio atesta este costume:

“Say to Mukunnišum, your lord says: I have heard your tablet which you sent to me. About the first quality Yamhadian tapestry on the subject of which I wrote to you before, you wrote: “I have sent(?) that tapestry....to Babylon....that tapestry....another tapestry...[damage passage]...and that tapestry is (still) left in your hands. Now send that tapestry to me quickly.

*And about the ibex-horns and bird-wood on the subject of which you wrote to me, I will requeste them from Bunu-Ištar and send them to you.”*²²⁴

Reade distingue quatro tipos de temas presentes na imagética neo-assíria. Eles são classificados em Narrativos, que são subdivididos em temporais e atemporais; Formais; Apotropaicos e Ornamentais. A seguir discorreremos em maior profundidade sobre cada um dos quatro temas.

6.2.1.2.1. Narrativos

Os temas classificados como narrativos são formados por duas categorias distintas: temas narrativos históricos e temas narrativos atemporais.

Alguns temas principais podem ser identificados nesta primeira categoria: a conquista de obstáculos naturais durante a marcha; a derrota de inimigos; a revista e algumas vezes a punição de cativos e as revistas mais plácidas de tributários e as procissões

²²² Ver Reade, 1979a, p. 19 para maiores detalhes. O artigo de Reade também menciona detalhadamente nas páginas 23-28 a forma de execução dos relevos e esculturas e anomalias encontradas.

²²³ Ver por exemplo as placas 8 e 9, que foram encontradas lisas, da sala do trono (Sala M) de Ashurbanipal.

²²⁴ Postgate, 1992, p. 143.

triunfais (ver ilustrações 30 e 31).²²⁵ Sabatino Moscati definiu arte histórica narrativa no Oriente Próximo como relacionada a um fato concreto, momentâneo, que não pode ser repetido.²²⁶

Na segunda categoria fazem parte cenas que se diferenciam da primeira por representarem eventos potencialmente reais embora de caráter atemporal (ver ilustrações 32 e 33). Estão incluídas as cenas de caça reais e atos de adoração.²²⁷

Nos temas históricos o rei normalmente está presente, embora não necessariamente. Nas representações do século VII a.C., o rei não está diretamente envolvido na luta.



Ilustração 30 - Relevo Narrativo Histórico oriundo da sala do trono de Ashurnasirpal II

Representação de cerco a uma cidade. Provavelmente a cena representa um incidente descrito nos anais do rei. No ano de 878 a.C. o rei estava em campanha pelo Eufrates quando chegou a uma capital inimiga, a cidade de Suru, na terra de Suhi. Segundo os registros, o rei e os inimigos Kudurru foram forçados a atravessar o rio Eufrates para que pudessem se salvar. Hoje no Museu Britânico. Altura: 98 cm.

Fonte: Albenda, 1998, p. 71, fig. 25

²²⁵ Para outros exemplos, ver os relevos 3 a 11 da sala do trono de Ashurnasirpal II no Catálogo de Imagens, Parte 1. Sobre as técnicas de guerra utilizadas pelos assírios no século VII a partir das representações presentes nos relevos ver Nadali, D., 2005. Sobre a individualidade do inimigo na representação imagética neo-assíria ver Collins, P., 2006

²²⁶ Moscati, 1963, p. 14-15.

²²⁷ Para outros exemplos, ver os relevos 19a, 19b, 20a e 20b da sala do trono de Ashurnasirpal II no Catálogo de Imagens, Parte 1. Para uma abordagem contextual sobre o simbolismo do animal na Mesopotâmia ver a tese de doutorado de Watanabe, C., 2002. Sobre os diferentes animais presentes nas cenas de caça neo-assírias ver Albenda, P., 2008.



Ilustração 31 - Relevo Narrativo Histórico, proveniente do Palácio Norte de Ashurbanipal em Niníve.

Datado de c. 645 a.C. Representação do ataque à uma cidade egípcia, à beira do rio, pelo exército assírio. Hoje no Museu Britânico. Altura: 113 cm. Fonte: Reade, 1998, fig. 104.



Ilustração 32 - Relevo Narrativo Atemporal, proveniente da sala do trono de Ashurnasirpal II, Kalhu.

O rei, distinguido pelo seu chapéu real, aparece em seu carro de guerra virado para trás e atirando em um leão. Outro animal é mostrado atingido por flechas embaixo da carruagem. O carro é conduzido por um soldado. No canto esquerdo do relevo, dois soldados armados e com escudos redondos seguem o rei. Hoje no Museu Britânico. Altura: 98 cm. Fonte: Moortgat, 1969, fig. 265.



Ilustração 33 - Relevo Narrativo Atemporal, proveniente do Palácio Norte de Ashurbanipal em Niníve.

Datado de c. 645 a.C. No registro superior o rei enfrenta um leão que sai da jaula e avança em sua direção antes de ser abatido. No registro do meio ele persegue o leão. No registro inferior o rei realiza libação sobre os animais mortos. Hoje no Museu Britânico. Altura: 159 cm.

Fonte: Reade, 1998, fig. 87.

Os temas descritos acima aparecem pela primeira vez juntos na arte assíria no Obelisco Branco, datado do período entre os reinados dos reis Ashurnasirpal I e Ashurnasirpal II, mas a representação de lutas e revistas predomina, ocupando a metade dos painéis do obelisco, ao todo 32; estes dois temas retêm sua importância mais tarde, e são os mais comuns nos relevos que sobreviveram dos reis mais recentes. Os outros temas continuam a aparecer, embora, algumas vezes não estejam presentes.²²⁸

Uma das maneiras mais eficazes de tornar uma cena interessante e auto-explanatória era de assegurar que todos os participantes fossem reconhecidos: na representação da vestimenta e do penteado corretos, bem como de todos os objetos associados aos participantes. Isto é buscado durante todo o período neo-assírio, com maior ênfase durante o reinado de Ashurbanipal, talvez porque, segundo Reade, artistas profissionais tenham sido empregados nas campanhas, fazendo com que detalhes circunstanciais sejam abundantes. Alguns escultores poderiam até mesmo representar

²²⁸ Sobre o Obelisco Branco ver, Sollberger, 1974 e Reade, 1975.

as características faciais de nações específicas (egípcios) ou de indivíduos (Teumman).²²⁹

Segundo Reade:

“Os escultores de Ashurbanipal eram homens que usavam melhor e mais eficientemente as técnicas. No reinado de Ashurbanipal mesmo as composições militares mais convencionais podem ser consideradas como ilustrações de eventos específicos.”²³⁰

Os temas narrativos recebem algumas vezes epígrafes. Há uma no Obelisco Branco, e muitas nos obeliscos e nas faixas de bronze de Ashurnasirpal II e Shalmaneser III. Tiglath-pileser III e Sargon II freqüentemente identificavam cidades inimigas mostradas em seus relevos. Algumas vezes Sargon II, muitas Sennacherib e quase sempre Ashurbanipal, davam detalhes extensivos nas epígrafes. A falta de legenda nos relevos de Ashurnasirpal II e sua pouca utilização no século VIII a.C. pode ser talvez explicada pela presença de inscrições cuneiformes entre os registros do relevo, chamadas “Inscrições Padrão”.

6.2.1.2.2. Formais:

Reade inclui neste tema principalmente as composições em larga escala na qual o rei aparece em pé ou sentado em posição dignificante.

O palácio de Ashurnasirpal II tinha muitas destas composições, que podem ser distinguidas umas das outras pelas roupas do rei, equipamentos e acompanhantes. Cada uma das peças e da posição na qual se encontrava o rei teria um significado relevante. As cenas têm a característica de serem registros atemporais: o rei é precedido por eunucos em cerimônias simbólicas e em outras vezes o rei é representado realizando cerimônias junto a figuras míticas, tais como o gênio alado conforme mostrado na ilustração 34.²³¹

²²⁹ Reade, 1979a, p. 31. Ver também Collins, P., 2006.

²³⁰ Reade, 1979a, p. 31.

²³¹ Reade propõe distintos significados para as cenas formais com base nas maneiras e objetos na qual o rei é apresentado nestes relevos: ver Reade, 1979a, p. 33-34. Ver também Russell, 1998.



Ilustração 34 - Relevo formal oriundo da sala do trono de Ashurnasirpal II, em Kalhu.

Relevo representando uma árvore estilizada no centro com uma divindade dentro de um disco alado acima. A árvore é flanqueada por duas imagens do rei carregando um cetro em sua mão esquerda e apontando com a mão direita, que esta erguida, em direção ao centro, atrás de cada imagem do rei está uma figura alada carregando um purificador e um balde. Hoje no Museu Britânico. Altura: c. 170 cm.

Fonte: Winter, 1983, fig. 3.

6.2.1.2.3. Apotropaicos

Estas figuras são designadas para afastar influências malignas, doenças ou falta de sorte. (ver ilustração 35 e 36). A presença de tais figuras é mais abundante na sala do trono de Ashurnasirpal II e observasse ao longo do tempo uma gradativa diminuição de certas figuras, tais como os *Lamassu* que são substituídas por outras que seriam mais adequadas ao momento histórico, segundo menciona Reade:

“O que é claro, entretanto, é que as figuras aladas nativas da Assíria tendem a sair de moda no sétimo século, sendo substituídas por outros tipos que devem ter sido mais potentes ou aceitáveis para os governantes de um império cosmopolita com um profundo respeito pelas tradições culturais do sul.”²³²

²³² Reade, 1979a, p. 35.



Ilustração 35 – Relevo representando figura alada com corpo e rosto humano.

Segura em sua mão direita um cone e em sua mão esquerda um pequeno balde. Possui chapéu com chifres. Notar a faixa da chamada “Inscrição Padrão” no centro da figura. Proveniente da sala do trono de Palácio de Ashurnasirpal, Kalhu. Tamanho c. 230 x 130 cm. Fonte: Winter, 1981, fig. 4.

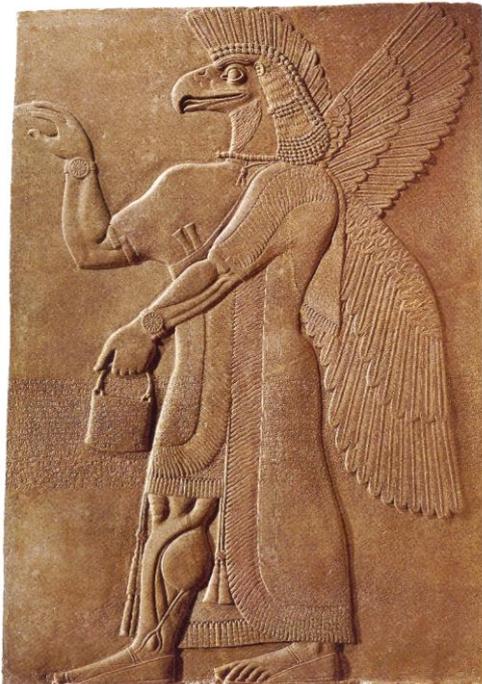


Ilustração 36 - Relevo representando figura alada com corpo humano e rosto de águia.

Segura em sua mão direita um cone e em sua mão esquerda um pequeno balde. Notar a faixa chamada “Inscrição Padrão” no centro da figura. Proveniente da Sala G do Palácio de Ashurnasirpal, Kalhu. Tamanho 236 x 136 cm. Fonte: Russell, 1997, fig. 39.

Existe uma enorme variedade de figuras apotropaicas presentes em representações neo-assírias: nas esculturas e nas pinturas em larga escala, bem como nos relevos esculpidos. Neste trabalho serão discutidas somente as figuras apotropaicas presentes nas salas do trono. Estas serão analisadas individualmente no Catálogo de Imagens anexo.²³³

Um item fortemente associado com os gênios apotropaicos, especialmente no palácio de Ashurnasirpal II, é a árvore estilizada, chamada por muitos autores modernos de “árvore sagrada”. Esta possui um caule fino, coroado por uma *palmette*, e é rodeada por gavinhas com *palmettes* e frutas que crescem a partir dela; pode ser comparada com outras representações de árvores fora da Assíria, mas esta tem seu caráter distintamente neo-assírio. Ela aparece frequentemente no palácio de Ashurnasirpal associadas a cenas formais e apotropaicas; também ocupa os quatro cantos da sala do trono e aparece nos relevos formais B 13 e B 23 da sala do trono, abaixo do disco alado. Ocorre também em alguns relevos em salas do palácio de Sargon II.²³⁴

O significado da árvore estilizada foi discutido por diversos estudiosos sem que tenham chegado a um consenso quanto ao seu significado.²³⁵ Russell, após analisar todas as teorias até então existentes propõe que primeiramente seja estudado o contexto decorativo na qual a árvore está inserida, depois a evidência textual e somente então se deve tentar chegar a interpretação da sua função e de seu significado. Com base nas evidências o autor sugere que a árvore estilizada não deve ser vista como recipiente de atenção benéfico, mas sim como um poderoso agente apotropaico.²³⁶

6.2.1.2.4. Ornamentais

Reade aplica este termo aos padrões repetitivos, geralmente tipos em pequena escala e coloridos que são encontrados nos palácios. Embora consistindo na sua maioria de motivos apotropaicos na origem ou na intenção, parecem, segundo o autor, terem sido usados como ornamentos convencionais quase que indiscriminadamente. Evidências arqueológicas mostram que foram utilizados em tijolos esmaltados, ou pintados

²³³ Estudo aprofundado das figuras apotropaicas na Assíria pode ser obtido nas obras de Black; Green, 2000 e Reade, 1979a.

²³⁴ Reade, 1979a, p. 43 e Russell, 1998, p. 690.

²³⁵ Sobre a árvore estilizada, ver Albenda, 1994; Giovino, 2007; Parpola, 1993; Porter, 1993 e Russell, 1998.

²³⁶ Russell, 1998, p. 690-691.

diretamente sobre superfície de gesso na parede, principalmente na decoração de faixas ao redor da sala, na pintura do teto, bem como fazendo parte de composições e painéis contendo temas formais.²³⁷

Existe uma boa coleção de motivos do século IX a.C. no painel de tijolos esmaltados do Forte Shalmaneser (ver ilustração 37). Esta peça, de grandes proporções, é formada por cinco faixas de registros decorativos que emolduram o registro central formando um arco em seu redor. Os temas são bodes selvagens que se ajoelham em frente de uma “*palmette*”, botões de flores e romãs, grandes e pequenas rosetas. No registro superior do centro do painel estão presentes touros empinando em frente a uma árvore estilizada. Abaixo, se encontra uma faixa de inscrição e na parte inferior do painel está o rei em seu vestido cerimonial abaixo do disco alado do deus Ashur.

Estes motivos são comuns em pinturas murais do século IX até o início do século VIII a.C. O padrão desta decoração é um friso na altura, ou acima da cabeça de um homem. O friso consiste em um registro central com registros subsidiários de algum motivo mais simples (ver ilustração 38). No registro principal estão touros, sendo alguns alados empinando ou ajoelhando um contra o outro, com uma roseta ou um quadrado com lados curvados entre cada animal.²³⁸

²³⁷ Ver Reade, 1979a, p. 41-43.

²³⁸ Reade, 1979a, p. 41. Segundo o autor muitos exemplos são conhecidos.

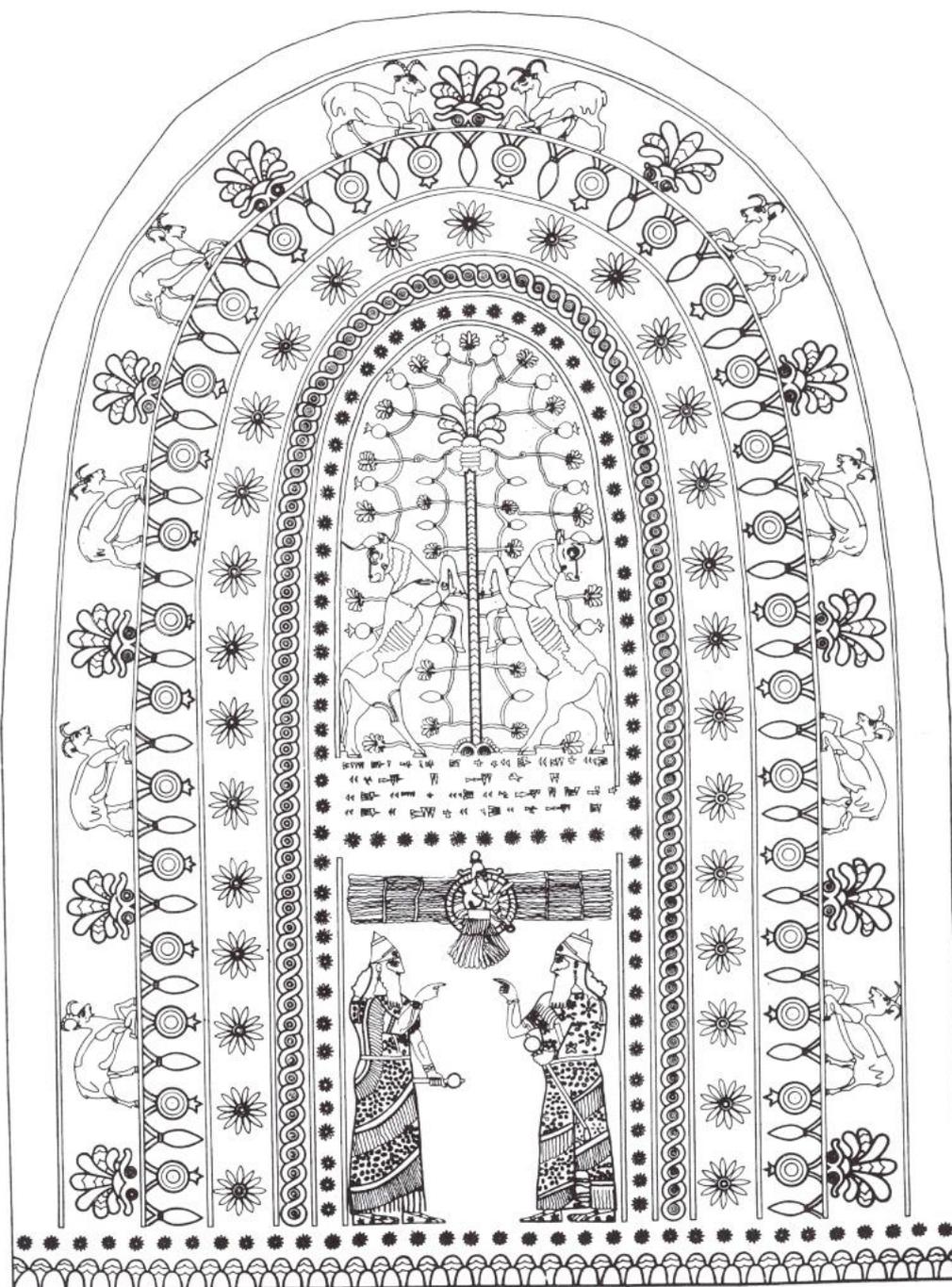


Ilustração 37 - Desenho de painel oriundo do Forte Shalmaneser.

Originalmente o painel colorido, formado por mais de 300 tijolos esmaltados, se encontrava acima de uma porta. Datado de c. 840 a.C. Atualmente no Museu Iraquiano. Altura 4 metros. Fonte: Oates, 2001, fig. 112.



Ilustração 38 - Fragmento de faixa de pintura mural proveniente do palácio provincial de Til Barsip
Datado do século VIII a.C. Fonte: Parrot, 1961, fig. 342.

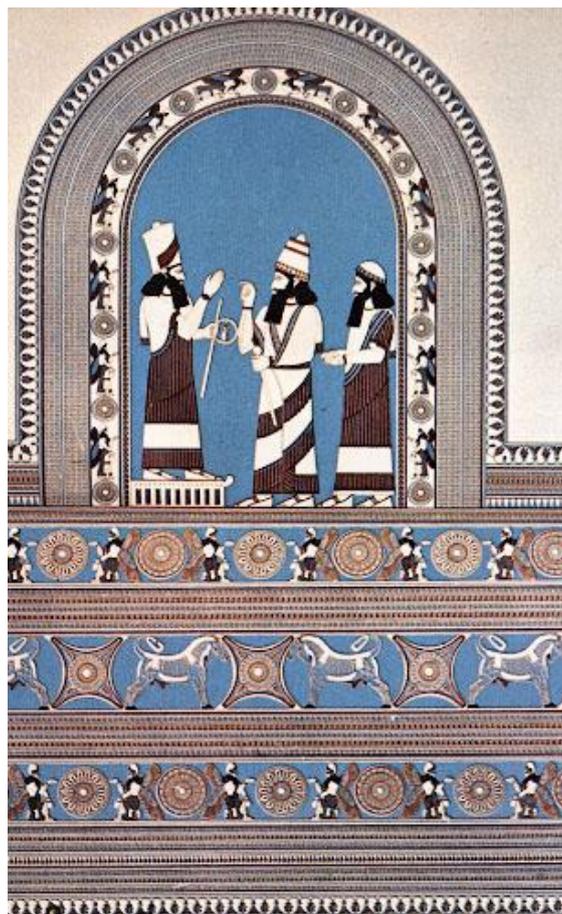


Ilustração 39 - Pintura mural proveniente da residência K, sala 12, em Dur Sharrukin.
Datado de c. 710 a.C. Fonte: Frankfort, 1979, fig. 196.

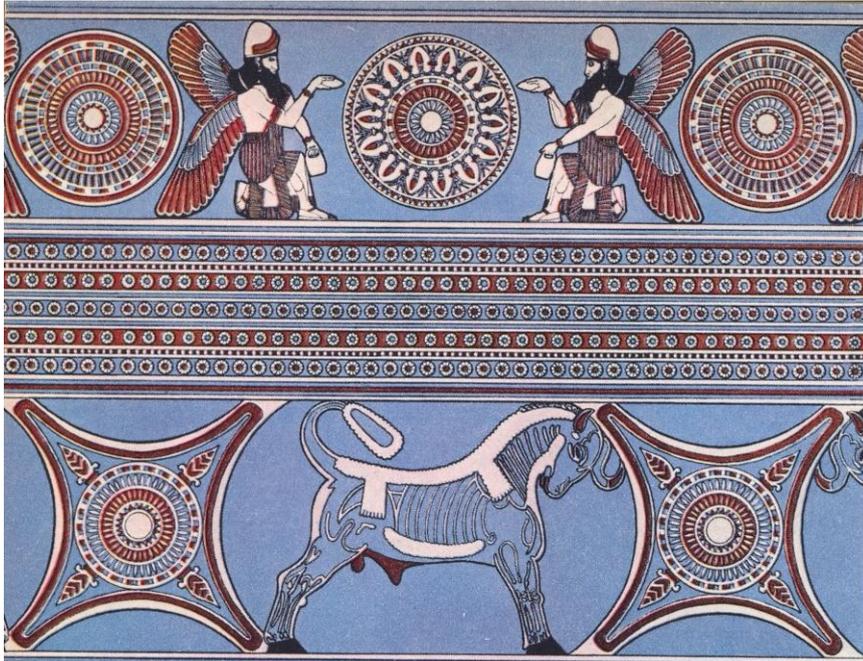


Ilustração 40 - Detalhe da faixa de pintura mural mostrada na ilustração anterior.

Datado de c. 710 a.C. Fonte: Parrot, 1961, fig. 341.

A maior parte dos frisos do final do século VIII e do século VII a.C é mais elaborada, e têm mais registros subsidiários de decoração; uma das adições mais relevantes é o motivo do botão e da flor de lótus, conforme o exemplo das ilustrações 39 e 40.²³⁹

Alguns fragmentos de pintura encontrados durante as escavações e que provavelmente decoravam o teto das salas dos palácios de Kalhu e Dur-Sharrukin tinham formas de hexágono.

6.2.1.3. Representações Imagéticas Neo-Assírias: Convenções e Inovações

Winter ressalta que apesar de falhas no registro arqueológico os monumentos imagéticos anteriores ao período neo-assírio que dispusemos são consistentes em suas diferenças.²⁴⁰

Alguns elementos presentes nas cenas narrativas de Ashurnasirpal II refletem hábitos de uso convencionais na Mesopotâmia. As cenas de caças de animais podem ser identificadas na estela de Warka, datada de c. 3200 a.C.²⁴¹ Outra convenção com grande tradição de uso na Mesopotâmia é a composição heráldica presente nos relevos

²³⁹ Sobre o significado da utilização dos ornamentos como forma de decoração nos palácios, ver Winter, 2003.

²⁴⁰ Winter, 1981, p. 12.

²⁴¹ Para imagem da Estela de Warka, ver Frankfort, 1979, fig. 10 e fig. 11.

13 e 23 da sala do trono de Ashurnasirpal II. Antecedentes podem ser encontrados no repertório dos sinetes cilíndricos datados do período de Uruk, c. 3200 a.C.²⁴²

Um dos mais antigos exemplos narrativos de cenas de batalha está presente no “*Standard of Ur*”, datado entre os anos de 2600 e 2400 a.C. Consiste em uma série de episódios em seqüência do registro inferior para o superior, mas sem particularidade ou sintaxe (ver ilustração 41). A função para este objeto não é muito clara, mas a ausência de inscrições, segundo Frankfort, pode sugerir que tenha servido para decorar parte de um móvel.²⁴³ A obra consiste em dois painéis que mostram dois eventos complementares: uma vitória militar e uma comemoração. Cada um dos painéis está dividido em três registros; a cena principal ocupa o registro superior, enquanto que os outros registram eventos subsidiários. O registro superior do primeiro lado analisado mostra uma vitória militar onde o rei, no canto esquerdo do registro e um pouco mais alto que seus homens, acaba de descer de sua carruagem. Com lança em mãos, inspeciona os cativos. Estes são representados nus, e alguns feridos. O engajamento precedente é mostrado nos registros abaixo. No registro inferior, carros de guerra avançam sobre os corpos. No registro do meio, soldados de infantaria atacam mais inimigos e levam outros como prisioneiros. O segundo lado da peça representa uma celebração após a vitória. No registro superior o rei aparece olhando para seus oficiais, é maior que seus companheiros e veste uma saia diferenciada. No canto direito, um homem toca harpa e a mulher atrás dele deveria ser uma cantora ou dançarina. A conexão entre a celebração e o sucesso militar é atestada pelo registro inferior, onde a presença dos onagros só pode ser explicada como oriunda de butim de guerra, bem como os bens que são levados nas costas de carregadores.

Winter ressalta que enquanto estas cenas podem ser lidas como narrativas, ainda não nos proporcionam informações suficientes para sugerir especificidade de tempo ou lugar requeridos para a verdadeira narrativa histórica. Entretanto nos relevos de Ashurnasirpal II, a autora lembra que não podemos insistir que toda a ação e gesto na narrativa histórica tenha sido real; e certamente as formulas padronizadas de prisioneiros acorrentados ou inimigos caídos sobre a barriga dos cavalos da carruagem são repetições quase que literais do “*Standard of Ur*”. Ainda segundo Winter, o aspecto inovador dos relevos de Ashurnasirpal II, está, portanto, em sua

²⁴² Winter, 1981, p. 10. Para exemplo de imagem, ver Moortgat, 1969, fig. 1a.

²⁴³ Frankfort, 1979, p. 71. Sobre a representação de cenas de guerra ao longo da história da Mesopotâmia e o seu simbolismo, ver a obra de Bahrani, 2008.

pretendida especificidade, apesar do uso de formulas padronizadas, e na articulação de partes, incluindo aquelas unidades convencionais, em uma composição sequencial em oposição aos episódios seriais.²⁴⁴

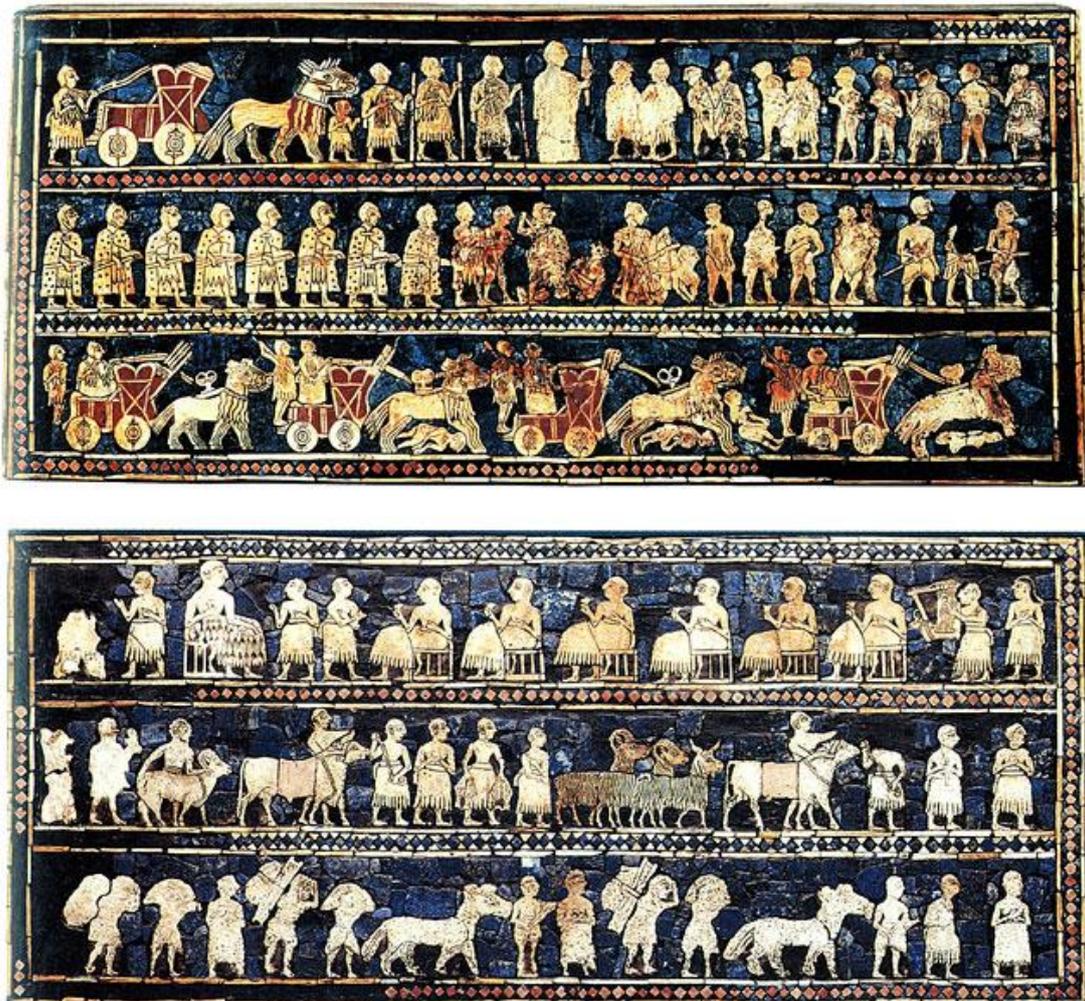


Ilustração 41 - Peça conhecida como “*Standard of Ur*”.

Datado de c. 2600-2400 a.C. Dimensão: 21,59 cm por 49,53cm. Atualmente no Museu Britânico. Fonte Frankfort, 1979, fig. 77.

A estela comemorativa do rei Eannatum de Lagash (2450 a.C.), conhecida também como “Estela dos Abutres”, refere-se, entretanto a um evento histórico específico, o acerto de uma disputa fronteiriça com a cidade-estado vizinha de Umma, o que sabemos graças à extensa inscrição em ambos os lados da estela. O componente visual é, entretanto, genérico e episódico. No lado obverso, o deus Ningurso, a quem a vitória é atribuída, é mostrado carregando um cetro e seu emblema, o leão com cabeça de águia, enquanto que a seu lado está uma rede repleta de inimigos, representação

²⁴⁴ Winter, 1981, p. 11.

esta que poderia ser transferida a qualquer monumento comemorativo de vitória. No reverso da estela está uma série de quatro registros: o rei mostrado a pé liderando um grupo de guerreiros com espadas que andam sobre inimigos deitados; o rei em sua carruagem armado com uma lança; e o que parece ser uma pilha de corpos inimigos, finalmente, um ritual. Novamente, embora o reverso esteja em estado extremamente fragmentado, Winter sugere que a obra não pode ser lida continuamente para que possamos chamá-la de narrativa histórica, apesar do fato de que foi claramente criada para ser um referente histórico.²⁴⁵

Segundo Winter, o mesmo parece ter sido verdade para a estela de Naram-Sin (2254-2218 a.C.) do período seguinte, acádico, mostrada na ilustração 42.

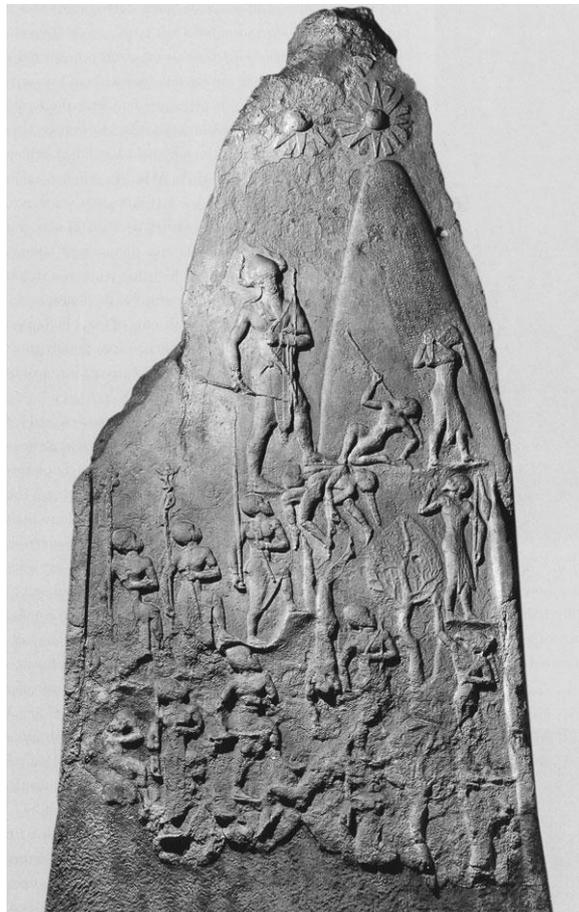


Ilustração 42 - Estela de Naram Sin,

Período Acadiano, 2230 a.C. encontrada em Susa, no Irã, e hoje no Museu do Louvre. Altura: aproximadamente 2 metros. Fonte: Winter, 1981, fig. 14.

Neste monólito o rei celebra sua vitória sobre uma tribo iraniana da fronteira identificada na inscrição. O governante é mostrado triunfante em frente a uma

²⁴⁵ Para a imagem da Estela dos Abutres, ver Frankfort, 1979, fig. 74 e fig. 75.

montanha e corpos de soldados inimigos caídos, enquanto seus soldados são mostrados alinhados abaixo dele. A inclusão de duas árvores e linhas de contorno da paisagem são adições significativas na busca de representação real de tempo e espaço, e levaram alguns estudiosos a considerá-la como um monumento histórico totalmente desenvolvido.²⁴⁶ Entretanto, da mesma forma, esta peça não é para ser lida como uma progressão linear de ação, mas como um todo, como uma celebração congelada. De fato o rei não atira com seu arco, mas apenas posa triunfante; há menos ação que na estela de Eannatum, apesar do extraordinário avanço pela libertação dos registros através do uso de todo o campo pictórico. Segundo Winter, pode dizer-se que em ambas as estelas, embora esteja claro que se referem a batalhas específicas e são, portanto, históricas, a imagética é ainda emblemática e episódica; elas têm caráter mais comemorativo mais do que narrativo.²⁴⁷

O próprio uso de estela determina, em certa medida, a seleção de uma cena “culminante”, ao passo paredes ou placas de pedra são superfícies muito mais propícias para a elaboração de uma narrativa contínua.

6.2.1.4. A Origem da Utilização de Relevos como Forma de Decoração dos Palácios Neo-Assírios

O uso de relevos na arquitetura parece ter sido assimilado pela Assíria vindo do oeste durante o reinado de Ashurnasirpal II. Como ressalta Guterbock, a arte dos relevos deste rei é tão madura que não pode significar o início desta forma de arte. A melhor comparação são os relevos da cidade-estado de Carchemish, pouco mais antigos que os de Kalhu.²⁴⁸ Na parede chamada pelos escavadores de *Herald's Wall*, estão uma série de temas mitológicos, cada cena em uma placa de pedra, cada um representando uma cena culminante ou simplesmente emblemas sem aparente relação entre eles (ver ilustrações 43 e 44). Na parede subsequente, denominada *Long Wall*, soldados e carruagens estavam claramente dispostos ao longo de placas adjacentes e possivelmente deveriam oferecer a idéia de uma procissão, atrás de uma fileira de deidades; mas como alguns dos deuses estavam em posição frontal, e uma figura feminina, talvez a esposa do rei, é mostrada imediatamente atrás dos deuses, parece

²⁴⁶ Ver Moscati, 1963, p. 30.

²⁴⁷ Winter, 1981, p. 13.

²⁴⁸ Guterbock, 1957, p. 65; Reade, 1979a p. 17. Sobre as escavações em Carchemish, ver Hogarth, 1969 e Guterbock, 1954. Sobre a formação da prática comum relativa a utilização de pedras na posição vertical na fachada de edifícios no antigo Oriente Médio, ver Harmansah, O., 2007.

mais evidente que as figuras divinas estão em posição estática ao contrário de movimento, e não há sinais que evidenciem que as carruagens e soldados fossem algo mais que meras figuras emblemáticas conforme exemplo mostrado na ilustração 44.²⁴⁹ Nos relevos de Carchemish não há elementos significativos de espaço ou tempo, ao contrário dos elementos presentes nos relevos neo-assírios

O relevo de Carchemish mostrando uma carruagem (ver ilustração 43) fornece um claro contraste se comparado com as representações neo-assírias, apesar de terem muitos elementos em comum, tais como a cabine do carro de guerra, o escudo e a lança atrás do carro e o inimigo caído abaixo dos animais. Entretanto o arqueiro na carruagem não tem nenhum objeto em sua mira, e o inimigo já se encontra caído, e não há continuação da cena para além deste relevo. Em resumo, não há sintaxe, e não há nenhum elemento significativo que ofereça especificidade de tempo ou espaço. E, como lembrou Winter, um dos requisitos para a representação narrativa é que as suas unidades encontrem integração, para que no final das contas a narrativa em si transcenda seu conteúdo.²⁵⁰ Neste sentido, os relevos de Ashurnasirpal alcançam este objetivo mesmo nas seqüências confinadas a um único relevo. Naqueles onde a ação se estende para três ou mais relevos, o resultado fica mais evidente: o espectador literalmente lê o registro assim como leria uma linha de texto.

Para Winter, a combinação de seqüência, ação, e particularidade é precisamente o que distingue os relevos de Ashurnasirpal de seus predecessores no antigo Oriente Médio.²⁵¹

²⁴⁹ Winter, 1981, p. 13.

²⁵⁰ Winter, 1981, p. 13.

²⁵¹ Winter, 1981, p. 12.

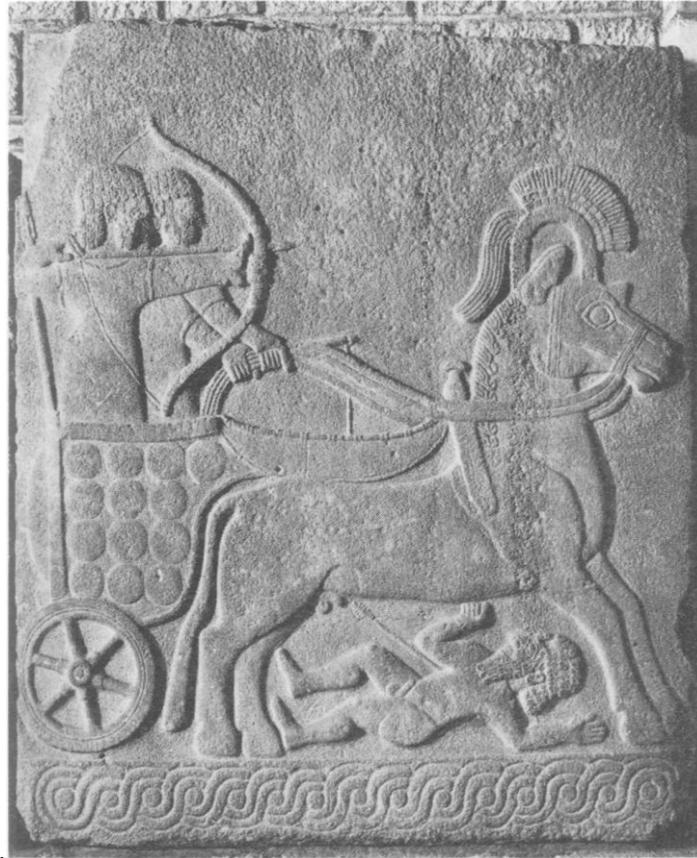


Ilustração 43 - Relevo representando carro de guerra com dois ocupantes.

O carro representado passa sobre um inimigo ferido por uma flecha. Originário da *Long Wall* em Carchemish, início do século XIX a.C. Fonte: Mallowan, 1972, fig. 2.



Ilustração 44 - Relevo representando o herói mítico Gilgamesh.

Originário da *Herald Wall* em Carchemish, início do século XIX a.C. Fonte: Mallowan, 1972, fig. 4.

Frankfort ressalta a originalidade dos relevos neo-assírios lembrando que estes não têm antecedentes dentro ou fora da Assíria e que paralelos só podem ser encontrados na coluna de Trajano e Marco Aurélio.²⁵²

6.2.1.5. Outras Influências Externas na Cultura Material Assíria

A prática de utilização de relevos na decoração arquitetônica foi apenas uma das influências que os assírios tiveram do exterior.²⁵³ A grande estátua oriunda de Tell Fakhariyah é uma das diversas estátuas colossais dos governantes das regiões vizinhas da Assíria, encontradas, por exemplo, nas cidades de Sam'al, Malatya. Esta era uma tradição estrangeira a Assíria, onde a maior parte das figuras reais de vulto redondo que sobreviveram estão mais próximas de estatuetas. Entretanto, fragmentos de uma estátua colossal, com três metros de altura, foram encontrados em Ashur, datados provavelmente do século IX a.C. Mas isto parece indicar um empréstimo temporário, já que outros exemplos não são conhecidos e o uso de estátuas foi convertido posteriormente no uso de estelas.

As esculturas em forma de leão e touro alado que adornavam as portas e as fachadas dos palácios neo-assírios também têm sua origem fora da Assíria. Os mais antigos exemplos de seu uso na arquitetura podem ser observados na capital hitita de Hattusas (ver a ilustração 45), localizada em um platô montanhoso próximo à moderna cidade de Boghazkoy no leste da Turquia.²⁵⁴ Outro exemplo de utilização de esculturas nas laterais de portas pode ser visto no sítio hitita de Alaca Hoyuk.²⁵⁵

Em outro caso, os próprios reis mencionam em seus escritos terem tomado de empréstimo hábitos do oeste. As salas de recepção dos palácios do norte da Síria tinham na sua entrada pórticos com colunas que se abriam para um pátio. Mais de um rei assírio descreve ter construído um pórtico no estilo dos palácios da terra de Hatti.²⁵⁶ Embora sua função arquitetônica tenha sido alterada por completo, estas importações do oeste são identificáveis no registro arqueológico, através das bases esculpidas das colunas nos palácios de Kalhu, Dur-Sharrukin e Niníve.

²⁵² Frankfort, 1979, p. 168.

²⁵³ Postgate, 1992, p. 260.

²⁵⁴ Sobre a cultura material dos hititas, ver Alkim, 1968; Frankfort, 1979; Lloyd; Muller, 1980; Macqueen, 1975. Sobre a organização do espaço nas áreas externas na arquitetura siro-hitita, ver Pucci, 2006. Sobre a comunicação visual presente na arquitetura da cidade de Zincirli, no noroeste da Síria, ver Pucci, 2005.

²⁵⁵ Para imagens e estudo aprofundado sobre o sítio de Alaca Hoyuk, ver Sievertsen, 2008.

²⁵⁶ De acordo com Postgate, 1992, p. 261 deixaram tais registros os reis Tiglath-pileser III, Sargon II e Sennacherib.



Ilustração 45 - Portão dos Leões. Boghazkoy. Datado de c. 1400 – 1200 a.C.

Fonte: Frankfort, 1979, fig. 248.

Ainda de acordo com Postgate, tais empréstimos pelos assírios podem ser vistos de duas maneiras: de um lado são tácitos reconhecimentos pela Assíria do valor da tradição cultural dos seus vizinhos do oeste; e de outro lado, a introdução do “exótico” nos seus palácios é uma das facetas da insistência do hábito imperial de colecionar, que também os levaram a criar jardins zoológicos e botânicos. Assim como tributos e saques, estes também são intimamente relacionados à ordem política.²⁵⁷

A noção de que os assírios não possuíam, na arte, nenhum prejulgamento nacionalista, que os levasse a não adotar hábitos estrangeiros também é compartilhado por Lackenbacher:

“(…) devido ao fato deles (assírios) estarem confiantes em si próprios e no valor de suas tradições, eles não hesitavam em adotar aquilo que os agradava nos hábitos de seus vizinhos.”²⁵⁸

Tais opiniões são fundamentadas por um extrato de texto de Sennacherib ao referir-se sobre seu palácio em Kuyunjuk:

“(…) *un palais de calcaire et de cèdre, image d'un palais hittite et un palais majestueux de facture assyrienne.*”²⁵⁹

²⁵⁷ Postgate, 1992, p. 261. Sobre a tradição de colecionismo pelos reis na Mesopotâmia e seu papel como legitimador do poder e exibição de luxo, ver a obra de Thomason, A.K., 2005. Sobre o colecionismo na Assíria, ver Reade, J. 2004.

²⁵⁸ Lackenbacher, 1990, p. 107.

6.3. Conclusões sobre as Fontes Escritas e Não Escritas

A análise conjunta dos elementos visuais e textuais presentes nas placas de pedra é de suma importância para a compreensão da mensagem. Conforme Winter:

“Não se pode simplesmente analisar os domínios verbais e não incluir o visual no universo maior da comunicação cultural, e por outro lado, não se pode restringir o estudo do visual ao meramente estabelecer uma cronologia e articular propriedades formais. Ao invés disso, o domínio visual contém dentro dele informações básicas, bem como estruturas únicas de conhecimento – muitas vezes em paralelo ou complementares com os, ou ocasionalmente até distinto dos, registros escritos. Consequentemente o visual precisa ser estudado com todo o arsenal analítico que nos é disponível – história da arte, arqueologia, antropologia e textos – e em seus próprios termos.”²⁶⁰

Os estudos mais recentes voltados para a compreensão da mensagem presente nos esquemas decorativos dos palácios assírios têm dado ênfase na relação entre texto e imagem, tanto dos textos esculpidos diretamente nos relevos quanto nos textos históricos e analíticos que ocorrem independentemente, mas cujo conteúdo está diretamente relacionado ao esquema decorativo do palácio.

“O que emerge muitas vezes destes estudos são paralelos claros, tanto estruturais como em conteúdo; e em outras ocasiões, importantes informações complementares, onde texto e imagem combinam-se para constituir uma mensagem mais completa do que poderia ser fornecida por si próprias.”²⁶¹

“(…) eu sugiro que parece haver uma relação próxima entre as formulações dos anais e as descrições dos relevos – um alto grau de paralelismo, portanto, entre texto e imagem, se não a probabilidade de exata correspondência.”²⁶²

Desta maneira, a sala do trono pode ser “lida” como uma declaração do estabelecimento e manutenção das relações exteriores do Estado através da conquista militar e do recebimento de tributos; e da manutenção das relações interiores do Estado através da observância das tradições de culto, alcançadas através da figura do poderoso rei. Estas atitudes são encontradas nos textos, onde os títulos empregados

²⁵⁹ Lackenbacher, 1990, p. 107.

²⁶⁰ Winter, 1995, p. 359.

²⁶¹ Winter, 1995, p. 359. Ver também as obras de Russell, 1991, 1998.

²⁶² Winter, 1981, p. 15.

pelo rei Ashurnasirpal II mostram preocupações similares. A análise cuidadosa dos epítetos adotados pelo rei permite encontrar além de correspondências exatas entre a descrição verbal e o visual dos eventos narrativos históricos, correspondência entre os epítetos utilizados pelo rei e suas várias categorias de representação onde é retratado.

6.4. A Audiência do Esquema Decorativo

Existem numerosas referências tanto nos textos como nas imagens das classes de pessoas que moravam, trabalhavam ou visitavam os palácios e que conseqüentemente estariam expostos ao esquema decorativo do palácio.²⁶³ Segundo Russell:

“É característico de uma mensagem emitida através de qualquer meio de comunicação que nós não podemos começar a entender seu significado, ou significados por completo, a não ser que nós possamos também determinar para quem essa mensagem é endereçada. Isto acontece, pois os elementos básicos de um meio sejam eles grupos de palavras ou arranjos de formas – que são combinados para expressar a mensagem são passíveis de carregar diferentes conotações para diferentes receptores. Isto é particularmente verdade para a mídia visual, onde a imagem em si é universalmente acessível, embora seu sentido intencional pode não ser.”²⁶⁴

De acordo com a evidência proporcionada pelos registros preservados, Russell sugere que a audiência dos relevos neo-assírios pode ser definida como sendo formada por doze grupos distintos:²⁶⁵

- 1 – Rei: o espectador de ranking mais elevado a ver os relevos seria o próprio rei, que construiu e morou no palácio.
- 2 – Príncipe Herdeiro e Família Real: a família real, bem como muitos dos príncipes herdeiros, morou no palácio e estaria constantemente em contato com o esquema decorativo presente na sala do trono.
- 3 – Cortesãos: altos oficiais assírios e funcionários do palácio estavam entre os hóspedes descritos nas dedicatórias dos palácios de Ashurnasirpal II e Esarhaddon.
- 4 – Servos: diversos grupos de servos do palácio são mencionados nos registros.

²⁶³ Estas referências estão presentes, por exemplo, nos Anais Reais, no texto da Estela do Banquete (sobre a inauguração do Palácio Noroeste), textos administrativos do palácio (tais como a Lista dos Vinhos e os Tabletes do Forte Shalmaneser) e nas cartas reais.

²⁶⁴ Russell, 1991, p. 233.

²⁶⁵ Russell 1991.

5 – Empregados Estrangeiros: registros indicam que muitos dos escribas, músicos e adivinhadores empregados na corte eram estrangeiros.

6 – Prisioneiros estrangeiros: os anais de Sargon II, Sennacherib, Esarhaddon e Ashurbanipal declaram que força de trabalho cativa estrangeira foi usada na construção dos palácios reais. Os anais de Esarhaddon também declaram que cativos de uma de suas campanhas foram partilhados entre seus palácios, presumidamente como servos ou operários.

7 – Futuros Reis: quase todos os relatórios de construção contêm mensagens dedicadas especificamente aos futuros reis, pedindo que palácio seja restaurado em sua condição original.

8 – Deuses: os registros da construção de Ashurnasirpal II, Sargon II, Sennacherib e Esarhaddon especificam que quando a construção do palácio foi terminada, os deuses da Assíria foram convidados para entrarem. O sentido de tal afirmação não é muito claro, pode significar que as estátuas dos deuses foram movidas para os santuários dentro do palácio, tais como os encontrados dentro ou adjacente aos palácios de Ashurnasirpal, Sargon e Sennacherib.²⁶⁶

9 – Assírios: os registros de dedicatórias de Ashurnasirpal II, Sargon II, Sennacherib e Esarhaddon declaram que o povo da Assíria foi convidado a participar das festividades de inauguração de seus palácios.

10 – Provincianos: como as províncias eram consideradas parte da própria Assíria, os “assírios”, considerados no item 9, sem dúvida incluíam antigos estrangeiros. Os registros de dedicatórias de Sargon II mencionam especificamente os governadores provinciais.

11 – Estrangeiros Subjugados: estrangeiros subjugados que visitavam o palácio como enviados ou para trazer tributos são proeminentes nos anais de todos os reis assírios. Certo número destes estrangeiros são listados individualmente na “Estela do Banquete” de Ashurnasirpal, e outros exemplos estão incluídos nas cartas reais relacionadas a tributos, nos relevos processionais presentes nos palácios de Ashurnasirpal e Sargon.²⁶⁷

²⁶⁶ Russell, 1991, p. 239.

²⁶⁷ Sobre os relevos processionais de Ashurnasirpal II e Sargon II, ver Winter, 1981 e Albenda, 1986 respectivamente.

12 – Estrangeiros Independentes: enviados de países não subjugados ao controle político direto da Assíria são mencionados nos anais de Sennacherib, Esarhaddon e Ashurbanipal, e também na “Estela do Banquete” de Ashurnasirpal e na Lista dos Vinhos de Nimrud.

7. OS PALÁCIOS NEO-ASSÍRIOS

7.1. A Arquitetura dos Palácios Neo-Assírios

Há dois tipos de palácio neo-assírios: o palácio civil ou residencial e o *ekal māšarti* ou arsenal, também chamado de forte.²⁶⁸ Na primeira e maior categoria são incluídos não apenas os palácios reais, mas também as grandes casas privadas, tais como as residências de Dur Sharrukin, que eram construídas estritamente de acordo com a mesma convenção de planejamento, e em alguns casos na mesma escala. Os palácios escavados que pertencem a esta categoria são: em Qal’at Sherqat, os níveis superiores do Antigo Palácio; em Kalhu, o Palácio Noroeste, Sudoeste, do Governador, Palácio Queimado, Palácio do Muro da Cidade, as Câmaras Superiores, Palácio AB, localizado na quadra PD5 e provavelmente também o edifício 1950; em Kuyunjuk, o Palácio Sudoeste de Sennacherib e o Palácio Norte de Ashurbanipal; em Dur Sharrukin, o Palácio de Sargon e as cinco residências e finalmente os dois palácios provinciais localizados nas cidades de Arslan Tash e Til Barsip, norte da Síria.

Em todos os palácios neo-assírios do primeiro tipo, na qual se conhece parte da planta é possível distinguir dois setores distintos, que, na maior parte dos casos estão dispostos cada um em volta de um dos principais pátios do edifício. Ao redor do pátio maior e exterior são encontrados os escritórios administrativos, quartéis, armazéns, estábulos, etc., isto é, as acomodações mais públicas. Ao redor do pátio interno central, mais reservado, existia uma série de alas de recepção, geralmente de um tamanho considerável e ricamente decorados. Entre os dois pátios principais, se localizava um grupo de câmaras, que dadas suas dimensões superiores e decoração requintada, seria a ala mais importante do palácio, isto é a sala do trono nos palácios e a sala de recepção principal nas residências privadas.²⁶⁹ Quando preciso outros pátios proporcionavam mais acomodações, dependendo das necessidades e recursos de seus ocupantes.

O outro tipo de palácio neo-assírio era o *ekal māšarti* ou arsenal. Nesta categoria está incluído o Forte Shalmaneser, em Kalhu e provavelmente o Palácio F de Dur-

²⁶⁸ Para um estudo comparativo das plantas das alas privadas dos palácios neo-assírios, ver Turner, 1970b.

²⁶⁹ Turner, 1970b, p. 179. Margueron acredita que existiram pisos superiores em algumas salas dos palácios neo-assírios, ver Margueron, 2005.

Sharrukin. Acredita-se, a partir de inscrições de Sennacherib e de seus sucessores, que havia um terceiro *ekal māšarti* no Tell Nebi Yunus próximo do sítio de Kuyunjuk.²⁷⁰ A função militar deste tipo de construção requeria que fosse mais funcional, com menor ênfase nas grandiosas alas residenciais presentes nos palácios civis. Apesar disto o Forte Shalmaneser pode ainda ser considerado contendo duas partes.

As funções de um *ekal māšarti* foram bem definidas em um prisma hexagonal de Shalmaneser III, encontrado em 1955 no Nebi Yunus:

*“The preparation of the camp (equipment), the mustering of the stallions, chariots, harness, equipment of war and the spoil of the foe of every kind (...) May I – every year without interruption – take stock (there) during the New Year’s Festival, the first month, of all stallions, mules, donkeys and camels, of the harness and battle gear of all my troops and the booty taken from the enemy.”*²⁷¹

Fazem parte do escopo do presente projeto apenas os palácios neo-assírios descritos a seguir, na qual se pode identificar a sala do trono contendo seu esquema decorativo original.²⁷²

²⁷⁰ Sobre *ekal māšarti* do Tell Nebi Yunus, ver Turner, 1970a.

²⁷¹ Oates, 2001, p. 145.

²⁷² Os palácios do rei Tiglath-pileser III e de Esarhaddon em Kalhu não estão incluídos nesta pesquisa, pois sua planta ainda é pouco conhecida e os relevos foram encontrados fora do local original, empilhados e prontos para ser removidos e reutilizados na antiguidade, ver Reade, 1968. Para o catálogo completo dos relevos destes dois palácios, ver Barnett; Falkner, 1962.

7.1.1. Palácio Noroeste de Kalhu – Ashurnasirpal II (884 - 859 a.C.)

O rei Ashurnasirpal II, um dos mais poderosos reis do século IX a.C. empreendeu uma forte política de expansionismo territorial e iniciou grandes obras de construção nas tradicionais cidades de Qal’at Sherqat e Nínive. Entretanto, seu principal feito artístico e arquitetônico foi realizado numa nova capital, a antiga capital provinciana de Kalhu.

Ao redor de seus cinquenta anos, Ashurnasirpal II mudou a principal residência real e centro administrativo do império de Qal’at Sherqat para Kalhu e começou a reconstruí-la em uma escala monumental, erguendo uma nova muralha com aproximadamente 7,5 quilômetros de circunferência, um palácio e nove templos. A mais elaborada de todas essas estruturas era o palácio, chamado na literatura moderna de Palácio Noroeste (ver as figuras AN.1 e AN.2 do Catálogo de Imagens).

As escavações desta estrutura tiveram início em 1850 por Henry Austen Layard (ver acima). A área escavada do palácio até o momento mede 200 metros no sentido norte-sul e 120 metros no sentido leste-oeste, e originalmente deve ter se estendido além destas medidas no sentido sul e leste.²⁷³ Na parte mais a norte do palácio se localizava um grande pátio externo, onde, no lado sul ficava a fachada da sala do trono (marcado como D,ED,E na planta). Esta fachada, da mesma forma que em outras importantes entradas do palácio, era decorada com estátuas colossais feitas em pedra, chamados *Lamassu*. As paredes das duas portas de entrada preservadas da fachada da sala do trono eram decoradas com relevos em pedra contendo imagens de estrangeiros trazendo tributos diante do rei. Igualmente esculpido nestes e em todos os outros relevos do palácio estava um texto, chamado de “Inscrição Padrão”.

Atrás da fachada estava a sala do trono (Sala B) e a Sala F. Esta última se abria para um pátio interno menor (Y). Este pátio estava guarnecido em seus outros três lados por conjuntos de grandes dependências, cada um deles acessados através de uma grande porta flanqueada por *Lamassu*: G e H à leste, S e X ao sul e WG, WH e WK à oeste. As paredes de todos os quartos desta parte do palácio estavam cobertas com painéis de pedra.

²⁷³ Russell, 1998.

Após Layard, o palácio foi reescavado por M.E.L. Mallowan entre os anos de 1949-1957²⁷⁴ e pelo Departamento Iraquiano do Patrimônio e Antiguidades a partir de 1956. Entretanto, com exceção dos relevos narrativos da sala do trono, o palácio não havia sido publicado como um todo para que os relevos conhecidos pudessem ser agrupados nas respectivas salas de origem. A situação começou a mudar com o trabalho pioneiro de Gadd e Weidner²⁷⁵, que realizaram a monumental tarefa de localizar os relevos de Ashurnasirpal II em todo o mundo, e determinaram a posição original de cada um destes relevos no palácio. A principal fonte utilizada para a elaboração desta tarefa foi o apêndice do livro de Layard²⁷⁶, “Nineveh and its Remains”, que inclui uma breve descrição de todos os relevos escavados por ele. Esta tarefa foi continuada por Stearns, Reade, Paley e Meuszynski.²⁷⁷ Stearns publicou diversos relevos adicionais e utilizou desenhos deles para reconstruir a decoração de paredes inteiras em diversas salas. Reade também publicou novos relevos e refinou a reconstrução anterior através da importante observação de que todos os relevos numa dada sala possuíam o mesmo número de linhas de inscrição, e de que este número variava de sala para sala. Paley contribuiu com observações mais aprofundadas acerca da disposição dos relevos e estudou as variações textuais das “Inscrições Padrão”. Meuszynski aumentou e refinou mais este trabalho, em parte através de dados de novas escavações no palácio, que descobriram muitos relevos ainda no sítio bem como as bases dos relevos que foram serrados e removidos para os museus e coleções particulares. As bases podiam então ser comparadas com os relevos conhecidos com base em seu tamanho. Ele também publicou reconstruções bem acuradas dos desenhos das esculturas de salas inteiras.

O resultado deste trabalho de foi a publicação da obra de três volumes sobre as salas do palácio de Ashurnasirpal II por Paley e Sobolewski²⁷⁸, que permite analisar o palácio como um todo de uma maneira que não era possível desde o momento em que Layard começou a dismantelá-lo, na metade do séc. XIX. Nesta obra cada relevo esculpido é apresentado de uma maneira clara, com excelentes desenhos de reconstrução que mostram a seqüência dos relevos em cada cômodo.

²⁷⁴ Resultado publicado em três volumes, Mallowan, 1966.

²⁷⁵ Russell, 1998, p. 658.

²⁷⁶ Layard, 1849.

²⁷⁷ Stearns, 1961; Reade, 1965; Paley, 1976; Meuszynski, 1971.

²⁷⁸ Paley; Sobolewski, 1987.

Outros importantes estudos foram elaborados por Irene J. Winter, na qual apresenta e analisa a sala B (sala do trono) como um conjunto unificado de arquitetura, escultura e inscrições.²⁷⁹ John Malcolm Russell, em seu estudo sobre o programa do palácio noroeste, propõe duas hipóteses sobre a decoração: primeira, que a decoração do palácio expressa as quatro características da ideologia do império assírio; sucesso militar, dedicação aos deuses, proteção divina e prosperidade para a Assíria; segunda, que a escolha da decoração de cada ala dos apartamentos de Estado foi influenciada pelo tipo de função de cada uma destas alas. Para testar sua hipótese, o autor apresenta uma série de plantas de cada uma das alas dos apartamentos de Estado, contendo o desenho detalhado de cada um dos relevos existentes em sua posição original, de maneira mais clara e didática que as apresentadas anteriormente e permitindo assim comparações entre as diferentes alas.²⁸⁰

7.1.1.1 Sala do Trono do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II

A sala do trono do palácio de Ashurnasirpal II consiste em um cômodo de 9,8 metros de largura por 45,7 metros de comprimento (ver as figuras AN.3 a AN.19 do Catálogo de Imagens).

7.1.1.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II

Na sala do trono foram encontrados 33 painéis esculpidos, colocados nas paredes ao redor da sala, a maior parte deles presente na parede sul da sala e 2 pares de *Lamassu*, que guarneciam as portas a e b. Na parede norte, leste e oeste foram encontrados poucos relevos. Para cada um dos painéis foi atribuído um número, de 1 a 33. Os painéis são divididos por uma faixa de inscrições (Inscrição Padrão). Parte destes painéis é composta de relevos narrativos, sendo que as inscrições dividem o painel em duas partes, cada uma das quais representando uma cena narrativa distinta. A outra parte se refere a cenas que ocupam todo painel, contendo imagens apotropaicas ou cenas de cerimônias religiosas.

Entre as portas e dispostas pela sala estavam figuras simbólicas: leões e touros alados, grifos e gênios alados. Tais figuras se tratavam de seres essencialmente protetores. Os

²⁷⁹ Winter, 1981 e 1983.

²⁸⁰ Russell, 1998.

gênios muitas vezes estavam representados juntos a um tema importante da iconografia oriental: a árvore sagrada.

A árvore sagrada é um elemento destacado presente na iconografia da sala. Esta aparece nos relevos 13 e 23, ao centro do relevo e ladeada por duas imagens do rei. Atrás do rei estão duas figuras aladas. Segundo Bachelot, este motivo simboliza e ilustra uma das funções principais do rei que é a de assegurar a fertilidade e a prosperidade.²⁸¹ Acima da árvore está a representação do deus Ashur em seu disco alado. A árvore pode ser encontrada também nos quatro ângulos da sala, mas desta vez, sem a presença do rei. Deve-se atentar que os pontos mais em vista da sala estavam ocupadas por cenas de características religiosas ou de culto.

As cenas narrativas representam o rei em atividades ligadas diretamente à natureza de sua função: a caça e a guerra. A caça ao leão e ao touro, aqui representadas, são temas tradicionais na iconografia do Oriente Médio e estão presentes desde o quarto milênio a.C. Segundo Bachelot pode-se considerar estas cenas como estando na metade do caminho entre as representações puramente simbólicas e os relevos narrativos históricos que ilustram um episódio bem determinado no tempo e no espaço.²⁸² Segundo o mesmo autor a representação de touros e leões podem testemunhar a escolha voluntária em reproduzir um motivo tradicional mais que um episódio real da vida do rei.

As cenas de guerra podem ser divididas em várias categorias: a cidade sitiada, batalhas a cavalo, o saque obtido das populações vencidas e o retorno triunfante. As cenas de batalha fazem parte também de uma antiga tradição iconográfica, mas aqui se nota o aparecimento de características novas. O rei, por exemplo, não se beneficia de nenhum tratamento particular: estatura, atitude ou local na cena que seja mais vantajoso do que de outras figuras, como era o caso na iconografia anterior.²⁸³ Os únicos atributos que o distingue dos outros são as vestimentas reais. Bachelot ressalta que parece ter então sido inaugurado, apesar das características convencionais da temática, um realismo que não existia até então.²⁸⁴

²⁸¹ Bachelot, 1991, p. 111. Para outras interpretações, ver a descrição do relevo 23 no Catálogo de Imagens.

²⁸² Bachelot, 1991, p. 111.

²⁸³ Ver, por exemplo, a estela de Naram-Sin na ilustração 42.

²⁸⁴ Bachelot, 1991, p. 111.

As cenas narrativas históricas descrevem eventos reais, e para reforçar a impressão de realidade grande cuidado foi prestado nos detalhes. Conforme Winter:

“Através de verossimilhança nos elementos da paisagem e nas vestimentas, as narrativas militares foram criadas para serem mais do que vitórias genéricas: elas se referem a campanhas reais do reinado do rei (...). Ao concentrá-las na sala do trono durante o reinado de Ashurnasirpal II e ao colocar a própria sala do trono no centro do palácio, o rei do século IX a.C. exprimia a mensagem de que assim como a sala do trono é o coração do palácio, o palácio é o coração do Estado.”²⁸⁵

A representação de elementos particulares permite situar precisamente no espaço e no tempo os episódios narrativos históricos representados. A interpretação das cenas é auxiliada pela leitura dos anais que descrevem as diferentes campanhas do rei. Conforme visto, para o reinado de Ashurnasirpal II temos a enumeração completa das batalhas entre o primeiro e o décimo - oitavo ano de reinado.

²⁸⁵ Winter, 1993, p. 36.

7.1.2. Forte Shalmaneser – Shalmaneser III (858 - 824 a.C.)

Localizado em Kalhu, pertence ao segundo tipo de palácio neo-assírio, chamado de *ekal māšarti* ou arsenal. A maior parte da planta deste palácio é conhecida.

Ao contrário das áreas adjacentes que foram extensamente escavadas no século XIX, o Forte permaneceu virtualmente intocado até as escavações realizadas a partir da década de 1950. Layard e Rassam realizaram durante sua estada somente alguns poços e túneis de teste, mas falharam em encontrar vestígios da construção ou painéis de alabastro.

O Forte Shalmaneser foi foco de extensa escavação entre os anos de 1968 e 1963.²⁸⁶ Revelou-se uma construção de cerca de 200 por 300 metros de extensão. Do lado leste faz divisa com a muralha da cidade, ao sul do Portão de Erbil. Os setores nordeste, noroeste e sudeste da construção possuem pátios cercados por fileiras de salas. A ala sul da construção continha a sala do trono, residências, tesouro e outras salas de recepção do rei (ver as figuras SN.1, SN.2, e SN.3 do Catálogo de Imagens).

Em 1962, escavações na área sudeste do forte revelaram os apartamentos de Estado. Estes eram divididos em dois setores de larguras distintas, por uma sólida parede longitudinal. A mais larga abrigava a Sala do Trono (T1), uma pequena antecâmara (T7) e uma escadaria (T8), uma planta muito parecida com a ala da sala do trono do palácio de Ashurnasirpal II.²⁸⁷ Na parte sul existia uma antecâmara (T3), com um pequeno cômodo quadrado (T9) no seu final oeste. Um terceiro cômodo (T11), acessível pelo Pátio S, não tinha comunicação interna com outros cômodos deste bloco.

7.2.1.2. Sala do Trono do Forte Shalmaneser

A sala do trono possuía 42,10 metros de comprimento por 9,80 metros de largura, um pouco menor que a sala do trono de Ashurnasirpal II (Sala B). Como nesta última, duas portas, uma em cada final da parede proporcionavam acesso direto para o Pátio Sudeste, enquanto que uma terceira porta levava à antecâmara ao sul. A antecâmara por sua vez poderia ser acessada diretamente do Pátio T, por meio de uma entrada monumental flanqueada por torres que se projetavam, ou pelo cômodo (T21) na parte sul através de uma pequena porta. As paredes da sala do trono variavam entre 4,40 e

²⁸⁶ Oates, 2001, p. 145.

²⁸⁷ Oates, 2001, p. 171.

4,80 metros de largura, o que sugere não apenas que ela foi mais alta que as estruturas ao seu redor, mas também que possivelmente foi mais alta que a muralha externa do Forte Shalmaneser. Oates sugere uma altura aproximada para o pé-direito de doze metros. Esta grande altura serviria para ressaltar visualmente a importância da sala do trono, tanto internamente quanto externamente, e provavelmente também para prover luz através do clerestório.²⁸⁸

No final leste da sala do trono foi feita a principal descoberta do forte, e única peça de importância imagética encontrada na sala: a base do trono de Shalmaneser III, instalada pelo então governador de Kalhu, Shamash-bel-usur, e colocada aproximadamente no eixo da sala.²⁸⁹ Duas ranhuras rasas esculpidas na rocha serviam como trilhos que se estendiam até três metros de distância do trono embora o início delas não pudesse ser definido pelos escavadores. Estes trilhos serviram, provavelmente, a algum tipo de braseiro, conforme o encontrado em outro local do forte em 1989.²⁹⁰

7.1.2.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Forte Shalmaneser

A base do trono é composta por dois blocos de pedra calcária de tom amarelado, medindo 2,28 metros de largura por 3,82 metros de comprimento. A superfície superior da plataforma é dividida por um degrau único em dois níveis. Na maior parte da superfície superior da plataforma existem impressões de rosetas, que originalmente eram destacadas em branco.²⁹¹ Suas laterais são revestidas por inscrições e imagens esculpidas em relevo, onde são descritos e ilustrados eventos do reinado de Shalmaneser (ver as figuras SN.4 a SN.7 do Catálogo de Imagens).

Ambos os blocos de pedra calcária contêm grande número de inscrições²⁹² que podem ser resumidos como:²⁹³

- texto principal, sendo um resumo dos acontecimentos relacionados dos treze primeiros anos do reinado de Shalmaneser III;
- duas epígrafes que servem de legenda às imagens presentes nas laterais da base;

²⁸⁸ Oates, 2001, p. 172.

²⁸⁹ Oates, 2001, p. 172.

²⁹⁰ Oates, 2001, p. 174. Para a imagem do braseiro, ver Oates 2001, prancha. 12c.

²⁹¹ Oates, 2001, p. 174.

²⁹² Toda a transcrição dos textos presentes na base do trono está na obra de Grayson, 1996.

²⁹³ Russell, 1999, p. 66.

- um texto que se refere à imagem presente na parte frontal da base; e
- uma legenda.

A principal descrição histórica se inicia em um painel emoldurado no lado norte do bloco leste (*a*), continua em um painel similar no lado sul do bloco leste (*b*), continua com duas linhas de texto que emolduram o degrau superior no bloco oeste (*c*), e termina com duas linhas emoldurando o degrau inferior do mesmo bloco (*d*).

O texto principal contém a titularidade real (que será discutida a seguir) e o resumo histórico do ano da ascensão de Shalmaneser e de seus primeiros seis anos de reinado. Na parte histórica são descritas as campanhas ocorridas no ano de ascensão ao trono, realizadas em direção ao norte do reino, contra as regiões de Nairi e do Lago Van. A seção seguinte continua com uma breve descrição de três campanhas (descritas pelo rei como decisivas) para o oeste: contra Hatti, os Amanus e o Mediterrâneo no primeiro ano, contra Bit-Adini na primeira campanha de seu quarto ano de reinado, e contra a coalizão Hamath em Qarqar no sexto ano. A seção referente às conquistas para oeste termina com uma declaração que nos seus treze anos de reinado, Shalmaneser cruzou o rio Eufrates dez vezes e conquistou o oeste do Eufrates até a Fenícia. Esta referência ao seu décimo terceiro ano é a última data presente no texto e que sugere a data de sua composição. O texto daí retorna para o resumo das campanhas contra o norte e leste: à nordeste contra Urartu durante o terceiro ano, e para leste contra Zamua e o Lago Zeribor na segunda campanha de seu quarto ano, e ao norte contra Shubria no seu quinto ano.

Um texto a parte de três linhas, escritos em sinais menores ao longo da parte leste do bloco leste na parte detrás da base do trono, descreve a campanha para a Babilônia para ajudar o rei babilônico, Marduk-zakir-shumi, a derrotar seu irmão rebelde (nos anos oito e nove do reinado). Este texto se refere claramente a imagem não legendada esculpida na parte frontal da base, que mostra Marduk-zakir-shumi segurando a mão de Shalmaneser III. Russell considera que embora este texto seja muito longo e esteja muito longe da imagem correspondente para ser considerada uma epígrafe, as duas são, entretanto, intimamente ligadas pelo tema, e o texto parece ser um comentário baseado na imagem.²⁹⁴ Esta cena merece atenção especial. O tema de dois reis frente a frente em um gesto de cumprimento, embora seja inédita na arte assíria, já era

²⁹⁴ Russell, 1999, p. 67.

conhecida em representações mais antigas na Síria. Entretanto ela é única na arte assíria, não havendo nenhuma outra representação onde o rei assírio admite outro rei como seu igual.²⁹⁵ Oates vê este gesto em certa medida remanescente da cerimônia anual na qual o rei da Babilônia “*takes the hand of Marduk*”, seu chefe supremo, e é através disto tinha confirmada sua autoridade real.²⁹⁶ O ato de “*strike away the hand of another*” significava a rejeição formal de uma aliança, e de acordo com Oates, é de se supor que o aperto de mão retratado signifique, tal como hoje, a aceitação mútua de um acordo. Mas este autor também enxerga a improbabilidade, neste contexto, de tal cena representar igualdade entre os protagonistas, dada a proeminência da cena na base do trono que visava objetivamente enfatizar um dos grandes feitos de Shalmaneser que foi escrito na base do trono:

*“Shalmaneser, king of Assyria, marched to the aid of Marduk-zakir-shumi. He felled Marduk-bel-usate [the rebellious brother] with the sword and confirmed Marduk-zakir-shumi on his father’s throne. I (Shalmaneser) marched about justly in the extensive land of Kardumiaš [Babylonia]...I went down to Chaldea and gained domination over Chaldea in its entirety. I received tribute from the kings of Chaldea as far as the sea and imposed my might upon the Sealand.”*²⁹⁷

Marcus menciona outros fatores indicativos da aliança entre os dois reis; além do visível contato físico, ambos são mostrados em tamanho equivalente, cada um está acompanhado por três carregadores de armas e a vestimenta de cada rei corresponde ao padrão de suas regiões.²⁹⁸ Do ponto de vista econômico, ter os babilônios como aliados era vital para o acesso assírio às rotas comerciais do sul para o leste.

As duas cenas remanescentes, localizadas nos lados norte e sul da base do trono representam cenas de procissão de tributários. Esculpidas logo acima de cada cena há uma epígrafe que serve como legenda das imagens. A epígrafe no lado norte da base, descreve um evento do décimo - primeiro ano de reinado de Shalmaneser:

*“Tribute of Qalparunda of the land Unqu: silver, gold, tin, bronze, bowls of bronze, elephant tusks, ebony, logs of cedar, bright-colored garments and linen, horses trained to harness, I received from him.”*²⁹⁹

²⁹⁵ Reade, 1979, p. 79

²⁹⁶ Oates, 1999, p. 174. Mais informações sobre este episódio estão em Oates, 1996, p. 109-110. A epígrafe desta cena está publicada em Grayson 1986, texto 59, p. 138.

²⁹⁷ Oates, 2001, p. 174 *apud* Grayson, 1996, p. 138.

²⁹⁸ Marcus, 1987, p. 85.

²⁹⁹ Russell, 1999, p. 67.

O relevo abaixo mostra um cortejo de tributários de Qalparunda, governante de Unqi, antiga Pattina/Patinu, no noroeste da Síria, carregando os tributos mencionados na passagem descrita acima.

A epígrafe do lado sul da base refere-se ao evento ocorrido no nono ano de reinado:

*“Tribute of Mushallim-Marduk son of Ukani (and) of Adini son of Dakuri: silver, gold, tin, bronze, elephant tusks and hides, ebony, sisso-wood, I received.”*³⁰⁰

O relevo abaixo da epígrafe mostra igualmente um cortejo de tributários, trazendo bens dos *shaikhs* das tribos caldeias Bit-Amukani e Bit-Dakkuri³⁰¹ do sul da Babilônia.

Uma legenda, acima do relevo da parte traseira do lado sul, nomeia a própria base do trono:

*“This Mt. Tunu parūtu-stone, for the throne of Shalmaneser, king of Assyria, his lord, Shamash-bel-usur the governor of Kalhu set up for ever.”*³⁰²

No lado inferior do bloco leste há um texto curto que dava o nome e os títulos de Shalmaneser, seguido pela declaração: *“Shamash-bel-usur, governor of Kalhu made (it).”*

O nome de Shamash-bel-usur aparece também em quatro soleiras de portas nas salas T3 e T25, todas próximas da sala do trono.

Segundo Russell, as seções que apresentam as titularidades reais nestas inscrições mostram aspectos interessantes que indicam que foram compostas com uma localização específica em mente.³⁰³ Ela se inicia *“Palace of Shalmaneser”*, significando que foi concebida para o palácio, e continua com três epítetos: *“king of all peoples, prince and priest of Assur”*; uma breve genealogia, e referências ao seu relacionamento com os deuses. Estes todos são elementos padrões das titularidades de Shalmaneser, embora muitos epítetos sejam omitidos e um é adicionado: *“the one who cares for the shrines of the gods in the temple Esharra”* – que parece ser único ao se referir ao trabalho no templo de Ashur em Ashur. Mais cinco epítetos padrão

³⁰⁰ Russell, 1999, p. 67.

³⁰¹ Oates, 2001, p. 175 *apud* Grayson, 1996, p. 139.

³⁰² Russell, 1999, p. 67.

³⁰³ Russell, 1999, p. 68.

seguem, dois deles, entretanto, parecem ser apropriados para este contexto. Um deles “*the one who treads on the summits of the mountain regions*” evoca a localização da própria inscrição, que está sob os pés do rei. A outra, “*the one who receives the tribute and gifts of all regions*” se relaciona diretamente às imagens e epígrafes em ambos os lados da base do trono.

A titularidade conclui-se com quatro títulos que, dentre os textos de Shalmaneser, ocorrem somente aqui e em uma das placas do solado da porta (*thresholds slabs*):

“The one who treads on the neck of his enemy, who shatters the armies of the insolent, who tramples all his enemies, who, with the help of Assur his lord, tramples all countries under his feet like a footstool.”

Os três primeiros destes títulos são plagiados diretamente da Inscrição Padrão de seu pai Ashurnasirpal II, onde elas também ocorrem juntas, mas em uma ordem diferente.³⁰⁴

Shalmaneser III: Conclusões Gerais

A arte de Shalmaneser é representada principalmente por três objetos, por ordem de realização: o Portão de Bronze de Balawat, o Obelisco Negro³⁰⁵ e a Base do Trono. O primeiro se distingue dos outros dois por apresentar uma ligação mais forte com os relevos de Ashurnasirpal II, especialmente nas seqüências narrativas de vitória assíria no campo de batalha seguido pelo recebimento de tributos e saques, tal fator pode estar relacionado com o fato de ter sido feito para adornar um palácio fora da capital e elaborado logo nos primeiros anos de reinado de Shalmaneser, logo mais influenciado pela arte de seu pai. Os outros dois monumentos não apresentam cenas de batalha, apenas a culminação do poder real, expresso pelo recebimento de tributos pelo rei. Enquanto a grande força militar pudesse estar implícita nestas duas obras, visualmente elas não aparecem. Shalmaneser parece ter conscientemente escolhido omitir destas duas representações suas campanhas mais agressivas e, por outro lado decidiu mostrar campanhas na qual o tributo foi recolhido sem a necessidade de nenhuma batalha anterior. Marcus ressalta que esta seleção não se deu por falta de espaço, dado o relativo pequeno tamanho do objeto, e cita como exemplo cenas de guerra representadas em pequenos objetos atribuídos à Ashurnasirpal II.³⁰⁶

³⁰⁴ Russell, 1999, p. 68.

³⁰⁵ Para a imagem do Obelisco Negro, ver Oates 2001, fig. 7.

³⁰⁶ Marcus, 1995, p. 2490.

A noção de que Shalmaneser escolheu para decorar a base de seu trono temas com cenas de tributos ao invés de cenas de guerra, é suportada pela evidência contida nas fontes escritas do período. Marcus nota que os anais de Shalmaneser estão principalmente preocupados com os ganhos materiais e econômicos: número de cidades conquistadas, e quantidades de metais e outras commodities recebidas como butim ou tributo.³⁰⁷ Este enfoque comercial contrasta com as descrições de conquistas militares de Ashurnasirpal II, que enumerava os “massacrados, empalados, queimados e levados como cativos”. Da mesma forma os relevos de Ashurnasirpal II davam ênfase maior às cenas de guerra e feitos militares do rei. Esta posição pode ser reforçada pelos epítetos reais onde é reconhecido como “feroz, predador, conquistador de cidades...”, que diferem dos epítetos utilizados por Shalmaneser.

Enquanto o reinado de Ashurnasirpal II representa a culminação e o fim de um longo período de recuperação da Assíria dentro de suas fronteiras históricas, o reinado de Shalmaneser é caracterizado pelo início de um processo distinto, a conquista imperial de terras além desta fronteira.³⁰⁸ Logo, o primeiro reconquistou terras que na maioria já fizeram parte do império enquanto o segundo foi além.

Para Marcus, é tentador explicar este ajuste na ideologia imperial referindo-se à teoria política ao sugerir que as nações emergentes tinham uma necessidade maior de exibir de forma arrogante seu poder do que aquelas nações já estabelecidas. Em outras palavras, quando a Assíria estava apenas iniciando a expansão territorial sob o governo de Ashurnasirpal II, havia maior necessidade de exibição militar, em textos e na arte, de fatos que atribuíssem ao rei uma imagem de predador. Entretanto, conforme o Estado se desenvolveu, e as forças assírias se tornaram mais estabelecidas durante a metade do reinado de Shalmaneser III, a ideologia imperial se tornou centrada em torno de outros assuntos, particularmente na afirmação de seu poder ao recolher tributos da periferia e na exibição da extensão geográfica da hegemonia assíria.³⁰⁹

³⁰⁷ Marcus, 1987, p. 86.

³⁰⁸ Liverani, 2004, p. 213.

³⁰⁹ Marcus, 1995, p. 2491.

7.1.3. Palácio de Dur Sharrukin – Sargon II (722 - 705 a.C.)

Sargon II, que provavelmente não era um descendente direto da linha real teve de suprimir numerosas revoltas contra seu reinado.³¹⁰ A transferência da capital de Kalhu para a recém fundada Dur Sharrukin pode ter sido motivada pelo fato de assim permanecer longe da realeza tradicional assíria. O novo palácio ficou pronto em 706 a.C., pouco antes da morte do rei. A planta é bem conhecida, consiste de 4 pátios e 41 salas ricamente decoradas com centenas relevos (ver as figuras SA.1 a SA.4 do Catálogo de Imagens).

O sítio foi escavado pela primeira vez pelos franceses Paul Èmile Botta e Eugène Flandin entre os anos de 1843 e 1844. Mais tarde, entre 1852 e 1854 foi a vez do também francês Victor Place cuja escavação permitiu a publicação de uma obra composta de três volumes.³¹¹ Após a partida de Place escavações rigorosas só vieram a ser realizadas a partir de 1927 pelo Oriental Institute, ligado à Universidade de Chicago, que publicou dois volumes sobre o sítio.³¹² A mais completa obra sobre o palácio foi publicado por Pauline Albenda³¹³ onde elabora um completo estudo dos relevos que ornamentavam o palácio de Sargon II, suas posições originais, e suas localizações presentes, estudo este realizado principalmente com base nos desenhos de Botta e Flandin no momento das descobertas já que muitos dos relevos deste palácio foram perdidos durante o transporte para a França.³¹⁴

7.1.3.1. Sala do Trono do Palácio de Sargon II

A sala do trono possuía 10,5 metros de largura por 47 metros de comprimento.³¹⁵ Foi minuciosamente escavada pela missão do Oriental Institute entre os anos de 1929 e 1934 (ver as figuras SA.5 e SA.6 do Catálogo de Imagens).³¹⁶

³¹⁰ Leick, 2003, p. 245.

³¹¹ Place, 1867 – 1870.

³¹² Loud; Frankfort; Jacobsen, 1936; Loud; Altman, 1938.

³¹³ Albenda, 1986.

³¹⁴ Um acidente privou o mundo da maior parte dos achados de Victor Place em Khorsabad. No final de 1854 muitas esculturas foram embaladas e enviadas para Bagdá. Em maio de 1855, estas caixas, juntamente com outras contendo esculturas de Kalhu e Niníve destinadas em sua maioria para o Museu do Louvre e o Museu de Berlim, contendo um total de 235 caixas partiram em direção à Basra, de onde partiriam em um navio francês. No caminho as barcaças foram atacadas por rebeldes árabes e afundaram. A maior parte das caixas afundou no rio Chat-el-arab exceto por 80 caixas que puderam ser salvas. Para a listagem completa do material transportado, ver Albenda, 1986, p. 29-30.

³¹⁵ Loud, G., 1936, p. 61.

³¹⁶ O resultado da escavação da sala do trono está em Loud, G., 1936, p. 56-71.

7.1.3.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio de Sargón II

Os relevos da sala do trono foram removidos na antiguidade. Foram apenas encontrados dois fragmentos das placas que adornavam as salas, a base do trono e fragmentos de pintura mural em gesso contendo motivos florais e decorativos.

A base do trono mede 4 metros de largura, 4,6 metros de profundidade e 1 metro de altura. Os dois lados da base eram decorados com cenas em relevo ilustrando campanhas militares (ver as figuras SA.8 e SA.9 do Catálogo de Imagens).

O relevo do lado nordeste é o mais bem preservado, embora apenas uma pequena parte sobreviva. Mostra o rei em sua carruagem de guerra no campo de batalha, em frente a uma fila de soldados que estão empilhando cabeças dos inimigos derrotados. A cena tem lugar sobre uma camada de água, na qual peixes nadam, indicando a cena se localizar em um rio, lago ou mar. Abaixo de tudo está uma faixa de rosetas que serviam de “divisória”.³¹⁷

No lado sudeste da base do trono estão representados arqueiros assírios, carregando escudos e armas em um terreno montanhoso enquanto atacam uma fortaleza localizada em uma alta montanha de onde corpos dos derrotados caem. Há novamente uma faixa de rosetas na base.³¹⁸

Para Wilson a justaposição de cenas mostrando zonas montanhosas e zonas localizadas próximas à água, cada qual flanqueando a figura central do rei em seu trono podem significar uma expressão pictorial da idéia presente nos textos. Ambas as zonas simbolizariam áreas de fronteira, estando em contraste com o centro do império, isto é o próprio monarca. Segundo o autor:

“Esta base do trono, em sua justaposição de zonas de montanha e água flanqueando a figura central do rei entronado, pode ser uma expressão imagética das idéias presentes nos textos de áreas montanha e água como áreas de fronteira por excelência, estando em contraste com o centro do império, o próprio monarca reinante.”³¹⁹

Um fragmento de uma placa encontrada próximo à porta mais ao norte que leva ao pátio (ver a figura SA.7, do Catálogo de Imagens), e outro fragmento contendo inscrições, foi tudo o que sobrou, ou foi encontrado, dos relevos que originalmente

³¹⁷ Loud, G. 1936, p. 65.

³¹⁸ Loud, G. 1936, p. 65.

³¹⁹ Wilson, K., 1995, p. 114.

decoraram a sala do trono.³²⁰ Embora seja possível que estes relevos tenham chegado até seu local de descoberta vindos de outro local, por exemplo de um andar superior, a presença de placas de pedra na sala é atestada por ranhuras esculpidas para acomodá-las, tanto no nicho do trono, quanto nas figuras de *Lamassu*, que flanqueavam as portas. Os dois pequenos fragmentos sugerem que a sala do trono de Sargon II, bem como a de muitos de seus antecessores e predecessores, estava decorada com relevos que ilustravam cenas que de campanhas militares, distribuídas em dois registros. Assim como no palácio de Ashurnasirpal II, os dois registros parecem ter sido separados por uma faixa de inscrições. Foi encontrado dentre os detritos que se acumulavam na sala diversos fragmentos de pintura em gesso, fortemente coloridos e cuidadosamente elaborados. Estas pinturas decoravam originalmente o teto e as partes superiores das paredes.³²¹

³²⁰ Wilson, K., 1995, p. 114.

³²¹ Loud, 1936, p. 67. Ver desenho dos fragmentos em Loud, 1936, pranchas 1-3.

7.1.4. Palácio Sudoeste de Nínive – Sennacherib (705 - 681 a.C.)

Logo no início de seu reinado, Sennacherib transferiu a capital de Dur Sharrukin para o monte Kuyunjuk em Nínive, e iniciou a construção do que ele chamou de “palácio sem rival”. Segundo Russell:

“A criação desta nova capital, não era meramente simbólica; tal como as campanhas militares, tinha um grande papel na política imperial de Sennacherib (...). Uma magnífica capital intimamente ligada à seu monarca pode (...) ser uma ferramenta muito útil na manutenção do império. Povos subjulgados que viessem a visitar a capital teriam sido intimidados pelo poder implícito na absoluta magnitude e esplendor dos monumentos de Kuyunjuk, desta maneira reforçando a tendência deles à submissão.”³²²

O tamanho considerável do Palácio de Sennacherib com base na planta existente pode dar falsa a impressão de que representa a maior parte da construção. Entretanto, comparando sua planta com a de outros palácios neo-assírios fica evidente que somente os apartamentos de Estado foram, até o momento, escavados.³²³

A planta atual é fruto de trabalhos de escavações esporádicas que abrangeram um período de 120 anos, de 1847 até 1967. As escavações mais extensivas foram realizadas por Layard entre os anos de 1847-1851. Após sua partida, algum trabalho foi realizado por Christian Rassam e posteriormente por seu irmão Hormuzd Rassam sem que tenham ocorrido descobertas relevantes (ver a figura SN.1, do Catálogo de Imagens).³²⁴

O próximo escavador a trabalhar no palácio foi George Smith, que liderou duas campanhas em 1873 e 1874. Entre os anos de 1878 e 1882, Hormuzd Rassam dirigiu novamente as operações no palácio em nome do Museu Britânico. Entre os anos de 1889 e 1891 E.A.W. Budge liderou duas campanhas para o Museu Britânico no Kuyunjuk. O próximo escavador foi L.W. King, que trabalhou entre março de 1903 e junho de 1904, sendo que seus trabalhos permanecem não publicados.³²⁵ Após sua partida, as escavações ficaram a cargo de R.C. Thompson que realizou escavações no ano de 1905 e somente as realizou novamente entre os anos de 1931-33.

³²² Russell, 1991, p. 261.

³²³ Para especulações sobre o provável tamanho original do palácio, ver Barnett, R.D.; Bleibtreu, E.; Turner, G., 1998, p. 22 e Russell, 1991, p. 78-93.

³²⁴ Russell, 1991, p. 39-40.

³²⁵ Russell, 1991, p. 43.

A mais recente escavação do palácio de Sennacherib foi financiada pelo Departamento de Iraquiano de Antiguidades e levada a cabo sob a direção de Tariq Madhloom entre os anos de 1965 e 1967.³²⁶

A parte até agora escavada do palácio revela uma enorme construção, medindo 210 por 200 metros, com mais de 70 salas repletas de relevos. A escavação foi iniciada por Layard, mas devido aos poucos recursos disponíveis, nem todas as esculturas encontradas puderam ser publicadas em seu livro “*Monuments of Nineveh*”.³²⁷ Em 1915, outro estudioso, Archibald Paterson, publicou “*The Palace of Sinacherib*”, na qual tentava reunir todas as obras, publicadas e não publicadas ou republicar os relevos na ordem correta. Mas mesmo este trabalho é incompleto, pois muitas esculturas que haviam sido reenterradas ou perdidas eram conhecidas somente por desenhos não publicados nos quais ele não teve acesso. Grande avanço foi obtido por John Malcolm Russell que ao ter acesso a novos documentos e participar de escavações no sítio, pode melhorar muito o trabalho de seus antecessores.³²⁸ Os estudos mais recentes foram publicados por R.D. Barnett, E. Bleibtreu e G. Turner³²⁹ e por J.M. Russell.³³⁰

7.1.4.1. Sala do Trono do Palácio Sudoeste de Sennacherib

A sala do trono (Sala I) se abria para o lado sudoeste do Pátio H. É o maior cômodo já escavado do palácio, mede 51 metros de comprimento por 12,25 metros de largura, medida maior que a sala do trono de Sargon II (ver a figura SN.2 do Catálogo de Imagens).³³¹

7.1.4.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Sudoeste de Sennacherib

Na sala do trono foram encontrados 25 relevos bem preservados além de outros muito danificados.

Partes de mais ou menos cinco seqüências visuais distintas podem ser distinguidas nos relevos da sala do trono, Sala I, do palácio de Sennacherib, embora nem sempre as

³²⁶ Russell, 1991, p. 44.

³²⁷ Layard, 1853.

³²⁸ Russell, 1991 - apresenta a relação de todos os relevos conhecidos do palácio, plantas, local de origem e sua localização atual, bem como as referências dos relevos publicados anteriormente.

³²⁹ Barnett, R.D.; Bleibtreu, E.; Turner, G., 1998.

³³⁰ Russell, 1998.

³³¹ Barnett, R.D.; Bleibtreu, E.; Turner, G., 1998.

divisões entre estas seqüências estejam sempre claras.³³² Três destas seqüências ocupavam os relevos 1-20, o comprimento total da parede oeste. Baseado em inscrições na placa 1 e uma imagem única do rei em sua cadeira móvel no relevo 7, parece que parte, ou mais provavelmente todos os relevos desta parede representam eventos da quinta campanha de Sennacherib contra o norte, contra a cidade de Ekku e as cidades no Monte Nipur (moderna Judi Dagh).

Já as duas seqüências preservadas nos relevos 20a-29 na parede leste representam a terceira campanha de Sennacherib³³³, na costa levantina. Embora nenhuma inscrição legível tenha sido preservada, parece provável que estas duas seqüências mostrem a fuga de Luli de Sidon e a vitória assíria sobre os egípcios em Eltekeh.

Havia espaço para outra seqüência nos relevos 30-33, mas os restos fragmentados destes relevos pareciam não estar esculpidos. Se isto for verdade, então as esculturas poderiam não ter sido terminadas, esculpidas em um nível mais alto que o padrão e que não sobreviveu, ou apagadas antes de serem esculpidas novamente. As seqüências preservadas podem ser brevemente resumidas conforme abaixo:

Seqüência 1: esta seqüência é lida da esquerda para a direita nos relevos 1-4, e da direita para a esquerda nos relevos 5-4. Nos relevos 1-2, o exército assírio é mostrado caminhando na direção direita, carregando bens saqueados, em frente a uma cidade em chamas, que de acordo com a inscrição danificada era aparentemente Ukku.³³⁴ Nos relevos 2-3, o exército assírio procede à direita, na direção de uma montanha coberta por florestas, onde eles perseguem soldados inimigos em fuga. Este inimigos são levados para o campo fortificado assírio na placa 4, onde são recebidos pelo rei em seu trono. Na placa 5, prisioneiros e saques de uma cidade em chamas, rotulada A-ta-um- [...], são levados para a esquerda, em direção ao acampamento assírio da placa 4.

Seqüência 2: esta seqüência aparentemente compreendia os relevos 5-14, embora a maior parte destes relevos já tenha sido perdida quando Layard os escavou. A seqüência parece ter representado o exército assírio acompanhando uma fileira de prisioneiros, talvez os mesmos capturados nas seqüências dos relevos 1-5. A direção do movimento nos relevos preservados é da esquerda para a direita. A seqüência começa na metade direita da placa 5, onde soldados assírios descem uma montanha levando

³³² Russell, 1998.

³³³ Russell, 1998, p. 37.

³³⁴ Russell, 1998, p. 37.

uma fila de prisioneiros para a direita. Esta cena continua na esquerda da placa 6, e depois de uma pausa, a procissão continua na parte inferior da placa 7 com duas filas de figuras: uma procissão de prisioneiros e saques abaixo e o rei em sua cadeira móvel acompanhado de seus soldados. Os relevos das placas 8-13 foram todos perdidos, e os seus temas são desconhecidos. Eles podem ter representado a continuação da procissão da placa 7, ou terem mostrado outra batalha, cerco ou mais conflitos nas montanhas. A seqüência aparentemente é concluída nos relevos 13 ou 14, onde procissões de assírios e prisioneiros acorrentados se aproximam do rei entronado em seu campo fortificado.

Seqüência 3: esta seqüência compreende as placas 20-14, e era lida da direita para a esquerda. Começava nos relevos 20-19 com uma batalha nas montanhas, onde os assírios triunfam sobre seus inimigos e trazem para baixo da montanha cativos e diversas cabeças na direção esquerda. Após uma interrupção, devido a perda dos relevos 18-17, a seqüência continua nas placas 16-14 com duas fileiras de soldados assírios seguindo na direção esquerda, aparentemente retornando de uma batalha. Estas procissões provavelmente terminavam no campo fortificado assírio dos relevos 13 ou 14.

Seqüência 4: esta seqüência, que compreendia os relevos 21-20a, é lida em sua maior parte da direita para a esquerda. Nas partes superiores das placas 21-20d e em toda a área da placa 20c, o exército assírio é mostrado atacando uma cidade costeira nos relevos 20b-a. A arquitetura foi representada com características típicas do oeste tais como torres com janelas e escudos redondos nos parapeitos das muralhas. Conforme os assírios se aproximam pela direita, os habitantes da cidade fogem por barco pela esquerda. Na parte inferior dos relevos 20d-21 há uma procissão de prisioneiros da cidade derrotada, movendo-se na direção direita. O cenário e a ação desta seqüência parecem corresponder com os registros de Sennacherib da sua vitória sobre o rei Luli de Sidon, embora Jaffa tenha sido recentemente sugerida como uma identificação alternativa.³³⁵

Seqüência 5: esta seqüência, compreendendo os relevos 29-22, é lida da direita para a esquerda. Segundo Russell, presumidamente ela originalmente começava no relevo 29, que não mais está preservada, talvez com uma de uma campo assírio fortificado.³³⁶ Na placa 28, há uma típica cidade amuralhada do oeste, com janelas nos topos das torres e

³³⁵ Russell, 1998, p. 37 *apud* Gallagher, 1997

³³⁶ Russell, 1998, p. 37.

escudos redondos nos parapeitos das muralhas. Parece estar deserta com exceção de um homem segurando o que parece ser um estandarte na torre mais alta. O pomar que aparece no primeiro plano é notável pela detalhada representação de cachos de uva, romãs e árvores de figo. À esquerda, cavaleiros assírios desmontados dos cavalos, que ficam atrás da carruagem do rei no relevo 27. Nos relevos 27-25 está o exército assírio se movendo na direção esquerda, com carros de guerra e soldados levando cavalos na retaguarda com o rei, e arqueiros e soldados portando lanças na vanguarda. No relevo 25, a vanguarda do exército assírio luta contra o exército inimigo composto por cavalaria, carros de guerra e infantaria, que se estendia para o relevo 24. No topo do relevo 24, assírios trazem carroças e animais de dentro de um cercado, provavelmente o acampamento do inimigo. O resultado da batalha é mostrado no relevo 23: fuga de carruagens inimigas, cavalaria e infantaria, que são levadas para a esquerda, em direção a um rio pela cavalaria assíria que os persegue. O cenário continua no relevo 22. A arquitetura é típica das representações do Levante realizadas por Sennacherib, o que faria desta a representação de sua terceira campanha.³³⁷ A grande batalha mostrada fora da cidade deve, portanto, ser a derrota do exército egípcio por Sennacherib em Eltekeh, que é a única batalha de campo que Sennacherib realizou durante esta campanha.

Provável Sequência 6: como mencionado acima, ao menos uma destas placas, a 33, parece não ter sido esculpida. Se estes relevos foram originalmente esculpidos, então não há mais nenhuma evidência do conteúdo representado.

Temas não-históricos: os relevos 6 e 7 eram mais grossa que o usual afim de acomodar um nicho que foi cortado na parte superior das placas. A parte preservada do nicho na placa 7 contém os dois pés de uma grande figura antropomórfica à direita, e o pé esquerdo de uma figura similar portando uma vestimenta ornada com franjas à esquerda, ambas as figuras miram para a esquerda. A composição completa provavelmente mostrava o rei e uma figura alada representados em duplicidade, flanqueando simetricamente a imagem central, uma árvore estilizada. Por analogia com a sala do trono de Ashurnasirpal II em Kalhu, esta mesma imagem deveria ter se repetido em um nicho atrás da base do trono no extremo sul da sala, parte esta agora, completamente perdida.

³³⁷ Russell, 1991, p. 161.

Conclusões: vista como um conjunto, as seqüências preservadas na sala do trono de Sennacherib geralmente são lidas do sul para o norte, iniciando próximo ao trono do rei, no extremo sul da sala. Este padrão é o mesmo que foi utilizado nas seqüências dos relevos da sala do trono do rei Ashurnasirpal II em Kalhu, onde a ação também emana, na maior parte, a partir do trono. Se a identificação dos relevos na parede oeste como representando a quinta campanha estiver correta, isto iria invalidar a prévia identificação de Russell³³⁸ de que todos os relevos da sala do trono retratavam a terceira campanha. Também sustentaria a afirmação de que duas campanhas estariam representadas nesta sala, cuja decoração seria, portanto, um resumo visual de toda a extensão do império.³³⁹

Uma inovação importante nos relevos encomendados por Sennacherib foi a não utilização de bandas de texto dividindo a placa em dois registros distintos.³⁴⁰

³³⁸ Russell, 1991, p. 161-164.

³³⁹ Winter, 1982, p. 19-20.

³⁴⁰ Reade, 1979b, p. 88.

7.1.5. Palácio Norte de Niníve – Ashurbanipal (669 - 631 a.C.)

A maior obra de Ashurbanipal em Niníve foi a reconstrução do palácio do príncipe herdeiro (*Bīt ridûti*), chamado na literatura moderna de Palácio Norte, localizado ao norte do templo de Nabu, no monte Kuyunjuk. Somente uma fração do palácio, uma área de aproximadamente 135 por 120 metros foi escavada (ver as figuras AB.1 a AB.4 do Catálogo de Imagens). O primeiro responsável pelas escavações foi Hormuzd Rassam entre 1853 e 1854. Estas foram realizadas em ritmo acelerado de modo que Rassam pudesse desenterrar o maior número possível de material antes que fosse obrigado a parar. Larsen cita o resultado desastroso de tamanha pressa em detrimento da adoção de técnicas de registro e escavação adequadas:

“(...) pouco foi preservado do palácio de Ashurbanipal, embora os relevos preenchem um par de salas no Museu Britânico, mas, de longe, a maior parte do que foi desenterrado foi destruído ou abandonado e nós temos apenas descrições inadequadas do que uma vez estava lá.”³⁴¹

Logo após a partida de Rassam, foi a vez da escavação ser dirigida por W. Loftus, entre os anos de 1854 e 1855.

Ambos os escavadores expuseram a porção central do palácio: a ala da sala do trono com partes dos pátios internos e externos, algumas outras salas ao redor do pátio interno e um sistema de corredores que comunicavam com o exterior, todos eles contendo placas com relevos.³⁴²

Quase tudo o que se sabe hoje acerca do Palácio Norte é oriundo das escavações realizadas por Rassam e Loftus, e embora outras investigações tenham sido feitas depois, poucos dados relevantes foram adicionados.³⁴³

A obra mais completa sobre o palácio foi publicada por Barnett.³⁴⁴ Inclui catálogo de todos os relevos encontrados no palácio.

É interessante notar que estátuas colossais em forma de *Lamassu* não foram utilizadas na fachada da sala do trono e em nenhuma outra parte do palácio.

³⁴¹ Larsen, 1996, p. 327.

³⁴² Russell, 1999, p. 154. Para a descrição detalhada da história da escavação do palácio, ver Barnett, 1976.

³⁴³ Barnett, 1976, p. 28.

³⁴⁴ Barnett, 1976.

7.1.5.1. Sala do Trono do Palácio Norte de Ashurbanipal

A sala do trono, Sala M, estava conectada ao Pátio O por três portas.

Quando descobriu esta sala, Rassam a nomeou em sua planta de “*Babylonian Room*”. É uma sala grande, de tamanho e formato semelhantes à dos palácios de seus antecessores. A Sala M era acessada pela Sala N, Sala L, mas as entradas principais eram as portas que se abriam para o Grande Pátio Interno (ver as figuras AB.4 e AB5 do Catálogo de Imagens).

7.1.5.2. Imagética Presente na Sala do Trono do Palácio Norte de Ashurbanipal

Como Reade notou, este é a única sala do palácio a conter mais de uma campanha ilustrada em seus relevos.³⁴⁵

Vinte e seis placas foram encontradas pelos escavadores: destas, os números 2, 3, 7, 10, 11, 15, 16, 18-20 foram, de acordo com o primeiro mapa de Butcher, enviadas ao Museu do Louvre: das placas 14, 16, 20 e 21, somente as bases foram encontradas e teriam permanecido no local; a placa 6 faltava; e as placas 12 e 13 foram para o Museu Britânico.

O terceiro mapa descreve as placas 5, 10, 11, 15, 16 e 20 como “arruinado e sem valor” e menciona que a placa 17 foi enviada ao Museu Britânico. Das placas 1-3, descritas na planta, 1 e 2 como “estando mais ou menos perfeitas”, nada é sabido, apenas que o fragmento BM 124793 pertencia à eles com base no desenho feito das placas 1 e 2. Reade afirma que eles podem ter sido perdidos no rio Tigre durante o transporte.³⁴⁶

Entre as placas 3 e 7 havia uma lacuna, referente às placas 4 e 6 que não foram encontradas, e a placa 5 que estava em ruínas. O desenho da placa 7, perdida, mostra uma cena de cerco às margens de um rio em um terreno acidentado, provavelmente de uma cidade, talvez Murubisu, que ficaria nas placas 5 e 6; cavalaria e infantaria atacam-na na direção oposta da procissão real de fugitivos, liderada por Ummanaldas, que precede o fragmento BM 124793. Dois outros fragmentos da placa 7 sobrevivem e estão no Museu do Louvre: Louvre AO 19912 e 19921.

³⁴⁵ Reade, 1979b, p. 106-107.

³⁴⁶ Barnett, 1976, p. 45-46.

As placas 8 e 9 formavam um recesso e eram lisas, não havendo sinais de que tenham sido esculpidas e se localizavam em frente à porta principal. Esta característica pode ser encontrada nas duas placas, localizadas em uma posição similar na sala do trono do palácio de Sargon, em Dur-Sharrukin. Barnett sugere que nesta sala, o trono poderia ter duas disposições alternativas, no final da sala e na frente das placas 8 e 9.³⁴⁷

Na seqüência havia o espaço ocupado por duas placas, das quais só restaram as bases, o que faz com que tema nos seja desconhecido. Após existe a porta que liga a sala do trono à Sala L. Após a porta estavam as placas 10 e 11 que, segundo a primeira planta de Boucher, “estavam mais ou menos perfeitas”, mas que na segunda planta aparecem coloridos de amarelo, significando que estariam totalmente arruinados. Os relevos nas placas 12 e 13 mostram que eles devem ter feito parte das cenas da rendição da Babilônia, talvez mostrando mais cenas da batalha do rio Ulai, e a rendição de Shamash-shum-ukin e dos elamitas.

O rei então sentaria em seu trono, na frente das placas 8 e 9, tendo ao seu lado a gloriosa cena da derrota dos reis do Elam e da Babilônia. Confrontando-o na parede oposta havia as placas 15 e 16 no canto, perdidas e cujo tema é desconhecido; então, após a porta a haviam os relevos 17 a 20, da qual somente o 17 sobrevive. A placa 18 pode ser visualizada através da fotografia tirada por Boucher e as placas 20 e 21 a partir dos seus desenhos. Como resultado, podemos ver cenas da conquista de duas cidades egípcias, evidentemente da primeira ou segunda campanha de Ashurbanipal em 667 ou 663 a.C. Elas poderiam ser Tebas ou Memphis.³⁴⁸ Segundo explica Barnett:

“(…) aspecto de interesse a ser visto nos ortostatos da Sala M é que as placas esculpidas ilustram evidentemente duas campanhas distintas. Aquelas na parede sudoeste mostram a vitória de Ashurbanipal sobre seu irmão rebelde, Shamash-shum-ukin, vice-rei da Babilônia, e seus aliados elamitas, enquanto que os relevos na parede nordeste mostram seus feitos no Alto Egito. Este arranjo é provavelmente explicado pelo fato desta sala ser orientada sobre seu eixo longo, o ponto focal sendo o trono no final sudeste, o que faria com que fosse flanqueado em ambos os lados por registros visuais de duas das mais importantes campanhas de Ashurbanipal, a da esquerda e voltada para aqueles que adentrassem a sala

³⁴⁷ Barnett, 1976.

³⁴⁸ Barnett, 1976, p. 46.

do trono mostrando os derrotados e infiéis babilônicos, e a da direita a subjeção do Egito, o distante rival da Assíria no mundo antigo”³⁴⁹

Outro desenho de parte do relevo, presente nas placas 22 e 23, mostra a representação dos cavalos do rei. Segundo Reade, os relevos 22 a 23 provavelmente se referiam a uma caçada.³⁵⁰

Winter concorda com a descrição de Reade e Barnett com o fato de esta ser a única sala do palácio a conter mais de uma campanha. Menciona que a escolha dos locais nas cenas representados – Babilônia, Elam, Egito e um lugar montanhoso não especificado, poderia significar os quatro cantos do império, ou seja, uma alusão ao imenso território dominado. Ressalta também diferenças no repertório imagético presente nesta sala em comparação com a sala do trono de Ashurnasirpal II:

“No conteúdo, pode dizer que as narrativas de Ashurbanipal continuam na direção que vimos após Ashurnasirpal: longe do relativo ao culto e mitológico, e em direção à maior especificidade histórica e a proliferação de cenas históricas por todo o palácio. Entretanto, continua havendo alguma continuidade do protótipo. A partir da reconstrução de Reade (1979c: 104) da sala M (...) nós vemos que enquanto que as salas adjacentes I, J e L contêm campanhas individuais, a sala do trono combina várias: Babilônia, Elam, Egito e um país montanhoso não identificado. Visto que a Babilônia está ao sul, Elam ao leste, Egito é considerado como oeste longínquo, pode ser que o país montanhoso pudesse estar no norte, que era realmente montanhoso, assim aperfeiçoando a noção anterior de fronteiras retratada na sala central. Em qualquer evento, princípios guias estavam em operação, proporcionando os embasamentos fundamentais sobre os quais a decoração da sala do trono era escolhida.”³⁵¹

As epígrafes de Ashurbanipal são ainda mais extensas que as de Sennacherib, assim como o são suas mais complexas suas seqüências narrativas. Enquanto Sennacherib quase que abandona o uso do registro duplo na placa de pedra, para que pudesse assim aumentar a escala e o foco de atenção na ação, Ashurbanipal utiliza ambos, o registro e o campo, combinando figuras em grande densidade. Ritmos visuais que ajudam na leitura da narrativa são estabelecidos não apenas ao longo de um registro único, mas de registro em registro, como no caso da batalha contra os árabes, onde camelos correndo da direita para a esquerda são mostrados na extrema direita no registro

³⁴⁹ Barnett, 1976, p. 30.

³⁵⁰ Reade, 1979b, p. 104-105.

³⁵¹ Winter, 1981, p. 26.

superior, progredindo em direção ao meio, no segundo registro e finalmente no canto esquerdo do registro inferior. Desta maneira assim o expectador vê o movimento dos três registros em um relevo apenas.³⁵² Este aumento de complexidade é visível também nas cenas de caça. O tema já aparece nos relevos da sala do trono de Ashurnasirpal, mas aqui há episódios adicionais bem como a adição de um terceiro registro que permite uma considerável expansão do tema. Acompanhando esta profusão de informações narrativas está um bom número de mudanças estilísticas: não há mais as volumosas figuras de Ashurnasirpal, executadas em planos largos e chatos e rodeadas por uma grande porção de espaço negativo; ao contrário, agora as figuras animais e humanas decrescem em proporção e escala para permitir um maior “povoamento” do campo visual, e ao mesmo tempo, maior atenção é prestada à decoração da superfície e aos detalhes que complementam a complexidade da cena.³⁵³

³⁵² Winter, 1981, p. 26. Para o relevo mencionado ver a figura 22 do artigo de Winter.

³⁵³ Winter, 1981, p. 26. Watanabe, C., 2008, propõe em seu artigo um método de classificação das narrativas pictóricas de Ashurbanipal. Reed, S., 2007, analisa o tratamento dispensado aos inimigos nas imagens presentes nos relevos de Ashurbanipal.

8. ANÁLISE DOS DADOS PRESENTES NO CATÁLOGO DE IMAGENS

Foram inseridos no Catálogo de Imagens ao todo 106 itens oriundos das cinco salas do trono analisadas neste trabalho. Cada um dos itens possui está inserido em uma prancha onde está contida sua foto ou desenho (ou ambos), bem como sua descrição.

A Tabela 1 abaixo resume os itens encontrados nas cinco Salas do Trono analisadas. O item “**Placas**” está dividido em três subitens: Conservadas, Lisas e Ruínas; e significam:

Conservado: reúne o total de placas que foram encontradas em bom estado de conservação e que nos permitem visualizar a imagética presente.

Lisas: algumas placas forma encontradas sem sinais de haverem sido esculpidas.

Ruínas: em alguns casos as placas foram encontradas em um grau de destruição tão acentuado que somente restam as bases.

O item “**Estátuas na Porta**” refere-se à presença de esculturas que adornavam as portas. Estas aparecem apenas no palácio de Ashurnasirpal II.

O item “**Base do Trono**” refere-se à presença de base do trono na sala.

| Palácio | Placas | | | Estátuas na Porta | Base do Trono |
|-----------------|-------------|-------|--------|-------------------|---------------|
| | Conservadas | Lisas | Ruínas | | |
| Ashurnasirpal | 33 | 0 | 0 | 4 | ND |
| Shalmaneser III | ND | 0 | 0 | ND | 1 |
| Sargon II | 1 | 0 | 0 | ND | 1 |
| Sennacherib | 25 | 1 | 14 | ND | ND |
| Ashurbanipal | 7 | 2 | 17 | ND | ND |

ND – não disponível

Ilustração 46 - Tabela mostrando a composição dos itens encontrados nos cinco palácios analisados.

Fonte: Philippe Racy Takla

Sala do Trono de Ashurnasirpal II

A análise permitiu que observássemos a presença de 33 painéis esculpidos e 2 pares de figuras aladas que guarneciam as portas a e b. Destes 33 painéis, 15 painéis são divididos em duas partes por uma faixa de inscrição, cada uma das partes apresenta uma composição distinta. Destes 15 painéis, 13 apresentam narrativas históricas e 2 apresentam narrativas atemporais. Dos 18 painéis restantes, os painéis que apresentam

composições formais somam um total de 6 e os painéis apotropaicos perfazem um total de 12 relevos.

É importante mencionar que os painéis encontrados nesta sala correspondem a aproximadamente 75% do total de painéis que adornaram a sala originalmente.³⁵⁴

Como se pode observar na planta da sala do trono de Ashurnasirpal II, uma considerável parte da parede norte da sala estava destruída quando foi escavada. Portanto nossa amostra é restrita a este percentual.

A composição dos motivos presentes nas placas da sala do trono de Ashurnasirpal pode ser visualizada na tabela da ilustração 47. Os relevos narrativos são divididos em dois registros por uma faixa de inscrição, e estão na tabela representados por “xx”. É importante mencionar que os escavadores nomearam apenas as placas que apresentavam bom estado de conservação, nomeando-as com os números de 1 a 33. Caso tenham sido localizadas pelos escavadores bases de placas que estavam em ruínas, estas não foram registradas.

| Placa | Narrativos | | Formais | Apotropaicos |
|-------|------------|------------|---------|--------------|
| | Históricos | Atemporais | | |
| 1 | | | | x |
| 2 | | | | x |
| 3 | xx | | | |
| 4 | xx | | | |
| 5 | xx | | | |
| 6 | xx | | | |
| 7 | xx | | | |
| 8 | xx | | | |
| 9 | xx | | | |
| 10 | xx | | | |
| 11 | xx | | | |
| 12 | | | x | |
| 13 | | | x | |
| 14 | | | x | |
| 15 | | | | x |
| 16 | | | | x |
| 17 | xx | | | |
| 18 | xx | | | |
| 19 | | xx | | |
| 20 | | xx | | |
| 21 | | | | x |
| 22 | | | | x |
| 23 | | | X | |

³⁵⁴ Esta estimativa foi realizada por Philippe Racy Takla com base na planta da sala do trono de Ashurnasirpal II presente no Catálogo de Imagens.

| | | | | |
|--------------|-----------|----------|----------|-----------|
| 24 | | | | x |
| 25 | | | | x |
| 26 | | | X | |
| 26a | | | X | |
| 27 | X | | | |
| 28 | xx | | | |
| 29 | | | | x |
| 30 | | | | x |
| 31 | | | | x |
| 32 | | | | x |
| Total | 13 | 2 | 6 | 12 |

Ilustração 47 - Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurnasirpal II em números absolutos.

Fonte: Philippe Racy Takla.

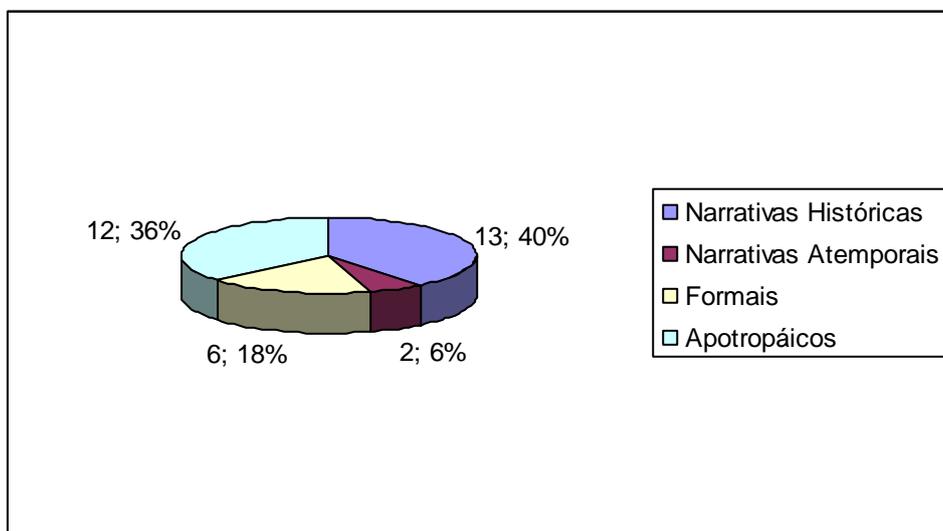


Ilustração 48 - Gráfico mostrando os temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurnasirpal II. Números absolutos seguidos pelo percentual sobre o total. Fonte: Philippe Racy Takla.

Sala do Trono de Shalmaneser

Como visto, nosso universo de análise da imagética presente na sala do trono de Shalmaneser está restrita a sua base do trono que contém cenas narrativas.

Sala do Trono de Sargon II

Para a sala do trono de Sargon II temos a base do trono e dois fragmentos de relevos, sendo que um contém uma cena narrativa e inscrições e o outro apenas inscrições.

Sala do Trono de Sennacherib

A sala do trono de Sennacherib revelou a presença de 25 painéis esculpidos bem preservados, além de 14 encontrados em ruínas e 1 painel não esculpido. Os 25 painéis apresentam cenas narrativas históricas embora um destes, (painel 7), apresenta caráter híbrido: somente a metade da parte inferior do relevo contém narrativa histórica, o restante é ocupado por composição formal.

Levando em conta somente os 25 relevos bem conservados, que nos permite verificar o tema esculpido, bem como o painel que se encontrava sem sinais de ter sido esculpido, nossa amostra é restrita a aproximadamente 50% do total de relevos que originalmente decoravam esta sala.³⁵⁵ Levando-se em conta nesta estimativa os locais que deveriam conter painéis, mas onde nada foi achado.

A composição dos motivos dos relevos da sala do trono de Sennacherib pode ser visualizada na tabela abaixo:

| Relevo | Narrativos | | Formais | Apotropaicos |
|--------|------------|------------|---------|--------------|
| | Históricos | Atemporais | | |
| 1 | x | | | |
| 2 | x | | | |
| 3 | x | | | |
| 4 | x | | | |
| 5 | x | | | |
| 6 | x | | | |
| 7 | x | | x | |
| 8 | ND | | | |
| 9 | ND | | | |
| 10 | ND | | | |
| 11 | ND | | | |
| 12 | ND | | | |
| 13 | ND | | | |
| 14 | x | | | |
| 15 | x | | | |
| 16 | x | | | |
| 17 | x | | | |
| 18 | x | | | |
| 19 | x | | | |
| 20a | x | | | |
| 20b | x | | | |
| 20c | x | | | |

³⁵⁵ Estimativa elaborada por Philippe Racy Takla com base nas diferentes condições de qualidade dos painéis encontrados e com base na planta da sala presente no Catálogo de Imagens. Notar que a parte sul da sala, onde deveria haver a base do trono, foi completamente destruída não havendo registro de painéis no local.

| | | | | |
|--------------|---------------|----------|----------|----------|
| 20d | x | | | |
| 21 | x | | | |
| 22 | x | | | |
| 23 | x | | | |
| 24 | x | | | |
| 25 | x | | | |
| 26 | x | | | |
| 27 | x | | | |
| 28 | x | | | |
| 29 | ND | | | |
| 30 | ND | | | |
| 31 | ND | | | |
| 32 | ND | | | |
| 33 | Não Esculpida | | | |
| 34 | ND | | | |
| 35 | ND | | | |
| 36 | ND | | | |
| 37 | ND | | | |
| Total | 25 | 1 | 0 | 0 |

ND – não disponível.

Ilustração 49 – Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da sala do trono de Sennacherib.

Os itens descritos por ND referem-se às placas que estavam destruídas, restando somente as bases.
Fonte: Philippe Racy Takla.

Sala do Trono de Ashurbanipal

Como mencionado, os painéis presentes na sala do trono de Ashurbanipal foram encontrados em péssimo estado de conservação e chegaram até nos em estado fragmentado. Com base nas plantas e relatórios da escavação identificamos a presença de 26 painéis de pedra e percebemos que o canto direito da sala (oposta à ala N) estava destruído e não permitiu aos escavadores traçar corretamente seu traçado. Esta parte que originalmente deveria abrigar a base do trono pode ter contido um número não definido de placas, talvez em torno de quatro.

Dos vinte e seis painéis identificados na planta temos informações do conteúdo de apenas 9 placas, sendo que 2 não apresentavam sinais de terem sido esculpidas e 7 apresentavam cenas narrativas históricas. Os 17 painéis restantes foram encontrados destruídos, somente suas bases podiam ser identificadas.

Portanto, nesta sala nossa amostra de painéis é restrita a aproximadamente 40% do total de painéis que originalmente a decorou.³⁵⁶

³⁵⁶ Estimativa realizada por Philippe Racy Takla com base na planta da sala do trono de Ashurbanipal.

A composição dos motivos dos relevos da sala do trono de Ashurbanipal pode ser visualizada na tabela abaixo:

| Placas | Narrativos | | Formais | Apotropaicos |
|--------------|------------|------------|---------------|--------------|
| | Históricos | Atemporais | | |
| 1 | | | ND | |
| 2 | | | ND | |
| 3 | | | ND | |
| 4 | | | ND | |
| 5 | | | ND | |
| 6 | | | ND | |
| 7 | x | | | |
| 8 | | | Não esculpida | |
| 9 | | | Não esculpida | |
| 10 | | | ND | |
| 11 | | | ND | |
| 12 | | | ND | |
| 13 | | | ND | |
| 14 | | | ND | |
| 15 | | | ND | |
| 16 | | | ND | |
| 17 | x | | | |
| 18 | x | | | |
| 19 | x | | | |
| 20 | x | | | |
| 21 | | | ND | |
| 22 | x | | | |
| 23 | x | | | |
| 24 | | | ND | |
| 25 | | | ND | |
| 26 | | | ND | |
| Total | 7 | | | |

ND – não disponível.

Ilustração 50 – Tabela mostrando a composição dos temas presentes nas placas da sala do trono de Ashurbanipal.

Os itens descritos por ND referem-se às placas que estavam destruídas, restando somente as bases.

Fonte: Philippe Racy Takla.

A análise dos itens presentes nas cinco salas do trono analisadas permitiu verificar uma importante mudança nos temas presentes nos relevos. Assim, no reinado de Ashurnasirpal, percebemos que as placas presentes em sua sala do trono apresentavam temas variados, que podem ser divididos como sendo 46% Narrativos (40% Históricos e 6% Atemporais), 18% Formais e 36% Apotropaicos.

Para o próximo monarca abordado nesta pesquisa, Shalmaneser III, temos como material apenas sua base do trono. Esta peça apresenta em seus relevos temas narrativos históricos.

Em seguida, é abordada a sala do trono de Sargon II. A base do trono e o fragmento de relevo apresentam temas narrativos.

Os temas presentes nas placas esculpidas na sala do trono de Sennacherib são em sua grande maioria narrativos 96%. A temática formal é restrita a 4%.

Na sala do trono de Ashurbanipal, 100% das placas encontradas esculpidas e em bom estado de conservação apresentam temas narrativos.

A tabela e o gráfico abaixo apresentam um resumo dos temas presentes nos relevos analisados:

| | Narrativos | Formais | Apotropaicos | Total |
|------------------|-------------------|----------------|---------------------|--------------|
| Ashurnasirpal II | 15 | 6 | 12 | 33 |
| Shalmaneser III | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Sargon II | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Sennacherib | 25 | 1 | 0 | 26 |
| Ashurbanipal | 7 | 0 | 0 | 7 |

Ilustração 51 - Tabela mostrando os números absolutos dos temas presentes nos relevos analisados.

Fonte: Philippe Racy Takla.

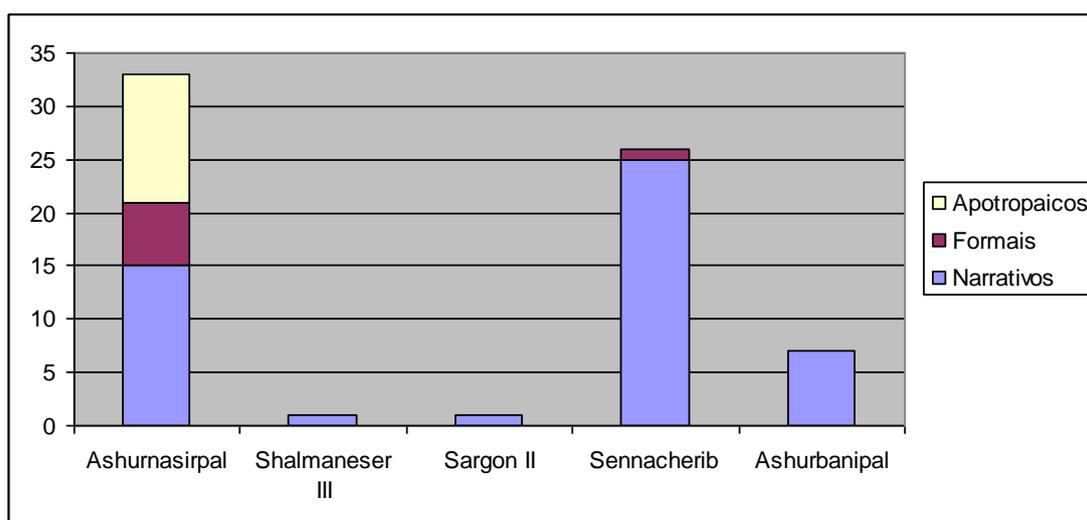


Ilustração 52 – Gráfico mostrando os números absolutos dos temas presentes nos relevos analisados.

Gráfico baseado nos dados da tabela da ilustração anterior. Fonte: Philippe Racy Takla.

Em percentual:

| | Narrativos | Formais | Apotropaicos | Total |
|------------------|-------------------|----------------|---------------------|--------------|
| Ashurnasirpal II | 46% | 18% | 36% | 100% |
| Shalmaneser III | 100% | 0% | 0% | 100% |
| Sargon II | 100% | 0% | 0% | 100% |
| Sennacherib | 96% | 4% | 0% | 100% |
| Ashurbanipal | 100% | 0% | 0% | 100% |

Ilustração 53 – Tabela mostrando o percentual dos temas presentes nos relevos analisados.

Fonte: Philippe Racy Takla.

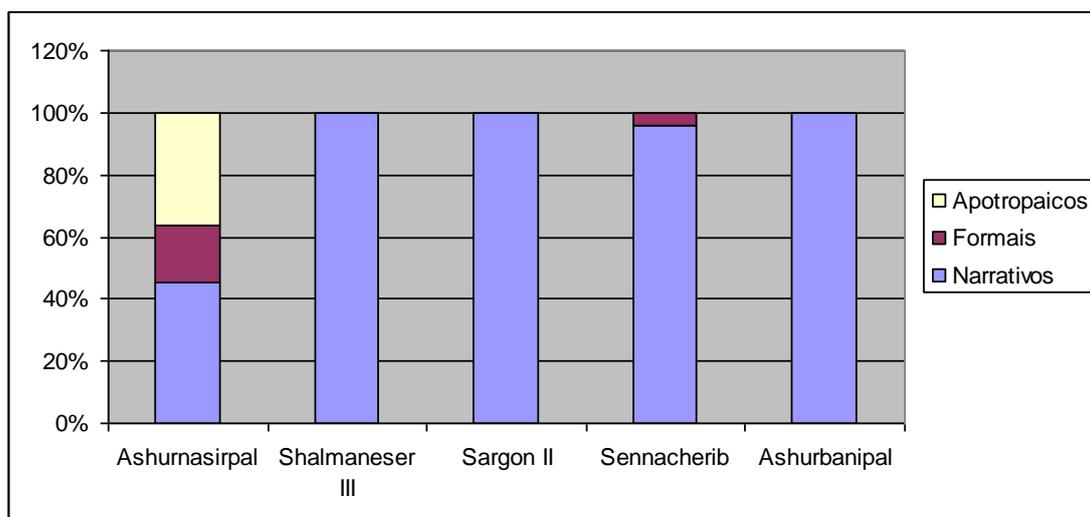


Ilustração 54 - Gráfico mostrando o percentual dos temas presentes nos relevos analisados.

Gráfico baseado nos dados da tabela da ilustração anterior. Fonte: Philippe Racy Takla.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi elaborar uma metodologia que possibilitasse evidenciar e interpretar o desenvolvimento do esquema decorativo presente nas salas do trono dos palácios neo-assírios. Ao mesmo tempo, havia a intenção de que essa pesquisa sistemática viabilizasse a discussão da incorporação de elementos da retórica e da ideologia real no esquema decorativo, a fim de verificar a relação entre a evolução do esquema decorativo e a mudança da política imperial.

Dessa forma, os capítulos 1, 2, 3 e 4 desta dissertação forneceram os elementos necessários à contextualização do objeto de estudo. No primeiro capítulo buscamos oferecer subsídios teóricos para o estudo baseados principalmente em teorias da História da Arte e da Arqueologia. No capítulo 2 discorremos, de forma sucinta, sobre os aspectos geográficos do Oriente Médio e da Mesopotâmia. No capítulo 3 apresentamos um quadro histórico geral. No capítulo 4 descrevemos os quatro principais sítios arqueológicos para o estudo da arqueologia do império assírio; as cidades que foram capitais do império ao longo do período.

Nos capítulos 5, 6 e 7 nos aproximamos mais do objeto de estudo. No capítulo 5 analisamos o desenvolvimento histórico das cidades, dos templos e dos palácios na Mesopotâmia. O sexto capítulo analisa as fontes documentais para o estudo do esquema decorativo. Finalmente, no capítulo 7, discorremos em profundidade sobre cada um dos cinco palácios neo-assírios que foram escolhidos como objeto do estudo e seu esquema decorativo.

Paralelamente foi elaborado o Catálogo de Imagens contendo as imagens dos relevos que fazem parte do esquema decorativo dos palácios, bem como plantas e outras informações pertinentes. Deve ser estudado em conjunto com o capítulo 7 e serve de base para a análise proposta no capítulo 8.

Por fim, no capítulo 8, foi realizado o tratamento classificatório e quantitativo das imagens presentes no Catálogo de Imagens buscando fornecer os subsídios necessários para a interpretação.

Ao desenvolver um estudo detalhado do esquema decorativo presente nas salas do trono, foi possível evidenciar os aspectos que envolvem os níveis pré-iconográfico e

iconográfico das cenas. Na seqüência, a classificação e a quantificação das cenas nas categorias narrativas (históricas e atemporais), formais e apotropaicas presentes em cada uma das cinco salas do trono analisadas colaborou para a interpretação dos níveis iconológicos presentes nessa forma de representação, permitindo através de um tratamento objetivo das evidências materiais, embasado pelas fontes escritas, confirmar e ampliar a interpretação dos conteúdos presentes nos relevos

Com base na análise detalhada do esquema decorativo das salas do trono pudemos observar a gradativa diminuição ao longo do tempo da representação de cenas simbólicas e de culto e sua substituição por cenas narrativas históricas, que se tornam cada vez mais complexas.

Este fenômeno pode ser explicado se for levado em consideração o contexto dos relevos e a audiência que estes visavam atingir em função do processo histórico que a Assíria passou através do estabelecimento e desenvolvimento do império entre os séculos X até VII a.C (para a extensão do império ao longo do período estudado, ver os mapas das ilustrações 5 a 8).

Enquanto que nos reinados de Ashurnasirpal II e seu pai, Tulkuti Ninurta II, foi iniciada a expansão das fronteiras da Assíria para além de sua terra natal, a verdadeira grande expansão e a absorção das províncias em um império administrativo começa somente com o reinado de Shalmaneser III, sendo a consolidação mais forte sob Tiglath-pileser III. A expansão continua durante o reinado de Sargon II e nos reinados subsequentes, abrangendo em seu ápice Egito, Anatólia, Babilônia e o platô iraniano.

Pode ser considerado que foi o nascimento da política expansionista assíria que levou ao surgimento deste novo tipo de iconografia que constituía, no reinado de Ashurnasirpal II, os relevos que decoravam seu palácio. E da mesma forma, foi a situação geopolítica móvel do império assírio que justificou a evolução estilística deste tipo de produção. Como afirmou Reade, o palácio assírio era “(...) um corpo maciço de propaganda pessoal.”³⁵⁷

Nos relevos de Ashurnasirpal II, observa-se o maior uso de cenas de culto e representações simbólicas com longa tradição de uso na Mesopotâmia, somadas a introdução do uso, em menor medida, de cenas contendo narrativas históricas. A interpretação das imagens retratando temas de culto e simbólicas necessitariam a

³⁵⁷ Reade, 1979, p. 331.

mobilização de um conhecimento prévio considerável, uma verdadeira cultura específica, que por definição não era aquela das populações conquistadas (tais como os levantinos, os elamitas e os egípcios) ou dos emissários de terras na qual a Assíria manteve contato (oriundos, por exemplo, de Urartu ou da maior parte da Anatólia). Por outro lado, os relevos cujo conteúdo pertence ao âmbito das narrativas históricas são muito mais acessíveis a todos, pois remetem à experiência comum.

Uma determinada seqüência de eventos é mais fácil de compreender porque esta recapitula experiências humanas lineares, e estas narrativas históricas em particular, com suas especificidades de tempo e lugar, seriam tão imediatas, o que tornaria claro que elas demandavam menor grau de experiência cultural compartilhada que, por exemplo, os motivos simbólicos do rei e da árvore sagrada. As cenas narrativas históricas, portanto, simplesmente não requerem um código como fazem as cenas de culto ou mitológicas; elas demandam um menor conhecimento prévio ou habilidade de decodificação por parte dos observadores. Além disso, no reinado de Ashurbanipal, observamos a introdução de epígrafes nos relevos de sua sala do trono. Estas tinham o intuito, como definiu Barthes, de ancorar a imagem, ou seja, evitar que sentidos distintos daquele buscado pelo criador proliferem.³⁵⁸

A análise proposta neste trabalho também permitiu observar que as narrativas de Ashurnasirpal II são mais simples, tanto em estilo quanto em composição. Os relevos dos períodos assírios mais tardios se movem claramente para a direção de uma maior complexidade narrativa. Conforme observou Winter, os relevos de Ashurnasirpal II marcam o início de um gênero; devemos vê-los como os estágios iniciais tanto da concepção quanto da leitura, posteriormente as imagens serão simplificadas (no aspecto simbólico) e o que não contribui para a essência imediata da mensagem será eliminado como sendo potencialmente distrativo.³⁵⁹

Desta maneira, conforme a audiência aprende a discernir o que é significativo, as composições passam a se tornar cada vez mais complexas do ponto de vista da organização. Tomemos como exemplo do aumento de complexidade das representações o relevo de Ashurnasirpal 17b (ver Catálogo de Imagens, página 77), o relevo 3 de Sennacherib (ver *idem*, página 136) e o relevo 12 e 13 de Ashurbanipal (ver *idem*, página 204). A exposição contínua e a familiaridade com as convenções

³⁵⁸ Barthes, 1964.

³⁵⁹ Ver Winter, 1981, p. 29.

adotadas pavimentaram o caminho para a adoção de maior complexidade nas narrativas históricas ao longo do período analisado, uma vez que os temas principais fossem conhecidos.

Conforme o império crescia, aumentava a heterogeneidade da população em geral e da audiência esperada para as mensagens ideológicas incorporadas no esquema decorativo das salas do trono dos palácios. Portanto, fica evidente a importância do cuidado dispensado na escolha de sinais a serem emitidos que fossem inteligíveis para esta audiência. A imagética que era em sua maior parte simbólica, teoricamente mais difícil de compreender, se move, desta maneira, na direção de narrativas históricas, mais acessíveis a um público maior. As narrativas históricas podem ser lidas com menor conhecimento prévio do que imagéticas simbólicas ou de culto.

O aumento da complexidade da narrativa histórica durante o período analisado, sua proliferação à custa das imagens de culto e mitológicas representam uma diminuição do denominador comum daquilo que seria inteligível para uma audiência heterogênea. Estes desenvolvimentos eram uma resposta direta a crescente heterogeneidade do império conforme este crescia.

BIBLIOGRAFIA

AKER, Julide. Workmanship as Ideological Tool in the Monumental Hunt Reliefs of Ashurbanipal. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007. p. 229-263.

ALARCÃO, Jorge. Arqueologia como Semiologia da Cultura Material. **Revista de Guimarães**, v. 104, p. 21-44. 1995.

ALBENDA, Pauline. Ashurnasirpal II Lion Hunt Relief BM124534. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 31, n.3, p. 167-178, Jul., 1972.

ALBENDA, Pauline. Assyrian Carpet in Stone. **Journal of Ancient Near Eastern Society of Columbia University**, New York. v. 10, p. 1-19, 1978.

ALBENDA, Pauline. Assyrian Royal Hunts: Antlered and Horned Animals from Distant Lands. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, v. 349, p. 61-78. 2008.

ALBENDA, Pauline. Assyrian Sacred Trees in the Brooklyn Museum. **Iraq**, London, v. 56, p. 123-134. 1994.

ALBENDA, Pauline. Decorated Assyrian Knob-Plates in the British Museum. **Iraq**, London, v. 33, p. 43-53, 1991.

ALBENDA, Pauline. Landscape Bas-reliefs in the Bīt-Hilāni of Ashurbanipal. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, v. 223, p. 49-72, 1976.

ALBENDA, Pauline. Landscape Bas-reliefs in the Bīt-Hilāni of Ashurbanipal. (cont.) **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, v. 224, p. 29-48, 1977.

ALBENDA, Pauline. Lions on Assyrian Wall Reliefs. **Journal of Ancient Near Eastern Society**, New York. n.6, p. 1-27, 1974.

ALBENDA, Pauline. **Monumental Art of the Assyrian Empire: Dynamics of Composition Styles**. Malibu: Undena Publications, 1998.

ALBENDA, Pauline. On Reading the White Obelisk from Nineveh. **Notes in the History of Art**. New York. v. 17, n.4, p. 1-5, 1998.

- ALBENDA, Pauline. The Burney Relief Reconsidered. **Journal of Ancient Near Eastern Society**, v. 2, n.2, p. 87-93, 1970.
- ALBENDA, Pauline. The Gateway and Portal Stone Reliefs from Arslan Tash. **Bulletin of American Schools of Oriental Research**, n.271, p. 5-30, 1988.
- ALBENDA, Pauline. **The Palace of Sargon King of Assyria**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1986.
- ALCOCK, Susan (ed.). **Empires: Perspectives from Archaeology and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ALKIM, U. Badahir. **Anatolie I - Des origines à la fin du II millénaire** - Archaeologia Mundi. Genève: Les Éditions Nagel, 1968.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- AMIET, P. **Elam**. Paris: Archée Editeurs, 1966.
- ANDO, Clifford. **Imperial Ideology and Provincial Loyalty in Roman Empire**. Erwin: University of California Press, 2000.
- ANDRÉN, Anders. **Between Artifacts and Texts - Historical Archaeology in Global Perspective**. New York: Plenum Press, 1998.
- ANDRÉ-SALVINI, B. Remarques sur les inscriptions des reliefs du palais de Khorsabad. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 15-46.
- ASCALONE, Enrico. Cultural Interactions Among Mesopotamia, Elam, Transelam and Indus Civilization. The Evidence of a Cylinder-Stamp Seal From Jalalabad (Fars) and It's Significance in the Historical Dynamics of South-Eastern Iran. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 255-275.
- ASTOUR, Michael C. 841 B.C.: The First Assyrian Invasion of Israel. **Journal of the American Oriental Society**, v. 91, n.3, p. 383-389, Jul.-Set., 1971.

ATAC, Mehmet-Ali. Visual formula and meaning in Neo-Assyrian relief sculpture. **The Art Bulletin**, v. 88 n.1, p. 69-102. Mar., 2006.

ATAÇ. Mehmet-Ali. The "Underworld Vision" of the Ninevite intellectual milieu. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 1-6.

AZARPAY, Guitty. Proportions in Ancient Near East Art. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol. IV.** New York: The Gale Group, 1995. p. 2507-2520.

BACHELOT, Luc. La Fonction Diplomatique des Reliefs Néo-Assyriens. In: Charpin, D.; Joannès, F. **Marchands, Diplomates et Empereurs.** Paris: Editions Recherches sur la Civilization 1991. p. 109-128.

BAHRANI, Zaiab. The king's head. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 19-26.

BAHRANI, Zainab. Performativity and the image: narrative, representation and the Uruk vase. In E. EHRENBERG. **Leaving no stones unturned: essays on the Ancient Near East and Egypt in honor of Donald P. Hansen.** Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2002. p. 15-22.

BAHRANI, Zainab. **Rituals of War: the body and violence in Mesopotamia.** Brooklyn: Zone Books, 2008.

BAHRANI, Zainab. **The Graven Image - Representation in Babylonia and Assyria.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

BARNETT, R.D. **Assyrian Palace Reliefs in the British Museum.** 2. ed. Oxford: University Press, 1974.

BARNETT, R.D. Early Shipping in the Ancient Near East. **Antiquity**, v. 32, p. 220-230, 1958.

BARNETT, R.D. Phoenicia and the Ivory Trade. **Archaeology**, v. 9, n.2, p.87-97, 1956.

BARNETT, R.D. **Sculptures from the North Palace of Ashurbanipal at Nineveh.** London: The British Museum Press, 1976.

BARNETT, R.D.; BLEIBTREU, E.; TURNER, G. **Sculptures from the Southwest Palace of Sennacherib at Nineveh.** London: The British Museum Press, 1998.

BARNETT, R.D.; FALKNER, M. **The Sculptures of Assur-nasir-apli II (883-859 B.C.), Tiglath-Pileser III (745-727 B.C.) and Esarhaddon (681-669 B.C.) from the Central and South-west Palaces at Nimrud.** London: The Trustees of the British Museum, 1962.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: MENDONÇA, A.S.L. e NEVES, L.F.B. **Análise Estrutural da Narrativa - Pesquisas Semiológicas.** 4 ed. São Paulo: Editora Vozes 1976. p. 19-60.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. Pesquisas Semiológicas - Retórica da Imagem. Tradução de Isabel Rodrigues. **Communications**, Paris, v. 4, p. 1-18, 1964.

BERTMAN, Stephen. **Handbook to Life in Ancient Mesopotamia.** New York: Facts on File, 2003.

BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. **Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia - An Illustrated Dictionary.** 4. ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

BLANTON, R.E.; FEINMAN, G.M.; KOWALEWSKI, S.A.; PEREGRINE, P.N. A Dual-Processual Theory for the Evolution of Mesoamerican Civilization. **Current Anthropology**, v. 37, n.1, p. 1-14. Feb., 1996.

BOARDMAN, John. Iconography and archaeology: some problems east and west. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE).** Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p, 393-396.

BOARDMAN, John. Images and media in the Greek world. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the**

Eastern Mediterranean (1st millennium BCE). Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p. 323-338.

BONATZ, Dominik. Ashurbanipal's headhunt: An anthropological perspective. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 27-35.

BONFIL, Ruhama; ZARKECKI-PELEG, Anabel. The Palace in the Upper City of Hazor as an Expression of a Syrian Architectural Paradigm. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, v. 348, p. 25-47. 2007.

BORDREUIL, P. Les sceaux inscrits phéniciens et arameéns de Khorsabad et leur signification historique. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 253-270.

BOTTÉRO, Jean. **Everyday Life in Ancient Mesopotamia**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.

BRENTJES, B. The History of Elam and Achaemenid Persia: An Overview. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1001-1022.

BRIQUEL-CHATONNET, F. Expression et représentations du pouvoir royal dans le Proche-Orient ouest sémitique ancien. In: IMAGES ET REPRÉSENTATIONS DU POUVOIR ET DE L'ORDRE SOCIAL DANS L'ANTIQUITÉ. 1999. Editado por Michel Molin. Angers: De Boccard, 2001. p. 129-136.

BRON, C. et LISSARRAGUE, F. Le Vase à Voir. In: NATHAN, Fernand. **La Cité des Images - Religion et Société en Grèce Antique**. Paris: Editions de la Tour, 1984. p. 7-18.

BRUMFIEL, E.M. Huitzilopochtli's Conquest: Aztec Ideology in the Archaeological Record. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 8, n.1, p. 3-13. 1998.

BRUMFIELD, E.; EARLE, T.E. Specialization, exchange and complex societies: An introduction. In: BRUMFIELD, E.; EARLE, T.E. **Specialization, exchange and complex societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-9.

BRUNEAU, P. De l'Image **Ramage**, Paris, v.4, p. 249-295, 1986.

BUNNENS, G. Til Barsip under Assyrian Domination. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995**. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 17-28.

BUNNENS, Guy. Carved Ivories from Til Barsip. **American Journal of Archaeology**, v. 101, n.3, p. 435-450, 1997.

CALLOT, Olivier. La pose des reliefs de pierre dans le palais de Sargon. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 213-224.

CANBY, J. V. Decorated Garments in Ashurnasirpal Sculpture. **Iraq**, London, v. 33, p. 31-53. 1971.

CARNEIRO, Robert L. The chiefdom: Precursor of the state. In: JONES, G.; KAUTZ, R. **The transition to statehood in the New World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p. 37-39.

CARNEIRO, Robert, L. **The evolution of society: Selection from Herbert Spencer's Principles of Sociology**. Chicago: University of Chicago, 1967.

CHENG, Jack. Self-Portrait of Objects. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007. p. 437-448.

CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007.

CHEVALIER, Nicole. L'activité archéologique des consuls de France au XIX siècle en Assyrie. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 79-106.

CIFARELLI, Megan. Gesture and Alterity in the Art of Ashurnasirpal II of Assyria. **The Art Bulletin**, v. 80, n.2, p. 210-228, 1998.

COLE, S. W. The Destruction of Orchards in Assyrian Warfare. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995**. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 29-40.

COLLINS, Paul. An Assyrian-Style Ivory Plaque from Hasanlu, Iran. **Metropolitan Museum Journal**, Nova Iorque, v. 41, p. 19-31. 2006.

COLLINS, Paul. The Development of Individual Enemy in Assyrian Art. **SOURCE - Notes in the History of Art**. Nova Iorque, v. 25, n.3, p. 1-8. 2006.

COLLINS, Paul. The Symbolical Landscape of Ashurbanipal. **SOURCE - Notes in the History of Art**. Nova Iorque, v. 23, n.3, p. 1-6. 2004.

COLLON, Dominique. Depictions of Priests and Priestesses in the Ancient Near East. In: COLLOQUIUM ON THE ANCIENT NEAR EAST - THE CITY AND ITS LIFE, 1996. **Priests and officials in the ancient Near East: papers of the Second Colloquium on the Ancient Near East - the City and its Life held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Mitaka, Tokyo)**. Organização Kazuko Watanabe, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1999. p. 17-46.

CONTENEAU, G. **Manuel d'Archéologie Orientale**. Paris: Éditions Auguste Picard, 1931.

CURTIS, J. E.; READE, J. E. **Art and Empire - Treasures from Assyria in the British Museum**. London: The British Museum Press, 1995.

DALLEY, S; POSTGATE, J.N. **The Tablets from Fort Shalmaneser**. London: 1984.

DALLEY, Stephanie. The language of Destruction and Its Interpretation. **Baghdader Mitteilungen**, Berlin, v. 36, p. 275-282. 2005.

DANIELS, S.; COSGROVE, D. Iconography and Landscape. In: DANIELS, S. and COSGROVE, D. **The Iconography of Landscape - Essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2000. p. 1-10.

DANREY, Virginie. Winged human-headed bulls of Nineveh: Genesis of an iconographic motif. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 67-76.

DANTHINE, Hélène. **Le Palmier-dattier et les Arbres Sacrées dans l'Iconographie de l'Asie Occidentale**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthener, 1937.

DELLER, Karlheinz. The Assyrian Eunuchs and Their Predecessors. In: COLLOQUIUM ON THE ANCIENT NEAR EAST - THE CITY AND ITS LIFE, 1996. **Priests and officials in the ancient Near East: papers of the Second Colloquium on the Ancient Near East - the City and its Life held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Mitaka, Tokyo)**. Organização Kazuko Watanabe, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1999. p. 303-311.

DeMARRAIS, E.; CASTILLO, L.J.; EARLE, T. Ideology, Materialization and Power Strategies. **Current Anthropology**, v. 37, n.1, p. 15-31. Feb., 1996.

DOLCE, Rita. The "head of the enemy" in the sculptures of the palaces of Nineveh: An example of "cultural migration" ? In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 77-82.

DUNCAN, J. S. **The City as a Text - The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyar Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

EARLE, Timothy K. The evolution of chiefdoms. In: EARLE, Timothy K. **Chiefdoms: Power, economy and ideology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 1-15.

EHRENBERG, Erica. An Old Assyrian Precursor of Neo-Assyrian Royal Image. In: XXXIX RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1992. **Assyrien Im Wandel Der Zeiten**. Editado por Hartmut Waetzoldt e Harald Hauptmann. Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 1997. p. 259-264.

El-WAILLY, Faisal. Foreword. **Sumer**, Baghdad v. 21, p. 3-8. 1965.

El-WAILLY, Faisal. Foreword. **Sumer**, Baghdad v. 22, p. a-j. 1966.

EMBERLING, Geoff. Ethnicity in Complex Societies: Archaeological Perspectives. **Journal of Archaeology Research**. v. 5, n.4, p. 295-344, 1997.

EMBERLING, Geoff; YOFFEE, Norman. Thinking about Ethnicity in Mesopotamia Archaeology and History. **Fluchtpunkt Uruk: Schriften für Hans Jörg Nissen**, 1999. p. 272-281.

FELDMAN, Marian H. Frescoes, Exotica and the Reinvention of the Northern Levantine Kingdoms during the Second Millennium B.C.E. In: HEINZ, Marlies; FELDMAN, Marian H. (ed.) **Representations of Political Power - Case Histories**

from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East. Winoma Lake: Eisenbraus, 2007.

FELDMAN, Marian H. Luxurious Forms: Redefining a Mediterranean "International Style", 1400-1200 BCE. **The Art Bulletin, Nova Iorque**, v. 84, n.1, p. 6-29. 2002.

FELDMAN, Marian. Nineveh to Thebes and back: Art and politics between Assyria and Egypt in the seventh century BCE. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 83-92.

FLANNERY, Kent V. **The early Mesoamerican village.** Orlando: Academic Press, 1976.

FOREST, Jean Daniel. The State: The Process of State Formation as Seen from Mesopotamia. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives.** Blackwell, 2004. p. 184-222.

FOREST, Jean-Daniel. Images du Pouvoir, Pouvoir de l'Image: L'Ideologie Royale à Travers L'Iconographie Proto-Sumérienne. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 361-375.

FOSTER, B.R. Commercial Activity in Sargonic Mesopotamia. In: XXIII RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1976. **Trade in the Ancient Near East.** Editado por J. D. Hankins. London: p 31-44.

FRAME, Grant; GEORGE, Andrew. The royal libraries of Nineveh: New evidence for their formation. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2005. p. 264-284.

FRANKFORT, Henri. **The Art and Architecture of the Ancient Orient.** 4. ed. New York: Penguin Books, 1979.

FRANKFORT, Henri. The Origin of the Bît Hilani. **Iraq**, v. 14, p. 120-131. 1952.

FRYMER-KENSKY, Tivka. The Ideology of Gender in the Bible and the Ancient Near East. In: BEHRENS,H.; LODING, D.; ROTH, M. **DUMU-E2-DUB-BA-A -**

- Studies in Honor of Åke Sjöberg.** Philadelphia: The University Museum, 1990. p. 185-192.
- GADD, C.J. **Ideas of Divine Rule in the Ancient Near East.** London: Oxford University Press, 1948.
- GADD, C.J. **The Assyrian Sculptures.** London: The Trustees of the British Museum, 1934.
- GARELLI, Paul. Hahhum un Relais Assyrien sur la Route Commerciale de la Cappadoce. In: XXXIV RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1987. Ankara: 1988. p. 451-456.
- GARELLI, Paul. La Conception de Beauté em Assyrie. In: ABUSCH, T. **Lingering Over Words - Studies in Ancient Near Eastern Literature in Honor William L. Moran.** Atlanta: Scholars Press, 1990. p. 174-177.
- GARELLI, Paul. Le Dynamism Assyrien. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995.** Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 65-68.
- GARELLI, Paul. Marchands et Tamkārū assyriens en Cappadoce. In: XXIII RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1976. **Trade in the Ancient Near East.** Editado por J. D. Hankins. London: p. 99-108.
- GARELLI, Paul. **O Oriente Próximo Asiático: das origens às invasões dos povos do mar.** São Paulo: Editora da USP, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GERARDI, Pamela. Epigraphs and the Assyian Palace Reliefs. **JCS.** v. 40, n.1, p. 1-35. 1988.
- GIBBINS, Samantha. The Role of Monumental Architecture in Social Transformation: Pella and the EB I/II Transition. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT

NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 377-390.

GILMAN, A. Marxism in American archaeology. In: LAMBERG-KARLOVSKY. **American Thought in America**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 63-73.

GILMAN, Antonio. The development of social stratification in Bronze Age Europe. **Current Anthropology**, v 22, p. 1-23, 1981.

GIOVINO, Mariana. **The Assyrian Sacred Tree: A History of Interpretations**. Fribourg: Academic Press, 2007.

GITIN, S. The Neo-Assyrian Empire and its Western Periphery. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995**. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 77-105.

GOMBRICH, Ernst Hans. **Arte e Ilusão**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GRAYSON, A.K. **Assyrian and Babylonian Chronicles**. New York: 1975.

GRAYSON, A.K. **Assyrian Royal Inscriptions. From Tiglath-pileser I to Ashur-na-sir-apli II**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1976.

GRAYSON, Kirk A. Assyrian Expansion into Anatolia in the Sargonic Age (c. 744-650 BC). In: XXXIV RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1987. Ankara: 1988. p. 131-135.

GRAYSON, A.K. **Assyrian Rulers of the First Millennium B.C. I (1114-859 B.C.)**. Toronto, 1991.

GRAYSON, A.K. **Assyrian Rulers of the First Millennium B.C. II (858-745 B.C.)**. Toronto, 1996.

GRAYSON, A.K. The Resurrection of Ashur: A History of Assyrian Studies. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995**. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 105-114.

GRAYSON, Kirk A. The Struggle for Power in Assyria. In: COLLOQUIUM ON THE ANCIENT NEAR EAST - THE CITY AND ITS LIFE, 1996. **Priests and**

officials in the ancient Near East: papers of the Second Colloquium on the Ancient Near East - the City and its Life held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Mitaka, Tokyo). Organização Kazuko Watanabe, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1999. p. 253-270.

GRAYSON, A.K. Shalmaneser III and the Levantine States: The "Damascus Coalition". **The Journal of Hebrew Scriptures**, v. 5, 2004.

GREEN, Anthony. A Note on the Assyrian "Goat-fish", "Fish-man" and "Fish-women". **Iraq**, London, v. 48, p. 25-30, 1986.

GREEN, Anthony. Ancient Mesopotamia religious Iconography. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol. IV.** New York: The Gale Group, 1995. p. 1837-1855.

GROENEWEGEN, H. A.; FRANKFORT, H. **Arrest and Movement.** Cambridge: Harvard University Press, 1987.

GROSBY, Steven. Borders, Territory and Nationality in the Ancient Near East and Armenia. **Journal of the Economic and Social History of the Orient.** Leiden. p. 1-29, 1997.

GUBEL, Eric. Multicultural and multimedial aspects of early Phoenician art, c. 1200-675 BCE. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE).** Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p. 185-214.

GUBEL, Eric. Phoenician and Aramean bridle-harness decoration: Examples of cultural contact and innovation in the Eastern Mediterranean. In: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE.** Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 111-148.

GURALNICK, Eleanor. Neo-Assyrian patterned fabrics. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 93-102.

GUTERBOCK, Hans G. Carchemish. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 13, n.2, p. 102-114, Apr., 1954.

GUTERBOCK, Hans G. Narration in Anatolian, Syrian and Assyrian Art. **American Journal of Archaeology**, v. 61, n.1, p. 62-71, Jan., 1957.

GUTMAN, Robert. The Social Function of the Built Environment. In: RAPOPORT, Amos. **The Mutual Interaction of People and Their Built Environment - A Cross Cultural Perspective**. Paris: Mouton Publishers, 1976. p. 37-49.

GWENDOLYN, Leick. **Mesopotâmia - A Invenção da Cidade**. São Paulo: Imago, 2003.

HARMANSAH, Omur. Upright Stone and Building Narratives: Formation of a Shared Architectural Practice in the Ancient Near East. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007. p. 69-99.

FRANCASTEL, Pierre. **A Realidade Figurativa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

HEINZ, Marlies; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Representations of Political Power - Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East**. Winoma Lake: Eisenbraus, 2007.

HEINZ, Marlies; FELDMAN, Marian H. Introduction. In: HEINZ, Marlies; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Representations of Political Power - Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East**. Winoma Lake: Eisenbraus, 2007.

HERBORDT, S. Neuassyrische Glyptik des 8. Helsinki: SAAS, 1996.

HERRMANN, Georgina. Ivory carving of first millennium workshops, traditions and diffusion. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE)**. Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p. 267-282.

HERRMANN, Georgina. Naming, defining, explaining: A view from Nimrud. In: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 11-22.

HERTEL, Thomas. The Balawat Gate Narratives of Shalmaneser III In: ASSYRIA AND BEYOND - STUDIES PRESENTED TO MOGENS TROLLE LARSEN. Amsterdam: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2004. p. 299-315.

HODDER, Ian. Architecture and Meaning: The example of Neolithic Houses and Tombes. In: PEARSON, M. P. and Richards, C. Architecture **and Order - Approaches to Social Space**. New York: Routledge, 1994. p. 73-86.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología**. 2. ed. Barcelona: Crítica, 1991.

HODDER, Ian. **Symbols in Action: Ethnoarchaeological studies of material culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HOFFMAN, Gail L. Defining identities: Greek artistic interaction with the Near East. In: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 351-391.

HOGARTH, D. G. **Carchemish - Report of the excavation on behalf of the British Museum**. London: The Trustees of the British Museum, 1969.

HOLSCHER, Tonio. Images of War in Greece and Rome: Between Military Practice, Public Memory and Cultural Symbolism. **The Journal of Roman Studies**, v. 93, p. 1-17. 2003.

HOMÈS-FREDERICQ, D. La Glyptique des archives inédites d'un centre provincial de l'empire assyrien aux Musées Royaux d'Art et d'Histoire. **CRRA**, Bruxelles, v. 30, p. 247-259. 1986.

HUXLEY, Margaret. The gates and guardians in Sennacherib's addition to the temple of Assur. **Iraq**, London, v. 62, p. 109-138, 2000.

IRAQ MUSEUM. **Guide Book to the Iraq Museum**. Bagdá [n.d], 1966.

JASTROW, Morris. **The Religion of Babylonia and Assyria**. Boston: Ginn and Company, [s.d.]

JEAN, Cynthia. Le petit monde des exorcistes de Ninive. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 103-114.

- JOYCE, Arthur. A.; Winter, Marcus. Ideology, Power and Urban Society in Pre-Hispanic Oaxaca. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 37, n.1, p. 33-47. 1996.
- KANTOR, Helene J. Narration in Egyptian Art. **American Journal of Archaeology**, v. 61, n.1, p. 44-54, Jan., 1957.
- KENT, Susan. A cross-cultural study of segmentation, architecture and the use of space. In: KENT, Susan. **Domestic architecture and the use of space - an interdisciplinary cross-cultural study**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1990. p. 127-152.
- KENT, Susan. Activity areas of architecture: an interdisciplinary view of the relationship between use of space and domestic built environments. In: KENT, Susan. **Domestic architecture and the use of space - an interdisciplinary cross-cultural study**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1990. p. 1-20.
- KESSLER, H. Pictorial Narrative and Church Mission in Sixth-Century Gaul. In: KESSLER, Herbert L.; SIMPSON, Marianna Shreve. **Pictorial narrative in antiquity and the Middle Ages**. Washington: University Press of New England, 1985. p. 75-92.
- KING, L. W. **Bronze Reliefs from the Gates of Shalmaneser**. Oxford: The University of Oxford Press, 1915.
- KNAPP, A.B. Ideology, Archaeology and Polity. **Man**, v. 23, n.1, p. 133-163. 1988.
- KNAPP, A.B. Power and Ideology on Prehistoric Cyprus. In: HELLSTROM, P.; ALROTH, B. **Religion and Power in the Ancient Greek World**. Uppsala: Uppsala University, 1996. p. 9-25.
- KOLB, M.J. Ritual activity and chiefly economy at an upland religious site on Maui, Hawai'i. **Journal of Field Archaeology**, v. 21, p. 417-436. 1994.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Editora Ateliê, 1999.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ateliê, 2001.
- KUHRT, Amelie. **The Ancient Near East - From c. 3000 B.C. to c. 330 B.C.** London: Routledge 1995.

KUS, Susan M. The Social Representation of Space: Dimensioning the Cosmological and the Quotidian. In: MOORE, J.A.; KEENE, A.S. **Archaeological Hammers and Theories**. New York: Academic Press, 1983. p. 277-298.

LACKENBACHER, S. **Le palais sans rival: Le récit de construction en Assyrie**. Paris: La Découverte, 1990.

LARSEN, Mogens Trolle. **Power and Propaganda - A Symposium on Ancient Empires**. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979.

LAYARD, Henri Austen. **A Second series of the Monuments of Nineveh**. London: John Murray, 1853.

LAYARD, Henri Austen. **Discoveries Among the Ruins of Nineveh and Babylon**. London: The Trustees of the British Museum, 1853.

LAYARD, Henri Austen. **Nineveh and Its Remains**. London: John Murray, 1849.

LAYARD, Henri Austen. **The Nineveh Court in the Crystal Palace**. London: Crystal palace Library, 1854.

LEEMANS, W.F. The Importance of Trade. In: XXIII RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1976. **Trade in the Ancient Near East**. Editado por J. D. Hankins. London: p. 1-10.

LÉVÊQUE, Pierre. **As Primeiras Civilizações vol 2 - A Mesopotâmia/Os Hititas**. Tradução de Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

LINDER, Elisha. The Khorsabad Wall Relief: A Mediterranean Seascape or River Transport of Timber? **Journal of the American Oriental Society**, v. 106, n.2, p. 273-281, Apr.-Jun., 1986.

LION, Brigitte. La Circulation des Animaux Exotiques au Proche-Orient Antique. In: ACTES DE LA XXXVIII RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1991. **La circulation des biens, des personnes et des idées das le Proche-Orient ancien**. Editado por D. Charpin e F. Joannès. Paris: Edition Recherche sur les Civilisation, 1992. p. 357-365.

LION, Brigitte; MICHEL, Cécile. Les Chasses Royales Néo-Assyriennes - Textes et Images. In: La Chasse - Pratiques Sociales et Symboliques. 2006. Organização Isabelle Sidéra. Paris: De Boccard, 2006. p. 217-233.

- LIVERANI, Mario. Assyria in the Ninth Century: Continuity or Change? In: FRAME, G. **From the Upper Sea to the Lower Sea - Studies on the History of Assyria and Babylonia in Honor of A.K. Grayson**. Amsterdam: Nederlands Instituut, 2004. p. 213-226.
- LIVERANI, Mario. Imperialism. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004. p. 223-243.
- LLOYD, S. **Povos Antigos da Anatólia**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- LLOYD, S.; MULLER, H.W. **Ancient Architecture**. 1. ed. London: Faber and Faber Ltd. 1980.
- LOUD, G.; ALTMAN, B. **Khorsabad. Part II The Citadel and the Town**. Chicago: Oriental Institute Publications, 1938.
- LOUD, G.; FRANKFORT, H.; JACOBSEN, T. **Khorsabad. Part I Excavations in the Palace and at a City Gate**. Chicago: Oriental Institute Publications, 1936.
- LUCKENBILL, D. D. **Ancient Records of Assyria and Babylonia**. Chicago: University of Chicago, 1926-27.
- LUMBRERAS, Luis Guillermo. **La Arqueologia como Ciencia Social**. Ediciones Histar, 1974.
- LUMDSEN, Stephen. Power and Identity in the Neo-Assyrian World. In: NIELSEN, Inge. **The Royal Palace Institution in the First Millennium BC - Regional Development and Cultural Interchange between East and West**. Monographs of the Danish Institute at Athens - Aarhus University, 2001.
- LUMSDEN, Stephen. Narrative Art and Empire: The Throneroom of Ashurnasirpal II In: ASSYRIA AND BEYOND - STUDIES PRESENTED TO MOGENS TROLLE LARSEN. Amsterdam: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2004. p. 350-385.
- LUMSDEN, Stephen. The production of space at Nineveh. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 115-120.

MACQUEEN, J. G. **The Hittites and their Contemporaries in Asia Minor**. Boulder: Westview Press, 1975.

MACQUEEN, J.G. The history of Anatolia and of the Hittite Empire: An Overview. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1085-1105.

MADHLOOM, T. A. **The Chronology of Neo-Assyrian Art**. London: The Athlone Press, 1970.

MADHLOOM, T.A. Assyrian Siege-Engines. **Sumer**, Baghdad v. 21, p. 9-11. 1965.

MADHLOOM, T.A. Excavations at Nineveh - A Preliminary Report (1965-1967). **Sumer**, Baghdad v. 23, p. 76-79. 1967.

MADHLOOM, T.A. Nineveh - The 1967-1968 Campaign. **Sumer**, Baghdad v. 24, p. 45-55. 1968.

MADHLOOM, T.A. Nineveh - The 1968-1969 Campaign. **Sumer**, Baghdad v. 25, p. 43-58. 1969.

MALLOWAN, Barbara Parker. Magic and Ritual in the Northwest Palace Reliefs. In: PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM HELD AT THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 1981. **Essays on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Charles Kyrle Wilkinson**. Metropolitan Museum of Art, 1983. p. 15-32.

MALLOWAN, M. E. L. **Mesopotâmia e Irão**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

MALLOWAN, M. E. L. **Nimrud and its Remains**. London: Collins, 1966.

MALLOWAN, M. E. L. **Twenty-five years of Mesopotamian discovery**. London: The British Museum School of Archaeology in Iraq, 1956.

MANN, Michael. **The sources of social power: A history of power from the beginnings to A.D. 1760**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

MARAN, Joseph. Architecture, Power and Social Practice - An Introduction. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

MARCUS, M. I. **Emblems of Identity and Prestige: The Seals and Sealings from Hasanlu, Iran**. Philadelphia: University of Philadelphia, 1996.

MARCUS, M. I. Geography as an Organizing Principle in the Imperial Art of Shalmaneser III. **Iraq**, London, v. 49, p. 77-90, 1987.

MARCUS, Michelle I. Art and Ideology in Ancient Western Asia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol. IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 2487-2505.

MARGUERON, J. C. Le palais de Sargon: réflexions préliminaires à une étude architecturale. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 181-212.

MARGUERON, Jean Claude. **Mésopotamie**. Genève: Les Éditions Nagel, 1968.

MARGUERON, Jean Claude. **Recherches sur les Palais Mésopotamiens de l'Age du Bronze**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthener, 1982.

MARGUERON, Jean-Claude. Aménagement du Territoire et Organisation de L'Espace en Syrie du Nord à L'Âge du Bronze: Limites et Possibilités d'une Recherche. In: ACTES DU COLLOQUE TENU À L'UNIVERSITÉ LAVAL (QUÉBEC). 1997. **Espace Naturel, Espace Habité en Syrie du Nord (10e - 2e millénaires av. J-C.)**. Editado por Michel Fortin e Olivier Aurenche. Québec: Canadian Society for Mesopotamian Studies, 1998. p. 167-177.

MARGUERON, Jean-Claude. Du bitanu, de l'étage et des salles hypostyles dans les palais néo-assyriens. **Syria**, Paris, v. 82, p. 93-138. 2005.

MARGUERON, Jean-Claude. L'Architecture Domestique de la Ville I de Mari (XXX-XXVII Siècles). In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 421-430.

MARINATOS, Nanno. Some Reflections on the Rhetoric of Aegean and Egyptian Art. In: HOLLIDAY, Peter J. **Narrative and Event in Ancient Art**. Cambridge: The Cambridge University Press, p. 74-87.

MATTHEWS, Roger. **The Archaeology of Mesopotamia - Theories and Approaches**. London: Routledge, 2003.

MATTHIAE, Paolo. History of Art in Ancient Near Eastern Archaeology: Problems and Perspectives. **Contributi e Materiali di Archeologia Orientale**, Rome, v. 9, p. 3-13, 2003.

MAZAR, Amihai. **Archaeology of the Land of the Bible - 10.000-586 BCE**. New York: Doubleday, 1990.

MAZAR, Amihai. The Fortification of Cities in the Ancient Near East. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol. IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1523-1537.

MAZZONI, Stefania. La Crise Dell'Arte Narrativa Neo-Assíria: Riflessione in Margine. *Egitto et Vicino Oriente*. Pisa: Giardini Editori, 1988. p. 111-116.

MC CALL, H. **Mesopotamian Myths**. London: The British Museum Press, 1995.

McCORMICK, C. F. **Palace and Temple - A Study of Architectural and Verbal Icons**. Berlin: Walter de Gruyter, 2002.

MEIJER, Diederick J.W. Cracking the Code? Aspect and Impact in Mesopotamian Architecture. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 431-436.

MELLA, Federico A. Arborio. **Dos Sumérios à Babel**. Tradução Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus Editora, [s.d.]

MELLAART, James. **Çatal Hüyük - a Neolithic town in Anatolia**. London: Thames and Hudson, 1967.

MELTZER, David, J. Ideology and Material Culture. In: GOULD, R.A.; SCHIFFER, M.B. **Modern and Material Culture: The Archaeology of Us**. New York: Acade Press, 1981. p. 113-125.

MEUSZYŃSKI, Janusz. Contribution to the Reconstruction of the Northwest Palace in Kalhu. **Études et Travaux**, Paris, v. 5, p. 32-51, 1971.

MEUSZYŃSKI, Janusz. **Die Rekonstruktion der Reliefdarstellungen und ihrer Anordnung im Nordwestpalast von Kalûhu (Nimråud)**. Mainz: Philipp von Zabern, 1981.

MEUSZYŃSKI, Janusz. Neo-Assyrian Reliefs from the Central Area of Nimrud Citadel. **Iraq**, London, v. 38, p. 37-43, 1976.

MEYERS, E. L. Component Design as a Narrative Device in Amarno Tomb Art. In: KESSLER, Herbert L.; SIMPSON, Marianna Shreve. **Pictorial narrative in antiquity and the Middle Ages**. Washington: University Press of New England, 1985. p. 35-52.

MICALE, M.G.; NADALI, D. The shape of Sennacherib's camps: Strategic functions and ideological space. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 121-132.

MICALE, Maria Gabriela. The Middle Assyrian City of Ashur and Its State Architecture in the 14th and 13th centuries B.C. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

MICALE, Maria Gabriella. Considerations about the Architectural Representations on Balawat gates: The City in the Narrative of Conquest. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 445-458.

MIEROOP, Marc Van de. **The Ancient Mesopotamian City**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MILLER, Daniel. The limits of dominance; In: MILLER, Daniel; ROWLANDS, Michael; TILLEY, Christopher. **Dominance and Resistance**. London: Routledge, 1995. p. 63-79.

MILLER, Daniel; ROWLANDS, Michael; TILLEY, Christopher. Introduction. In: MILLER, Daniel; ROWLANDS, Michael; TILLEY, Christopher. **Dominance and Resistance**. London: Routledge, 1995. p. 1-26.

MILLER, Daniel; TILLEY, Christopher. Ideology, power and long term social change. In: MILLER, Daniel; TILLEY, Christopher. **Ideology, power and prehistory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 147-152.

MILLER, Daniel; TILLEY, Christopher. Ideology, power and prehistory: an Introduction. In: MILLER, Daniel; TILLEY, Christopher. **Ideology, power and prehistory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 1-15.

MITCHELL, T. C. Camels in the Assyrian bas-reliefs. **Iraq**, London, v. 62, p. 187-194, 2000.

MITCHELL, T. C.; MIDDLETON, A. P. The Stones Used in Assyrian Sculptures. **Journal of Cuneiform Studies**, v. 54. p. 93-98, 2002.

MOLYNEAUX, B. L. Introduction. In: MOLYNEAUX, B.L. **The Cultural Life of Images - Visual Representation in Archaeology**. London: Routledge, 1997. p. 1-8.

MOLYNEAUX, B. L. Representation and Reality in Private Tombs of the Late Eighteenth Dynasty, Egypt. In: MOLYNEAUX, B.L. **The Cultural Life of Images - Visual Representation in Archaeology**. London: Routledge, 1997. p. 108-129

MOORTGAT, A. **The Art of Ancient Mesopotamia**. London: Phaidon, 1969.

MORANDI, Daniele. Stele e Statue Reale Assire: Localizzazione, Diffusione e Implicazione Ideologiche. **Mesopotamia**, Firenze, v. 23, p. 105-155. 1988.

MOSCATI, Sabatino. **Ancient Semitic Civilizations**. 4. ed. New York: Capricorn Books, 1960.

MOSCATI, Sabatino. **Historical Art in the Ancient Near East**. Roma: Università di Roma, 1963.

MOSCATI, Sabatino. **The Face of the Ancient Orient - Near Eastern Civilization in Pre-Classical Times**. New York: Dover Publications, 2001.

MUHLY, James D. Mining and Metalwork in Ancient Western Asia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1501-1521.

- MULLER, B. Espace Réel, Espace Symbolique: Les "Maquettes Architecturales" de Syrie. In: ACTES DU COLLOQUE TENU À L'UNIVERSITÉ LAVAL (QUÉBEC). 1997. **Espace Naturel, Espace Habité en Syrie du Nord (10e - 2e millénaires av. J.-C.)**. Editado por Michel Fortin e Olivier Aurenche. Québec: Canadian Society for Mesopotamian Studies, 1998. p. 179-189.
- MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.
- MUNN-RANKIN, J. M. Two reliefs of an Assyrian King with bowl. **Iraq**, London, v. 36, p. 169-171, 1974.
- MUSCARELLA, Oscar. Relations between Phrygia and Assyria in the 8th Century B.C. In: XXXIV RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1987. Ankara: 1988. p. 149-157.
- NADALI, Davide. Assyrians to war: Positions, Patterns and Canons in the Tactics of The Assyrian Armies in the VII Century B.C. **Contributi e Materiali di Archeologia Orientale**, Rome, v. 10, p. 167-207, 2005.
- NADALI, Davide. Percezione dello spazio e scansione del tempo: Studio della composizione narrativa del rilievo assiro di VII secolo a.C. **Contributi e Materiali di Archeologia Orientale**, Rome, v. 12, p. 1-356. 2006.
- NADALI, Davide. The Representation of Foreign Soldiers and their Employment in the Assyrian Army. In: 48th RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONAL. 2002. **Ethnicity in Ancient Mesopotamia**. Editado por W.H. Van Soldt. Leiden: Nederlands Instituut Voor het Nabije Oosten, 2005. p. 222-244.
- NADALI, Davide. The Role of the Image of the King in the Organizational and Compositional Principles of Sennacherib's Throne Room: A Guide to the Historical Narrative and Meaning of a Specified Message. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 473-493.
- NIGRO, Lorenzo. The two steles of Sargon: Iconology and visual propaganda at the beginning of royal akkadian relief. **Iraq**, London, v. 60, p. 85-103. 1998.

NIWINSKI, Andrzej. Iconography of the 21st dynasty: its main features, levels of attestation, the media and their diffusion. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE)**. Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p. 21-44.

NOVÁK, Mirko. From Ashur to Nineveh: The Assyrian town-planning program. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 133-141.

OATES, David. Excavations at Tell Brak, 1978-81. **Iraq**, London, p. 187-204,

OATES, David; OATES, Joan. **Nimrud - An Imperial City Revealed**. London: British Institute of Archaeology in Iraq, 1001.

OATES, Joan. Balawat: Recent Excavations and a New Gate. In: PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM HELD AT THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 1981. **Essays on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Charles Kyrle Wilkinson**. Metropolitan Museum of Art, 1983. p. 33-39.

OLMSTEAD, A.T.E. **Assyrian Historiography**. Missouri: The University of Missouri Studies,

OPPENHEIM, A. Leo. **Ancient Mesopotamia - Portrait of a Dead Civilization**. Chicago: The University of Chicago Press, 1969.

OPPENHEIM, Max V. **Tell Halaf - une civilisation retrouvée en Mésopotamie**. Paris: Payot, 1939.

ORNAN, Tallay. A complex system of religious symbols: The case of the winged disk in Near Eastern imagery of the first millennium BCE. In: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 207-242.

ORNAN, Tallay. Expelling demons at Nineveh: The visibility of benevolent demons in the palaces of Nineveh. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 140-150.

ORNAN, Tallay. **The Triumph of the Symbol - Pictorial Representation of Deities**

in Mesopotamia and the Biblical Image Ban. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005.

ORNAN, Tallay. The Goldlike Semblance of a King: The Case of Sennacherib's Rock Reliefs. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students.** Leiden: Brill, 2007. p. 161-178.

ORTHMANN, Wiefried. Aspects of the Interpretation of Ancient Near East Art as Visual Communication. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 243-254.

OZGUÇ, Tahsin. The Palaces of the Old Assyrian Colonial Age. In: XXXIV RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1987. Ankara: 1988. p. 467-472.

PALEY, S. M. **King of the World: Ashur-nasir-pal II of Assyria, 883-559 B.C.** New York: Brooklyn Museum Bookshop, 1976.

PALEY, Samuel M. Assyrian Palace Reliefs: Finished and Unfinished Business. In: PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM HELD AT THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 1981. **Essays on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Charles Kyrle Wilkinson.** Metropolitan Museum of Art, 1983. p. 40-47.

PALEY, Samuel M. The Texts, the Palace and the Reliefs of Ashurnasirpal II. **American Journal of Archaeology**, v. 81, n.4, p. 533-543, Autumn, 1977.

PALEY, Samuel M.; SOBOLEWSKI, Richard. A New Reconstruction of Room Z in the North-West Palace of Aššurnasirpal II at Nimrud (Kalhu). **Iraq**, London, v. 43, p. 85-99, 1981.

PALEY, Samuel; SOBOLEWSKI, Richard P. **The Reconstruction of the Relief Representations and Their Positions in the Northwest-Palace at Kalhu (Nimrud) II. (Rooms: I.S.T.Z, West-Wing).** Mainz: Philipp von Zabern, 1987.

PANOFSKY, Erwin. **O Significado nas Artes Visuais.** 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

PAOLO, Silvana di. Some Observations on the Concept of the Defeated in the Art of the Age of Hammurabi of Babylon (With Allusions, Topoi and Narrative References). In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 343-359.

PAPPALARDO, Eleonora. Nimrud Ivories: Stylistic Analysis of Some Unpublished Ivories from the Italian Excavation at Nimrud. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 498-506.

PARPOLA, Simo. National and Ethnic in the Neo Assyrian Empire and Assyrian Identity in Post-Empire Times. **Journal of Assyrian Academic Studies**, v. 18, n.2, p. 5-22, 2004.

PARPOLA, Simo. **State archives of Assyria**. Helsinki: 1987.

PARPOLA, Simo. The construction of Dur-Sharrukin in Assyrian Royal Correspondence. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 46-68.

PARROT, André. **Assur - L'univers des formes**. Paris: Gallimard, 1961.

PARROT, André. **Mission Archéologique de Mari - Volume II - Le Palais**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthener, 1958.

PARROT, André. **Sumer - L'univers des formes**. Paris: Gallimard, 1960.

PEARSON, M. P.; Richards, C. Architecture and Order: Spatial Representation and Archaeology. In: PEARSON, M. P.; Richards, C. **Architecture and Order - Approaches to Social Space**. New York: Routledge, 1994. p. 38-72.

PEARSON, M. P.; Richards, C. Ordering the World: Perceptions of Architecture, Space and Time. In: PEARSON, M. P. and Richards, C. **Architecture and Order - Approaches to Social Space**. New York: Routledge, 1994. p. 1-37.

PEARSON, Mike Parker; RICHARDS, Colin. Ordering the World: Perceptions of Architecture, Space and Time. In: PEARSON, Mike Parker; RICHARDS, Colin. **Architecture and Order - Approaches to Social Space**. Londres: Routledge, 1994.

PERKINS, Ann. Narration in Babylonian Art. **American Journal of Archaeology**, v. 61, n.1, p. 54-62, Jan., 1957.

PIOTROUSKY, Boris B. **Ourartou - Archaeologia Mundi**. Genève: Les Éditions Nagel, 1969.

PITTMAN, Holly. The White Obelisk and the Problem of Historical Narrative in the Art of Assyria. **The Art Bulletin**, v. 78, n.2, p. 334-355. 1996.

PLACE, V. **Ninive et L'Assyrie**. Paris: Imprimerie Nationale, 1867 - 1870.

POLCARDO, Andrea. The Ideology of Ancestors in EB I Palestine and Transjordan. The Cult of the Dead as Social Structure and Factor of Territorial Unification of Early Urban Development. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 521-534.

POLI, Paola. Wall Paintings from the Assyrian Palace of Tell Masaikh. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 535-543.

POLLITT, J.J. **Art in the Hellenistic Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard (ed.). **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004.

POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. Constructing Arguments, Understanding Perceptions. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004. p. 246-249.

PORADA, Edith. Understanding Ancient Near eastern Art: A Personal Account. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 2695-2714.

- PORADA, Edith. Why Cylinder Seals? Engraved Cylindrical Seal Stones of the Ancient Near East, Fourth to First Millennium B.C. **The Art Bulletin**, v. 75, p. 563-582, 1993.
- PORTER, Barbara N. Ritual and Politics in Assyria: Neo-Assyrian Kanephoric Stelai for Babylonia. **Hesperia Supplements**, Athens, v. 33, p. 259-274. 2004.
- PORTER, Barbara Nevling. **Ritual and Politics in Ancient Mesopotamia**. New Haven: American Oriental Society, 2005.
- PORTER, Barbara Nevling. **Trees, Kings and Politics**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2003.
- POSTGATE, J. N. **Early Mesopotamia - Society and Economy in the Dawn of History**. 4. ed. New York: Routledge, 1999.
- POSTGATE, J. N. The Assyrian army at Zamua. **Iraq**, London, v. 62, p. 89-108, 2000.
- POSTGATE, J. N. The Land of Assur and the Yoke of Assur. **World Archaeology**, v. 23, n.3, p. 247-263. 1992.
- POSTGATE, J.N. Text and figure in ancient Mesopotamia: match and mismatch. In: RENFREW, C.; ZUBROW, E.B. **The Ancient Mind - Elements of Cognitive Archaeology**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1994. p. 176-184.
- PUCCI, Marina. Enclosing Open Spaces: The Organization of External Areas in Syro-Hittite Architecture. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.
- PUCCI, Marina. **Functional Analysis of Space in Syro-Hittite Architecture**. Londres: British Archaeological Reports International Series, 2008.
- PUCCI, Marina. Visual Communication of Architecture: The Syro-Hittite Town of Zincirli. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 545-555.

RAPOPORT, Amos. Environmental Meaning - Preliminary Considerations for a Nonverbal Communication Approach. In: RAPOPORT, Amos. **The Meaning of Built Environment - a non verbal communication approach**. Arizona: Arizona Press, 1982. p. 56-86.

RAPOPORT, Amos. **Human Aspects of Urban Form**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

RAPOPORT, Amos. Socio-cultural Aspects of Man Environment Studies. In: RAPOPORT, Amos. **The Mutual Interaction of People and Their Built Environment - A Cross Cultural Perspective**. Paris: Mouton Publishers, 1976. p. 7-35.

READE, J. E. Aššurnasirpal I and the White Obelisk. **Iraq**, London, v. 37, p. 129-150, 1975.

READE, J. E. Assyrian Architectural Decoration: Techniques and Subject Matter. **Baghdader Mitteilungen**, Berlin, v. 10, p. 17-49, 1979a.

READE, J. E. Fragments of Assyrian Monuments. **Iraq**, London, v. 43, p. 145-156, 1981.

READE, J. E. Narrative Composition in Assyrian Sculpture. **Baghdader Mitteilungen**, Berlin, v. 10, p. 52-110, 1979b.

READE, J. E. Sargon's Campaigns of 720, 716, and 715 B.C.: Evidences from Sculptures. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 35, n.2, p. 95-104, Apr., 1976.

READE, J. E. Space, Scale and Significance in Assyrian Art. **Baghdader Mitteilungen**, Berlin, v. 11, p. 71-74. 1980.

READE, J. E. Texts and sculptures of the North-West Palace, Nimrud. **Iraq**, London, v. 47, p. 203-214, 1985.

READE, J. E. The Architectural Context of Assyrian Sculpture. **Baghdader Mitteilungen**, Berlin, v. 11, p. 75-87. 1980.

READE, J. E. The Neo-Assyrian Court and Army: Evidence from the Sculptures. **Iraq**, London, v. 34, p. 87-112, 1972.

READE, J. E. The Palace of Tiglath-Pileser III. **Iraq**, London, v. 30, p. 69-73, 1968.

READE, J. E. The Rassam Obelisk. **Iraq**, London, v. 41, p. 1-22, 1979.

- READE, J. E. Twelve Ashurnasirpal Reliefs. **Iraq**, London, v. 27, p. 119-135, 1965.
- READE, J. E. Two Slabs from Sennacherib's Palace. **Iraq**, London, v. 29, p. 42-48, 1967.
- READE, J. The Khorsabad glazed bricks and their symbolism. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 225-252.
- READE, Julian The Assyrian as Collectors. In: FRAME, Grant. **From the Upper Sea to the Lower Sea - Studies on the History of Assyria and Babylonia in Honour of A.K. Grayson**. Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2004.
- READE, Julian. **Assyrian Sculpture**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- READE, Julian. The Historical Status of the Assur Stelas. In: ASSYRIA AND BEYOND - STUDIES PRESENTED TO MOGENS TROLLE LARSEN. Amsterdam: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2004. p. 455-471.
- REED, Stephanie. Blurring the Edges: A Reconsideration of the Treatment of Enemies in the Ashurbanipal's Relief. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007. p. 101-130.
- RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology – Theory, Methods and Practice**. 3. ed. New York: Thames and Hudson, 2000.
- RIO, Michel; BERRONG, Richard M. Image and Words. **New Literary History**, v. 7, n.3, p. 505-512, 1976.
- RIVAROLI, Marta. Nineveh: From ideology to topography. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 163-176.
- ROAF, Michael. **Cultural Atlas of Mesopotamia and the Ancient Near East**. 6. ed. New York: Facts on File, 2004.
- ROBB, John. The Archaeology of Symbols. **Annual Review of Anthropology**, Cambridge, v. 27, p. 329-346, 1998.
- ROBERTS, Janet. "Centering the World": Trees as Tribute in the Ancient Near East. **Transoxiana**, v. 11, Jul., 2006.

- ROBINS, Gay. Proportions of Standing Figures in the North-West Palace of Aššurnasirpal II at Nimrud. **Iraq**, London, v. 52, p. 107-120, 1990.
- ROSS, Jennifer, C. Representations, Reality and Ideology. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004. p. 327-350.
- ROUX, Georges. **Ancient Iraq**. 3. ed. London: Penguin Books, 1992.
- ROVA, Elena. Mirror, Distaff, Pomegranate and Poppy Capsule: on the Ambiguity of Some Attributes of Women and Goddesses. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 557-570.
- RUSEN, Jorn. Historical Narration: Foundation, Types, Reason. **History and Theory**, Middletown, v. 26, n.4, p. 87-97, Dec., 1987.
- RUSSELL, H.F. Shalmaneser's Campaign to Urartu in 856 B.C. and the Historical Geography of Eastern Anatolia According to Assyrian Sources. **Anatolian Studies**, Ankara, v. 34, p. 171-201, 1984.
- RUSSELL, J. M. Sennacherib's Lachish Narratives. In: HOLLIDAY, Peter J. **Narrative and Event in Ancient Art**. Cambridge: The Cambridge University Press, p. 55-73.
- RUSSELL, J. M. Sennacherib's Palace Without Rival Revisited: Excavations at Nineveh and in the British Museums Archives. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995. **Assyria 1995**. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 295-306.
- RUSSELL, John Malcolm. Bulls for the Palace and Order in the Empire: The Sculptural Program of Sennacherib's Court VI at Nineveh. **The Art Bulletin**, v. 69, n.4, p. 521-539, Dec., 1987.
- RUSSELL, John Malcolm. **From Nineveh to New York**. New York: Yale University Press, 1997.
- RUSSELL, John Malcolm. **Sennacherib's Palace without Rival at Nineveh**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

RUSSELL, John Malcolm. **The Final Sack of Nineveh**. New Haven: Yale University Press, 1998.

RUSSELL, John Malcolm. The Program of the Palace of Assurnasirpal II at Nimrud: Issues in the Research and Presentation of Assyrian Art. **American Journal of Archaeology**, v. 102, p. 655-715, 1998.

RUSSELL, John Malcolm. **Writing on the Wall - Studies in the Architectural Context of Late Assyrian Palace Inscriptions**. Winoma Lake: Eisenbrauns, 1999.

SALVINI, Mirjo. Sargon et L'Urartu. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 133-159.

SANDER, Donald. Behavioral conventions and archaeology: methods for the analysis of ancient architecture. In: KENT, Susan. **Domestic architecture and the use of space - an interdisciplinary cross-cultural study**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1990. p. 43-72.

SCHAUENSEE, M.; DYSON, R. H. Hasanlu Horse Trappings and Assyrian Reliefs. In: PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM HELD AT THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 1981. **Essays on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Charles Kyrle Wilkinson**. Metropolitan Museum of Art, 1983. p. 48-58.

SCHWENGEL, Hermann. World Systems, Global Cities and Global Elites. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

SCOTT, M. Louise; MACGINNIS, John. Notes on Nineveh. **Iraq**, London, v. 52, p. 63-74, 1990.

SHAFER, Ann. Assyrian Royal Monuments of the Periphery: Ritual and the Making of Imperial Space. In: CHENG, Jack; FELDMAN, Marian H. (ed.). **Ancient Near Eastern Art in Context: Studies in Honor of Irene J. Winter by Her Students**. Leiden: Brill, 2007. p. 133-159.

SHANKS, M.; TILLEY, C. Ideology, symbolic power and ritual communication: a reinterpretation of Neolithic mortuary practices. In: HODDER, Ian. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 129-54.

SHAPIRO, Meyer. On Some Problems in the Semiotics of Visual Art: Field and Vehicle in Image-Signs. **Semiotica**, Paris, v. 1, n.3, p. 223-242, 1969.

SIEVERTSEN, Uwe. Visual Messages of the Sphinx Gate at Alaca Hoyuk - Perspectives and Limits of Interpretative Patterns. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 571-586.

SMITH, Adam T. **The Political Landscape - Constellation of Authority in Early Complex Polities**. Berkeley: University of California Press, 2003.

SODEN, Wolfram von. **The Ancient Orient - An Introduction to the Study of the Ancient Near East**. Michigan: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1994.

SOLLBERGER, Edmond. The White Obelisk. v. 36, p. 231-238, **Iraq**, London.

SPARKES, Brian A. Some Greek Images of Others. In: MOLYNEAUX, B.L. **The Cultural Life of Images - Visual Representation in Archaeology**. London: Routledge, 1997. p. 130-158.

SPYCKET, Agnès. Reliefs, Statuary, and Monumental Paintings in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 2583-2600.

STEADMAN, Sharon, R. Reliquaries on the Landscape: Mounds as Matrices of Human Cognition. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004. p. 286-307.

STEARNS, J.B. **Reliefs from the Palace of Ashurnasirpal II**. Graz: Beiheft, 1961.

STERN, Ephraim. **Archaeology of the Land of the Bible - Vol II**. New York: Doubleday, 2001.

STEWART, A.F. History, Myth, and Allegory in the Program of the Temple of Athena Nike, Athens. In: KESSLER, Herbert L.; SIMPSON, Marianna Shreve. **Pictorial narrative in antiquity and the Middle Ages**. Washington: University Press of New England, 1985. p. 53-74.

STIGLER, Robert. **The Old World - Early Man to the Development of Agriculture**. London: Thames and Hudson, 1974.

STROMMENGER, Eva; HIRMER, Max. **Cinq Millénaires d'Art Mésopotamien**. Paris: Flammarion, 1964.

SUTER, Claudia E. Discussion and future perspectives. in: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 391-395.

TADMOR, Hayim Autobiographical Apology in the Royal Assyrian Literature In: TADMOR, H. History, Historiography and Interpretation - **Studies in Biblical and Cuneiform Literatures**. Jerusalem: The Magnes Press, The Hebrew University, 1984. p. 36-57.

TAYLOR, Philip. **Munitions of the Mind: A History of Propaganda**. Manchester: Manchester University Press, 2003.

TENU, Aline. Nineve et Assur à l'époque médio-assyrienne. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 177-186.

THALER, Ulrich. Constructing and Reconstructing Power: The Palace of Pylos. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

THE CAMBRIDGE ANCIENT HISTORY. **History of the Middle East and the Aegean Region c. 1380-1000 B.C.** 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

THE CAMBRIDGE ANCIENT HISTORY. **The Assyrian and Babylonian Empires and other States of the Ancient Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries B.C.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

THE LOUVRE. **Near Eastern Antiquities**. Paris: Scala, 1991.

THOMASON, Allison Karmel. **Luxury and Legitimation in Mesopotamia: Royal Collecting in Ancient Mesopotamia**. Hampshire: Ashgate, 2005.

THOMPSON, J.B. **Ideology and Modern Culture**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

- TILLEY, Christopher. **Metaphor and Material Culture**. Blackwell Publishers, 1999.
- TIME-LIFE BOOKS. **Anatolia: Cauldron of Cultures**. 1. ed. Alexandria, Virginia: Time-Life Books, 1995.
- TOIT, Jacqueline S. du. Intellectual Colonization, Power and Identity: Assurnasirpal and the Universal Collection of Information. In: 48th RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 2002. **Ethnicity in Ancient Mesopotamia**. Editado por W.H. Van Soldt. Leiden: Nederlands Instituut Voor het Nabije Oosten, 2005. p. 90-100.
- TRANT, Carolyn. Art, Landscape, and the Past. In: MOLYNEAUX, B.L. **The Cultural Life of Images - Visual Representation in Archaeology**. London: Routledge, 1997. p. 108-129.
- TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odisseus Editora, 2001.
- TRIGGER, Bruce G. Monumental Architecture: A Thermodynamical Explanation of Symbolic Behaviour. **World Archaeology**, v. 22, n.2, p. 119-132, 1990.
- TURNER, Geoffrey. Sennacherib's palace at Nineveh: The drawings of H. A. Churchill and the discoveries of H. J. Ross. **Iraq**, London, v. 63, p. 107-138, 2001.
- TURNER, Geoffrey. Tell Nebi Yunus: The Ekal Masarti of Nineveh. **Iraq**, London, v. 32, p. 68-85, 1970.
- TURNER, Geoffrey. The State Apartments of the late Assyrian Palaces. **Iraq**, London, v. 32, p. 177-213, 1970.
- UR, Jason. Sennacherib's northern Assyrian canals: New insights from satellite imagery and aerial photography. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2005. p. 317-346.
- VALLAT, F. Susa and Susiana in Second-Millennium Iran. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1023-1033.

VAN DE MIEROOP, Marc. A tale of two cities: Nineveh and Baylon In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 187-198.

VAN DEN HOUT, Theo P. J. Khattushili III, King of the Hittites. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II.** New York: The Gale Group, 1995. p. 1107-1105.

VEENHOF, K.R. Social Effects of Old Assyrian Trade. In: XXIII RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1976. **Trade in the Ancient Near East.** Editado por J. D. Hankins. London. p. 109-118.

VENTURI, Fabrizio. Eléments de Continuité dans L'Architecture Domestique du Levant à Travers L'Âge Obscur; Le Cas des Maisons aux Pilier. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 587-597.

Viewpoint (DIVERSOS AUTORES). Is there a Place for Aesthetics in Archaeology? **Cambridge Archaeological Journal**, v. 4, n.2, p. 249-269. 1994.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades.** São Paulo: Editora Brasileiense, 1987.

WATANABE, Chikako E. A Compositional Analysis of the Battle of Til-Tuba. In: PROCEEDINGS OF THE 4th INTERNATIONAL CONGRESS OF THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. 2004. Editado por Hartmut Kuhne; Rainer Czichon e Florian J. Kreppner. Wisbaden: Harrassowitz Verlag, 2008. p. 601-612.

WATANABE, Chikako E. **Animal Symbolism in Mesopotamia - A Contextual Approach.** Vienna: Institut fur Orientalistik, 2002.

WATANABE, Chikako E. The Classification of Methods of Pictorial Narrative in Assurbanipal's Reliefs. In: 51st RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONAL. 2005. Editado por Robert Biggs; Jennie Myers; Martha T. Roth. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago. 2008. p. 321-332.

WATANABE, Chikako. The "continuous style" in the narrative schemes of Assurbanipal's reliefs. In: PAPERS OF THE XLIXe RENCONTRE

ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 199-206.

WATANABE, Kazuko. Seals of Neo Assyrian Officials. In: COLLOQUIUM ON THE ANCIENT NEAR EAST - THE CITY AND ITS LIFE, 1996. **Priests and officials in the ancient Near East: papers of the Second Colloquium on the Ancient Near East - the City and its Life held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Mitaka, Tokyo)**. Organização Kazuko Watanabe, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1999. p. 313-366.

WEBSTER, David. Warfare and the evolution of the State. **American Antiquity**, v. 40, p. 464-470. 1985.

WHITING, R. M. Amorite Tribes and Nations of Second-Millennium Western Asia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1231- 1242.

WHITNEY, Davis. Narrativity and the Narmer Palette. In: HOLLIDAY, Peter J. **Narrative and Event in Ancient Art**. Cambridge: The Cambridge University Press, p. 14-54.

WIGGERMANN, F. A. M. Theologies, Priests and Worship in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol IV**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1857-1870

WILHELM, G. The Kingdom of Mitanni in Second-Millennium Upper Mesopotamia. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol II**. New York: The Gale Group, 1995. p. 1243-1254.

WILSON, Karen L. Oriental Institute Discoveries at Khorsabad (1929-1935). In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 106-133.

WILSON, P. **The domestication of the human species**. New Haven: Yale University Press, 1988.

WINTER, I. J. Art in Empire: The Royal Image and the Visual Dimensions of Assyrian Ideology. In: PROCEEDINGS OF THE 10th ANNIVERSARY SYMPOSIUM OF THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT, 1995.

Assyria 1995. Organização S. Parpola e R.M. Whiting, Helsinki: University of Helsinki, 1997. p. 359-382.

WINTER, Irene J. Aesthetics in Ancient Mesopotamian Art. In: SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East. vol IV.** New York: The Gale Group, 1995. p. 2569-2582.

WINTER, Irene J. After the Battle is Over: The Stele of the Vultures and the Beginning of Historical Narrative in the art of the Ancient Near East. In: KESSLER, Herbert L.; SIMPSON, Marianna Shreve. **Pictorial narrative in antiquity and the Middle Ages.** Washington: University Press of New England, 1985. p. 11-34.

WINTER, Irene J. Establishing group boundaries: Toward methodological refinement in the determination of sets as a prior condition to the analysis of cultural contact and/or innovation in first millennium BCE ivory carving. In: SUTER, Claudia E.; UEHLINGER, C. **Crafts and Images in the Ancient Near East: Studies on Eastern Mediterranean art of the first millennium BCE.** Fribourg: Academic Press Fribourg, 2005. p. 23-42.

WINTER, Irene J. Idols of the King: Royal Images as Recipients of Ritual Action in Ancient Mesopotamia. **Journal of Ritual Studies**, v.6, n.1, p. 23-42, winter, 1992.

WINTER, Irene J. La palais imaginaire: scale and meaning in the iconography of the Neo-Assyrian cylinder seals. In: UEHLINGER, C. **Image as media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE).** Fribourg: University Press Fribourg, 2004. p. 51-88.

WINTER, Irene J. On the Problems of Karatepe: The Reliefs and Their Context. **Anatolian Studies**, v. 29, p. 115-151, 1979.

WINTER, Irene J. Ornament and the "Rhetoric of Abundance" in Assyria. **Eretz-Israel**, Jerusalem, v. 27, p. 252-264, 2003.

WINTER, Irene J. Radiance as na Aesthetic Value in the Art of Mesopotamia (with some Indian Parallels). In: SARASWATI, B.N; MALIK, S.C.; KHANNA, M. **The Integral Vision.** New Delhi: D.K. Printwork Ltd. 1994. p. 123-132.

WINTER, Irene J. Reading Concepts of Space from Ancient Mesopotamian Monuments. In: VATSYAYAN, K. **Concepts of Space: Ancient and Modern.** New Delhi: Indira Gandhi National Centre for Arts, 1991. p. 57-73.

WINTER, Irene J. Royal Rhetoric and the Development of Historical Narrative in Neo-Assyrian Reliefs. **Visual Communication**, v. 7, n.2, p. 2-38, spring, 1981.

WINTER, Irene J. Seat of Kingship - A Wonder to Behold: The Palace as Construct in the Ancient Near East. **Ars Orientalis**, v. 23, p. 27-55, 1993.

WINTER, Irene J. Sennacherib's Expert Knowledge: Skill and Mastery as Components of Royal Display. In: 51st RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 2005. Editado por Robert Biggs; Jennie Myers; Martha T. Roth. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago. 2008. p. 333-338

WINTER, Irene J. The Affective Properties of Styles: An Enquire into Analytical Process and the Inscription of Meaning in Art History. In JONES, Caroline A.; GALISON, Peter. **Picturing Science - Producing Art**. London: Routledge, 1998. p. 55-77.

WINTER, Irene J. The Conquest of Space in Time: Three Suns on the Victory Stele of Naram-Sin. In: ASSYRIA AND BEYOND - STUDIES PRESENTED TO MOGENS TROLLE LARSEN. Amsterdam: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2004. p. 607-628.

WINTER, Irene J. The Program of the Throneroom of Assurnasirpal II. In: PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM HELD AT THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 1981. **Essays on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Charles Kyrle Wilkinson**. Metropolitan Museum of Art, 1983. p. 59-77.

WINTER, Irene J. Thera Paintings and the Ancient Near East: The Private and Public Domains of Wall Decoration. In: PROCEEDINGS OF THE FIRST INTERNATIONAL SYMPOSIUM: THE WALL PAINTINGS OF THERA. 1997. Editado por S. Sherrat. Thera: Petros M. Nomikos Conference Centre, 2000. p. 745-762.

WINTER, Irene J. Tree(s) on the Mountain - Landscape and Territory on the Victory Stele of Naran-Sîn of Agade. In: XLIV RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. 1997. **Landscapes - Territories, Frontiers and Horizons in the Ancient Near East**. Editado por L. Milano; S. de Martino; F.M. Fales e G.B. Lanfranchi. Padova: Sargon srl. 1999. p. 63-72.

WOBST, H, Martin. Stylistic behavior and information exchange. In: CLELAND, C. **For the Director: Research essays in honor of James B. Griffin**. Michigan: University of Michigan, 1977. p. 317-342.

WRIGHT, James C. The Social Production of Space and the Architectural Reproduction of Society in the Bronze Age Aegean during the 2nd Millenium B.C.E. In: MARAN, Joseph; JUWIG, Carsten; SCHWENGEL, Hermann; THALER, Ulrich (ed.). **Constructing Power - Architecture, Ideology and Social Practice**. Hamburgo: Lit Verlag, 2006.

YAMADA, Shigeo. The Manipulative Counting of the Euphrates Crossings in the Later Inscriptions of Shalmaneser III. **Journal of Cuneiform Studies**, v. 50, p. 87-94, 1998.

YON, M.; MALBRAN-LABAT, F. La stèle de Sargon à Chipre. In: KHORSABAD, LE PALAIS DE SARGON II, ROI D'ASSYRIE. 1994. Organização A. Caubet. Paris: La documentation Française, 1995. p. 159-180.

ZIEGLER, Nele. The conquest of the holy city of Nineveh and the kingdom of Nurrugûm by Samsî-Addu. In: PAPERS OF THE XLIX^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE, volume I, 2003. London: British School of Archaeology in Iraq, 2004. p. 221-232.

ZIMANSKY, Paul. Archaeology and Texts in the Ancient Near East. In: POLLOCK, Susan; BERNBECK, Reinhard. **Archaeologies of the Middle East - Critical Perspectives**. Blackwell, 2004. p. 308-325.

ANEXO

Lista de Locais e Regiões e Mapa.

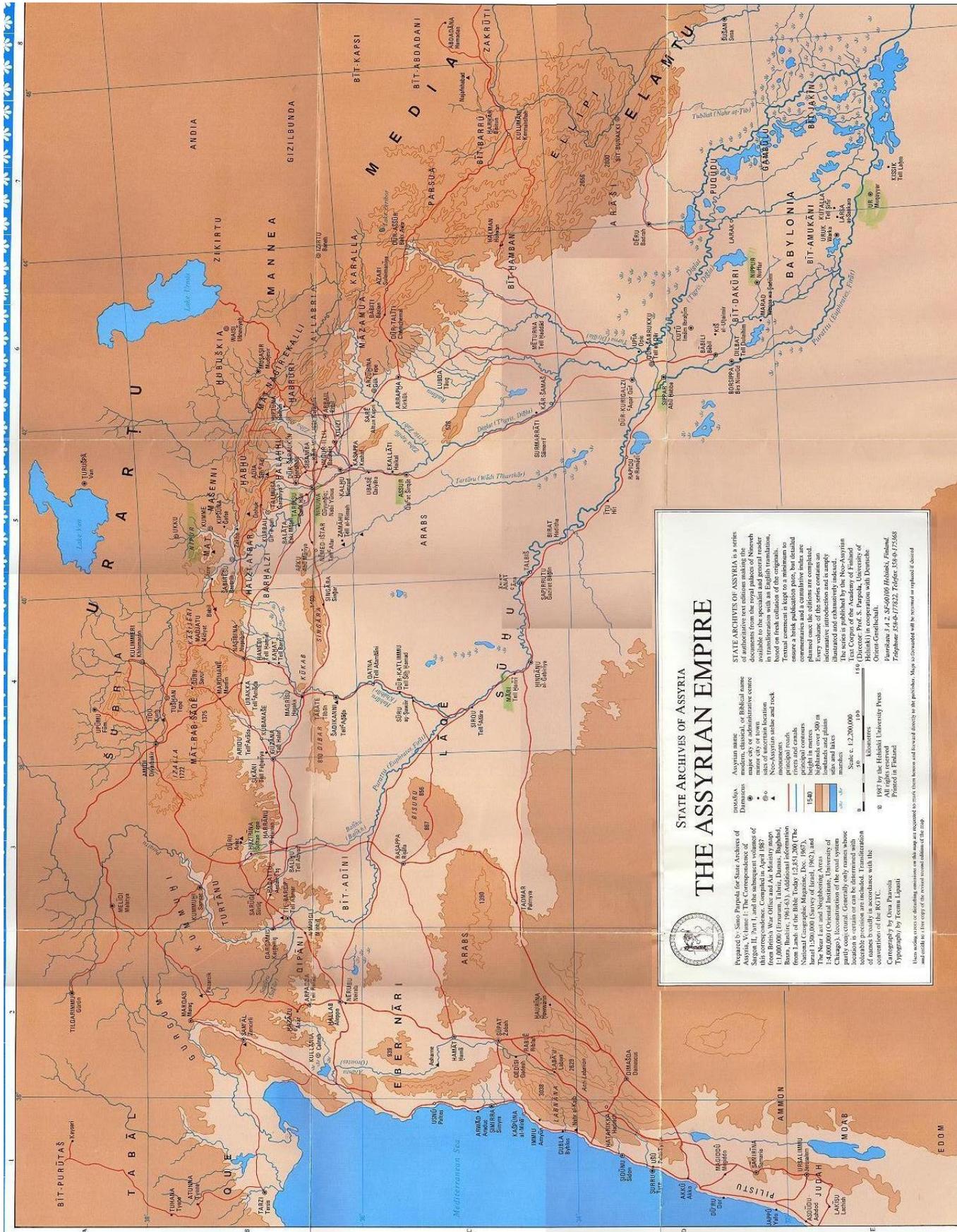
O quadro abaixo apresenta os nomes de grande parte dos locais e regiões mencionados neste trabalho. Após o nome está uma letra maiúscula acompanhada de um número que se referem ao quadrante do mapa onde se encontra o local ou região.

| Nome Antigo | | | Nomes Modernos | | |
|-------------|------------------|--------------|----------------|-------------------------|----------------|
| Abdadana C8 | Hatman C6 | Nippur D6 | Aba Habba D6 | Harran B3 | Samarra C5 |
| Adia B5 | Halzi-atbar B4-5 | Nipur B4-5 | Aba Mariya B5 | Hasaka B4 | Samsat B3 |
| Akku D1 | Hamar C2 | Parsua C6-7 | Akko D1 | Hawwarin C2 | as-Sankara E6 |
| Allabria B6 | Hamedi B4 | Pilistu D-E1 | Aleppo B2 | Heftan B6 | Savur B4 |
| Ammon E2 | Harhar C7 | Puqudu D7 | Altun Kupri C6 | Hit D5 | Sidon D1 |
| Anat C4 | Harranu B3 | Purattu E6 | 'Amyan C1 | Holwan C6 | Simyra C1 |
| Andia B7 | Hatarikka D1 | Qatna C4 | 'Ana C4 | Horsabad (Khorsabad) B5 | Singar B4 |
| Amidi B4 | Haurina C2 | Qedisi C2 | Anaz B3 | Imam Ibrahim D6 | Suleimaniya C6 |
| Apku B5 | Hazazu B2 | Qipani B2 | Anti-Líbano C2 | Jerusalém E1 | Sultan Tepe B3 |
| Arasi D7 | Hubuskia B6 | Radanu C6 | Arslan Tas B3 | Kargamis B2-3 | as-Suwar C4 |
| Arbail B6 | Huzirina B3 | Rapiqu D5 | Asharne C2 | Kayseri A 1 | Sarif Han B5 |
| Aridu B4 | Imgur-Illil B5 | Rasappa C3 | Ashdod E1 | Kermanshah C7 | Seh 'Adi B 5 |
| Arpadda B2 | Immiu C1 | Saguru B2 | 'Azaz B2 | Keshaf C5 | Toban B4 |
| Arrapha C6 | Itu D5 | Sam'al B2 | Babil D6 | Khabour C4 | Tarsis B1 |
| Arwad C1 | izalla A-B3 | Samirina D1 | Badrah D6 | Khloaron A4 | Tauq C3 |
| Arzuhina C6 | izirtu B6 | Sapirrutu C5 | Bakr Awa C6 | Kirkuk C6 | Tell Abyad B3 |
| Asdudu E 1 | Jappu D1 | Sare C6 | Balawat B5 | Kurh B4 | Tell 'Afar B5 |
| Assur C5 | Judah E1 | Sarugi B3 | Balikh C3 | Labwa C2 | Tell 'Agagu B4 |
| Atunna B1 | Kahat B4 | Sikani B4 | Baneh B6 | Lachish E1 | Tell Ahmar B3 |
| Azari C6 | Kalhu B5 | Singara B4 | Basorin B5 | Lago Urmia A- | Tell 'Amada |

| | | | | | |
|-------------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------------------------|-------------------|
| | | | | B6 | B4 |
| Babili D6 | Karalla C6-7 | Sippar D6 | Bazian C6 | Lago Van A5 | Tell Arada B4 |
| Babiti C6 | Kar-Mullissi B5 | Sirqu C4 | Birs Nimrud D6 | Lago Zeribor C6 | Tell Asamsani C4 |
| Babylonia E6-7 | Kasappa B-C5 | Suhu C4 | Bisitun C7 | Líbano C2 | Tell 'Asara C4 |
| Balata B5 | Kasijeri B3-4 | Surmarrati C5 | Byblos C1 | Little Zab (rio Pequeno Zab) C5 | Tell Barri B4 |
| Balihu B3 | Kaspuna C1 | Suru C4 | Calneh B2 | Malatya A3 | Tell Billa B5 |
| Barhalzi B4-5 | Kilizi B5 | Sidunu D1 | Chemchemical C6 | Maras B2 | Tell ed-Der D6 |
| Birat C5 | Kipsuna B5 | Simirra C1 | Cizre B5 | Mardin B4 | Tell Dulaihim D6 |
| Bisuru C3 | Kissik E7 | Supat C2 | Cudi Dag B4-5 | Mediterrâneo (mar) B-E1 | Tell Fahariya B4 |
| Bit-Abdadani C7-8 | Kis C7-8 | Surru D1 | Damasco D2 | Megiddo D1 | Tell Halaf B4 |
| Bit-Adini B3 | Kubanase B4 | Sabiregu B5 | Dikla C5 | Menbig B2 | Tell Haddad C6 |
| Bit-Amukani E6 | Kukab B4 | Sadikanni B4 | Diyala D6 | Midyat B4 | Tell Homidi B4 |
| Bit-Barru C7 | Kulimмери A4 | Sibaniba B5 | Diyarbakir B4 | al-Mina C1 | Tell Hariri C4 |
| Bit-Bunakki D7 | Kullania B2 | Subria A4 | Dohuk B5 | Mudjesir B6 | Tell Lahm E7 |
| Bit-Dakuri D6 | Kuluman C7 | Suru B4 | Dor D1 | Muqayyar E7 | Tell Refad B2 |
| Bit-Hamban C6 | Kumme B5 | Susan D8 | Erbil B6 | Nabi Yunus B5 | Tell al-Rimah B5 |
| Bit-Jakin E7 | Kummuhi B3 | Tabal A1 | Eski Mosul B5 | Nahr al-Tib D7 | Tell Sifir E6 |
| Bit-Kapsi B8 | Kurbail B5 | Tadmar C3 | Eufrates E6 | Najafehabad C7 | Tell Seh Hamad C4 |
| Bit-Purutas A1 | Kutalla E6 | Talbis C5 | Firat E6 | Neirab B2 | Tepe B4 |
| Borsippa D6 | Kutu D6 | Talmusa B5 | Fam A4 | Nimrud B5 | Tigre C5 |
| Deru D6 | Laba'u C2 | Tarbisu B5 | atl-Gabiriya C4 | Nuffar D6 | Tyana B1 |
| Dibar B3-4 | Labnana C2 | Tartaru C5 | Gazirat Began | Nusaibin B4 | Tyre D1 |

| | | | | | |
|------------------|-----------------------|---------------|-------------------------|------------------|-------------------|
| | | | C5 | | |
| Diglat C5 | Lakisu E1 | Tarzi B 1 | Garahiya B5 | Opis D6 | Tur 'Abdin B3-4 |
| Diglat D6 | Laqe C4 | Tidu B4 | Gebel 'Abd-al-aziz B3-4 | Orontes (rio) B2 | al-Uhaimir D6 |
| Dimasqa D2 | Larak D6 | Til-Barsip B3 | Gebel Bilri C3 | Palai-Tyros D1 | Usna'viyeh B6 |
| Du'ru D1 | Larsa E6 | Tilgarimmu A2 | Gebel Kawkab B4 | Palmyra C3 | Van A5 |
| Dur-Assur C6 | Lubda C6 | Tublias | Gebel Maqlab A 7 | Paltos C1 | Wadi Tharthar C5 |
| Dur-Katlimmu C4 | Madjatu B4 | Tuhana B 1 | Gebel Singar B4 | Pazarcik B2 | Wanna wa-Sadam D6 |
| Dur-Kurigalzi D6 | Magiddu D1 | Turna D6 | Gefse B5 | Qadesh C2 | Warka E6 |
| Dur-Sarruken B5 | Magrisu B4 | Turtanu B2-3 | Gir-e-Pan B5 | Qaiyara C5 | Yafo D 1 |
| Dur-Sarrukku D6 | Mannea B6-7 | Tushan B4 | Gok Tepe C6 | Qal'at Sirqat C5 | Zakho B5 |
| Dur-Taliti C6 | Marad D6 | Tabate B4 | Gurun A2 | Quyungiq B5 | Zencirli B2 |
| Duru B3 | Mardijane B4 | Turuspa A5 | Hoditha C5 | ar-Ramadi D5 | Zobah C2 |
| Eber Nari C2 | Mari C4 | Ubase C5 | Hadrach D1 | Riblah C2 | |
| Edom E 1 | Marqasi B2 | Ukku B5 | Haikal C5 | Risafa C3 | |
| Ekallati C5 | Mat Masenni B4-5 | Upia D6 | Hama C2 | Sogar B2 | |
| Elamtu D7-8 | Mat Nagir Ekalli B5-6 | Upumu AA | Hamadan C8 | Samaria D1 | |
| Ellipi D7 | Mat Rab-Saqe B4 | Ur E7 | | | |
| Gambulu E7 | Mazamua C6 | Urakka B4 | | | |
| Gargamis B2-3 | Media C7 | Urartu A4-6 | | | |
| Gizilbunda B7 | Melidi A3 | Ursalimmu E 1 | | | |
| Gubla C1 | Meturna C6 | Uruk E6 | | | |
| Gurgum B2 | Moab E2 | Usnu C1 | | | |

| | | | | | |
|------------|-------------------|-------------------|--|--|--|
| Guzana B4 | Musru A7 | Usu D1 | | | |
| Habhu B5 | Musasir B6 | Waisi B6 | | | |
| Habruri B6 | Nampigi B2 | Zaba Eliu B5 | | | |
| Haburu C4 | Nasibina B4 | Zaba Sapliu C5 | | | |
| Hadattu B3 | Nemed-Igtar B5 | Zakruti CS | | | |
| Halahhu B5 | Nerubu B2 | Zamahu B5 | | | |
| Hallah R2 | Ninuwa B5 | Zikirtu B6- 7 | | | |



STATE ARCHIVES OF ASSYRIA
THE ASSYRIAN EMPIRE

Prepared by: Simon Parpola for the State Archives of Assyria, Helsinki, Finland, and the subsequent volume of the series, published in April 1987, from British War Office and Air Ministry maps, and other sources. Additional information from James H. Breasted, *Ancient Egypt* (Chicago, 1906), and *The Near East and Neighboring Areas* (Chicago, 1916), and other sources. Generally only names whose location is certain or can be determined with reasonable accuracy are included. Transliteration follows the conventions of the RGTU.

Cartography by Osmo Parpola
 Typography by Teemu Lipiäinen

Map symbols: Assyrian name (Dashed line), modern city or administrative center (Solid line), size of inscription location (Circle with dot), Neo-Assyrian site and rock (Circle with cross), principal roads (Double line), rivers and canals (Blue line), height in meters (Number in circle), bathymetry over 500 m (Blue shading), principal rivers and lakes (Blue shading), marshes (Blue wavy lines).

Scale: 1:2,200,000
 0 100 200 Kilometers
 0 100 200 Miles

© 1987 by the Helsinki University Press
 All rights reserved
 Printed in Finland

These symbols are distributed exclusively on this map as required by laws, which have and to avoid directly to the publisher. Map is considered to be a reproduction of a journal and is not to be used for any other purpose.